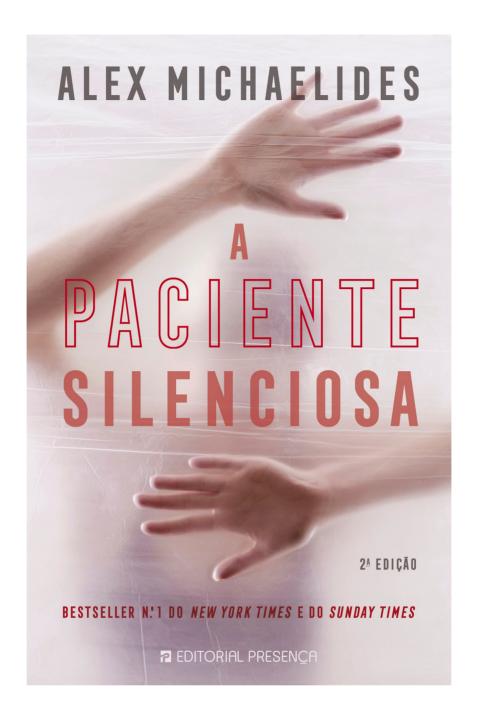
ALEX MICHAELIDES

PACIENTE SILENCIOSA

2ª EDIÇÃO

BESTSELLER Nº 1 DO NEW YORK TIMES E DO SUNDAY TIMES

7 EDITORIAL PRESENÇA



ALEX MICHAELIDES

PACIENTE SILENCIOSA

TRADUÇÃO DE MARTA MENDONCA

☐ EDITORIAL PRESENÇA

FICHA TÉCNICA

Título original: The Silent Patient Autor: Alex Michaelides Copyright © Alex Michaelides 2019

Todos os direitos reservados Edição portuguesa publicada por acordo com Rogers Coleridge and White Ltd.

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2019

Tradução: *Marta Mendonça* Revisão: *Vanessa Domingos/Editorial Presença* Imagem da capa: *Shutterstock* Capa: *Vera Espinha/Editorial Presença* Composição, impressão e acabamento: *Multitipo* — *Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição em papel, Lisboa, maio, 2019

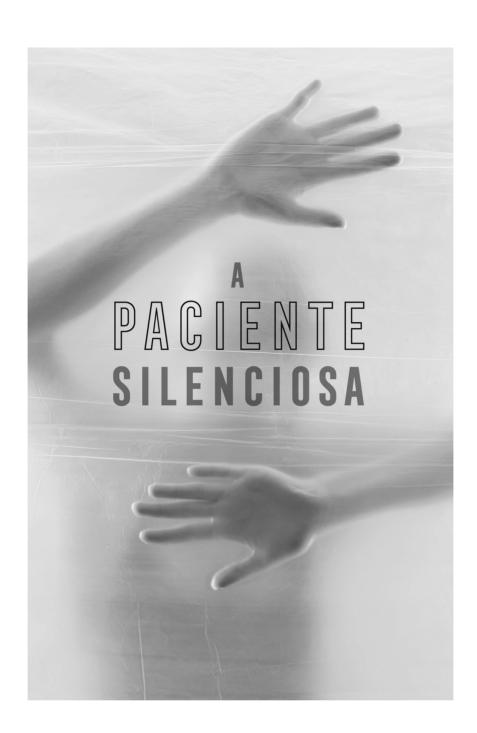
Reservados todos os direitos para a língua portuguesa (exceto Brasil) à EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo 2730-132 Barcarena info@presenca.pt www.presenca.pt

Para os meus pais

Mas porque permanece calada esta mulher? EURÍPIDES, Alceste



PRÓLOGO

Diário de Alicia Berenson

14 DE JULHO

Não sei por que razão estou a escrever isto.

Não é bem verdade. Talvez saiba e apenas não o queira admitir a mim própria.

Nem sequer sei o que lhe chamar — esta coisa que estou a escrever. Parece-me algo pretensioso chamar-lhe «diário». Não é como se eu tivesse alguma coisa para dizer. A Anne Frank, sim, escreveu um diário — não uma pessoa como eu. Chamar-lhe «registo» soa demasiado académico, por alguma razão. Como se fosse obrigada a escrever nele todos os dias e eu não quero isso — se se tornar uma obrigação, jamais conseguirei mantê-lo.

Talvez não lhe chame nada. Uma coisa sem nome onde às vezes escrevo. Soa-me muito melhor. Assim que damos um nome a uma coisa, deixamos de a ver como um todo, ou por que razão é importante. Concentramo-nos na palavra que, na verdade, é apenas uma parte ínfima, a ponta de um icebergue. Nunca me senti particularmente à vontade com palavras — penso sempre sob a forma de imagens, exprimo-me através de imagens —, como tal, jamais teria começado a escrever isto se não fosse o Gabriel.

Ultimamente, tenho-me sentido deprimida no que diz respeito a algumas coisas. Pensava que estava a conseguir disfarçá-lo, mas ele reparou — é claro que sim, ele repara em tudo. Perguntou-me como estava a correr a pintura — respondi-lhe que não estava. Foi-me buscar um copo de vinho e sentei-me à mesa da cozinha enquanto ele cozinhava.

Gosto de ver o Gabriel de um lado para o outro na cozinha. É um cozinheiro gracioso — elegante, balético, organizado. Ao contrário de mim. Eu deixo tudo num caos.

- Fala comigo disse-me ele.
- Não há nada para dizer. Às vezes fico presa na minha própria cabeça, é só isso. Sinto-me como se estivesse a tentar atravessar um lamaçal.
- Porque é que não experimentas pôr as coisas por escrito? Fazer uma espécie de registo. Talvez te ajude.
 - Sim, talvez. Vou experimentar.

- Não digas que vais experimentar, querida. Fá-lo.
- Fá-lo-ei.

Ele continuou a insistir comigo, mas eu não fiz nada. E uns dias mais tarde ofereceu-me este pequeno livro para escrever. Tem uma capa de couro preta e umas folhas grossas em branco. Passei o dedo na primeira página, sentindo a sua suavidade — depois afiei o lápis e comecei.

Ele tinha razão, claro. Já me sinto melhor e tudo — assentar tudo isto no papel proporciona-me uma espécie de libertação, um escape, um espaço para me expressar. É um pouco como a terapia, parece-me.

O Gabriel não o disse, mas sei que está preocupado comigo. E, para ser sincera — e mais vale sê-lo —, o verdadeiro motivo por que aceitei manter este diário foi para o tranquilizar — para provar que estou bem. Não suporto a ideia de ele estar preocupado comigo. Não quero causar-lhe qualquer sofrimento ou fazê-lo infeliz ou causar-lhe mágoa. Amo tanto o Gabriel. Ele é, sem sombra de dúvida, o amor da minha vida. Amo-o tão absoluta e completamente que isso às vezes ameaça dominar-me. Às vezes penso que...

Não, não vou escrever sobre isso.

Isto vai ser um registo alegre de ideias e imagens que me inspiram artisticamente, coisas que provocam um impacto criativo em mim. Só vou escrever pensamentos normais, positivos e felizes.

Não serão permitidos pensamentos loucos.

PARTE UM

«Aquele que tem olhos para ver e ouvidos para ouvir que se convença de que nenhum mortal consegue guardar um segredo.

Podem os lábios permanecer calados, mas ele falará com as pontas dos dedos; essa denúncia emana-lhe de todos os poros.»

SIGMUND FREUD, Conferências Introdutórias sobre Psicanálise

A Alicia Berenson tinha trinta e três anos quando matou o marido.

Estavam casados há sete anos. Eram ambos artistas — a Alicia era pintora e o Gabriel era um conhecido fotógrafo de moda. Tinha um estilo muito próprio, fotografando mulheres seminuas e semiesfomeadas em ângulos estranhos e pouco lisonjeadores. Desde a sua morte, o preço das fotografias dele aumentou astronomicamente. Considero o trabalho dele algo polido e superficial, para ser sincero. Não possui a qualidade visceral dos melhores trabalhos da Alicia. Não percebo o suficiente sobre arte para dizer se a Alicia Berenson resistirá ao teste do tempo enquanto pintora. O talento dela será sempre obscurecido pela sua notoriedade, portanto é difícil ser objetivo nesse sentido. Além de que o mais certo será acusaremme de ser tendencioso. Apenas posso oferecer a minha opinião, que vale o que vale. E para mim, a Alicia era uma espécie de génio. Além da competência técnica, as pinturas dela possuem uma capacidade incrível de captar a nossa atenção — quase como se nos agarrassem pelo pescoço — e de a manter absolutamente fixa.

O Gabriel Berenson foi assassinado há seis anos. Tinha quarenta e quatro anos. Foi assassinado no dia 25 de agosto — foi um verão invulgarmente quente, se bem se recordam, com algumas das temperaturas mais altas alguma vez registadas. O dia em que ele morreu foi o mais quente do ano.

No seu último dia de vida, o Gabriel levantou-se cedo. Um carro foi buscá-lo às 5h15, à casa que partilhava com a Alicia no noroeste londrino, numa das extremidades de Hampstead Heath, e levou-o para uma sessão fotográfica em Shoreditch. Passou o dia a fotografar modelos num telhado, para a *Vogue*.

Não se sabe muita coisa relativamente aos movimentos da Alicia nesse dia. Tinha uma exposição para breve e estava atrasada com o trabalho. O mais certo é ter passado o dia em casa a pintar, na casinha de verão ao fundo do jardim que ela convertera recentemente num estúdio. A sessão fotográfica do Gabriel durou até tarde, pelo que só foi conduzido a casa por volta das 23h00.

Meia hora depois, a vizinha deles, Barbie Hellmann, ouviu vários tiros. A Barbie ligou para a polícia e um carro-patrulha foi enviado da esquadra de Haverstock Hill às 23h35. Chegou à casa dos Berenson em menos de três minutos.

A porta da frente encontrava-se aberta. A casa estava completamente às escuras; nenhum dos interruptores de luz estava a funcionar. Os agentes atravessaram o corredor e entraram na sala de estar. Apontaram as suas lanternas em torno da sala, iluminando-a com intermitentes feixes de luz. A Alicia foi encontrada de pé junto à lareira. O vestido branco dela brilhou fantasmagoricamente sob a luz da lanterna. A Alicia não parecia consciente da presença da polícia. Estava completamente imóvel, paralisada — uma estátua esculpida em gelo —, com uma estranha expressão assustada estampada no rosto, como se estivesse a confrontar um terror invisível.

Havia uma arma no chão. Ao lado dela, na escuridão, o Gabriel estava sentado completamente imóvel, amarrado a uma cadeira com arame a prender-lhe os tornozelos e os pulsos. A princípio, os agentes pensavam que estava vivo. Tinha a cabeça ligeiramente inclinada para o lado, como se estivesse inconsciente. Então um feixe de luz revelou que o Gabriel fora alvejado várias vezes no rosto. As feições atraentes dele tinham desaparecido para sempre e tudo o que restava era um caos ensanguentado, negro e chamuscado. A parede atrás dele estava salpicada com fragmentos de crânio, cérebro, cabelo — e sangue.

Havia sangue em toda a parte — espalhado nas paredes, escorrendo em fios escuros ao longo do chão, seguindo a textura do soalho de madeira. Os agentes partiram do pressuposto de que se tratava do sangue do Gabriel. Mas era demasiado. E depois algo cintilou sob a luz da lanterna — havia uma faca no chão, junto aos pés da Alicia. Outro feixe de luz deixou ver o sangue espalhado no vestido branco da Alicia. Um agente agarrou-lhe os braços e levantou-os à luz. Viam-se golpes profundos sobre as veias dos pulsos dela — cortes recentes, sangrando abundantemente.

A Alicia ofereceu resistência às tentativas para salvar a sua vida; foram precisos três agentes da polícia para a dominarem. Foi levada para o Royal Free Hospital, a escassos minutos de distância. Pelo caminho teve um colapso e perdeu os sentidos. Tinha perdido imenso sangue, mas sobreviveu.

No dia seguinte, encontrava-se deitada numa cama num quarto particular no hospital. A polícia interrogou-a na presença do seu advogado. A Alicia permaneceu em silêncio durante todo o interrogatório. Os lábios dela estavam pálidos, sem pinga de sangue; tremiam ocasionalmente, mas não formavam quaisquer palavras, não faziam quaisquer sons. Ela não respondeu a uma única pergunta. Não conseguia, não queria falar. E também não falou quando foi acusada do homicídio do Gabriel. Permaneceu em silêncio quando foi detida, recusando-se a negar a sua culpa ou a confessá-la.

A Alicia nunca mais voltou a falar.

O silêncio persistente dela fez com que esta história deixasse de ser uma tragédia doméstica banal e se transformasse em algo maior: um mistério, um enigma que não largaria os cabeçalhos dos jornais e que capturaria a imaginação do público durante meses a fio.

A Alicia permaneceu calada — mas prestou um depoimento. Uma pintura. Foi começada quando teve alta hospitalar e ficou em prisão domiciliária a aguardar julgamento. Segundo a enfermeira psiquiátrica nomeada pelo tribunal, a Alicia mal comia ou dormia — a única coisa que fazia era pintar.

Regra geral, a Alicia trabalhava durante várias semanas, meses até, antes de iniciar uma pintura nova, fazendo inúmeros esboços, organizando e reorganizando a composição da mesma, experimentando com cor e forma — uma longa gestação seguida de um parto demorado, enquanto cada pincelada era cuidadosamente aplicada. Agora, contudo, alterara todo o seu processo criativo, tendo completado a dita pintura poucos dias após o homicídio do marido.

E, para a maioria das pessoas, isso fora o suficiente para a condenar — regressar ao ateliê tão cedo após a morte do Gabriel revelava uma insensibilidade extraordinária. A monstruosa falta de remorsos de uma assassina a sangue-frio.

Talvez. Mas não esqueçamos de que embora a Alicia Berenson possa ser uma assassina, era também uma artista. Faz todo o sentido — para mim, pelo menos — ela ter pegado nos pincéis e nas tintas e ter expressado as suas emoções complicadas através da tela. Não admira que, pela primeira vez, a criatividade lhe tenha surgido com tanta facilidade; isto se pudermos apelidar a dor de fácil.

A pintura era um autorretrato. Ela deu-lhe um título no canto inferior esquerdo da tela, com caracteres gregos azul-claros.

Uma única palavra:

Alceste.

Alceste é uma heroína da mitologia grega. Uma história de amor do mais triste que há. Alceste sacrifica voluntariamente a sua própria vida pela vida do marido, Admeto, morrendo em vez dele quando mais ninguém está disposto a fazê-lo. Sendo este um inquietante mito sobre o autossacrifício, não se compreendia muito bem de que maneira estaria relacionado com a situação da Alicia. O verdadeiro significado dessa insinuação passou-me completamente ao lado durante algum tempo. Até que um dia, a verdade veio ao de cima...

Mas estou a ir depressa de mais. Estou a adiantar-me. Tenho de começar pelo início e deixar que os acontecimentos falem por si. Não os devo embelezar, distorcer ou contar quaisquer mentiras. Avançarei passo a passo, devagar e com cuidado. Mas por onde começar? Deveria apresentar-me, mas talvez não o faça ainda; afinal de contas, não sou o herói desta história. Trata-se da história da Alicia Berenson, pelo que deverei começar por ela — e por *Alceste*.

A pintura é um autorretrato, revelando a Alicia no ateliê de sua casa, nos dias que se seguiram ao homicídio, parada diante de um cavalete com uma tela, um pincel na mão. Ela está nua. O seu corpo está representado ao pormenor: mechas de cabelo ruivo comprido caindo-lhe sobre os ombros magros, veias azuladas visíveis sob a pele translúcida, cicatrizes recentes em ambos os pulsos. Ela segura o pincel entre os dedos. Deste pinga tinta vermelha — ou será sangue? Ela está retratada durante o ato de pintar — no entanto a tela está em branco, tal como a expressão no rosto dela. Tem a cabeça virada sobre o ombro e olha diretamente para nós. Boca aberta, lábios afastados. Muda.

Durante o julgamento, Jean-Felix Martin, o gerente da pequena galeria no Soho que representava a Alicia, tomou a decisão controversa, e desacreditada por muitos como sendo sensacionalista e macabra, de expor *Alceste*. O facto de a artista se encontrar presentemente no banco dos réus por ter matado o marido significou que, pela primeira vez na longa história da galeria, longas filas se formassem à porta da entrada.

Estive na fila juntamente com os outros amantes de arte dotados de uma curiosidade mórbida, esperando a minha vez perto dos letreiros em néon vermelho da *sex shop* da porta ao lado. Um a um, fomos entrando na galeria. Uma vez no interior, fomos conduzidos em grupo até à pintura, qual multidão excitada numa feira popular entrando na casa assombrada. Por fim, dei por mim no princípio da fila — e diante de *Alceste*.

Olhei fixamente para a pintura, observando o rosto da Alicia, tentando interpretar a expressão nos seus olhos, tentando compreender — mas a imagem desafiava-me. A Alicia retribuía o olhar fixo — uma máscara inexpressiva —, indecifrável, impenetrável. Não adivinhei inocência nem culpa na expressão dela.

As outras pessoas decifraram-na com maior facilidade.

- Maldade pura sussurrou a mulher atrás de mim.
- Podes crer concordou o companheiro dela. Que cabra tão insensível.

Um pouco injusto, pensei, uma vez que a culpabilidade da Alicia ainda não fora provada. Mas na verdade tratava-se de uma conclusão inevitável. A imprensa sensacionalista descrevera-a como uma vilã desde o início: uma *femme fatale*, uma viúva negra. Um monstro.

Os factos, por si só, eram simples: a Alicia fora encontrada sozinha com o corpo do Gabriel; as impressões digitais dela eram as únicas na arma. Nunca existiu qualquer dúvida de que ela matara o Gabriel. Em contrapartida, o *motivo* por que o fizera continuava a ser um mistério.

O homicídio foi discutido nos meios de comunicação e diferentes teorias foram expostas tanto em papel como também na rádio e em programas televisivos matinais. Foram convidados peritos para explicar, condenar e justificar os atos da Alicia. Decerto ela teria sido vítima de violência doméstica, pressionada de tal maneira que acabara por explodir? Outra teoria defendia que se tratara de um jogo sexual que correra mal — afinal de contas, o marido fora encontrado amarrado, não fora? Havia quem suspeitasse de que fora o velho sentimento de ciúme que levara a Alicia a cometer o homicídio — outra mulher, talvez? Mas durante o julgamento, o Gabriel fora descrito pelo irmão como sendo um marido dedicado, profundamente apaixonado pela esposa. Bem, teria sido por causa de dinheiro? A Alicia não beneficiaria muito com a morte dele; afinal de contas, era ela quem tinha mais dinheiro, herdado do pai.

E as especulações intermináveis continuaram — sem respostas, apenas mais perguntas — sobre os motivos da Alicia e o seu subsequente silêncio. Porque é que se recusaria a falar? O que é que isso significaria? Estaria a esconder algo? A proteger alguém? Se fosse esse o caso, quem? E porquê?

Na altura, lembro-me de ter pensado que, enquanto toda a gente falava, escrevia e discutia sobre a Alicia, no centro de toda aquela atividade ruidosa e frenética existia um vazio — um silêncio. Uma esfinge.

Durante o julgamento, o juiz não viu com bons olhos a insistente recusa da Alicia em não falar. As pessoas inocentes, salientou o meritíssimo juiz Alverstone, costumavam proclamar a inocência delas alto e em bom som —

e com frequência. A Alicia não só continuava em silêncio como também não revelava quaisquer indícios de remorsos. Não chorou uma única vez durante todo o julgamento — um facto muito focado pela imprensa —, tendo o seu rosto permanecido imperturbável e frio. Paralisado.

A defesa não teve outro remédio se não alegar imputabilidade diminuída: foi explanado que a Alicia tinha um longo historial de problemas de saúde mental, que já vinham desde a sua infância. O juiz desconsiderou uma grande parte como sendo provas indiretas — mas no final deixou-se convencer por Lazarus Diomedes, professor de Psiquiatria Forense no Imperial College e diretor clínico da Grove, uma clínica forense para reclusos localizada no norte de Londres. O professor Diomedes defendeu que a recusa em falar da Alicia era, por si só, prova de uma perturbação psicológica profunda — pelo que deveria ser julgada em conformidade.

Foi uma maneira muito indireta de dizer algo que os psiquiatras não gostam de dizer diretamente.

O Diomedes estava a dizer que a Alicia era louca.

Era a única explicação que fazia algum sentido: que outra razão poderia haver para amarrar o homem que se ama a uma cadeira e o alvejar na cara à queima-roupa? E depois não manifestar qualquer remorso, não dar qualquer explicação e nem sequer falar? Ela só podia ser louca.

Não havia outra explicação.

No final, o meritíssimo juiz Alverstone aceitou a exposição de imputabilidade diminuída e aconselhou os jurados a fazerem o mesmo. A Alicia foi subsequentemente internada na Grove — sob a supervisão do mesmo professor Diomedes cujo testemunho tanto influenciara o juiz.

Se a Alicia não era louca — isto é, se o silêncio dela fosse um mero fingimento, uma representação para benefício do júri —, então fora bemsucedida. Foi poupada a uma longa pena de prisão — e, caso recuperasse, talvez tivesse alta dali a uns anos. Com certeza agora seria o momento ideal para fingir essa recuperação? Para proferir meia dúzia de palavras aqui e ali, e depois mais algumas; comunicar, aos poucos, algum tipo de remorso? Mas não. As semanas sucederam-se, os meses sucederam-se e os anos sucederam-se — e, ainda assim, a Alicia não dizia uma palavra.

Havia apenas silêncio.

E foi assim que, sem qualquer revelação iminente, os desiludidos meios de comunicação acabaram por perder o interesse na Alicia Berenson. Ela juntou-se às filas de outros homicidas momentaneamente famosos; rostos que recordamos, mas cujos nomes esquecemos.

Mas nem todos. Algumas pessoas — incluindo eu próprio — continuaram fascinadas pelo mistério da Alicia Berenson e pelo seu eterno silêncio. Enquanto psicoterapeuta, parecia-me evidente que sofrera um grave

trauma relativamente à morte do Gabriel; o silêncio dela era uma manifestação desse mesmo trauma. Incapaz de conseguir interiorizar o que fizera, a Alicia dera uma espécie de solavanco e parara de funcionar, qual carro avariado. Eu queria contribuir para que ela voltasse a arrancar — ajudar a Alicia a contar a história dela, a restabelecer-se do sofrimento e a melhorar. Queria «consertá-la».

Sem querer parecer demasiado pretensioso, sentia-me especialmente qualificado para ajudar a Alicia Berenson. Sou psicoterapeuta forense e estou habituado a trabalhar com alguns dos mais vulneráveis e perigosos elementos da sociedade. E identificava-me com a história da Alicia — sentia uma empatia profunda para com ela, logo desde o início.

Infelizmente, naquela altura ainda estava a trabalhar em Broadmoor, pelo que tratar a Alicia iria — deveria — permanecer uma fantasia, se o destino não tivesse inesperadamente intercedido.

Quase seis anos depois de a Alicia ter sido internada, abriu uma vaga para o cargo de psicoterapeuta forense na Grove. Assim que vi o anúncio, soube que não tinha outro remédio. Segui o meu instinto — e candidatei-me ao lugar.

O meu nome é Theo Faber. Tenho quarenta e dois anos. E tornei-me psicoterapeuta porque a minha cabeça era um caos. A verdade é essa — embora não seja essa a resposta que dou nas entrevistas de emprego, quando me fazem essa pergunta.

— O que é que acha que o atraiu para o campo da psicoterapia? — perguntou-me a Indira Sharma, espreitando por cima dos óculos estilo coruja.

A Indira era psicoterapeuta especialista na Grove. Tinha cinquenta e muitos anos, um rosto redondo atraente e o cabelo preto comprido com alguns fios grisalhos. Esboçou-me um leve sorriso — como que para me garantir de que se tratava de uma pergunta fácil, um exercício de aquecimento, um aviso de que questões mais delicadas se seguiriam.

Hesitei. Sentia os outros elementos do painel a olharem para mim. Mantive deliberadamente o contacto visual enquanto proferi uma resposta ensaiada, uma história agradável sobre ter trabalhado num lar de terceira idade na minha adolescência; sobre como essa experiência despertara em mim o interesse pela psicologia, levando a uma pós-graduação em Psicoterapia, e por aí fora.

— Queria ajudar as pessoas, penso eu — disse-lhe, encolhendo os ombros. — Essencialmente é isso.

O que era uma grande treta.

Quer dizer, é claro que queria ajudar as pessoas. Mas isso era o meu objetivo secundário — em especial na altura em que comecei a minha formação. O verdadeiro motivo era puramente egoísta. O meu intuito era ajudar-me a mim próprio. E estou convencido de que o mesmo se poderá dizer da maioria das pessoas que envereda pela área da saúde mental. Somos atraídos para esta profissão porque estamos danificados — estudamos psicologia para nos sararmos. Se estamos preparados ou não para o admitir é outra questão.

Enquanto seres humanos, durante os nossos primeiros anos de vida habitamos um lugar que antecede a memória. Gostamos de nos imaginar a despontar desse nevoeiro primordial com as nossas personalidades completamente formadas, qual Afrodite emergindo perfeita da espuma do mar. Mas graças à constante pesquisa no que diz respeito ao desenvolvimento do cérebro, sabemos que não é o caso. Nascemos com o cérebro meio formado — assemelhando-se mais a um pedaço de barro do que propriamente a uma divindade olímpica. Nas palavras do psicanalista

Donald Winnicott: «O bebé não existe sozinho.» O desenvolvimento das nossas personalidades não ocorre no isolamento, mas no relacionamento com os outros — somos moldados e completados por forças esquecidas e invisíveis; nomeadamente, os nossos pais.

Isso é assustador, por variadas razões. Quem sabe que indignidades podemos ter sofrido, que tormentos e maus-tratos, nesse lugar que antecede a memória? A nossa personalidade formou-se sem que tivéssemos noção disso. No meu caso, cresci a sentir-me inquieto, receoso, ansioso. Essa ansiedade parecia preceder a minha existência e existir independentemente de mim. Mas desconfio de que teve origem na minha relação com o meu pai, perto de quem nunca me senti seguro.

A imprevisibilidade e as fúrias arbitrárias do meu pai transformavam qualquer situação, por mais benigna que fosse, num potencial campo minado. Um comentário inócuo ou uma voz divergente provocavam a fúria dele, desencadeando uma série de explosões das quais não havia como fugir. A casa tremia enquanto ele gritava e me seguia escada acima, até ao meu quarto. Eu corria a enfiar-me debaixo da cama, encostando-me completamente à parede. Ficava a respirar o ar leve, rezando para que os tijolos me tragassem e eu pudesse desaparecer. Mas a mão dele agarrava-me e arrastava-me rumo ao inevitável. O cinto era arrancado e silvava no ar imediatamente antes de me acertar em cheio, verdascadas sucessivas atingindo-me de lado, fazendo arder a minha carne. Então as chicotadas cessavam, tão abruptamente como tinham começado. Eu era atirado para o chão, um monte disforme. Uma boneca de trapos descartada por uma criança irritada.

Nunca percebia muito bem o que tinha feito para desencadear a fúria dele, ou para a merecer. Perguntei à minha mãe por que motivo o meu pai estava sempre tão zangado comigo, ao que ela encolheu impotentemente os ombros e disse:

— E eu é que sei? O teu pai é completamente louco.

Quando ela disse que ele era louco, não estava a brincar. Penso que se o meu pai fosse avaliado por um psiquiatra nos dias de hoje, seria diagnosticado com um distúrbio de personalidade — uma doença que permaneceu sem tratamento durante toda a vida dele. O resultado foi uma infância e uma adolescência dominadas pela histeria e pela violência física: ameaças, lágrimas e quebra de vidros.

Houve momentos de felicidade; por norma, sempre que o meu pai se ausentava de casa. Lembro-me de um inverno em que ele fez uma viagem de negócios à América, durante um mês. Durante trinta dias eu e a minha mãe andámos à vontade pela casa e jardim sem o olhar atento dele. Nevou imenso em Londres nesse dezembro e o nosso jardim ficou completamente

coberto por um manto branco macio e espesso. Eu e a minha mãe fizemos um boneco de neve. Inconscientemente ou não, criámo-lo à semelhança do nosso amo ausente: batizei-o de Pai e, com a barriga grande, as duas pedras pretas a fazerem de olhos e os dois galhos inclinados simulando as sobrancelhas franzidas, a semelhança era impressionante. Completámos a ilusão decorando-o com as luvas, o boné e o chapéu de chuva do meu pai. Então atingimo-lo com bolas de neve, rindo como crianças endiabradas.

Nessa noite houve uma grande tempestade de neve. A minha mãe foi-se deitar e eu fingi estar a dormir, depois escapuli-me para o jardim e pus-me debaixo da neve que caía. Estendi as mãos, apanhando os flocos e vendo-os desaparecer nas pontas dos dedos. A sensação era ao mesmo tempo alegre e frustrante, e simbolizava uma verdade que eu não conseguia verbalizar; o meu vocabulário era demasiado limitado, as minhas palavras uma rede demasiado aberta para a capturar. Em certa medida, tentar apanhar os flocos de neve que se dissipavam era o mesmo que tentar agarrar a felicidade: um ato de posse que de imediato dá lugar ao nada. Fez-me pensar que existia um mundo inteiro longe daquela casa: um mundo de uma imensidão e beleza inimagináveis; um mundo que, para já, estava fora do meu alcance. Essa mesma recordação tem-me acometido repetidamente ao longo dos anos. É como se a tristeza em torno desse breve instante de liberdade o fizesse parecer ainda mais luminoso: uma minúscula luz rodeada de escuridão.

Então compreendi que a minha única esperança de sobrevivência seria ausentar-me — tanto física como psicologicamente. Tinha de me ir embora, para longe. Só então estaria a salvo. E por fim, aos dezoito anos, obtive as notas de que necessitava para garantir uma vaga na universidade. Abandonei aquela prisão geminada em Surrey — e julgava que estava livre.

Estava enganado.

Na altura não o sabia, mas era tarde de mais — eu internalizara o meu pai, introjetara-o, sepultara-o nos confins do meu inconsciente. Por muito longe que fugisse, levava-o comigo para onde quer que fosse. Era perseguido por um implacável e infernal coro de fúrias, todas com a voz dele — gritando que eu era um inútil, uma vergonha, um fracassado.

Durante o meu primeiro semestre na universidade, nesse primeiro inverno, essas vozes chegaram a tal ponto que me paralisavam, controlavam. Imobilizado pelo medo, não era capaz de sair, socializar ou fazer amigos. Teria sido preferível nunca ter saído de casa. Era inútil. Sentia-me derrotado, encurralado. Entre a espada e a parede. Sem saída.

Só via uma solução.

Fui de farmácia em farmácia, comprando caixas de paracetamol. Comprei poucas embalagens de cada vez, para evitar levantar suspeitas —

mas não valia a pena ter-me preocupado. Ninguém me prestava a mínima atenção; era claramente tão invisível como me sentia.

Fazia imenso frio no meu quarto, pelo que abri as caixas com os dedos dormentes e desajeitados. Foi preciso um esforço tremendo para engolir todos os comprimidos. Mas forcei-os para baixo, comprimido após comprimido. Em seguida, enfiei-me na minha cama estreita e pouco confortável. Fechei os olhos e esperei pela morte.

Mas a morte não veio.

Em vez disso, uma dor abrasadora e dilacerante pareceu rasgar-me as entranhas. Curvei-me para a frente e vomitei, cuspindo bílis e comprimidos meio digeridos por cima de mim próprio. Deixei-me ficar deitado na escuridão, com um ardor imenso no estômago, durante o que me pareceu ser uma eternidade. E depois, gradualmente, na escuridão, percebi algo.

Não desejava morrer. Ainda não; não quando ainda não vivera.

Esse pensamento deu-me uma certa esperança, por muito obscuro e pouco concreto que fosse. Fez-me reconhecer que não conseguiria fazê-lo sozinho: iria precisar de ajuda.

E encontrei-a — na pessoa da Ruth, uma psicoterapeuta que me foi aconselhada através dos serviços de orientação da universidade. A Ruth tinha o cabelo grisalho e uma constituição roliça, e tinha ar de avó. Possuía um sorriso compreensivo — um sorriso no qual eu queria acreditar. Ela não disse muita coisa, a princípio. Limitava-se a escutar enquanto eu falava. Falei sobre a minha infância, o meu lar, os meus pais. À medida que fui falando, descobri que por muito angustiantes que fossem os pormenores que relatava, não sentia nada. Sentia-me desassociado das minhas emoções, qual mão separada do punho. Falava sobre recordações dolorosas e impulsos suicidas — mas não os sentia.

De vez em quando, porém, olhava para o rosto da Ruth. Para minha surpresa, via lágrimas acumulando-se nos olhos dela enquanto me escutava. Isto poderá ser difícil de compreender, mas aquelas lágrimas não eram dela.

Eram minhas.

Na altura eu não compreendi. Mas a terapia funciona mesmo assim. Um paciente transfere os sentimentos insuportáveis para a terapeuta; e ela sustenta tudo o que ele receia sentir, sentindo-o por ele. Então, aos poucos, devolve-lhe esses sentimentos. Tal como a Ruth me devolveu os meus.

Eu e a Ruth continuámos as consultas durante muitos anos. Ela era a única constante na minha vida. Através dela interiorizei um novo tipo de relacionamento com outro ser humano: com base no respeito mútuo, na sinceridade e na bondade — e não na recriminação, na raiva e na violência. Aos poucos, comecei a sentir-me intimamente diferente — menos vazio,

mais capaz de sentir, menos receoso. O odioso coro interior nunca me abandonou por completo — mas agora tinha a voz da Ruth para o contrapor, pelo que lhe prestava menos atenção. Consequentemente, as vozes na minha cabeça começaram a soar mais baixo e de vez em quando desapareciam. E eu sentia-me em paz — feliz até, às vezes.

A psicoterapia salvara-me literalmente a vida. Mais importante ainda, transformara a qualidade dessa vida. A cura à base de conversa estava na essência da pessoa em quem me tornara — num sentido mais profundo, definia-me.

Aquela era, sabia-o, a minha vocação.

Depois da universidade, fiz formação como psicoterapeuta em Londres. Durante todo esse processo continuei a consultar a Ruth. Ela continuou a apoiar-me e a encorajar-me, apesar de me ter dito logo para ser realista no que dizia respeito ao caminho que começava a trilhar: «Não é pera doce», foram as palavras dela. E tinha razão. Trabalhar com pacientes, sujar as mãos — bem, era tudo menos confortável.

Lembro-me da minha primeira visita a uma clínica de internamento psiquiátrico. No espaço de poucos minutos após a minha chegada um paciente puxara as calças para baixo, agachara-se e defecara à minha frente. Um monte de merda fedorento. E os incidentes subsequentes, menos repugnantes mas igualmente dramáticos — complicadas tentativas falhadas de suicídio, tentativas de automutilação, histeria e mágoa impossíveis de conter — pareciam-me sempre impossíveis de suportar. Mas, de todas as vezes, sem saber muito bem como, agarrei-me a uma resiliência até então inexplorada. E foi-se tornando cada vez menos difícil.

É curiosa a rapidez com que nos adaptamos a esse estranho mundo novo que é uma clínica psiquiátrica. Vamos ficando gradualmente mais à vontade com a loucura — e não apenas a loucura dos outros, mas também a nossa. Acredito que todos somos loucos, só que de maneiras diferentes.

Razão pela qual — e como — me identifiquei com a Alicia Berenson. Eu fora um dos felizardos. Graças a uma intervenção terapêutica de sucesso, quando ainda era jovem, conseguira safar-me do precipício da escuridão mental. Na minha cabeça, contudo, a outra narrativa continuava a ser uma possibilidade: eu poderia ter enlouquecido — e ter acabado os meus dias trancado num hospício, à semelhança da Alicia. Não fosse a graça de Deus...

Não podia revelar nada disto à Indira Sharma quando me perguntou por que motivo escolhera a profissão de psicoterapeuta. Afinal de contas, tratava-se de um painel de entrevistadores — e, quanto mais não fosse, eu conhecia as regras daquele jogo.

— Em última análise — disse-lhe eu —, acredito que a formação nos transforma em psicoterapeutas. Independentemente das nossas intenções iniciais.

A Indira acenou com a cabeça, com um ar solene.

— Sim, sem dúvida. Isso é muito verdade.

A entrevista correu bem. A minha experiência profissional em Broadmoor dava-me uma certa vantagem, disseme a Indira — revelava que era capaz de lidar com inquietações psicológicas extremas. Foi-me oferecido o cargo de imediato e aceitei-o.

Um mês depois, estava a caminho da Grove.

Cheguei à Grove com o vento gelado de janeiro. As árvores despidas mais pareciam esqueletos ao longo da estrada. O céu estava branco, carregado da neve que ainda estava por cair.

Detive-me à porta e tirei o maço de tabaco do bolso. Não fumava há mais de uma semana — prometera a mim próprio que desta vez seria a sério, que deixaria de uma vez por todas. No entanto ali estava eu, já a ceder. Acendi um cigarro, irritado comigo próprio. Os psicoterapeutas tendem a encarar o tabagismo como uma dependência por resolver — algo que qualquer terapeuta decente já teria resolvido e ultrapassado há muito tempo. Não queria entrar a tresandar a tabaco, por isso enfiei dois rebuçados de mentol na boca e mastiguei-os ao mesmo tempo que fumava, transferindo o peso de um pé para o outro.

Estava a tremer — mas, para ser sincero, era mais uma questão de nervos do que propriamente de frio. Estava algo hesitante. O diretor clínico de Broadmoor não se coibira de me dizer que estava a cometer um erro. Insinuara que uma carreira promissora iria ser interrompida com a minha saída e que não gostava muito da Grove, e nem do professor Diomedes em particular.

— É um homem pouco ortodoxo. Trabalha imenso com dinâmicas de grupo; trabalhou com o Foulkes durante uns tempos. Geriu uma espécie de comunidade terapêutica alternativa nos anos oitenta, em Hertfordshire. Esses modelos de terapia não são economicamente viáveis, em especial nos tempos que correm... — Hesitou por breves instantes e depois continuou, numa voz mais baixa: — Não estou a tentar assustá-lo, Theo. Mas ouvi rumores sobre essa clínica estar prestes a fechar. Ainda dará por si desempregado daqui a seis meses... Tem a certeza de que não quer reconsiderar?

Hesitei, mas só por uma questão de educação.

— Absoluta.

Ele abanou a cabeça.

— Parece-me um autêntico suicídio de carreira. Mas se já tomou a sua decisão...

Não lhe falei na Alicia Berenson, na minha vontade de a tratar. Poderia ter-lho exposto em termos que ele provavelmente compreenderia: trabalhar com ela talvez conduzisse à publicação de um livro ou de um trabalho científico. Mas eu sabia que de nada serviria; ele continuaria a dizer que eu

estava a cometer um erro. E talvez tivesse razão. Eu estava prestes a descobrir.

Apaguei o cigarro, afastei o nervosismo e entrei.

A Grove localizava-se na parte mais antiga do Hospital de Edgware. O edifício de tijolo vitoriano original há muito que fora cercado e engolido por extensões e anexos maiores e no geral mais feios. A Grove situava-se no coração desse complexo. O único indicativo dos seus perigosos ocupantes era a quantidade de câmaras de videovigilância montadas no cimo das vedações, como aves de rapina de vigia. Na zona de receção tinham sido feitos todos os esforços para incutir um ambiente agradável — sofás azuis grandes e trabalhos artísticos toscos e infantis, elaborados pelos pacientes, afixados nas paredes. Mais parecia um jardim de infância do que uma clínica psiquiátrica para reclusos.

Um homem alto surgiu ao meu lado. Sorriu e estendeu-me a mão. Apresentou-se como sendo o Yuri, chefe dos enfermeiros psiquiátricos.

— Bem-vindo à Grove. Receio que o comité de boas-vindas não seja grande coisa. Sou só eu.

O Yuri era bem-parecido, bem constituído e estava na casa dos trinta e muitos. Tinha o cabelo escuro e uma tatuagem tribal espreitava-lhe do pescoço, imediatamente por cima do colarinho. Cheirava a tabaco e a demasiada loção pós-barba adocicada.

Apesar de falar com pronúncia, o inglês dele era perfeito.

- Vim da Letónia há sete anos e não falava uma palavra de inglês quando cheguei. Mas no espaço de um ano já falava fluentemente.
 - Impressionante.
- Nem por isso. O inglês é uma língua fácil. Há de experimentar aprender letão.

Ele deu uma risada e levou a mão ao tilintante molho de chaves que usava preso no cinto. Retirou um conjunto de chaves e estendeu-mo.

- Vai precisar destas para os quartos individuais. E as várias unidades têm códigos que terá de memorizar.
 - Ena, tantas. Usava menos chaves em Broadmoor.
- Pois. Aumentámos a segurança nos últimos tempos; desde que a Stephanie se juntou a nós.
 - Quem é a Stephanie?

O Yuri não me respondeu, mas acenou com a cabeça para a mulher que emergia do gabinete atrás do balcão da receção.

Era caribenha, estava na casa dos quarenta e usava um corte de cabelo meio angular.

— Sou a Stephanie Clarke. Gerente da Grove.

A Stephanie esboçou um sorriso pouco convincente. Quando a cumprimentei, reparei que o seu aperto de mão era mais firme e tenso do que o do Yuri, e muito menos agradável.

— Enquanto gerente desta clínica, a segurança é a minha prioridade. Tanto a segurança dos pacientes como do pessoal. Se você não estiver em segurança, os seus pacientes também não estarão. — Ela estendeu-me um pequeno aparelho; um alarme de ataque pessoal. — Tenha isto sempre consigo. Não o deixe no seu gabinete.

Resisti à tentação de lhe responder: «Sim, minha senhora.» Era aconselhável não a antagonizar, se queria ter algum sossego. Essa fora a minha tática com gerentes clínicos autoritários anteriores — evitar o confronto e passar despercebido.

— Prazer em conhecê-la, Stephanie. — Sorri.

A Stephanie acenou com a cabeça, mas não retribuiu o sorriso.

- O Yuri irá mostrar-lhe o seu gabinete. Ela deu meia-volta e afastouse sem olhar para trás.
 - Venha comigo disse-me o Yuri.

Acompanhei-o até à entrada da ala — uma enorme porta de aço reforçado. Ao lado da mesma, um detetor de metais era manuseado por um segurança.

- Com certeza está familiarizado com os procedimentos disse-me o
 Yuri. Nada de objetos afiados; nada que possa ser utilizado como arma.
- E nada de isqueiros acrescentou o segurança assim que me revistou, retirando o isqueiro do meu bolso com um olhar acusatório.
 - Peço desculpa. Já não me lembrava de que o tinha.
 - O Yuri fez-me sinal para que o seguisse.
- Vou mostrar-lhe o seu gabinete. Estão todos na Assembleia, por isso é que está tudo muito tranquilo.
 - Posso ir ter com eles?
- À Assembleia? O Yuri parecia surpreso. Não se quer instalar primeiro?
 - Posso instalar-me depois. Se não fizer diferença...

Ele encolheu os ombros.

— Como queira. Por aqui.

Conduziu-me por uma série de corredores interligados pontuados por portas trancadas — uma sinfonia de portas a baterem, de ferrolhos e chaves a rodarem nas fechaduras. Não tínhamos feito grandes progressos.

Era evidente que pouco fora investido na manutenção do edifício ao longo dos anos; a pintura estava a escamar das paredes e um ligeiro odor a mofo e podridão permeava os corredores.

O Yuri deteve-se diante de uma porta fechada e acenou com a cabeça.

- Estão aqui dentro. Força.
- Está bem, obrigado.

Hesitei, preparando-me. Em seguida, abri a porta e entrei.

A Assembleia realizava-se numa sala comprida com janelas de grades altas que davam para uma parede de tijolo vermelho. O cheiro a café pairava no ar, misturado com vestígios da loção pós-barba do Yuri. Havia cerca de trinta pessoas sentadas em círculo. A maioria segurava copos de papel com chá ou café, bocejando e fazendo os possíveis para permanecer acordada. Algumas pessoas, tendo já bebido os respetivos cafés, brincavam com os copos vazios, amassando-os, espalmando-os ou rasgando-os em pedaços.

A Assembleia reunia-se uma ou duas vezes por dia; era um misto de reunião administrativa com uma sessão de terapia de grupo. Assuntos relacionados com a gestão da clínica ou com os tratamentos dos pacientes eram introduzidos na agenda para serem discutidos. Como o professor Diomedes gostava de dizer, tratava-se de uma tentativa de envolver os pacientes no próprio tratamento e encorajá-los a assumirem a responsabilidade do bem-estar deles, apesar de essa tentativa nem sempre resultar. A experiência do Diomedes em terapia de grupo significava que tinha um gosto especial por todo o tipo de reuniões e que encorajava o mais possível o trabalho de grupo. Digamos que se sentia mais feliz quando tinha um público. Achei que ele tinha um ligeiro ar a encenador de teatro quando se pôs de pé para me cumprimentar, as mãos estendidas num gesto de boas-vindas, e me fez sinal para que me aproximasse.

— Theo. Já chegou. Junte-se a nós, junte-se a nós.

Falava com uma ligeira pronúncia grega, quase impercetível — já praticamente a perdera, ao morar em Inglaterra há mais de trinta anos. Era bem-parecido e apesar de estar na casa dos sessenta, parecia muito mais novo — tinha uma postura jovem e divertida, mais como um tio irreverente do que um psiquiatra. Não quero com isto dizer que não fosse dedicado aos pacientes que tinha a seu cargo — de manhã chegava antes dos empregados de limpeza e ficava a trabalhar até muito depois de a equipa noturna ter rendido o pessoal diurno, às vezes dormindo no sofá do seu gabinete. Divorciado duas vezes, o Diomedes gostava de dizer que o seu terceiro e mais bem-sucedido casamento fora com a Grove.

— Sente-se aqui. — Fez sinal para uma cadeira vazia ao seu lado. — Sente-se, sente-se.

Obedeci.

O Diomedes apresentou-me com alguma pompa.

— Permitam-me que vos apresente o nosso novo psicoterapeuta, o Theo Faber. Espero que acolham o Theo nesta nossa pequena família...

Enquanto o Diomedes falava, olhei em redor do círculo, à procura da Alicia. Porém, não a vi em parte nenhuma. À exceção do professor Diomedes, impecavelmente vestido com fato e gravata, a maioria das outras pessoas envergava camisas de manga curta ou *T-shirts*. Era difícil precisar quem eram os pacientes e quem eram os funcionários.

Alguns rostos eram-me familiares — o Christian, por exemplo. Conhecera-o em Broadmoor. Um psiquiatra jogador de râguebi, com o nariz partido e a barba escura. Era bem-parecido, dentro desse estilo do fisicamente massacrado. Deixara Broadmoor pouco depois da minha chegada. Eu não simpatizava muito com o Christian, mas para dizer a verdade não o conhecera muito bem, visto não termos trabalhado juntos durante muito tempo.

Lembrava-me da Indira, da entrevista. Ela sorriu-me e fiquei-lhe agradecido, pois era o único rosto simpático. Os pacientes fitaram-me com uma desconfiança rude. Não os podia censurar. Os maus-tratos de que tinham sido alvos — físicos, psicológicos, sexuais — implicavam que eles iriam demorar imenso tempo para confiarem em mim, se alguma vez viessem a confiar. Os pacientes eram todos do sexo feminino — e a maioria tinha feições grosseiras, marcadas, exibindo cicatrizes. Tinham tido vidas complicadas, sofrendo horrores que as tinham levado a refugiarem-se nessa terra de ninguém que era a doença mental; os percursos delas estavam gravados nos próprios rostos, impossíveis de ignorar.

Mas e a Alicia Berenson? Onde é que estava? Olhei novamente em redor do círculo, mas continuava a não a ver. Foi então que reparei — estava a olhar diretamente para ela. A Alicia estava sentada imediatamente à minha frente, do outro lado do círculo.

Não a vira porque ela era invisível.

A Alicia estava debruçada para a frente na cadeira. Estava claramente sob o efeito de fortes sedativos. Segurava um copo de papel, cheio de chá, e a sua mão trémula deixava escorrer um fio de chá para o chão. Contiveme para não me levantar e ir endireitar o copo dela. Estava tão alienada que duvido que desse por isso se eu o fizesse.

Não estava nada à espera de a ver em tão mau estado. Percebiam-se alguns vestígios da mulher lindíssima que em tempos fora; olhos de um azul profundo; um rosto perfeitamente simétrico. Mas agora estava demasiado magra e parecia imunda. O seu longo cabelo ruivo pendia num emaranhado sujo em torno dos ombros. As unhas das mãos estavam roídas e partidas. Viam-se ténues cicatrizes nos dois pulsos — as mesmas cicatrizes que eu vira fielmente reproduzidas no retrato *Alceste*. Os dedos

dela não paravam de tremer, sem dúvida um efeito secundário da mistura de medicamentos que andava a tomar — risperidona e outros antipsicóticos pesados. Percebia-se o brilho da saliva em torno da sua boca aberta, sendo a salivação incontrolável outro lamentável efeito secundário da medicação.

Reparei que o Diomedes estava a olhar para mim. Afastei a minha atenção da Alicia e concentrei-me nele.

- Estou certo de que poderá apresentar-se melhor do que eu, Theo disse ele. Importa-se de dizer algumas palavras?
- Obrigado. Acenei com a cabeça. Na verdade, não tenho nada a acrescentar. Apenas quero dizer que estou muito contente por estar aqui. Entusiasmado, nervoso e esperançoso. E estou ansioso para conhecer toda a gente; em especial os pacientes. Eu...

Fui interrompido por um estrépito súbito, a porta abrindo-se toda para trás. A princípio pareceu-me estar a imaginar coisas. Uma gigante entrou na sala, empunhando dois paus de madeira pontiagudos, que ergueu acima da cabeça e depois projetou na nossa direção, como se fossem lanças. Um dos pacientes tapou os olhos e gritou.

Tinha quase a certeza de que as lanças nos iriam empalar, mas estas caíram com força no chão, no meio do círculo. Então vi que não se tratava de lanças. Era um taco de bilhar, partido em dois.

A paciente enorme, uma mulher turca de cabelo escuro e na casa dos quarenta, gritou:

- Fico passada com isto. A merda do taco está partido há uma semana e vocês ainda não o substituíram.
- Atenção à linguagem, Elif disse-lhe o Diomedes. Não estou preparado para discutir a questão do taco de bilhar enquanto não tivermos decidido se será correto vires juntar-te à Assembleia a uma hora destas. Ele virou a cabeça num gesto astuto e lançou-me a pergunta: O que é que acha, Theo?

Pisquei os olhos e demorei um segundo a encontrar a minha voz.

- Acho que é importante respeitarmos os horários e chegarmos a horas à Assembleia...
 - Como tu fizeste? disse um homem do outro lado do círculo.

Virei-me e vi que se tratava do Christian. Ele riu-se, divertido com a sua própria piada.

Forcei um sorriso e virei novamente a minha atenção para a Elif.

- Ele tem razão, eu também cheguei atrasado esta manhã. Talvez seja uma lição que ambos possamos aprender.
- O que é que está pr'aí a dizer? respondeu-me a Elif. E quem é você, porra?

— Elif. Atenção à linguagem — disse-lhe o Diomedes. — Não me obrigues a pôr-te de castigo. Senta-se.

A Elif permaneceu de pé.

— E como é com o taco de bilhar?

A pergunta era dirigida ao Diomedes; e ele olhou para mim, à espera de que eu respondesse.

— Elif, já percebi que está furiosa por causa do taco — disse-lhe eu. — E calculo que quem o partiu também estivesse furioso. O que levanta a questão de como é que se lida com a fúria numa instituição como esta. E se nos concentrássemos nisso e conversássemos um pouco sobre fúria? Não se quer sentar?

A Elif revirou os olhos, mas sentou-se.

A Indira acenou com a cabeça, com um ar satisfeito. Começámos a conversar sobre fúria, eu e a Indira, tentando chamar os pacientes para uma discussão sobre os sentimentos de fúria deles. Fiquei com a ideia de que trabalhávamos bem em conjunto. Reparei que o Diomedes nos observava, avaliando o meu desempenho. Parecia satisfeito.

Olhei de relance para a Alicia. E, para minha surpresa, ela estava a olhar para mim — ou pelo menos na minha direção. Havia uma certa confusão na expressão dela — como se tivesse dificuldade em focar o olhar e ver como deve ser.

Se alguém me tivesse dito que aquela carapaça vazia em tempos fora a incrível Alicia Berenson, descrita por quem a conhecia como deslumbrante, fascinante e cheia de vida — eu pura e simplesmente não teria acreditado. Nesse momento tive a certeza de que tomara a decisão certa ao vir para a Grove. Todas as minhas dúvidas se dissiparam. Estava decidido a fazer tudo o que estivesse ao meu alcance para que a Alicia se tornasse minha paciente.

Não havia tempo a perder: a Alicia estava perdida. Desaparecera. E eu tencionava encontrá-la.

O gabinete do professor Diomedes ficava na parte mais antiga e decrépita do hospital. Viam-se teias de aranha nos cantos e somente algumas das luzes no corredor estavam a funcionar. Bati à porta e, após uma pequena pausa, a voz dele soou vinda do interior.

— Entre.

Rodei a maçaneta e a porta abriu-se com um rangido. De imediato fui invadido pelo odor do gabinete. Era diferente do resto do hospital. Não cheirava a antissético ou a lixívia; curiosamente, cheirava a fosso de orquestra. Cheirava a madeira, a cordas e a arcos, a verniz e a cera. Os meus olhos demoraram algum tempo a adaptar-se à penumbra e depois reparei no piano vertical junto à parede, um objeto algo deslocado num hospital. Vinte e tal suportes de partitura metálicos cintilavam nas sombras e viam-se pautas empilhadas em cima de uma mesa, uma torre de papel instável tentando alcançar o céu. Em cima de outra mesa havia um violino, ao lado de um oboé, e uma flauta. E, ao lado desta, uma harpa — uma coisa enorme com uma moldura de madeira lindíssima e um sem fim de cordas.

Fitei tudo isso boquiaberto.

- O Diomedes riu-se.
- Está a interrogar-se sobre os instrumentos? Ele estava sentado atrás da secretária, a rir-se.
 - São seus?
- São, sim. A música é o meu passatempo. Não, minto; é a minha paixão. Apontou um dedo no ar, num gesto dramático. O professor tinha uma forma animada de falar, empregando toda uma variedade de gestos para acompanhar e enfatizar o seu discurso; como se estivesse a conduzir uma orquestra invisível. Tenho um grupo de música informal, aberto a quem nele queira participar; tanto funcionários como também pacientes. Sou da opinião de que a música é uma ferramenta de terapia altamente eficaz. Fez uma pausa para recitar, num tom musicado e alegre: «A música acalma a fera mais selvagem.» Não concorda?
 - Estou certo de que tem razão.
 - Hum. O Diomedes fitou-me por breves instantes. Toca?
 - Se toco o quê?
 - Qualquer coisa. Até o triângulo é alguma coisa.

Abanei a cabeça.

- Não sou muito dado à música. Toquei flauta de Bisel na escola, quando era miúdo. Nada mais.
- Então sabe ler música? Isso é uma vantagem. Ótimo. Escolha um instrumento qualquer. Eu ensino-lhe.

Sorri e tornei a abanar a cabeça.

- Infelizmente não tenho paciência suficiente.
- Não? Bem, a paciência é uma virtude que lhe fazia bem cultivar enquanto psicoterapeuta. Sabe, quando eu era novo, não sabia se deveria ser músico, padre ou médico. — O Diomedes riu-se. — E agora sou as três coisas.
 - Pois, lá isso é verdade.
- Não sei se sabe ele mudava de assunto sem parar para respirar sequer —, mas eu fui um fator determinante na sua entrevista. O voto decisivo, digamos assim. Falei muito bem a seu respeito. E sabe porquê? Passo a explicar: vi qualquer coisa em si, Theo. Faz-me lembrar eu próprio... Quem sabe? Daqui a uns anos, talvez esteja a gerir este espaço.
 Ele deixou a frase no ar e depois suspirou: Se isto ainda existir, claro.
 - Acha que poderá não existir?
- Quem sabe? Poucos pacientes, demasiado pessoal... Estamos a trabalhar em conjunto com a Fundação para ver se encontramos um modelo mais «economicamente viável». O que significa que estamos a ser constantemente vigiados, avaliados; espiados. Como é que podemos levar a cabo o trabalho terapêutico nestas condições?, pergunta você. Como dizia Winnicott, é impossível exercer terapia num edifício em chamas. O Diomedes abanou a cabeça e de repente os anos pareceram pesar-lhe; tinha um ar exausto e abatido. Baixou a voz e falou num tom conspiratório: Estou convencido de que a gerente, a Stephanie Clarke, anda metida com eles. É a Fundação que lhe paga o salário e tudo. Observe-a e perceberá o que quero dizer.

Fiquei com a sensação de que o Diomedes estava a ser um pouco paranoico, mas talvez fosse compreensível. Não queria dizer a coisa errada, por isso mantive-me diplomaticamente calado por uns instantes. E depois: — Quero perguntar-lhe algo. Sobre a Alicia.

- A Alicia Berenson? O Diomedes lançou-me um olhar estranho. O que é que tem ela?
- Tenho curiosidade em relação ao trabalho terapêutico que está a ser desenvolvido com ela. Está a fazer terapia individual?
 - Não.
 - Por alguma razão específica?
 - Tentou-se, mas foi abandonada.
 - Por que motivo? Quem é que a acompanhou? A Indira?

- Não. O Diomedes abanou a cabeça. Por acaso até fui eu.
- Certo. E o que é que aconteceu?

Ele encolheu os ombros.

— Recusava-se a vir ao meu gabinete, por isso consultava-a no quarto dela. Durante as sessões limitava-se a ficar sentada em cima da cama, a olhar pela janela. Recusava-se a falar, claro. Recusava-se inclusivamente a olhar para mim. — Ele levantou as mãos no ar, exasperado. — Decidi que era uma perda de tempo.

Acenei com a cabeça.

- Pois... Bem, estava aqui a pensar sobre a transferência...
- Sim? O Diomedes olhou para mim com curiosidade. Continue.
- Não acha possível que ela o tenha visto como uma presença autoritária... quem sabe potencialmente punitiva? Não faço ideia de como seria a relação dela com o pai, mas...
- O Diomedes escutava-me com um pequeno sorriso nos lábios, como se lhe estivesse a contar uma anedota e ele estivesse à espera do final.
- Acha que talvez ela tivesse mais facilidade em relacionar-se com alguém mais novo? Deixe-me adivinhar... alguém como o Theo? Acha que a poderá ajudar? Que poderá salvar a Alicia? Fazê-la falar, talvez?
- Quanto a salvá-la não sei, mas gostaria de a ajudar. Gostaria de tentar.
 - O Diomedes sorriu, exibindo ainda a mesma expressão divertida.
- O Theo não é o primeiro. Eu também acreditava que seria bemsucedido. A Alicia é uma sereia muda, meu rapaz, atraindo-nos para os rochedos onde a nossa ambição terapêutica acaba por se estilhaçar em mil pedaços. — Tornou a sorrir. — Ela ensinou-me uma lição importante sobre o fracasso. Talvez o Theo esteja a precisar de aprender a mesma lição.

Sustive o olhar dele, em jeito de desafio.

- A não ser que, claro, eu seja bem-sucedido.
- O sorriso do Diomedes dissipou-se, sendo substituído por algo mais difícil de ler. Permaneceu em silêncio durante uns instantes e depois tomou uma decisão.
- Veremos, certo? Primeiro, tem de conhecer a Alicia. Já lhe foi apresentado, não foi?
 - Não, ainda não.
- Nesse caso, peça ao Yuri para tratar disso, está bem? E depois digame alguma coisa.
 - Ótimo. Tentei disfarçar o meu entusiasmo. Assim farei.

A sala de terapia era um retângulo pequeno e estreito; tão despida como uma cela de prisão, ou mais ainda. A janela estava fechada e barrada. Uma caixa de lenços de papel rosa-vivo, em cima da pequena mesa, era um apontamento discordantemente alegre — provavelmente deixada pela Indira: não imaginava o Christian a oferecer lenços de papel aos pacientes dele.

Sentei-me numa das poltronas velhas e desbotadas. Os minutos passaram. Não havia sinal da Alicia. Talvez não viesse? Talvez se tivesse recusado a conhecer-me. Estaria completamente no direito dela.

Impaciente, ansioso e nervoso, desisti de continuar sentado, levantei-me de um salto e fui até à janela. Espreitei por entre as grades.

O pátio ficava três andares abaixo do local onde me encontrava. Do tamanho de um campo de ténis, estava rodeado por enormes muros feitos de tijolo, muros demasiado altos para serem escalados, embora decerto alguém já o tivesse tentado. Todas as manhãs os pacientes eram encaminhados para o exterior para trinta minutos de ar fresco, quer quisessem quer não, e tendo em conta o tempo frio que se fazia sentir, não os censurava por oferecerem resistência. Alguns estavam sozinhos, balbuciando para os seus botões ou andando de um lado para o outro, como *zombies* inquietos, sem rumo. Outros estavam agrupados, falando, fumando e discutindo. O som de vozes, gritos e estranhas gargalhadas chegava até mim.

A princípio não avistei a Alicia. Mas depois localizei-a. Estava parada sozinha ao fundo do pátio, junto ao muro. Completamente imóvel, qual estátua. O Yuri atravessou o pátio na direção dela. Falou com a enfermeira parada a poucos metros. A enfermeira acenou com a cabeça. O Yuri aproximou-se cautelosamente da Alicia, com muita calma, como se se acercasse de um animal imprevisível.

Eu pedira-lhe para não entrar em grandes pormenores, que dissesse simplesmente à Alicia que o novo psicoterapeuta do hospital gostaria de a conhecer. Pedi-lhe que lho expusesse como um pedido e não como uma exigência. A Alicia permaneceu imóvel enquanto ele falava com ela. Mas não acenou nem abanou a cabeça, não dando qualquer indicação de o ter ouvido. Após uma breve pausa, o Yuri deu meia-volta e afastou-se.

E pronto, pensei — ela não vem. Que se lixe, eu já devia saber. Aquilo era uma perda de tempo.

Então, para minha surpresa, a Alicia deu um passo em frente. Hesitando ligeiramente, atravessou o pátio atrás do Yuri, arrastando os pés — até que ambos desapareceram de vista, por baixo da minha janela.

Portanto ela vinha a caminho. Tentei conter o meu nervosismo e preparei-me mentalmente. Tentei calar a voz negativa que soava na minha cabeça — a voz do meu pai — dizendo-me que não tinha competência para lidar com a situação, que era um inútil, uma fraude. Cala-te, pensei, cala-te, cala-te...

Uns minutos depois, ouviu-se bater à porta.

— Entre.

A porta abriu-se. A Alicia estava parada no corredor, ao lado do Yuri. Olhei para ela, Mas não me devolveu o olhar; tinha os olhos postos no chão.

- O Yuri esboçou um sorriso orgulhoso.
- Aqui está ela.
- Sim. Estou a ver. Olá, Alicia.

Ela não me respondeu.

- Faça o favor de entrar.
- O Yuri inclinou-se para a frente, como se lhe fosse dar um pequeno empurrão em jeito de incentivo, mas não lhe tocou. Em vez disso, sussurrou:
 - Vá lá, querida. Entra e senta-se.

A Alicia hesitou. Olhou de relance para ele e depois tomou uma decisão. Entrou na sala, cambaleando ligeiramente. Sentou-se na cadeira, silenciosa como um gato, as mãos trémulas pousadas em cima do colo.

Eu estava prestes a fechar a porta, mas o Yuri não se foi embora. Baixei a voz:

- Eu trato disto, obrigado.
- O Yuri pareceu ficar preocupado.
- Mas ela está no regime de vigilância «um para um». E o professor disse...
- Eu assumo a responsabilidade. Não há problema. Retirei o alarme de ataque pessoal do bolso. Está a ver, eu tenho isto; embora não vá precisar dele.

Olhei de relance para a Alicia. Ela não deu qualquer indicação de me ter ouvido sequer. O Yuri encolheu os ombros, claramente descontente.

- Estarei aqui fora, para o caso de precisar de mim.
- Não há necessidade disso, mas obrigado.
- O Yuri retirou-se e fechei a porta. Pousei o alarme em cima da mesa. Sentei-me diante da Alicia. Ela não ergueu o olhar. Estudei-a por uns

instantes. O rosto dela estava vazio, inexpressivo. Uma máscara de medicação. Interroguei-me sobre o que haveria por baixo da máscara.

— Fico contente por ter aceitado vir. — Fiquei à espera de uma resposta. Sabia que não a obteria. — Tenho a vantagem de saber mais sobre si do que a Alicia sobre mim. A sua reputação precede-a; a sua reputação enquanto pintora, quero eu dizer. Sou fã do seu trabalho. — Não houve qualquer reação. Mexi-me ligeiramente no lugar. — Perguntei ao professor Diomedes se poderíamos conversar e ele teve a amabilidade de marcar este nosso encontro. Obrigado por ter aceitado.

Hesitei, à espera de algum tipo de reconhecimento — um pestanejar, um aceno com a cabeça, um sobrolho franzido. Mas nada. Tentei adivinhar o que ela estaria a pensar. Talvez estivesse demasiado medicada para conseguir pensar fosse o que fosse.

Lembrei-me da minha antiga terapeuta, a Ruth. O que faria ela? Costumava dizer que éramos feitos de partes diferentes, umas boas e outras más, e que uma mente saudável conseguia tolerar essa ambivalência e gerir simultaneamente o bom e o mau. A doença mental está precisamente relacionada com a falta desse tipo de integração — a pessoa acaba por perder o contacto com as partes inaceitáveis de si própria. Se eu queria ajudar a Alicia, teríamos de localizar as partes que ela escondera dela própria, para lá das extremidades da consciência, e unir os vários pontos que compunham a sua paisagem mental. Somente então poderíamos contextualizar os acontecimentos terríveis da noite em que matara o marido. Tratar-se-ia de um processo trabalhoso e demorado.

Por norma, quando se começa com um paciente, não há qualquer sentido de urgência, qualquer ordem terapêutica predefinida. Regra geral, começa-se com vários meses de conversa. Num mundo ideal, a Alicia falarme-ia sobre ela, sobre a sua vida e a sua infância. Eu ouvi-la-ia, criando lentamente uma imagem até esta ficar completa o suficiente para poder fazer interpretações úteis e exatas. Neste caso em concreto, ninguém falaria. Nem escutaria. A informação de que eu necessitava teria de ser reunida de dicas não-verbais, através tais como minha contratransferência — os sentimentos que a Alicia produzia em mim durante as sessões — e qualquer informação que conseguisse obter de outras fontes.

Por outras palavras, dera início a um plano para ajudar a Alicia sem saber exatamente como o levar a cabo. Agora tinha de obter resultados, não só para provar ao Diomedes que era capaz, como também, e mais importante ainda, para fazer o que me competia em relação à Alicia: ajudála.

Ao olhar para ela, sentada à minha frente num marasmo de medicação, a saliva acumulando-se em redor da boca, os dedos agitando-se como traças imundas, senti uma tristeza súbita e inesperada. Senti uma pena imensa dela e de todas as pessoas como ela — de todos nós, todos os magoados e perdidos.

É claro que não lhe disse nada disso. Em vez disso, fiz o que a Ruth teria feito.

Pelo que ficámos sentados em silêncio.

Abri o processo clínico da Alicia em cima da minha secretária. O Diomedes trouxera-mo sem que lho tivesse pedido:

— Tem de ler os meus apontamentos. Irão ajudá-lo.

Não tinha vontade nenhuma de ler os apontamentos dele; já sabia qual era a opinião do Diomedes; eu precisava de descobrir qual era a minha própria opinião. Não obstante, aceitei educadamente.

— Obrigado. Será uma boa ajuda.

O meu gabinete era pequeno e estava pouco mobilado, localizado nas traseiras do edifício, junto à saída de emergência. Olhei pela janela. Um pássaro preto pequeno debicava um pedaço de relva congelada no chão lá fora, desanimado e sem grande esperança.

Estremeci. A sala estava gelada. O pequeno radiador por baixo da janela estava avariado — o Yuri dissera-me que o tentaria arranjar, mas que o melhor seria falar com a Stephanie ou, caso isso não surtisse nenhum efeito, trazer o assunto à baila durante a Assembleia. Senti uma certa empatia pela Elif e pela sua guerra para conseguir que substituíssem o taco de bilhar partido.

Perscrutei o processo clínico da Alicia sem grandes expectativas. A maior parte da informação de que necessitava encontrava-se na base de dados *online*. O Diomedes, contudo, à semelhança de muitos funcionários da velha guarda, preferia escrever os relatórios à mão e (ignorando os pedidos insistentes da Stephanie em contrário) continuava a fazê-lo — daí a pasta com as páginas assinaladas à minha frente.

Folheei os apontamentos do Diomedes, ignorando as suas interpretações psicanalíticas algo antiquadas e concentrando-me nos relatórios do enfermeiro sobre o comportamento diário da Alicia. Li esses relatórios com atenção. Queria factos, números, pormenores — precisava de saber exatamente no que estava a meter-me, aquilo com que teria de lidar e se me esperariam algumas surpresas.

O processo clínico pouco revelava. Quando chegara ao hospital, a Alicia cortara os pulsos por duas vezes e mutilara-se com tudo o que conseguia apanhar. Fora mantida sob um regime de vigilância «dois para um» — ou seja, era vigiada por dois enfermeiros em simultâneo —, o que acabou por ser substituído por um regime de vigilância «um para um». A Alicia não fizera qualquer tentativa para interagir com pacientes ou funcionários, mantendo-se distante e isolada, e na maior parte do tempo os outros pacientes não se metiam com ela. Se as pessoas não respondem quando

falamos para elas e também nunca iniciam uma conversa, rapidamente nos esquecemos da presença delas. A Alicia desaparecera rapidamente de vista, tornando-se invisível.

Somente um incidente se destacava. Tivera lugar na cantina, umas semanas depois de a Alicia ter chegado. A Elif acusara a Alicia de lhe ter roubado o lugar. O que acontecera exatamente não era claro, mas o confronto intensificara-se em menos de nada. Ao que parecia, a Alicia tornara-se violenta — partira um prato e tentara cortar o pescoço da Elif com os pedaços. A Alicia tivera de ser dominada, sedada e posta em isolamento.

Eu não sabia precisar por que motivo esse incidente chamara a minha atenção. Mas não fazia sentido. Decidi que abordaria a Elif e perguntar-lheia sobre o assunto.

Arranquei uma folha de um bloco e peguei na minha caneta. Um hábito antigo, adquirido na universidade — o facto de assentar as coisas ajuda-me a organizar a minha mente. Sempre tive alguma dificuldade em formular uma opinião sem a escrever primeiro.

Comecei a assentar umas ideias, apontamentos, objetivos — a elaborar um plano de ataque. Para ajudar a Alicia precisava de a compreender, a ela e à relação dela com o Gabriel. Amava-o? Odiava-o? Porque é que se recusara a falar sobre o homicídio — ou sobre outra coisa qualquer? Nada de respostas ainda; somente perguntas.

Assentei uma palavra e sublinhei-a: ALCESTE.

O autorretrato — era importante por alguma razão, eu sabia-o, e compreender o porquê seria fulcral para desvendar aquele mistério. Aquela pintura era a única comunicação feita pela Alicia, o seu único testemunho. Comunicava algo que eu ainda não compreendera. Fiz uma nota mental para revisitar a galeria e visionar novamente a pintura.

Assentei outra palavra: INFÂNCIA. Se queria decifrar o homicídio do Gabriel, precisava de compreender não só os acontecimentos da noite em que a Alicia o matara como também os acontecimentos do passado distante. As sementes do que acontecera naqueles breves minutos em que ela alvejara o marido tinham provavelmente sido semeadas anos antes. A raiva criminosa, a raiva homicida, não nasce no momento presente. Tem origem nessa terra que antecede a memória, no mundo da primeira infância, com maus-tratos e crueldade, que vai acumulando uma carga ao longo dos anos, até que esta explode — direcionada frequentemente ao alvo errado. Eu precisava de descobrir de que forma a infância a tinha moldado e se a Alicia não conseguisse, ou quisesse, dizer-mo, teria de encontrar alguém que o fizesse por ela. Alguém que tivesse conhecido a

Alicia antes do homicídio, que me pudesse ajudar a compreender a história dela, quem ela era e como acabara assim.

Segundo o processo clínico, o familiar mais próximo da Alicia era a tia — Lydia Rose — que a criara, após a morte da mãe da Alicia num acidente de viação. A Alicia também estava no carro aquando da colisão, mas sobrevivera. Esse trauma tê-la-ia decerto afetado profundamente em pequena. Eu esperava que a Lydia me pudesse falar sobre isso.

O outro único contacto era o advogado da Alicia: Max Berenson. O Max era irmão do Gabriel Berenson. Tinha todas as condições para ter observado o casamento deles de perto. Se o Max Berenson confidenciaria em mim ou não, isso era outra conversa. Uma abordagem não solicitada à família da Alicia por parte do psicoterapeuta dela era, no mínimo, pouco ortodoxa. Tinha a sensação de que o Diomedes não o autorizaria. O melhor seria não lhe pedir autorização, decidi, não fosse ele recusar.

Em retrospetiva, essa foi a minha primeira transgressão profissional em relação à Alicia — criando um lamentável precedente para o que se seguiria. Deveria ter-me ficado por aí. Mas mesmo naquela altura já era tarde de mais para parar. Em certa medida, o meu destino já estava traçado — qual tragédia grega.

Peguei no telefone. Liguei para o escritório do Max Berenson, utilizando o número assentado no processo clínico da Alicia. Tocou várias vezes antes de ser atendido.

- Escritórios da Elliot, Barrow e Berenson anunciou a rececionista, claramente muito constipada.
 - Queria falar com o senhor Berenson, por favor.
 - É da parte de quem?
- O meu nome é Theo Faber. Sou psicoterapeuta na Grove. Seria possível dar uma palavrinha ao senhor Berenson sobre a cunhada dele?

Seguiu-se uma ligeira pausa antes de ela responder.

— Ah, estou a ver. Bem, o senhor Berenson estará ausente do escritório até ao final desta semana. Está em Edimburgo, a visitar um cliente. Se me deixar o seu contacto, pedir-lhe-ei para lhe devolver a chamada.

Dei-lhe o meu número e desliguei.

Marquei o outro número que estava no processo — a tia da Alicia, Lydia Rose.

O telefone foi atendido ao primeiro toque. A voz de uma senhora de idade soou sem fôlego e algo irritada.

- Sim? O que é?
- É a senhora Rose?
- Quem fala?

- Estou a ligar por causa da sua sobrinha, a Alicia Berenson. Sou psicoterapeuta e trabalho na...
 - Vá à merda. Ela desligou.

Franzi o sobrolho.

Não era um bom começo.

Precisava desesperadamente de um cigarro. Assim que saí da Grove, procurei-os nos bolsos do casaco, mas não os encontrei.

— Está à procura de alguma coisa?

Virei-me para trás. O Yuri estava parado imediatamente atrás de mim. Não o ouvira aproximar-se e fiquei algo alarmado por o ver tão próximo de mim.

- Encontrei-os na sala dos enfermeiros. Ele esboçou um sorriso, estendo-me o maço de cigarros. Devem ter-lhe caído do bolso.
 - Obrigado. Peguei neles e acendi um. Estendi-lhe o maço.
 - O Yuri abanou a cabeça.
- Não fumo. Cigarros, pelo menos. Deu uma risada. Está com cara de quem precisa de beber um copo. Venha daí, pago-lhe uma cerveja.

Hesitei. O meu instinto dizia-me para recusar — nunca fora muito de socializar com colegas de trabalho. E duvidava que eu e o Yuri tivéssemos muita coisa em comum. Porém, o mais certo era ele conhecer a Alicia melhor do que qualquer outra pessoa na Grove — e a opinião dele talvez provasse ser útil.

— Está bem — respondi-lhe. — Porque não?

Fomos a um *pub* perto da estação, o Slaughtered Lamb. Escuro e de aspeto imundo, o espaço já vira melhores dias; o mesmo podia dizer-se dos idosos meio adormecidos agarrados às canecas meio cheias de cerveja. O Yuri pediu duas canecas e fomos sentar-nos a uma mesa ao fundo.

- O Yuri bebeu um longo trago de cerveja e limpou a boca.
- E então? Fale-me lá sobre a Alicia.
- A Alicia?
- Como é que a achou?
- Não sei se a achei...
- O Yuri olhou-me com uma expressão confusa e depois sorriu.
- Ela não quer ser achada? Sim, lá isso é verdade. Está escondida.
- Você é próximo dela. Dá para perceber.
- Tomo conta dela. Ninguém a conhece como eu, nem mesmo o professor Diomedes.

A voz dele soava algo gabarola. Por alguma razão, isso irritou-me — interroguei-me se a conheceria realmente ou se estaria apenas a gabar-se.

- Qual é a sua opinião em relação ao silêncio dela? O que acha que significa?
 - O Yuri encolheu os ombros.

- Penso que significa que ainda não está preparada para falar. E que falará quando estiver preparada.
 - Preparada para quê?
 - Preparada para a verdade, meu amigo.
 - E o que é isso?
- O Yuri inclinou ligeiramente a cabeça para o lado, estudando-me. A pergunta que lhe saiu dos lábios apanhou-me de surpresa.
 - É casado, Theo?

Acenei com a cabeça.

- Sou, sim.
- Pois, bem me parecia. Eu também já fui casado. Viemos os dois da Letónia para cá. Mas ela não se adaptou tão bem como eu. Não fez um esforço, entende, não aprendeu a falar inglês. De qualquer modo, não era... Eu não era feliz; mas estava em negação, mentindo a mim próprio... Ele terminou a bebida e concluiu a frase: Até me ter apaixonado.
 - Presumo que não se refira à sua esposa?
 - O Yuri deu uma risada e abanou a cabeça.
- Não. Uma mulher que morava perto de mim. Uma mulher lindíssima. Foi amor à primeira vista. Vi-a na rua. Demorei imenso tempo a ganhar coragem para falar com ela. Costumava segui-la... Às vezes vigiava-a, sem que ela o soubesse. Ficava parado à porta da casa dela, à espera de que viesse à janela. Ele riu-se.

Aquela história começava a fazer-me sentir pouco à vontade. Terminei a minha cerveja e olhei de relance para o relógio de pulso, na esperança de que o Yuri percebesse a deixa, mas ele não ligou.

— Um dia, tentei falar com ela. Mas não estava interessada em mim. Tentei várias vezes, mas ela disse-me para parar de a incomodar.

Eu não a censurava, pensei. Estava prestes a dar uma desculpa para me ir embora, mas o Yuri continuou a falar.

- Foi muito difícil aceitá-lo. Tinha a certeza de que estávamos destinados a ficar juntos. Ela partiu-me o coração. Fiquei muito chateado com ela. Muito zangado.
- E o que é que aconteceu? Não consegui evitar sentir alguma curiosidade.
 - Nada.
 - Nada? Continuou com a sua esposa?
 - O Yuri abanou a cabeça.
- Não. Isso acabou. Mas foi preciso apaixonar-me por aquela mulher para o admitir... para encarar a verdade sobre mim e a minha mulher. Às vezes é preciso coragem, sabe, e muito tempo, para ser sincero.

- Estou a ver. E acha que a Alicia não está preparada para encarar a verdade sobre o casamento dela? É isso que está a dizer? Talvez tenha razão.
 - O Yuri encolheu os ombros.
- E agora estou noivo de uma simpática rapariga húngara. Trabalha num *spa*. Fala muito bem inglês. Fazemos um belo casal. Divertimo-nos juntos.

Acenei com a cabeça e tornei a consultar o relógio de pulso. Peguei no casaco.

- Tenho de ir. Já estou atrasado para ir ter com a minha mulher.
- Tudo bem... Como é que se chama? A sua mulher?

Por alguma razão não me apetecia dizer-lhe. Não queria que o Yuri soubesse nada sobre ela. Mas isso era um disparate.

- Kathryn. O nome dela é Kathryn. Mas eu trato-a por Kathy.
- O Yuri esboçou um sorriso estranho.
- Permita-me que lhe dê um conselho: vá para casa para a sua mulher. Para a Kathy, que o ama... E esqueça a Alicia.

Encontrei-me com a Kathy no café do Teatro Nacional, em South Bank, onde os atores costumavam reunir-se depois dos ensaios. Estava sentada na parte de trás do café, com duas colegas atrizes, em amena cavaqueira. Ergueram o olhar para mim quando me aproximei.

- Não tens as orelhas a arder, querido? perguntou a Kathy, beijandome.
 - Deveria ter?
 - Estava a falar sobre ti às minhas amigas.
 - Ah. Queres que me vá embora?
- Não sejas tonto. Senta-te; chegaste na altura certa. la contar-lhes como é que nos conhecemos.

Sentei-me e a Kathy continuou a história dela. Era uma história que ela gostava de contar. De vez em quando olhava na minha direção e sorria, como se me estivesse a incluir — mas o gesto era mecânico, pois a história era dela e não minha.

— Estava sentada num bar quando ele apareceu finalmente. Até que enfim, quando já tinha perdido a esperança de alguma vez o encontrar; lá entrou ele, o homem dos meus sonhos. Mais vale tarde do que nunca. Estava convencida de que aos vinte e cinco anos já estaria casada, entendem? Aos trinta, já teria dois filhos, um cão pequeno e uma hipoteca enorme. Mas ali estava eu, trinta e três anos e mais uns mesitos e as coisas não tinham corrido como planeado. — A Kathy disse-o com um sorriso malicioso e piscou o olho às amigas.

»Bem, eu andava com um tipo australiano chamado Daniel. Mas ele não queria casar nem ter filhos tão cedo, por isso sabia que estava a perder o meu tempo. Tínhamos saído uma noite quando de repente aconteceu; o homem da minha vida apareceu. — A Kathy olhou para mim, sorriu e revirou os olhos. — Com a *namorada*.

Aquela parte da história precisava de ser contada com cuidado, para manter a solidariedade do público. Tanto eu como a Kathy andávamos com outras pessoas quando nos conhecemos. A infidelidade dupla não é propriamente o começo mais atraente ou auspicioso para uma relação, em especial porque fomos apresentados um ao outro pelos nossos companheiros. Eles conheciam-se por alguma razão, não me recordo dos pormenores — penso que em tempos a Marianne andara com o colega de casa do Daniel, ou então foi ao contrário. Não me recordo exatamente como é que fomos apresentados, mas lembro-me do primeiro instante em

que vi a Kathy. Foi uma espécie de choque elétrico. Lembro-me do cabelo comprido preto dela, dos olhos verdes penetrantes, da boca — era linda, perfeita. Um anjo.

Nesse ponto da história, a Kathy fez uma pausa, sorriu e pegou-me na mão.

— Lembras-te, Theo? Como começámos a falar? Disseste que estavas a treinar para ser psicólogo. E eu respondi que era maluca; por isso tínhamos sido feitos um para o outro.

Esse comentário arrancou uma gargalhada às amigas dela. A Kathy riuse também e olhou-me com uma expressão sincera e ansiosa, os olhos dela procurando os meus.

— Não, mas... querido... agora a sério: foi amor à primeira vista. Não foi?

Era a minha deixa. Acenei com a cabeça e beijei-a na face.

— Claro que sim. Amor verdadeiro.

Isso foi recebido com um olhar de aprovação por parte das amigas. Mas eu não estava a representar. Ela tinha razão, fora amor à primeira vista — bem, desejo, pelo menos. Apesar de eu estar com a Marianne naquela noite, não conseguira tirar os olhos da Kathy. Observara à distância, conversando animadamente com o Daniel — e depois vira os lábios dela proferirem um *Vai à merda*. Estavam a discutir. Parecia uma discussão acalorada. O Daniel dera meia-volta e fora-se embora.

- Estás muito calado dissera-me a Marianne. O que se passa?
- Nada.
- Então vamos para casa. Estou cansada.
- Ainda não. Já mal a estava a ouvir. Vamos beber mais um copo.
- Quero ir-me embora agora.
- Então vai.

A Marianne lançou-me um olhar magoado, depois agarrou no casaco e foi-se embora. Eu sabia que haveria uma discussão no dia seguinte, mas não estava preocupado com isso.

Aproximei-me da Kathy, no bar.

- O Daniel volta?
- Não. E a Marianne?

Eu disse que não com a cabeça.

- Não. Queres beber mais um copo?
- Quero, sim.

Pedimos mais duas bebidas. Ficámos junto ao balcão, a conversar. Lembro-me de que discutimos a minha formação em psicoterapia. E a Kathy contou-me sobre o período em que frequentara a escola de teatro — não estivera lá muito tempo, pois assinara contrato com um agente no final

do primeiro ano e desde então representava profissionalmente. Eu parti logo do princípio, sem saber porquê, de que ela devia ser uma boa atriz.

- Estudar não era para mim disse-me ela. Queria fazer-me ao mundo e começar; entendes?
 - Começar o quê? A representar?
- Não. A viver. A Kathy inclinou a cabeça para o lado, olhando-me por baixo das pestanas escuras, os seus olhos cor de esmeralda fitando-me atrevidamente. — E tu, Theo? Como é que tens paciência para continuares com isso? Os estudos, quero eu dizer.
- Se calhar não quero fazer-me ao mundo e «viver». Se calhar sou um cobarde.
- Não. Se fosses um cobarde, terias ido para casa com a tua namorada.
 A Kathy dera uma gargalhada, uma risada surpreendentemente perversa.

Apeteceu-me agarrá-la e beijá-la com força. Nunca experienciara um desejo físico tão intenso como naquele momento; senti vontade de a puxar para mim, sentir os lábios dela e o calor do seu corpo junto ao meu.

— Peço desculpa — disse ela. — Não devia ter dito aquilo. Digo sempre o que me vem à cabeça. É como já te disse, sou um pouco louca.

A Kathy fazia-o muitas vezes, queixar-se da sua loucura — «sou maluca», «sou louca» —, mas nunca acreditei nela. Ria-se com demasiada facilidade e frequência, pelo que duvidava que alguma vez tivesse experimentado o mesmo tipo de obscuridade que eu. Ela possuía uma certa espontaneidade, uma certa leveza — adorava viver e a vida divertia-a sobremaneira. Não obstante as afirmações dela, parecia-me ser a pessoa menos louca que eu alguma vez conhecera. Na companhia dela sentia-me mais são de espírito.

A Kathy era americana. Nascera e fora criada no Upper West Side, em Manhattan. A mãe inglesa dera-lhe dupla nacionalidade, mas a Kathy não tinha nada de inglesa. Era determinada e distintamente não inglesa — não só no sotaque mas também na maneira como via o mundo e lidava com ele. Com confiança e exuberância. Eu nunca conhecera ninguém como ela.

Deixámos o bar e chamámos um táxi; dei a morada do meu apartamento ao motorista. Percorremos a curta distância em silêncio. Quando chegámos, ela encostou ligeiramente os lábios dela aos meus. Venci o meu pudor e puxei-a para mim. Continuámos a beijar-nos enquanto eu tentava abrir a porta da frente com a chave. Mal tínhamos entrado e já estávamos a despir-nos, cambaleando na direção do quarto e caindo em cima da cama.

Essa noite foi a mais erótica e feliz da minha vida. Passei horas a explorar o corpo da Kathy. Fizemos amor toda a noite, até de madrugada. Lembro-me de haver imenso branco: a luz branca do sol esqueirando-se

pelos recortes dos cortinados, as paredes brancas, os lençóis brancos; o branco dos olhos dela, dos seus dentes, da sua pele. Não fazia ideia de que a pele pudesse ser tão luminosa, tão translúcida: branco-marfim, com veias azuladas aqui e ali, visíveis sob a superfície, como fios de cor no mármore branco. Ela era uma estátua; uma deusa grega ganhando vida nas minhas mãos.

Estávamos deitados nos braços um do outro. A Kathy estava virada para mim, os olhos dela tão perto que me pareciam desfocados. Contemplei um mar verde esfumado.

- E então? disse-me ela.
- Então?
- Como é com a Marianne?
- A Marianne?

O prenúncio de um sorriso.

- A tua namorada.
- Ah, sim. Sim. Hesitei, pouco seguro. Não sei como é com a Marianne. E com o Daniel?

A Kathy revirou os olhos.

- Esquece o Daniel. Eu já esqueci.
- A sério?

A Kathy respondeu-me com um beijo.

Antes de se ir embora, tomou um banho. Enquanto ela estava no duche, telefonei à Marianne. Queria combinar encontrar-me com ela, contar-lho cara a cara. Mas ela estava aborrecida por causa da noite anterior e insistiu para que discutíssemos o assunto de imediato, ao telefone. A Marianne não esperava que eu acabasse com ela. Mas foi o que fiz, com o máximo de delicadeza possível. Ela começou a chorar e ficou muito zangada e perturbada. Desliguei-lhe o telefone na cara. Foi cruel, sim — e pouco simpático. Não me orgulho desse telefonema. Mas parecia-me ser a medida mais honesta a tomar. Ainda hoje não sei o que poderia ter feito de maneira diferente.

No nosso primeiro encontro a sério, eu e a Kathy encontrámo-nos nos Kew Gardens. A ideia foi dela.

Ficou admirada por ser a minha primeira vez.

- Estás a gozar. Nunca foste às estufas? Há uma enorme, cheia de orquídeas tropicais e que está sempre muito quente, parece um forno. Quando andava na escola de teatro costumava ir até lá, para me aquecer. E se nos encontrássemos lá, quando saíres do trabalho? Depois hesitou, subitamente pouco segura. Ou será demasiado longe para ti?
 - Por ti iria muito mais longe do que os Kew Gardens, querida.

— Parvo. — Ela beijou-me.

Quando cheguei, a Kathy estava à minha espera na entrada, envergando o seu sobretudo e cachecol enormes, acenando qual criança excitada.

— Anda, vem comigo.

Conduziu-me por entre a lama congelada em direção à enorme estrutura de vidro que albergava as plantas tropicais, depois empurrou a porta e entrou rapidamente. Segui-a e fui imediatamente atingido pela subida repentina de temperatura, uma onda de calor. Tirei o cachecol e despi o casaco.

A Kathy sorriu.

— Estás a ver? Eu disse-te, parece uma sauna. Não é porreiro?

Percorremos os vários caminhos de mãos dadas, os casacos nos braços, contemplando as flores exóticas.

Senti uma felicidade pouco familiar no simples facto de estar na companhia dela, como se uma porta secreta se tivesse aberto e a Kathy me tivesse feito sinal para a transpor — rumo a um mundo mágico de calor, luz e cor, e centenas de orquídeas em deslumbrantes *confetti* de azuis e vermelhos e amarelos.

Sentia-me a derreter sob o calor, a ficar mais solto, qual tartaruga que se põe ao sol depois de ter passado o inverno a dormir, piscando os olhos e despertando. A Kathy fez isso por mim — ela foi o meu convite à vida, algo que agarrei com unhas e dentes.

Com que então é isto, lembro-me de ter pensado. Isto é amor.

Reconheci-o sem sombra de dúvidas e percebi claramente que nunca experimentara nada igual. As minhas relações amorosas anteriores tinham sido breves e pouco satisfatórias para todos os envolvidos. Enquanto estudante, e auxiliado por uma dose considerável de álcool, tinha ganhado coragem para perder a virgindade com uma aluna de Sociologia canadiana chamada Meredith, que usava um aparelho nos dentes que me cortava os lábios quando nos beijávamos. Seguiu-se um rol de relações muito pouco interessantes. Não conseguia encontrar a tal ligação especial que tanto almejava. Acreditava que estava demasiado danificado, que era incapaz de intimidade. Mas agora, sempre que ouvia o riso contagiante da Kathy, era acometido por uma onda de entusiasmo. Através de uma espécie de osmose, absorvi a exuberância sadia dela, a sua alegria e descontração. Dizia que sim a todas as sugestões e vontades dela. Não me reconhecia a mim próprio. Gostava dessa nova pessoa, desse homem destemido que a Kathy inspirara em mim. Fazíamos amor a toda a hora. Eu estava consumido pelo desejo, andava perpétua e urgentemente ávido dela. Precisava de estar sempre a tocar-lhe; nunca me fartava.

A Kathy foi morar comigo em dezembro desse ano, para o meu apartamento de duas assoalhadas em Kentish Town. Esse apartamento na cave, húmido e com alcatifas espessas, tinha janelas, mas sem qualquer vista. No nosso primeiro Natal juntos, decidimos fazer as coisas como mandava a tradição. Comprámos uma árvore na barraca ao lado da estação do metropolitano e enfeitámo-la com uma série de ornamentos e luzes que comprámos na feira.

Lembro-me perfeitamente do cheiro a agulhas de pinheiro, a madeira e a velas a arderem, e dos olhos da Kathy a fitarem-me, brilhantes, cintilando como as luzes na árvore. Falei sem pensar. As palavras saíram-me, simplesmente: — Queres casar comigo?

A Kathy olhou-me fixamente.

- O quê?
- Amo-te, Kathy. Queres casar comigo?

A Kathy riu-se. E então, para minha surpresa e alegria, respondeu: — Sim.

No dia seguinte, saímos e ela escolheu um anel de noivado. E comecei a entender a realidade da situação. Estávamos noivos.

Curiosamente, as primeiras pessoas em quem pensei foram os meus pais. Queria apresentar-lhes a Kathy. Queria que vissem quão feliz eu era, que conseguira finalmente escapar, que estava livre. Como tal, metemo-nos no comboio rumo a Surrey. Em retrospetiva, foi uma péssima ideia. Condenada ao fracasso logo à partida.

O meu pai recebeu-me com a hostilidade habitual.

- Estás com péssimo aspeto, Theo. Estás demasiado magro. Tens o cabelo curto de mais. Pareces um presidiário.
 - Obrigado, pai. Também fico contente por te ver.

A minha mãe parecia mais deprimida do que o costume. Mais calada, mais pequena até, como se não estivesse presente. O meu pai era uma presença mais forte, antipático, com cara de poucos amigos. Não tirou os olhos escuros e frios da Kathy um único instante. Foi um almoço muito desagradável. Eles não pareceram simpatizar com ela e também não aparentavam estar particularmente felizes por nós. Sinceramente não sei porque é que fiquei surpreendido.

Depois do almoço, o meu pai refugiou-se no escritório dele. Não tornou a aparecer. Quando a minha mãe se despediu de mim, abraçou-me tempo de mais, próxima de mais, e parecia algo cambaleante. Fiquei profundamente triste. Quando eu e a Kathy deixámos a casa deles, percebi que uma parte de mim ficara lá — eternamente criança, encurralado. Sentia-me perdido, sem esperança, à beira das lágrimas. Então a Kathy surpreendeu-me, mais

uma vez. Pôs os braços à volta do meu pescoço e puxou-me para um abraço.

— Agora compreendo — sussurrou-me ao ouvido. — Compreendo tudo. E amo-te ainda mais.

Ela não se explicou. Não foi necessário.

Casámos em abril, num pequeno registo civil perto de Euston Square. Sem pais. E sem Deus. Nada religioso, por insistência da Kathy. Mas eu disse uma oração secreta durante a cerimónia. Agradeci-Lhe silenciosamente por me ter concedido uma felicidade imerecida e inesperada. Agora via tudo com clareza, compreendia o propósito d'Ele. Deus não me abandonara na minha infância, numa altura em que me sentira tão sozinho e assustado — guardara a Kathy na manga, à espera de a poder revelar, qual hábil ilusionista.

Sentia uma humildade e uma gratidão imensas por cada segundo que passávamos juntos. Tinha noção do quão sortudo e incrivelmente afortunado era por ter um amor como aquele, raro que era, e que havia quem não tivesse a mesma sorte. A maioria dos meus pacientes não era amada. A Alicia Berenson não o era.

É difícil imaginar duas mulheres mais distintas do que a Kathy e a Alicia. A Kathy faz-me pensar em luz, calor, cor e riso. Quando penso na Alicia, penso somente em intensidade, em escuridão e em tristeza.

Em silêncio.

PARTE DOIS

«As emoções não expressas nunca morrem. São enterradas vivas e manifestamse posteriormente das piores maneiras.»

SIGMUND FREUD

Diário de Alicia Berenson

16 DE JULHO

Nunca pensei alguma vez ansiar pela chuva. Estamos na quarta semana consecutiva de uma vaga de calor e isto mais parece um teste de resistência. Cada dia parece mais quente do que o anterior. Nem parece que estamos em Inglaterra. Faz lembrar um país estrangeiro — a Grécia ou algo assim.

Estou a escrever isto em Hampstead Heath. O parque está repleto de corpos seminus de rostos corados, qual praia ou campo de batalha, estendidos em mantas ou bancos, ou em cima da relva. Encontro-me sentada debaixo de uma árvore, à sombra. São seis horas e começou a arrefecer. O Sol está baixo e vermelho num céu dourado — o parque fica diferente com esta luz — sombras mais escuras, cores mais luminosas. A relva parece estar em chamas, espalhando labaredas sob os meus pés.

Tirei os sapatos no caminho para cá e vim descalça. Fez-me lembrar de quando era pequena e brincava na rua. Fez-me recordar outro verão, quente como este — o verão em que a minha mãe morreu —, a brincar na rua com o Paul, a andar de bicicleta pelos campos dourados salpicados de margaridas silvestres, explorando casas abandonadas e pomares assombrados. Na minha mente esse verão dura para sempre. Recordo a minha mãe e as blusas coloridas que costumava usar, com as alças finas amarelas, tão delicadas e frágeis — tal como ela. Era tão magra, mais parecia um passarinho. Ligava o rádio, pegava em mim ao colo e dançávamos as canções *pop* que passavam na rádio. Recordo que cheirava a champô e a cigarros e ao creme de mãos *Nivea*, sempre com um ligeiro odor a vodca. Que idade teria ela essa altura? Vinte e oito anos? Vinte e nove? Era mais nova do que eu sou agora.

É estranho pensar isso.

No caminho para cá vi um passarinho no trilho, junto às raízes de uma árvore. Calculei que tivesse caído do ninho. Não se mexia e interroguei-me se teria partido as asas. Afaguei-lhe cuidadosamente a cabeça com a ponta do dedo. Não reagiu. Dei-lhe um toque e virei-o — e a parte de baixo do pássaro tinha desaparecido, toda carcomida, tendo deixado uma cavidade

cheia de larvas. Gordas, brancas e gelatinosas... contorcendo-se, revirando-se, mexendo-se... O meu estômago deu uma volta — pensava que ia vomitar. Era tão asqueroso, tão nojento — mortal.

Não consigo tirar essa imagem da cabeça.

17 DE JULHO

Comecei a refugiar-me do calor num café com ar condicionado na Baixa — o Caffee dell'Artista. No interior está um gelo, parece que estamos dentro de um frigorífico. Há uma mesa de que gosto que fica junto à janela, onde me sento a beber café gelado. Às vezes leio ou desenho ou faço apontamentos. A maior parte do tempo deixo-me estar, a minha mente à deriva no luxo daquela fresquidão. A rapariga bonita atrás do balcão parece entediada, fitando o telemóvel, olhando para o relógio de pulso e suspirando de tempos a tempos. Ontem à tarde, os suspiros pareceram-me particularmente longos — então percebi que estava à espera de que me fosse embora, para poder fechar. Saí com relutância.

Caminhar com este calor é como atravessar um lodaçal. Sinto-me cansada, esgotada, massacrada pelo calor. Não estamos equipados para isso, não neste país — eu e o Gabriel não temos ar condicionado em casa — mas quem é que tem? Sem isso, é impossível dormir. À noite atiramos as mantas para trás e ficamos deitados na escuridão, despidos, encharcados em suor. Deixamos as janelas abertas, mas não há uma única brisa. Somente ar quente e parado.

Ontem comprei uma ventoinha elétrica. Pu-la aos pés da cama, em cima da arca.

- O Gabriel queixou-se de imediato.
- Faz demasiado barulho. Jamais conseguiremos dormir.
- Não conseguimos dormir de qualquer maneira. Pelo menos assim não estamos deitados numa sauna.

O Gabriel resmungou, mas adormeceu antes de mim. Deixei-me ficar deitada a ouvir a ventoinha. Gosto do ruído que faz, um zunido leve. Consigo fechar os olhos, concentrar-me no som e desaparecer.

Ando com a ventoinha atrás de mim pela casa fora, ligando-a e desligando-a das tomadas à medida que me desloco. Esta tarde levei-a para o estúdio ao fundo do jardim. Tê-la comigo tornou a coisa minimamente suportável. Mas ainda assim está demasiado calor para conseguir fazer grande coisa. Estou a ficar atrasada — mas tenho demasiado calor para me importar com isso.

No entanto, alguma coisa consegui — compreendi finalmente o que se passa com o retrato de Jesus. Porque é que não está a resultar. O problema não é a composição em si — Jesus na cruz —, o problema é o facto de não ser um retrato de Jesus, de todo. Nem sequer se parece com Ele — fosse qual fosse o aspeto dele. Porque não é Jesus.

É o Gabriel.

É incrível que não tenha reparado antes. Por alguma razão, e sem qualquer intenção de o fazer, pus o Gabriel lá em cima. Foi o rosto dele que pintei, o corpo dele. Não é de loucos? Como tal, tenho de me render às evidências — e fazer o que o retrato exige de mim.

Agora sei que quando planeio uma pintura, quando tenho uma ideia predeterminada sobre como deverá ficar, nunca resulta. Mantém-se nadamorta, sem vida. Mas se estiver realmente a prestar atenção, realmente atenta, às vezes ouço uma voz sussurrada a indicar-me o caminho a tomar. E se me deixar levar por ela, num ato de fé, ela conduz-me a um lugar inesperado, não onde eu queria ir, mas algures intensamente vivo, glorioso — e o resultado é independente de mim, tem uma energia vital própria.

Penso que o que me assusta é entregar-me ao desconhecido. Gosto de saber para onde vou. Por isso é que faço sempre tantos esboços — na tentativa de controlar o resultado — não admira que nada ganhe vida —, porque não estou realmente a reagir ao que se passa à minha frente. Preciso de abrir os olhos e ver — e estar ciente da vida tal como ela acontece e não apenas como eu quero que seja. Agora que sei que se trata de um retrato do Gabriel, já posso continuar a trabalhar nele. Posso recomeçar.

Vou pedir-lhe para posar para mim. Há muito tempo que não o faz. Espero que a ideia lhe agrade — e que não a considere um sacrilégio ou algo do género.

Às vezes consegue ser um pouco esquisito com essas coisas.

18 DE JULHO

Esta manhã desci a colina até ao mercado de Camden. Há anos que não ia lá, desde que eu e o Gabriel fomos juntos uma tarde, em busca da juventude perdida dele. Costumava frequentar esse sítio na adolescência dele, quando ele e os amigos faziam diretas, a dançar, a beber e a conversar. Apareciam no mercado de manhã bem cedo, observavam os vendedores a montarem as bancas e tentavam comprar erva aos vendedores rastafarianos que paravam na ponte junto ao Camden Lock. Já

não havia vendedores desses quando eu e o Gabriel lá fomos — para tristeza do Gabriel.

— Já não reconheço nada disto — disse-me ele. — Agora é um antro de turistas, está completamente adulterado.

Quando andei por lá hoje, interroguei-me se não seria o Gabriel que tinha mudado e não propriamente o mercado. Continua a ser povoado por miúdos de dezasseis anos a idolatrarem o sol, estendidos nas margens do canal, uma amálgama de corpos — rapazes de calções arregaçados e peito à mostra, raparigas de biquíni ou sutiã —, pele por toda a parte, a esturricar, a carne avermelhada. A energia sexual era palpável — a impaciente e sôfrega fome de viver deles. Senti um desejo súbito pelo Gabriel — pelo corpo dele e as suas pernas fortes, as coxas grossas por cima das minhas. Quando fazemos sexo, sinto sempre uma fome insaciável por ele — por uma espécie de união entre nós —, algo que é maior do que eu, do que nós, que vai além das palavras — algo sagrado.

De repente vi um sem-abrigo, sentado ao meu lado no passeio e a olhar para mim. As calças dele estavam presas com um cordel e os sapatos estavam colados com fita adesiva. A pele dele revelava feridas e uma erupção inchada na zona do rosto. Senti subitamente pena e ao mesmo tempo repugnância. O homem tresandava a transpiração e a urina velha. Por instantes pareceu-me que estava a falar comigo. Mas na verdade estava apenas a praguejar entredentes — «merda» isto e «merda» aquilo. Procurei algumas moedas na minha mala e dei-lhas.

Em seguida, regressei a casa a pé, subindo a colina, lentamente, passo a passo. Agora parecia-me muito mais íngreme. Demorei uma eternidade debaixo de um calor infernal. Por alguma razão não conseguia parar de pensar no sem-abrigo. Além de pena, havia um outro sentimento, por algum motivo inominável — uma espécie de medo. Imaginei-o em bebé, nos braços da mãe. Teria ela alguma vez imaginado que o seu bebé acabaria louco, imundo e fedorento, aninhado num passeio a murmurar obscenidades?

Pensei na minha mãe. Seria ela louca? Seria essa a razão por que o fizera? Por que me prendera no lugar do passageiro no seu *Mini* amarelo e nos atirara a toda a velocidade contra aquela parede de tijolo? Sempre gostara daquele carro, um alegre amarelo-canário. O mesmo amarelo que tenho na minha caixa de tintas. Agora odeio essa cor — sempre que a utilizo faz-me lembrar a morte.

Porque é que o terá feito? Calculo que nunca saberei. Costumava pensar que fora suicídio. Agora acho que se tratou de uma tentativa de homicídio. Porque eu também estava no carro, certo? Às vezes penso que eu era a

desejada vítima — era a mim que ela estava a tentar matar, não a ela própria. Mas isso é de loucos. Por que motivo haveria de me querer matar?

As lágrimas assomaram-me aos olhos enquanto subia a colina. Não estava a chorar pela minha mãe — ou por mim — ou mesmo pelo desgraçado do sem-abrigo. Estava a chorar por todos nós. Há tanto sofrimento por todo o lado e nós limitamo-nos a fingir que não o vemos. A verdade é que estamos todos assustados. Temos pavor uns dos outros. Eu tenho medo de mim própria — e da minha mãe em mim. A loucura dela estar-me-á no sangue? Será? Irei eu...?

Não. Para. Para...

Não vou escrever sobre isso. Não vou.

20 DE JULHO

Ontem à noite eu e o Gabriel fomos jantar fora. É algo que fazemos todas as sextas-feiras. Ele chama-lhes as nossas «noites a dois», com uma pronúncia americana parva.

O Gabriel minimiza sempre os seus sentimentos e faz troça de tudo o que considera «piegas». Gosta de pensar que é cínico e nada sentimentalista. Mas a verdade é que é um homem profundamente romântico — pelo menos de coração. As ações valem mais do que as palavras, não é verdade? E as ações do Gabriel fazem-me sentir profundamente amada.

- Onde é que queres ir? perguntei-lhe.
- Tens três tentativas para adivinhar.
- Ao Augusto's?
- Adivinhaste logo à primeira.

O Augusto's é o restaurante italiano no nosso bairro, mesmo ao fundo da rua. Não é nada de especial, mas é a nossa segunda casa, onde temos passado muitos serões felizes. Fomos por volta das oito horas. O ar condicionado não estava a funcionar, pelo que nos sentámos junto à janela aberta, no ar húmido, quente e calmo, e bebemos vinho branco seco gelado. Perto do final da noite já me sentia um pouco embriagada e fartámo-nos de rir, por tudo e por nada. Beijámo-nos na rua, à porta do restaurante, e fizemos sexo assim que chegámos a casa.

Felizmente, o Gabriel passou a aceitar a ventoinha portátil, pelo menos quando estamos na cama. Posicionei-a diante de nós e ficamos deitados a sentir a brisa fresca, nos braços um do outro. Afagou-me o cabelo e beijou-me. «Amo-te», sussurrou-me. Eu não lhe respondi; não havia necessidade. Ele sabe o que sinto.

Mas dei cabo do momento, de uma maneira parva e desajeitada — perguntando-lhe se poderia posar para mim.

- Quero pintar-te disse-lhe.
- Outra vez? Mas já me pintaste.
- Isso foi há quatro anos. Quero pintar-te outra vez.
- Hum-hum. Ele não parecia nada entusiasmado. O que é que tens em mente?

Hesitei — e depois disse-lhe que era o quadro sobre Jesus. O Gabriel sentou-se na cama e deu uma espécie de gargalhada sufocada.

- Com franqueza, Alicia.
- O que é que foi?
- Não estou muito convencido, querida. Não me parece.
- Porquê?
- O que é que achas? Pintar-me na cruz? O que é que as pessoas irão dizer?
 - Desde quando é que te preocupas com o que as pessoas dizem?
- E não me preocupo, pelo menos em relação à maior parte das coisas, mas... Quer dizer, podem achar que é assim que me vês.

Dei uma risada.

- Não acho que sejas o filho de Deus, se é a isso que te referes. É apenas uma imagem; algo que aconteceu organicamente enquanto estava a pintar. Não pensei nisso de forma consciente.
 - Bem, então é melhor pensares.
 - Porquê? Não é um comentário a ti ou ao nosso casamento.
 - Então o que é?
 - Como é que eu hei de saber?
 - O Gabriel riu-se da minha resposta e revirou os olhos.
- Está bem. Que se lixe. Se tu queres. Podemos tentar. Acho que sabes o que estás a fazer.

Não soa muito a aprovação. Mas sei que o Gabriel acredita em mim e no meu talento — se não fosse ele jamais seria pintora. Se ele não me tivesse instigado, e encorajado e chateado, jamais teria continuado durante aqueles primeiros anos meio obscuros logo a seguir à faculdade, quando andava a pintar paredes com o Jean-Felix. Antes de conhecer o Gabriel perdi o meu rumo, por alguma razão — perdi-me. Não sinto falta desses foliões drogados que se passaram por meus amigos quando eu estava na casa dos vinte. Só os via à noite — desapareciam de madrugada, como vampiros fugindo da luz. Quando conheci o Gabriel eles desapareceram por completo e nem sequer dei por nada. Já não precisava deles; não precisava de ninguém, agora que o tinha a ele. Ele salvou-me — como Jesus. Talvez o quadro seja sobre isso. O Gabriel é o meu mundo — e tem-no sido desde o

dia em que nos conhecemos. Amá-lo-ei faça o que fizer, ou aconteça o que acontecer — por muito que ele me magoe — por muito desarrumado ou desordenado que seja — por muito desatencioso ou egoísta. Aceitá-lo-ei tal como é.

Até que a morte nos separe.

21 DE JULHO

Hoje o Gabriel apareceu e posou para mim no estúdio.

- Não vou fazer isto durante dias a fio outra vez avisou-me. De quanto tempo vais precisar?
 - Será necessária mais do que uma sessão para ficar como deve ser.
- Isto é algum truque para passarmos mais tempo juntos? Se for o caso, podemos saltar estes preliminares e ir já para a cama?

Dei uma gargalhada.

- Talvez mais tarde. Se te portares bem e não te mexeres muito. Posicionei-o diante da ventoinha. O cabelo dele esvoaçou na brisa.
 - Que cara deverei fazer? Fez uma pose.
 - Assim não. Sê tu próprio.
 - Não queres que faça uma expressão sofrida?
- Não sei se Jesus estaria em sofrimento. Não o vejo dessa maneira.
 Não faças caretas; fica parado. Não te mexas.
 - Tu é que mandas.

Ele posou durante cerca de vinte minutos. Depois abandonou a pose, dizendo que estava cansado.

- Senta-te, então. Mas não fales. Estou a trabalhar na cara.
- O Gabriel sentou-se numa cadeira e ficou em silêncio enquanto eu trabalhava. Gostei de pintar o rosto dele. É um bom rosto. O maxilar forte, as maçãs do rosto bem delineadas, o nariz elegante. Ali sentado, com a luz do holofote em cima dele, parecia uma estátua grega. Uma espécie de herói.

Mas algo estava errado. Não sei o quê — talvez eu estivesse a forçar demasiado a coisa. Não conseguia acertar no formato dos olhos dele, nem na cor. A primeira coisa em que reparei no Gabriel foi o brilho nos olhos dele — parecia ter um diamante minúsculo em cada íris. Mas agora, por alguma razão não o conseguia captar. Talvez não seja talentosa o suficiente — ou talvez o Gabriel tenha algo que não pode ser captado com o pincel. Os olhos estavam mortiços, sem vida. Eu começava a ficar irritada.

- Merda disse. Não está a correr bem.
- Está na altura de fazermos uma pausa?

- Sim. Está na altura de fazermos uma pausa.
- Vamos fazer sexo?

Isso fez-me rir.

- Está bem.
- O Gabriel levantou-se de um salto, agarrou-me e beijou-me. Fizemos amor no estúdio, ali mesmo no chão.

De vez em quando olhava de relance para os olhos sem vida do Gabriel no retrato. Olhavam-me fixamente, penetrantes. Tive de desviar o olhar.

Mas continuava a senti-los.

Fui à procura do Diomedes para lhe fazer o relatório do meu encontro com a Alicia. Ele estava no gabinete dele, examinando pilhas de pautas de música.

- E então ele não ergueu o olhar —, como é que correu?
- Na verdade não correu.
- O Diomedes olhou-me com uma expressão de interrogação.

Hesitei.

- Se quero chegar a algum lado com ela, preciso que a Alicia seja capaz de pensar e sentir.
 - Sem dúvida. E a sua preocupação é...?
- É impossível falar com alguém medicado daquela maneira. É como se ela estivesse a dois metros de profundidade.
 - O Diomedes franziu o sobrolho.
- Não iria tão longe. Não estou ao corrente da dose exata que ela está a...
- Eu confirmei com o Yuri. Dezasseis miligramas de risperidona. Uma dose cavalar.
 - O Diomedes ergueu uma sobrancelha.
- Isso é muito elevado, sim. Provavelmente poderá ser reduzida. O Christian é o chefe da equipa médica da Alicia. Deveria discutir esse assunto com ele.
 - Penso que terá uma melhor aceitação vindo de si.
- Hum. O Diomedes lançou-me um olhar hesitante. Você e o Christian já se conheciam, não é verdade? De Broadmoor?
 - Muito superficialmente.
- O Diomedes não respondeu de imediato. Estendeu a mão para um pequeno pires cheio de amêndoas com açúcar que havia em cima da secretária e ofereceu-me uma.

Abanei a cabeça.

Enfiou uma amêndoa na boca e mastigou-a, ao mesmo tempo que me observava.

- Diga-me uma coisa: está tudo bem entre si e o Christian?
- Isso é uma pergunta estranha. Porque é que quer saber?
- Porque estou a detetar uma certa hostilidade.
- Não da minha parte.
- Da parte dele?
- Terá de lho perguntar. Não tenho qualquer problema com o Christian.

- Hum. Se calhar sou eu que estou a imaginar coisas. Mas pressinto algo... Fique atento. Qualquer tipo de agressividade ou competitividade interfere com o trabalho. Vocês dois têm de trabalhar em conjunto e não um contra o outro.
 - Estou ciente disso.
- Bem, o Christian terá de ser incluído nesta discussão. Quer que a Alicia sinta, certo. Mas lembre-se, mais sensibilidade significa mais perigo.
 - Perigo para quem?
 - Para a Alicia, claro. O Diomedes agitou o dedo na minha direção.
- Não se esqueça de que tinha tendências suicidas quando a trouxemos para cá. Fez inúmeras tentativas para pôr cobro à vida. E a medicação mantém-na estável. Mantém-na viva. Se baixarmos a dose, existe a probabilidade de se sentir avassalada com os seus sentimentos e não ser capaz de lidar com eles. Está preparado para correr esse risco?

Encarei com seriedade o que o Diomedes estava a dizer-me. Mas acenei com a cabeça.

- Acredito que se trata de um risco que precisamos de correr, professor. Caso contrário, jamais conseguiremos comunicar com ela.
 - O Diomedes encolheu os ombros.
 - Nesse caso, darei uma palavrinha ao Christian por si.
 - Obrigado.
- Veremos como é que ele reage. Os psiquiatras não costumam reagir bem quando lhes dizem como medicar os pacientes deles. É claro que posso passar por cima dele, mas não costumo fazer isso; deixe-me abordálo subtilmente. Depois digo-lhe qual foi a resposta.
- Talvez seja melhor não mencionar a minha pessoa quando falar com ele.
- Estou a ver. O Diomedes esboçou um sorriso estranho. Assim sendo, não o farei.

Foi buscar uma pequena caixa à secretária, fazendo deslizar a tampa e revelando uma fila de charutos. Ofereceu-me um. Abanei a cabeça.

- Não fuma? Ele parecia surpreendido. Tem cara de fumador.
- Não, não. Só um cigarro ou outro; de vez em quando... Estou a tentar deixar de fumar.
- Ótimo, que bom para si. Ele abriu a janela. Conhece aquela piada que diz que é impossível um terapeuta ser fumador? É sinal de que ainda se está todo lixado da cabeça. Deu uma gargalhada e enfiou um dos charutos na boca. Acho que somos todos um pouco loucos aqui. Conhece aquele letreiro que antigamente havia em quase todos os escritórios? «Não é preciso ser louco para trabalhar aqui, mas ajuda»?

O Diomedes tornou a rir-se. Acendeu o charuto e deu uma baforada, soprando o fumo para a rua. Observei-o, cheio de inveja.

Depois do almoço deambulei pelos corredores, à procura de uma saída. Tencionava esgueirar-me para a rua para fumar um cigarro, mas fui descoberto pela Indira junto à saída de emergência. Ela pensava que eu estava perdido.

- Não se preocupe, Theo disse-me, pegando-me no braço. Demorei meses até me conseguir orientar aqui dentro. Parece um labirinto sem saída. De vez em quando ainda me perco, e estou cá há dez anos. Deu uma risada. Antes que eu pudesse objetar, já ela estava a conduzir-me em direção ao piso de cima, para tomarmos um chá no «aquário».
- Vou ligar a chaleira. Que tempo pavoroso este, não acha? Quem me dera que nevasse de uma vez por todas... A neve é um símbolo imaginativo muito poderoso, não é? Limpa tudo. Já reparou como os pacientes estão sempre a falar nela? Preste atenção. É muito interessante.

Para minha surpresa, ela enfiou a mão na mala e retirou uma enorme fatia de bolo embrulhada em celofane. Em seguida, pô-lo na minha mão.

- Aqui tem. Bolo de noz. Fi-lo ontem à noite. Para si.
- Oh, obrigado, eu...
- Sei que é pouco ortodoxo, mas obtenho sempre melhores resultados dos meus pacientes mais difíceis quando lhes dou uma fatia de bolo durante a sessão.

Ri-me.

- Acredito. E eu sou um paciente difícil?

A Indira deu uma risada.

— Não, apesar de também resultar com funcionários difíceis; que também não é o seu caso, já agora. Um pouco de açúcar faz maravilhas pela boa disposição. Costumava fazer bolos para a cantina, mas depois a Stephanie fez um grande alarido, com aqueles disparates todos sobre a segurança alimentar e os alimentos confecionados fora das instalações. Quase parecia que eu andava a contrabandear limas. Mas de vez em quando faço uns bolinhos às escondidas. É o meu ato de rebeldia contra o estado ditador. Prove-o.

Não se tratava de uma sugestão, mas de uma ordem. Dei uma dentada. Era saboroso. Macio, com nozes, doce. Fiquei com a boca cheia, pelo que a cobri com a mão quando falei.

— Acho que isto vai deixar os seus pacientes muito bem-humorados.

A Indira riu-se e pareceu ficar satisfeita. Percebi por que motivo simpatizava com ela; irradiava uma espécie de calma maternal. Fazia-me

lembrar a minha antiga terapeuta, a Ruth. Era difícil imaginá-la ansiosa ou irritada.

Olhei em redor da sala enquanto ela preparava o chá. A sala dos enfermeiros é sempre o principal centro de atividade de um hospital psiquiátrico, o seu coração: o pessoal entra e sai, e é a partir dali que o dia a dia nas unidades é gerido; pelo menos no que diz respeito a todas as decisões práticas. «Aquário» era o nome dado pelos enfermeiros, uma vez que as paredes eram feitas de vidro reforçado — o que significava que o pessoal podia vigiar os pacientes na sala de convívio, pelo menos teoricamente. Na prática, os pacientes deambulavam agitadamente do outro lado do vidro, espreitando o interior da sala, observando-nos, pelo que nós é que estávamos sob vigilância constante. Esse pequeno espaço não tinha cadeiras suficientes e as que existiam por norma encontravam-se ocupadas por enfermeiros a tomarem notas. Como tal, ficávamos no meio da sala ou encostados desajeitadamente a uma secretária, o que conferia um ar sobrelotado ao espaço, independentemente do número de pessoas presentes.

- Aqui tem, meu querido. A Indira estendeu-me uma chávena de chá.
- Obrigado.

O Christian entrou calmamente e acenou-me com a cabeça. Cheirava imenso às pastilhas elásticas de mentol que estava sempre a mascar. Lembrava-me de que ele fumava imenso quando trabalhávamos juntos em Broadmoor; era uma das poucas coisas que tínhamos em comum. Desde então o Christian deixara de fumar, casara-se e tivera uma filha. Interroguei-me sobre que tipo de pai seria ele. Não me parecia uma pessoa particularmente carinhosa.

Ele sorriu-me com frieza.

- Tem piada voltar a encontrar-te desta maneira, Theo.
- O mundo é pequeno.
- Em termos de saúde mental, é... sim. O Christian proferiu essas palavras como se insinuasse que frequentava outros meios ainda mais amplos. Tentei imaginar que meios seriam esses. Somente conseguia imaginá-lo no ginásio ou numa aglomeração de jogadores no campo de râguebi.
- O Christian fitou-me durante uns segundos. Já me esquecera do seu hábito de pausar, muitas vezes demoradamente, obrigando o interlocutor a esperar enquanto ele pensava na resposta. Irritava-me agora tanto quanto me tinha irritado em Broadmoor.
 - Vieste juntar-te à equipa num momento infeliz acabou ele por dizer.
- A espada de Dâmocles paira sobre a Grove.
 - Achas que está assim tão mau?

- É só uma questão de tempo. A Fundação vai acabar por nos fechar a porta, mais tarde ou mais cedo. Como tal, a pergunta que se impõe é: o que é que estás aqui a fazer?
 - Como assim?
- As ratazanas abandonam um navio que se afunda. Não sobem a bordo.

Fui apanhado de surpresa pela agressividade não dissimulada do Christian. Decidi não morder o isco. Encolhi os ombros.

— Talvez. Mas eu não sou uma ratazana.

Antes de o Christian poder responder, uma forte pancada fez-nos dar um salto. A Elif estava do outro lado do vidro, batendo nele com os punhos. Tinha o rosto encostado ao vidro, o que lhe esmagava o nariz, deformava as feições e lhe conferia um aspeto quase monstruoso.

- Não tomo mais esta merda. Detesto isto; esta merda destes comprimidos, pá...
 - O Christian abriu uma pequena janela no vidro e falou através dela.
 - Este não é o momento para discutirmos isso, Elif.
 - Já disse, não tomo mais isto, faz-me sentir mal com'a merda...
- Não vou ter esta conversa agora. Marca uma consulta comigo. Para trás, por favor.

A Elif fitou-o com o sobrolho carregado, refletindo por instantes. Então deu meia-volta e afastou-se pesadamente, deixando um ténue círculo de condensação no sítio onde o nariz dela estivera encostado ao vidro.

- Que personagem disse eu.
- O Christian resmungou.
- Muito complicada.

A Indira acenou com a cabeça.

- Pobre Elif.
- Ela está aqui porquê?
- Duplo homicídio respondeu-me o Christian. Matou a mãe e a irmã. Sufocou-as enquanto dormiam.

Espreitei pelo vidro. A Elif fora juntar-se aos outros pacientes. Era a mais alta de todos. Um deles pôs-lhe dinheiro na mão, que ela depois guardou.

Foi então que reparei na Alicia ao fundo da divisão, sentada sozinha junto à janela, contemplando a rua. Observei-a durante algum tempo.

- O Christian seguiu o meu olhar e disse:
- A propósito, estive a falar com o professor Diomedes sobre a Alicia. Gostava de ver como é que ela reage com uma dose mais baixa de risperidona. Baixei para os cinco miligramas.
 - Certo.

- Pensei que talvez te interessasse; ouvi dizer que tiveste uma sessão com ela.
 - Sim.
- Vamos ter de a monitorizar de perto para ver como reage à mudança. E, já agora, a próxima vez que tiveres um problema com a maneira como medico os meus pacientes, fala diretamente comigo. Não vás ter com o Diomedes nas minhas costas. — O Christian lançou-me um olhar furioso.

Sorri-lhe.

— Não fiz nada nas costas de ninguém. Não tenho qualquer problema em falar diretamente contigo, Christian.

Seguiu-se uma pausa desconfortável. O Christian acenou com a cabeça para si próprio, como se tivesse tomado uma decisão em relação a algo.

- Tens noção de que a Alicia sofre de uma perturbação *borderline*, não tens? Não vai reagir à terapia. Estás a perder o teu tempo.
 - Como é que sabes que ela é borderline se não conseque falar?
 - Ela não quer falar.
 - Achas que está a fingir?
 - Sim, se queres que te diga, acho.
 - Se está a fingir, como é que pode ser borderline?
 - O Christian pareceu ficar irritado.

A Indira interrompeu antes de ele ter tempo de me responder.

- Com todo o respeito, não me parece que termos generalistas como borderline sejam particularmente úteis. Não nos dizem nada de relevante.
 Ela olhou de relance para o Christian.
 Este é um tema no qual eu e o Christian discordamos frequentemente.
 - E qual é a sua opinião em relação à Alicia? perguntei-lhe.

A Indira ponderou uns instantes.

- Dou por mim a sentir-me muito maternal em relação a ela. Tem que ver com a minha contratransferência, é isso que ela provoca em mim. Sinto que precisa de alguém que cuide dela. A Indira sorriu para mim. E agora já tem. Tem-no a si.
 - O Christian deu a sua risada irritante.
- Perdoem-me a ignorância, mas como é que a Alicia vai beneficiar da terapia se não fala?
- A terapia não tem apenas que ver com o ato de falar retorquiu a Indira. — Trata-se também de proporcionar um lugar seguro; um ambiente acolhedor. A maior parte da comunicação é não-verbal, como decerto saberás.
 - O Christian revirou os olhos na minha direção.
 - Boa sorte, pá. Vais precisar.

— Olá, Alicia — disse eu.

Tinham decorrido poucos dias desde que a medicação dela fora reduzida, mas as diferenças na Alicia eram já evidentes. Parecia mais fluida nos seus movimentos. Os olhos estavam mais límpidos. O olhar embaciado desaparecera. Parecia uma pessoa diferente.

Parou à porta, com o Yuri, e hesitou. Fitou-me, como se me visse claramente pela primeira vez, interiorizando-me, avaliando-me. Interroguei-me sobre qual seria a conclusão dela. Pelos vistos concluíra que era seguro avançar, pois entrou. Sem que lho pedissem, sentou-se.

Fiz sinal com a cabeça para que o Yuri se retirasse. Ele pensou por uns instantes e depois fechou a porta atrás dele.

Sentei-me em frente à Alicia. Seguiu-se um momento de silêncio. Apenas se ouvia o som agitado da chuva lá fora, gotas de chuva tamborilando no vidro da janela. Por fim, falei:

— Como é que se sente?

Não obtive resposta. A Alicia fitou-me. Os olhos dela pareciam lâmpadas, sem pestanejar.

Abri a boca e tornei a fechá-la. Estava decidido a resistir à vontade de preencher o vazio com palavras. Em vez disso, ao permanecer sentado em silêncio, esperava comunicar outra coisa, algo não-verbal; que podíamos ficar assim, que eu não lhe iria fazer mal, que ela poderia confiar em mim. Para conseguir que a Alicia falasse, teria de conquistar a sua confiança. E isso demoraria o seu tempo — nada se conseguia de um dia para o outro. Avançaria lentamente, qual glaciar, mas avançaria.

Ali sentados em silêncio, a minha cabeça começou a pulsar na zona das têmporas. O princípio de uma dor de cabeça. Um sintoma revelador. Pensei na Ruth, que costumava dizer-me: «Para sermos bons terapeutas, temos de estar recetivos aos sentimentos dos nossos pacientes; mas não nos podemos agarrar a eles, não são nossos, não nos pertencem.» Por outras palavras, aquele martelar na minha cabeça não era uma dor minha; pertencia à Alicia. E aquela súbita vaga de tristeza — aquele desejo de morrer, morrer, morrer — também não me pertencia. Era dela, somente dela. Continuei sentado, sentindo-o por ela, a cabeça a latejar, o estômago às voltas, durante o que me pareceram ser várias horas. Por fim, os quinze minutos terminaram.

Olhei para o meu relógio de pulso.

— Temos de acabar.

A Alicia baixou a cabeça e olhou fixamente para o colo. Hesitei. Perdi o controlo da minha reserva. Baixei a voz e falei do coração:

— Quero ajudá-la, Alicia. Preciso que acredite nisso. A verdade é que quero ajudá-la a ver as coisas com clareza.

Dito isso, a Alicia ergueu o olhar. Fitou-me — e o seu olhar trespassou-me.

Não me pode ajudar, pareciam gritar os olhos dela. Olhe bem para si, mal consegue ajudar-se a si próprio. Finge saber tanto e ser tão inteligente, mas quem deveria estar sentado no meu lugar era você. Anormal. Fraude. Mentiroso. Mentiroso...

Enquanto ela me fitava, percebi o que me incomodara durante toda a sessão. É difícil explicá-lo por palavras, mas um psicoterapeuta tem a capacidade de reconhecer rapidamente a angústia mental, com base no comportamento físico, no discurso e num brilho no olhar — algo assombrado, receoso, louco. E fora isso que me incomodara: não obstante os anos de medicação, não obstante tudo o que ela fizera, e aguentara, os olhos azuis da Alicia continuavam tão transparentes e limpos como um dia de verão. Ela não era louca. Então o que era? O que era aquela expressão no olhar dela? Qual era a palavra certa? Era...

Antes de eu poder concluir o meu pensamento, a Alicia levantou-se de um salto da cadeira. Lançou-se a mim, as mãos abertas como garras. Não tive tempo para me mexer ou desviar. Ela caiu em cima de mim, desequilibrando-me. Estatelámo-nos no chão.

A parte de trás da minha cabeça embateu na parede com uma pancada surda. Ela bateu com a minha cabeça na parede, uma e outra vez, e começou a arranhar, a bater, a esgatanhar — foi necessário empregar toda a minha força para a afastar.

Arrastei-me no chão e alcancei a mesa. Procurei o alarme de ataque às apalpadelas. No momento em que os meus dedos o agarraram, a Alicia saltou em cima de mim e afastou-me o alarme da mão.

— Alicia…

Os dedos dela apertaram-me o pescoço com força, estrangulando, sufocando — tentei alcançar o alarme, mas em vão. As mãos dela fizeram mais força — eu não conseguia respirar. Fiz nova tentativa — e dessa vez consegui agarrar o alarme. Premi-o.

Um uivo invadiu-me de imediato os ouvidos, ensurdecendo-me. Ouvi o som distante de uma porta a abrir-se e do Yuri a pedir reforços. A Alicia foi arrancada de cima de mim, largando o meu pescoço — e eu arquejei, tentando respirar.

Foram precisos quatro enfermeiros para segurar a Alicia. Ela contorciase, pontapeava e debatia-se, qual criatura possuída. Não parecia humana, era mais um animal selvagem; algo monstruoso. O Christian apareceu e administrou-lhe um sedativo. Ela perdeu os sentidos.

Por fim, fez-se silêncio.

- Isto vai arder um pouco.
- O Yuri estava a tratar os meus aranhões ensanguentados no aquário. Abriu o frasco de antissético e aplicou um pouco numa mecha. O odor medicinal fez-me lembrar a enfermaria da escola, recordações de cicatrizes de brigas no recreio, joelhos esfolados e cotovelos arranhados. Recordei a sensação agradável e acolhedora de ser levado pela enfermeira da escola, de ela me fazer um curativo e me recompensar pela minha coragem com uma guloseima. Então o ardor do antissético em contacto com a minha pele trouxe-me de volta ao momento presente, onde os ferimentos que apresentava não seriam tão facilmente remediados. Estremeci.
- A minha cabeça está de tal maneira que parece que ela me acertou com a porra de um martelo.
- Tem um hematoma muito feio. Amanhã terá um valente galo. É melhor ficarmos de olho nisso. O Yuri abanou a cabeça. Não o deveria ter deixado sozinho com ela.
 - Eu não lhe dei alternativa.

Ele resmungou.

- Lá isso é verdade.
- Obrigado por não dizer «eu bem o avisei». Fica registado.
- O Yuri encolheu os ombros.
- Não é preciso, amigo. O professor di-lo-á por mim. Pede que o Theo vá ao gabinete dele.
 - Ah...
 - Antes você que eu, a julgar pela cara dele.

Comecei a levantar-me.

- O Yuri observou-me com atenção.
- Nada de movimentos bruscos. Vá com calma. Certifique-se de que se sente em condições. Qualquer tontura ou dor de cabeça, avise-me.
 - Eu estou bem. A sério.

Não era inteiramente verdade, mas não me sentia tão mal como parecia. Arranhões ensanguentados e nódoas negras à volta do pescoço, no sítio onde ela tentara estrangular-me — cravara os dedos com tanta força que fizera sangue.

Bati à porta do gabinete do professor. Os olhos do Diomedes arregalaram-se assim que me viu. Deu um estalido com a língua.

- Está aí uma coisa bonita... Teve de levar pontos?
- Não, não, claro que não. Eu estou bem.

- O Diomedes olhou-me com uma expressão de incredulidade e mandoume entrar.
 - Entre, Theo. Sente-se.

Os outros já lá estavam. O Christian e a Stephanie estavam de pé. A Indira encontrava-se sentada junto à janela. Parecia uma reunião formal e interroguei-me se estaria prestes a ser despedido.

- O Diomedes sentou-se à secretária dele. Fez-me sinal para que me sentasse na única cadeira vazia que restava. Fitou-me em silêncio durante uns instantes, tamborilando os dedos, pensando no que dizer, ou em como dizê-lo. Mas antes de ele poder tomar uma decisão, a Stephanie antecipouse-lhe.
- Isto foi um incidente infeliz. Extremamente infeliz. Virou-se para mim. É óbvio que estamos todos aliviados por o Theo estar bem. Mas isso não altera o facto de que a situação levanta todo o tipo de questões. E a primeira é: porque é que estava sozinho com a Alicia?
- A culpa foi minha. Pedi ao Yuri que se retirasse. Assumo toda a responsabilidade.
- E quem é que o autorizou a tomar essa decisão? Se um de vocês tivesse ficado gravemente ferido...
 - O Diomedes interrompeu-a.
- Por favor, nada de dramas. Felizmente ninguém se magoou. Fez um sinal depreciativo na minha direção. Meia dúzia de arranhões não é propriamente motivo para um conselho de guerra.

A Stephanie esboçou uma careta.

- Não me parece que seja o momento para brincadeiras, professor.
 Muito sinceramente.
- Mas quem é que está a brincar? O Diomedes virou-se para mim. Estou a falar muito a sério. Explique-nos lá, Theo: o que é que aconteceu?

Senti todos os olhos postos em mim; dirigi-me ao Diomedes. Escolhi as minhas palavras com cuidado.

- Bem, ela atacou-me. Foi isso que aconteceu.
- Isso é por de mais evidente. Mas porquê? Imagino que não tenha havido nenhuma provocação?
 - Não. Pelo menos não de forma consciente.
 - E inconscientemente?
- Bem, é óbvio que a Alicia estava a reagir a um estímulo meu. Estou convencido de que só mostra o quanto ela guer comunicar.
 - O Christian deu uma gargalhada.
 - Chamas a isso comunicação?
- Chamo, sim. A fúria é uma comunicação poderosa. Os outros pacientes, os *zombies* que passam o dia sentados, parados, esvaziados,

esses já desistiram. A Alicia não. A agressão dela diz-nos algo que ela não consegue articular diretamente; em relação à dor que sente, ao seu desespero, à sua angústia. Ela estava a dizer-me para não desistir dela. Por enquanto.

- O Christian revirou os olhos.
- Uma interpretação menos poética seria que não estava medicada e, como tal, estava completamente tresloucada. Ele virou-se para o Diomedes. Eu disse-lhe que isto iria acontecer, professor. Avisei-o contra a redução da dose.
 - A sério, Christian? disse eu. Pensava que tinha sido ideia tua.
- O Christian desvalorizou-me com um revirar de olhos. Era um psiquiatra de corpo e alma, pensei. Com isso quero dizer que os psiquiatras tendem a desconfiar do pensamento psicodinâmico. Preferem uma abordagem mais biológica, química e, acima de tudo, prática como o copo cheio de comprimidos que a Alicia recebia a todas as refeições. O olhar semicerrado e de poucos amigos do Christian dizia-me que não havia nada com que eu pudesse contribuir.
 - O Diomedes, contudo, olhava-me com uma expressão mais pensativa.
- O que aconteceu não o fez pensar duas vezes, Theo?

Abanei a cabeça.

- Antes pelo contrário, sinto-me encorajado.
- O Diomedes acenou com a cabeça, parecendo satisfeito.
- Ótimo. Concordo consigo, uma reação tão intensa vale a pena ser investigada. Acho que deve continuar.

Dito isso, a Stephanie não se conteve mais.

- Isso está completamente fora de questão.
- O Diomedes continuou a falar como se ela não tivesse dito nada. E não tirou os olhos de mim.
 - Acha que consegue fazê-la falar?

Antes de eu poder responder, uma voz atrás de mim disse: — Eu acredito que ele consegue, sim.

Tratava-se da Indira. Quase me esquecera da presença dela. Virei-me para trás.

— E, de certa maneira — continuou a Indira —, a Alicia já começou a falar. Está a comunicar através do Theo; ele é o defensor dela. Já está a acontecer.

O Diomedes disse que sim com a cabeça. Por momentos pareceu ficar algo pensativo. Eu sabia o que ele estava a pensar — a Alicia Berenson era uma paciente famosa e uma poderosa ferramenta de negociações para com a Fundação. Se conseguíssemos demonstrar algum progresso com ela, teríamos muito mais hipóteses de impedir que encerrassem a Grove.

- Quanto tempo até vermos resultados? indagou o Diomedes.
- Não tenho como responder a isso retorqui. Sabe-o tão bem como eu. Demora o tempo que demorar. Seis meses. Um ano. Provavelmente mais; podem ser anos, até.
 - Tem seis semanas.

A Stephanie pôs-se de pé e cruzou os braços sobre o peito.

- Sou a gerente deste hospital e simplesmente não posso permitir que...
- E eu sou o diretor clínico da Grove. A decisão é minha e não sua. Assumo toda a responsabilidade por quaisquer danos causados aqui ao nosso desgraçado terapeuta disse o Diomedes, piscando-me o olho.

A Stephanie não disse mais nada. Lançou um olhar furioso ao Diomedes e depois a mim. Em seguida, deu meia-volta e retirou-se.

— Oh, caramba — disse o Diomedes. — Parece-me que fez uma inimiga. Que chatice. — Sorriu para a Indira e depois olhou para mim com uma expressão séria. — Seis semanas. Mas sob a minha supervisão. Entendido?

Concordei; não tinha outro remédio.

- Seis semanas.
- Ótimo.
- O Christian levantou-se, visivelmente irritado.
- A Alicia não irá falar em seis semanas nem em sessenta anos. Estás a perder o teu tempo.

Ele retirou-se. Interroguei-me por que motivo o Christian teria tanta certeza de que eu iria fracassar.

Mas isso deu-me ainda mais determinação para ser bem-sucedido.

Cheguei a casa completamente exausto. A força do hábito fez-me acender a luz do corredor, apesar de a lâmpada estar fundida. Estávamos sempre a esquecer-nos de a substituir.

Percebi de imediato que a Kathy não se encontrava em casa. Havia demasiado silêncio; ela era incapaz de estar em silêncio. Não era ruidosa, mas o mundo dela era cheio de som — falar ao telefone, recitar textos, ver filmes, cantar, cantarolar, ouvir bandas que eu desconhecia por completo. Mas agora o apartamento estava silencioso como um túmulo. Chamei por ela. Mais uma vez, por uma questão de força de hábito — ou talvez de consciência pesada, querendo certificar-me de que estaria sozinho antes de cometer uma transgressão?

— Kathy?

Não obtive resposta.

Avancei às apalpadelas na escuridão, em direção à sala de estar. Acendi a luz.

A divisão saltou-me à vista, dessa maneira que o mobiliário novo costuma fazer enquanto não nos acostumamos a ele: cadeiras novas, almofadas novas; cores novas, vermelhos e amarelos, onde antes havia preto e branco. Havia uma jarra com lírios cor-de-rosa — as flores favoritas da Kathy — em cima da mesa; o seu odor forte e almiscarado tornava o ar denso e difícil de respirar.

Que horas seriam? Oito e meia. Onde estaria ela? No ensaio? Fazia parte do elenco de uma nova produção de *Otelo* pela Royal Shakespeare Company e a coisa não estava a correr particularmente bem. Os ensaios intermináveis tinham começado a fazer mossa. Andava visivelmente cansada, pálida, mais magra do que o normal, e com uma constipação. «Agora ando sempre doente, porra», dissera ela. «Sinto-me exausta.»

Era verdade; ela chegava cada vez mais tarde dos ensaios, com um aspeto terrível; bocejava e enfiava-se logo na cama. Como tal, não deveria regressar a casa nas próximas duas horas. Decidi arriscar.

Fui buscar o frasco da erva ao esconderijo e comecei a enrolar um charro.

Fumava *marijuana* desde os tempos de faculdade. O meu primeiro contacto com essa substância fora durante o primeiro semestre, sozinho e sem amigos numa festa de caloiros, demasiado apavorado para iniciar uma conversa com qualquer um dos jovens confiantes e bem-parecidos à minha volta. Estava a planear a minha fuga quando a rapariga parada ao meu lado

me ofereceu algo. Pareceu-me ser um cigarro até sentir o cheiro intenso e pungente do fumo preto. Demasiado embaraçado para recusar, aceitei-o e levei o charro aos lábios. Estava toscamente enrolado e a descolar-se, meio desmanchado na extremidade. A ponta estava húmida e manchada de vermelho por causa do batom dela. O sabor era diferente de um cigarro; era mais rico, mais cru, mais exótico. Inspirei o fumo denso e tentei não tossir. A princípio, a única coisa que senti foi uma certa ligeireza nos pés. À semelhança do sexo, era óbvio que se fazia mais alarido em relação à marijuana do que era merecido. Mas depois — um ou dois minutos mais tarde — algo aconteceu. Algo incrível. Foi como se tivesse sido invadido por uma enorme onda de bem-estar. Sentime seguro, calmo, completamente à vontade, divertido e descontraído.

E pronto. Em menos de nada comecei a fumar erva todos os dias. Passou a ser a minha melhor amiga, a minha inspiração, o meu conforto. Um ritual interminável de enrolar, lamber e acender. Ficava pedrado só com o som do roçagar das mortalhas e a antecipação daquela sensação calorosa e intoxicante.

Havia uma série de teorias sobre as origens da dependência. Podia ser genético; podia ser uma questão química; podia ser psicológico. Mas a *marijuana* fazia muito mais do que apenas acalmar-me: mais importante do que isso, alterava a forma como experimentava as minhas emoções; amparava-me e mantinha-me em segurança, qual criança bem-amada.

Noutras palavras, era o meu continente.

O psicanalista W. R. Bion inventou o termo «continente» para descrever a capacidade de uma mãe gerir o sofrimento do seu bebé. Lembrem-se, a primeira infância não é um período de felicidade; é um período de terror. Porque os bebés estão presos num mundo estranho e alienígena. incapazes de verem como deve ser, constantemente surpreendidos com os próprios corpos, inquietados pela fome e gases e expulsão de fezes, dominados pelos próprios sentimentos. É como se estivéssemos literalmente sob ataque. Precisamos que a nossa mãe nos acalme e decifre a nossa experiência. Enquanto ela o faz, aprendemos lentamente a gerir os nossos estados físicos e emocionais sozinhos. Mas a capacidade de nos contermos a nós próprios depende diretamente da capacidade de continente da nossa mãe — se ela nunca tivesse sido contida pela mãe dela, como é que poderia ensinar-nos algo que ela própria desconhecia? Uma pessoa que nunca aprendeu a ser continente de si própria experimentará sentimentos de ansiedade para o resto da vida, sentimentos que Bion apelidou adequadamente de «terror sem nome». Essa pessoa procura incessantemente esse insaciável continente em fontes externas —

precisa de uma bebida ou de um charro para acalmar essa ansiedade infindável. Daí a minha dependência por *marijuana*.

Discutira imenso a questão da *marijuana* na terapia. Debatera-me com a ideia de deixar de a fumar e interrogara-me por que razão essa ideia me assustava tanto. A Ruth dissera-me que a coerção e a coação nunca produziam nada de positivo e que, em vez de me forçar a viver sem erva, seria preferível começar por reconhecer que agora era dependente da mesma, e que não queria, ou não conseguia largá-la. O que a *marijuana* fazia por mim continuava a resultar, explicara-me a Ruth — até ao dia em que ultrapassaria a sua própria utilidade, em que provavelmente abdicaria dela com facilidade.

A Ruth estivera certa. Quando conheci a Kathy e me apaixonei, a marijuana passou para segundo plano. Sentia a pedrada natural do amor, não sentia qualquer necessidade de induzir artificialmente a boa disposição. O facto de a Kathy não fumar erva ajudava. Na opinião dela, os ganzados eram pessoas com pouca força de vontade, preguiçosas e que viviam a vida em câmara lenta — espetávamos-lhes um alfinete e seis dias depois é que se queixavam. Deixei de fumar erva no dia em que a Kathy se mudou para o meu apartamento. E — tal como a Ruth previra —, assim que me senti seguro e feliz, esse hábito foi largado com naturalidade, como a lama seca que se desprende de uma bota.

Talvez não tivesse voltado a fumar erva se não tivéssemos ido a uma festa de despedida de uma amiga da Kathy, a Nicole, que iria mudar-se para Nova lorque. A Kathy fora monopolizada por todos os seus amigos atores e eu dera por mim sozinho. Um homem baixo e atarracado, envergando um par de óculos escuros rosa-choque, deu-me uma cotovelada e disse:

— Queres uma passa?

Estava prestes a recusar o charro entre os dedos dele, quando algo me deteve. Não sei bem o quê. Um capricho momentâneo? Ou um ataque subconsciente à Kathy por me ter obrigado a ir àquela festa horrorosa e depois me ter abandonado? Olhei em redor e não a vi em lado nenhum. Que se lixe, pensei. Levei o charro aos lábios e inalei.

De repente estava de volta ao início, como se não tivesse existido qualquer pausa. A minha dependência estivera pacientemente à minha espera, qual cão fiel. Não contei à Kathy o que tinha feito e afastei o incidente da minha mente. Aliás, estava à espera de uma oportunidade e, seis semanas depois, esta apresentou-se-me. A Kathy foi passar uma semana a Nova Iorque, para visitar a Nicole. Sem a influência da Kathy, sozinho e entediado, cedi à tentação. Já não tinha um vendedor fixo, por

isso fiz o que tinha feito nos meus tempos de estudante — e dirigi-me ao mercado de Camden Town.

Assim que emergi da estação do metro, senti o cheiro a *marijuana* no ar, misturado com o odor a incenso e a cebola frita proveniente das várias rulotes de comida. Dirigi-me para a ponte junto ao Camden Lock. Deixei-me ficar parado, sendo empurrado e acotovelado por um mar infindável de turistas e adolescentes de um lado para o outro na ponte.

Perscrutei a multidão. Não havia sinal dos vendedores que costumavam encher a ponte e nos chamavam quando passávamos. Avistei dois agentes da polícia, visíveis nos seus casacos amarelo-vivos e a patrulharem a multidão de gente. Depois afastaram-se da ponte, na direção da estação. Então ouvi uma voz baixa ao meu lado.

— Queres erva, meu?

Baixei o olhar e vi um homem de estatura baixa. A princípio pareceu-me tratar-se de uma criança, de tão pequeno e magro que era. Mas o rosto dele parecia um mapa de caminhos irregulares, cheio de rugas e linhas, qual rapaz envelhecido prematuramente. Faltavam-lhe os dois dentes da frente, pelo que as suas palavras eram acompanhadas por um assobio.

— Erva? — repetiu ele.

Acenei afirmativamente.

Fez-me sinal com a cabeça para que o seguisse. Esgueirou-se por entre a multidão, dobrou a esquina e desceu uma rua secundária. Entrou num *pub* antigo e eu imitei-o. Estava praticamente vazio, tratava-se de um lugar imundo e a cair aos pedaços, e tresandava a vomitado e a fumo de tabaco estagnado.

— Paga-me uma — pediu-me ele, detendo-se junto ao bar. Era pouco mais alto do que o balcão. Paguei-lhe uma imperial, de má vontade. Levou-a para uma mesa no canto. Sentei-me no lugar em frente a ele. Olhou furtivamente em redor, depois pôs a mão debaixo da mesa e estendeu-me um pequeno embrulho envolto em celofane. Dei-lhe algum dinheiro.

Fui para casa e abri o embrulho, quase à espera de ter sido enganado, mas um odor pungente familiar atingiu-me as narinas. Vi os pequenos brotos verdes raiados de dourado. O meu coração começou a bater com mais força, como se tivesse reencontrado um amigo há muito desaparecido, o que de certa maneira correspondia à verdade.

A partir desse momento, de vez em quando fumava uma ganza, sempre que ficava sozinho no apartamento durante umas horas, quando tinha a certeza de que a Kathy não regressaria tão depressa.

Nessa noite, quando cheguei a casa, cansado e frustrado, e percebi que a Kathy estava no ensaio, enrolei rapidamente um charro. Fumei-o à janela da casa de banho. Mas fumei demasiado e muito depressa — o efeito

atingiu-me com força, qual soco entre os olhos. Estava tão pedrado que até me custava andar, era como se estivesse a atravessar um mar de melaço. Levei a cabo o ritual de sanitização habitual — perfumador de ar, escovar os dentes, tomar um duche — e dirigi-me cautelosamente para a sala de estar. Deixei-me afundar no sofá.

Procurei o comando, mas não o conseguia encontrar. Então localizei-o, atrás do portátil aberto da Kathy, em cima da mesinha de café. Peguei nele, mas estava tão pedrado que atirei o portátil ao chão. Apanhei-o e pu-lo novamente em cima da mesa — e o ecrã acendeu-se. Estava aberto na conta de *e-mail* dela. Por alguma razão, eu não parava de o fitar. Estava deslumbrado — a caixa de entrada dela parecia fitar-me qual buraco aberto. Não conseguia desviar o olhar dele. Todo o tipo de coisas saltou-me à vista até perceber o que estava a ler: palavras como «sensual» e «fornicar» nos cabeçalhos dos *e-mails* — e *e-mails* repetidos de um tal de MALANDRO22.

Se ao menos tivesse ficado por aí. Se ao menos me tivesse levantado e afastado — mas não o fiz.

Cliquei no *e-mail* mais recente e abri-o:

Assunto: Re: menina das quecas

De: Katerama_1

Para: MALANDRO22

Estou no autocarro. Sinto-me tão excitada. Ainda tenho o teu cheiro em mim. Sinto-me uma autêntica galdéria!

Beijos.

Κ

Enviado do meu iPhone

Assunto: Re: re: menina das quecas

De: MALANDRO22 **Para:** Katerama 1

Tu és uma galdéria! Lol. Vemo-nos logo? A seguir ao ensaio?

Assunto: Re: re: re: meninas das quecas

De: Katerama_1

Para: MALANDRO22

Está bem. 20h30? 21h00?

Beijos.

Assunto: Re: re: re: re: meninas das quecas

De: MALANDRO22 **Para:** Katerama_1

Está bem. Vou ver a que horas me despacho. Depois mando-te mensagem.

Tirei o portátil da mesa. Sentei-me com ele no colo, olhando-o fixamente. Não sei quanto tempo fiquei assim. Dez minutos? Vinte minutos? Meia hora? Talvez mais. O tempo pareceu arrastar-se.

Tentei processar na minha mente o que acabara de ver, mas ainda estava tão pedrado que não tinha a certeza do que *vira*. Seria real? Ou seria um mal-entendido — uma piada que me estava a escapar por estar tão pedrado?

Forcei-me a ler mais um *e-mail*.

E outro.

Acabei por ler todos os *e-mails* da Kathy para o MALANDRO22. Uns eram de teor sexual, obscenos até. Outros eram mais compridos, mais confessionais, emocionais, e ela soava embriagada — talvez tivessem sido escritos no final da noite, depois de eu me ter ido deitar. Imaginei-me no quarto, a dormir, enquanto a Kathy estava ali sentada, enviando mensagens íntimas para aquele desconhecido. Um desconhecido com quem ela andava a fornicar.

O tempo apanhou-me com um sobressalto. De repente já não estava pedrado. Estava horrível e dolorosamente sóbrio.

Senti uma dor forte no estômago. Atirei o portátil para o lado. Corri para a casa de banho.

Caí de joelhos diante da sanita e vomitei.

— Isto hoje parece muito diferente da última vez — disse eu. Não obtive resposta.

A Alicia estava sentada na cadeira à minha frente, a cabeça ligeiramente virada para a janela. Estava perfeitamente imóvel, a coluna rígida e direita. Fazia lembrar uma violoncelista. Ou um soldado.

— Refiro-me à maneira como a última sessão terminou. Quando me atacou fisicamente e teve de ser dominada.

Não obtive resposta. Hesitei.

— Tenho estado a pensar se não o terá feito como uma espécie de teste? Para ver se tenho estofo para isto. Parece-me importante dizer-lhe que não me deixo intimidar com facilidade. Aguento tudo o que daí venha.

A Alicia olhou pela janela, para o céu cinzento além das grades. Esperei uns instantes.

Preciso de lhe dizer uma coisa, Alicia. Estou do seu lado. Tenho esperança de que um dia compreenderá isso. É claro que a confiança não se estabelece de um dia para o outro. A minha antiga terapeuta costumava dizer-me que a intimidade requer a experiência repetida de reagirem a nós — e isso não acontece da noite para o dia.

A Alicia fitou-me, sem pestanejar, com uma expressão impenetrável. Os minutos passaram. Aquilo mais parecia uma prova de resistência do que uma sessão de terapia.

Eu não estava a fazer qualquer progresso, ao que parecia. Talvez aquilo fosse tudo em vão. O Christian estivera certo quando dissera que as ratazanas abandonavam os barcos que estavam a afundar-se. Que raio de ideia fora a minha, subir a bordo desta embarcação naufragada, agarrar-me ao mastro e ficar à espera de me afogar?

A resposta estava sentada à minha frente. Como o próprio Diomedes dissera, a Alicia era uma sereia, atraindo-me para a minha desgraça.

Senti um desespero repentino. Apetecia-me gritar-lhe: «Diga alguma coisa. Qualquer coisa. Fale.»

Mas não o fiz. Em vez disso, contrariei a tradição terapêutica. Deixei-me de pisar ovos e fui diretamente ao assunto:

— Gostaria de falar consigo sobre o seu silêncio. Sobre o que significa... como é que o sente. E, especificamente, por que motivo deixou de falar.

A Alicia não olhou para mim. Estaria a ouvir-me sequer?

— Aqui sentado consigo, há uma imagem que me vem sempre à cabeça; a imagem de alguém a morder o punho, a conter um berro, a engolir um

grito. Lembro-me de que quando comecei a fazer terapia tinha imensa dificuldade em chorar. Tinha receio de me deixar levar por esse dilúvio, de que ele tomasse conta de mim. Talvez seja isso que a Alicia sente. Por isso é importante que leve o tempo que for necessário a sentir-se segura e a acreditar que não estará sozinha nesse dilúvio; que eu estarei aqui, consigo dentro da água.

Silêncio.

— Vejo-me como um terapeuta relacional. Sabe o que é que isso significa?

Silêncio.

— Significa que acho que o Freud estava enganado em relação a algumas coisas. Não acredito que um terapeuta possa alguma vez ser uma tábua rasa, como ele pretendia. Todos nós deixamos escapar todo o tipo de informação sobre nós próprios, involuntariamente; seja pela cor das minhas meias, seja pela forma como me sento ou falo. Só pelo facto de estar aqui sentado consigo já estou a revelar imenso sobre mim. Não obstante todos os meus esforços para ser invisível, estou a mostrar-lhe quem realmente sou.

A Alicia ergueu o olhar. Fitou-me, o queixo ligeiramente levantado; aquela expressão no olhar dela seria de desafio? Pelo menos captara a atenção dela. Mexi-me no lugar.

— A questão é: o que podemos fazer em relação a isso? Podemos ignorá-lo e negá-lo e fingir que esta terapia é unicamente sobre si. Ou podemos reconhecer que se trata de uma rua com dois sentidos e trabalhar a partir daí. Então aí sim, poderemos chegar a algum lado.

Ergui a mão no ar. Fiz sinal com a cabeça para a minha aliança de casamento.

— Esta aliança diz-lhe algo, não diz?

Os olhos da Alicia deslocaram-se muito lentamente na direção da aliança.

— Diz-lhe que sou um homem casado. Diz-lhe que tenho uma esposa. Estamos casados há quase nove anos.

Não obtive resposta, mas ela continuava a fitar a aliança.

- A Alicia esteve casada durante cerca de sete anos, não foi? Sem resposta.
- Amo muito a minha mulher. A Alicia amava o seu marido?

Os olhos da Alicia mexeram-se. Incidiram rapidamente no meu rosto. Olhámos fixamente um para o outro.

— O amor inclui todo o tipo de sentimentos, não é? Bons e maus. Eu amo a minha mulher, o nome dela é Kathy, mas às vezes fico irritado com ela. Às vezes... *odeio-a*.

A Alicia não parava de me olhar fixamente; sentia-me como um coelho encadeado por faróis, paralisado, incapaz de desviar o olhar ou de me mexer. O alarme de ataque pessoal estava em cima da mesa, ao meu alcance. Fiz um esforço para não olhar para ele.

Sabia que não deveria continuar a falar — que deveria calar-me —, mas era mais forte do que eu. Continuei compulsivamente:

— E quando digo que a odeio, não estou a dizer que todo eu a odeio. Somente uma parte de mim a odeia. É uma questão de aceitação das duas partes ao mesmo tempo. Uma parte de si amava o Gabriel. Outra parte odiava-o.

A Alicia abanou a cabeça — não. Um movimento breve, mas claro. Finalmente — uma reação. Senti um entusiasmo súbito. Deveria ter ficado por aí, mas não fiquei.

— Uma parte de si odiava-o — tornei a dizer, agora com mais firmeza.

Mais um abanar de cabeça. Os olhos dela fulminaram-me. Está a ficar irritada, pensei.

— É verdade, Alicia. Caso contrário, não o teria matado.

De repente a Alicia pôs-se de pé de um alto. Pensei que fosse atirar-se a mim. O meu corpo ficou muito tenso em antecipação. Mas, em vez disso, ela deu meia-volta e dirigiu-se com passos pesados para a porta. Então bateu na mesma com os punhos.

Ouviu-se o som de uma chave a rodar na fechadura — e o Yuri abriu a porta toda para trás. Pareceu ficar aliviado por não ver a Alicia estrangulando-me no chão. Ela passou por ele e saiu rapidamente para o corredor.

— Calma, calma, minha querida. — Olhou de relance para mim. — Está tudo bem? O que é que aconteceu?

Não lhe respondi. O Yuri lançou-me um olhar desconfiado e retirou-se. Fiquei sozinho.

Idiota, pensei para mim próprio. Seu idiota. O que é que eu estava a fazer? Pressionara-a demasiado, com demasiada insistência e cedo de mais. Fora muito pouco profissional da minha parte, para não dizer absolutamente inadequado. Era muito mais revelador do meu estado de espírito do que do dela.

Mas era esse o efeito que a Alicia tinha sobre nós. O silêncio dela funcionava como um espelho; refletia a nossa própria imagem.

E não era bonito de se ver.

Não era preciso ser-se psicoterapeuta para desconfiar de que a Kathy deixara o portátil ligado porque — pelo menos de forma subconsciente — queria que eu descobrisse a sua infidelidade.

Bem, agora já descobrira. Agora sabia.

Não falava com ela desde a outra noite, fingindo estar a dormir quando ela chegara a casa e saindo do apartamento de manhã antes de ela acordar. Estava a evitá-la — a evitar-me a mim próprio. Estava em estado de choque. Sabia que tinha de olhar bem para mim — caso contrário, arriscar-me-ia a perder-me. Acalma-te, murmurei entredentes, enquanto enrolava um charro. Fumei-o à janela e depois, devidamente pedrado, servi-me de um copo de vinho na cozinha.

O copo escorregou-me das mãos quando fui para pegar nele. Tentei apanhá-lo em plena queda, mas apenas consegui enfiar a mão num estilhaço de vidro quando este embateu na mesa, arrancando um pedaço de carne do dedo.

De repente havia sangue por toda a parte: sangue a escorrer-me pelo braço, sangue no copo partido, sangue misturado com vinho branco em cima da mesa. Vi-me aflito para arrancar uma folha de papel de cozinha do rolo e envolver o dedo para estancar o fluxo de sangue. Levantei a mão acima da cabeça, vendo o sangue escorrer-me pelo braço em pequenos fios divergentes, imitando o padrão de veias sob a minha pele.

Pensei na Kathy.

Era a Kathy que eu chamava num momento de crise — quando precisava de compreensão ou reafirmação ou de alguém que desse um beijinho para passar. Queria que ela cuidasse de mim. Pensei em telefonar-lhe, mas ao fazê-lo imaginei uma porta a fechar-se rapidamente, com toda a força, trancando-a longe da minha vista. A Kathy fora-se embora — eu perdera-a. Apetecia-me chorar, mas não podia — estava bloqueado por dentro, cheio de lama e trampa.

— Merda — disse repetidamente para mim próprio. — Merda.

Tomei consciência do tiquetaque do relógio. Parecia-me mais alto agora, por alguma razão. Tentei concentrar-me nisso e ancorar os pensamentos que rodopiavam dentro da minha cabeça: tique, tique, tique — mas o coro de vozes na minha cabeça aumentou de volume e recusava-se a ser silenciado. Era óbvio que ela acabaria sempre por ser infiel, pensei, aquilo estava destinado a acontecer, era inevitável — eu nunca fora suficientemente bom para ela, era um inútil, feio, desprezível, um nada —

era evidente que um dia se aborreceria de mim — eu não a merecia, não era merecedor de nada — e aquilo continuou, uma sucessão de pensamentos terríveis a massacrar-me.

Conhecia-a tão pouco. Aqueles *e-mails* demonstravam que estivera a viver com uma desconhecida. Agora sim, via a verdade. A Kathy não me salvara — ela não era capaz de salvar ninguém. Não era uma heroína para ser admirada — apenas uma rapariga assustada e com a cabeça toda lixada, uma mentirosa adúltera. Toda aquela mitologia do *nós* que eu construíra, os nossos sonhos e esperanças, gostos e aversões, os nossos planos para o futuro; uma vida que parecera tão segura, tão robusta, agora destroçada em segundos — qual castelo de cartas sob uma rajada de vento.

A minha mente regressou àquela sala fria na universidade, tantos anos antes — abrindo embalagens de paracetamol com os dedos desastrados e dormentes. Essa mesma dormência acometia-me agora, esse mesmo desejo de me aninhar no chão e morrer. Pensei na minha mãe. Poderia ligar-lhe? Recorrer a ela num momento de desespero e necessidade? Imaginei-a a atender o telefone, com uma voz trémula; esse tremor dependeria do estado de espírito do meu pai e do facto de ela ter estado a beber ou não. Talvez me ouvisse num gesto de solidariedade, mas a mente dela estaria noutro lugar, um olho no meu pai e outro no temperamento dele. Como é que me poderia ajudar? Como é que uma ratazana a afogarse ajudava outra em circunstâncias idênticas?

Precisava de sair dali. Não conseguia respirar ali dentro, naquele apartamento repleto de lírios fedorentos. Precisava de apanhar um pouco de ar. Precisava de respirar.

Deixei o apartamento. Enfiei as mãos nos bolsos e caminhei cabisbaixo. Palmilhei as ruas, caminhando rapidamente, sem rumo. Na minha cabeça estava constantemente a rever a nossa relação, cena atrás de cena, recordando-a, examinando-a, escrutinando-a, à procura de pistas. Vieramme à mente discussões que tinham ficado por resolver, ausências inexplicadas e atrasos frequentes. Mas também recordei pequenos gestos de bondade — recados amorosos que ela me deixava em lugares inesperados, momentos de doçura e de amor aparentemente genuíno. Como era possível? Teria estado a representar o tempo todo? Alguma vez me amara?

Recordei a centelha de dúvida que sentira quando conhecera os amigos dela. Eram todos atores; espalhafatosos, narcisistas, vaidosos, sempre a falarem sobre eles próprios e sobre pessoas que eu não conhecia. De repente fui transportado no tempo até à minha escola, sozinho nos recantos do recreio, vendo as outras crianças brincarem. Convencera-me a mim

próprio de que a Kathy não era como eles — mas era-o claramente. Se os tivesse conhecido naquela primeira noite em que a conhecera, teria ficado de pé atrás em relação a ela? Duvido. Nada poderia ter evitado a nossa união: assim que vi a Kathy o meu destino ficou traçado.

O que deveria fazer?

Confrontá-la, claro. Dizer-lhe tudo o que vira. Ela negaria tudo — então, ao ver que de nada servia, admitiria a verdade e dar-se-ia por vencida, cheia de remorsos. E suplicaria pelo meu perdão, certo?

E se não o fizesse? E se fizesse troça de mim? E se ela se risse, desse meia-volta e se fosse embora? E depois?

De entre os dois eu era quem mais tinha a perder, isso era mais do que óbvio. A Kathy sobreviveria — gostava de dizer que era rija como tudo. Levantar-se-ia do chão, sacudiria a poeira e esquecer-me-ia. Mas eu jamais a esqueceria. Como poderia fazê-lo? Sem a Kathy, regressaria à minha existência solitária e vazia de antes. Jamais voltaria a conhecer alguém como ela, jamais teria o mesmo tipo de ligação ou experimentaria a mesma intensidade de sentimentos para com outro ser humano. Ela era o amor da minha vida — ela *era* a minha vida — e não estava preparado para abdicar dela. Ainda não. Embora ela me tivesse traído, continuava a amá-la.

Talvez eu fosse realmente louco, afinal.

Um pássaro solitário chilreou por cima da minha cabeça, assustando-me. Parei e olhei em redor. Não me apercebera do quanto andara. Chocado, percebi onde os meus pés me tinham conduzido — estava muito perto da casa da Ruth.

Sem querer, recorrera de forma inconsciente à minha antiga terapeuta num momento de necessidade, como fizera tantas vezes no passado. Era uma prova do quão perturbado me sentia, tendo posto a hipótese de aparecer à porta dela e tocar à campainha para lhe pedir ajuda.

E porque não?, pensei de repente; sim, era pouco profissional e altamente inadequado, mas estava desesperado e precisava de ajuda. Quando dei por mim, estava parado diante da porta verde da Ruth, vendo a minha mão alcançar a campainha e tocá-la.

Ela demorou uns instantes para atender. Uma luz acendeu-se no átrio e depois ela abriu a porta, sem tirar a corrente de segurança.

A Ruth espreitou pela porta entreaberta. Parecia mais velha. Devia estar na casa dos oitenta agora; mais baixa, mais frágil do que eu a recordava e ligeiramente curvada para a frente. Envergava um casaco de malha cinzento por cima de uma camisa de noite rosa-pálida.

- Sim? disse ela, com nervosismo. Quem é?
- Olá, Ruth. Aproximei-me da luz.

Ela reconheceu-me e pareceu ficar surpreendida.

- Theo? Mas o que é que...? Os olhos dela desviaram-se do meu rosto para a ligadura improvisada e tosca à volta do meu dedo, que começava a ficar ensopada de sangue. Estás bem?
 - Nem por isso. Posso entrar? Preciso... preciso de falar consigo.
- A Ruth não hesitou, apenas parecia preocupada. Acenou afirmativamente.
 - Claro que sim. Entra. Tirou a corrente de segurança e abriu a porta. Entrei.

A Ruth conduziu-me à sala de estar.

— Queres um chá?

A sala estava exatamente na mesma, tal como a recordava — o tapete, os cortinados pesados, o relógio de prata a tiquetaquear na prateleira da lareira, a poltrona, o sofá azul desbotado. Sentime tranquilizado de imediato.

— Para ser sincero, apetecia-me algo mais forte.

A Ruth olhou-me com uma expressão séria, mas não fez qualquer comentário. E também não me disse que não, como eu já calculava.

Serviu-me um cálice de xerez e estendeu-mo. Sentei-me no sofá. A força do hábito fez-me sentar no sítio onde sempre me sentara durante as sessões de terapia, na extremidade esquerda, o braço pousado no braço do sofá. O tecido sob as pontas dos meus dedos estava gasto devido ao esfregar ansioso dos inúmeros pacientes, incluindo eu próprio.

Bebi um trago do xerez. Era quente, doce e um pouco enjoativo, mas bebi-o todo, consciente do olhar constante da Ruth sobre mim. O olhar sério dela era evidente, mas não era duro nem desconfortável; em vinte anos, a Ruth nunca me fizera sentir pouco à vontade. Só voltei a falar quando terminei o xerez e o cálice ficou vazio.

- É estranho estar aqui sentado de copo na mão. Sei que não tem o hábito de servir bebidas aos seus pacientes.
- Já não és meu paciente. És só um amigo; e a julgar pela tua cara acrescentou ela, num tom delicado —, estás a precisar de um amigo neste momento.
 - Pareço-lhe assim tão mal?
- Infelizmente sim. E deve ser sério, caso contrário não terias aparecido aqui sem avisar. Muito menos às dez horas da noite.
 - Tem razão. Senti... senti que não tinha outro remédio.
 - O que se passa, Theo? O que é que aconteceu?
 - Não sei como lhe dizer. Não sei por onde começar.
 - Que tal pelo princípio?

Acenei com a cabeça. Respirei fundo e comecei. Contei-lhe tudo o que acontecera; contei-lhe que recomeçara a fumar *marijuana* e que o fazia às escondidas — e que isso me levara a descobrir os *e-mails* da Kathy e o facto de ela ter um caso extraconjugal. Falei rapidamente, ofegantemente, ansioso para deitar tudo cá para fora. Parecia que estava num confessionário.

A Ruth ouviu-me até ao fim, sem me interromper. Era difícil decifrar a expressão no rosto dela. Por fim, disse: — Lamento imenso o que aconteceu, Theo. Sei o quanto a Kathy é importante para ti. O quanto a amas.

— Sim. Eu amo a... — Calei-me, sem conseguir proferir o nome dela. Havia um tremor na minha voz. A Ruth apercebeu-se e empurrou a caixa de lenços de papel na minha direção. Costumava ficar zangado quando ela fazia isso durante as nossas sessões; acusava-a de tentar fazer-me chorar. Por norma era bem-sucedida. Mas não nessa noite. Nessa noite as minhas lágrimas estavam congeladas. Um reservatório de gelo.

Era seguido pela Ruth muito antes de ter conhecido a Kathy e continuei a fazer terapia durante os primeiros três anos da nossa relação. Ainda recordava o conselho que a Ruth me dera quando eu e a Kathy começáramos a namorar: «Escolher uma namorada é como escolher um terapeuta. Temos de nos perguntar se essa pessoa irá ser sincera connosco, se será capaz de ouvir críticas construtivas, de admitir erros e de não prometer o impossível?»

Na altura contei tudo isso à Kathy e ela sugeriu-me que fizéssemos um pacto. Jurámos nunca mentir um ao outro. Nunca fingir. Sermos sempre verdadeiros.

- O que é que aconteceu? disse eu. O que é que correu mal?
 A Ruth hesitou antes de falar. O que ela disse apanhou-me de surpresa.
- Penso que saberás a resposta a isso. Se fores capaz de o admitir a ti próprio.
 - Não faço ideia. Abanei a cabeça. A sério.

Remeti-me a um silêncio indignado — contudo, de repente veio-me à mente a imagem da Kathy a escrever aqueles *e-mails*, e o quão apaixonados eles eram, quão intensos, como se estivesse a adorar escrevê-los, a adorar a natureza clandestina da sua relação com aquele homem. Estava a gostar de mentir e de andar às escondidas; era como representar, mas fora do palco.

- Acho que ela está entediada respondi, por fim.
- Porque é que dizes isso?
- Porque ela precisa de entusiasmo. De drama. Sempre precisou. Temse queixado, há algum tempo, para ser sincero, de que já não nos divertimos, que ando sempre stressado, que trabalho demasiado. Recentemente discutimos por causa disso. Ela empregou a expressão «faísca» várias vezes.
 - Faísca?
 - No sentido em que já não existe. Entre nós.

- Ah, estou a ver. A Ruth acenou com a cabeça. Já falámos sobre isto. Não foi?
 - Sobre a faísca?
- Sobre o amor. Sobre como é costume confundir-se amor com faísca; com drama e disfunção. Mas o amor real é muito sossegado, muito calmo. É entediante, em comparação com o drama. O amor é profundo e calmo; e constante. Imagino que tu dês amor à Kathy, na verdadeira aceção da palavra. Se ela é capaz ou não de o retribuir é outra conversa.

Olhei fixamente para a caixa de lenços de papel em cima da mesa diante de mim. Não me agradava nada o rumo que a Ruth estava a tomar. Tentei desviá-la.

— Há falhas de ambos os lados. Eu também lhe menti. Em relação à erva.

A Ruth esboçou um sorriso triste.

- Não me parece que a traição sexual e emocional persistente com outro ser humano esteja ao mesmo nível que ficar pedrado de vez em quando. Parece-me que é indicativo de um tipo de pessoa muito diferente; alguém que é capaz de mentir repetidamente, e mentir bem, que é capaz de trair o companheiro sem quaisquer sentimentos de culpa...
- Não sabe isso. Eu soava tão patético como me sentia. Talvez ela se sinta pessimamente.

Mas mesmo ao proferir essas palavras eu tinha a perfeita noção de que não acreditava nelas.

E a Ruth também não.

— Não me parece. Acho que o comportamento dela sugere que é uma pessoa muito danificada; com falta de empatia e integridade, e simples bondade; tudo qualidades que tu tens em excesso.

Abanei a cabeça.

- Isso não é verdade.
- É verdade, sim, Theo. A Ruth hesitou. Não achas que já passaste por isto?
 - Com a Kathy?

A Ruth abanou a cabeça.

- Não nesse sentido. Com os teus pais. Quando eras mais novo. Não haverá aqui uma dinâmica da tua infância que estás a repetir?
- Não. De repente sentia-me irritado. O que está a acontecer com a Kathy não tem nada que ver com a minha infância.
- Ai não? A Ruth soou algo cética. Tentar agradar a alguém imprevisível, alguém que não está emocionalmente disponível, uma pessoa indiferente, dura; tentar agradar-lhe, conquistar o seu amor. Não será uma história que se repete, Theo? Uma história familiar?

Cerrei o punho e não abri a boca.

A Ruth continuou, algo hesitantemente:

— Eu sei que te sentes muito triste. Mas quero que consideres a possibilidade de que já sentias essa tristeza muito antes de teres conhecido a Kathy. É uma tristeza que carregas há muitos anos. Sabes, Theo, uma das coisas mais difíceis de admitir é não termos sido amados quando mais precisávamos. É uma sensação terrível, a dor de não sermos amados.

Ela tinha razão. Há muito que andava a tentar encontrar as palavras corretas para expressar esse melancólico sentimento de traição que existia dentro de mim, esse vazio terrível, e ao ouvir a Ruth dizê-lo — «a dor de não sermos amados» —, percebi o quanto isso dominava toda a minha consciência e que era simultaneamente a história do meu passado, do meu presente e do meu futuro. Aquilo não era apenas sobre a Kathy; era sobre o meu pai e os meus sentimentos de abandono na infância; a minha mágoa por tudo o que nunca tivera e, no meu íntimo, continuava a acreditar que jamais teria. A Ruth estava a dizer que fora por isso que eu escolhera a Kathy. Que melhor forma de provar a mim próprio que o meu pai tinha razão — que sou um inútil e inamável — do que procurando alguém que jamais me amará?

Escondi a cabeça entre as mãos.

- Quer então dizer que tudo isto era inevitável? É isso que me está a dizer, que a culpa foi toda minha? Que não há merda de esperança nenhuma?
- Há esperança, sim. Já não és um menino à mercê do teu pai. Agora és um adulto; e tens a possibilidade de escolha. Ou usas isto como mais uma confirmação de que não tens valor nenhum ou rompes com o passado. Liberta-te de o repetires incessantemente.
 - Como é que faço isso? Acha que deveria deixá-la?
 - Penso que é uma situação muito complicada.
 - Mas acha que eu deveria deixá-la, não acha?
- Chegaste muito longe e trabalhaste muito para regressares a uma vida de desonestidade, de negação e de abuso emocional. Mereces alguém que te trate melhor, *muito* melhor...
 - Diga-o de uma vez, Ruth. Diga-o. Acha que devo deixá-la.

A Ruth olhou-me nos olhos. Susteve o meu olhar.

— Acho que *tens* de a deixar. E não digo isto como tua antiga terapeuta, digo-to como uma amiga de longa data. Não me parece que pudesses voltar, mesmo que o quisesses fazer. Talvez durasse mais algum tempo, mas daqui a uns meses aconteceria outra coisa qualquer e estarias de regresso ao meu sofá. Sê sincero contigo próprio, Theo, em relação à Kathy e a toda esta situação, e irás ver tudo o que foi construído com base em

mentiras e falsidades. Lembra-te, o amor que não inclui honestidade não merece ser chamado de tal.

Dei um suspiro, sentindo-me vazio, deprimido e cansado.

— Obrigado, Ruth; pela sua honestidade. É muito importante para mim.

À saída, a Ruth deu-me um abraço. Nunca o fizera antes. Sentia-a frágil nos meus braços, os seus ossos muito delicados; inspirei o seu odor levemente a flores e à lã do seu casaco, e mais uma vez senti vontade de chorar. Mas não o fiz, ou pelo menos não consegui.

Em vez disso, afastei-me e não olhei para trás.

Apanhei um autocarro para casa. Sentei-me à janela, contemplando a rua, pensando na Kathy, na pele branca dela e nos seus lindos olhos verdes. Senti uma saudade imensa; do sabor adocicado dos seus lábios, da sua macieza. Mas a Ruth tinha razão. O amor que não inclui honestidade não merece ser chamado de tal.

Tinha de ir para casa e confrontar a Kathy.

Tinha de a deixar.

A Kathy estava em casa quando eu cheguei. Encontrava-se sentada no sofá, a trocar mensagens no telemóvel.

- Onde é que foste? perguntou-me, sem erguer o olhar.
- Dar uma volta. Como é que correu o ensaio?
- Bem. Foi cansativo.

Observei-a a trocar mensagens, interrogando-me sobre com quem estaria a falar. Sabia que esse era o momento ideal para falar. Sei que andas a ter um caso amoroso — quero o divórcio. Abri a boca para o dizer. Mas dei por mim mudo. Antes de ter tempo para recuperar a minha voz, a Kathy antecipou-se-me. Parou de enviar mensagens e pousou o telemóvel.

- Theo, precisamos de falar.
- Sobre o quê?
- Não tens nada para me contar? A voz dela possuía um tom austero. Evitei olhar para ela, não fosse conseguir ler-me os pensamentos. Sentia-me envergonhado e dissimulado; como se eu é que tivesse um segredo vergonhoso.

E tinha, na opinião dela. A Kathy levou a mão atrás do sofá e pegou em algo. De imediato, o coração caiu-me aos pés. Segurava o pequeno frasco onde eu guardava a erva. Esquecera-me de o esconder no quarto suplente quando cortara o dedo.

- O que é isto? Ergueu-o no ar.
- É erva.
- Isso sei eu. O que é que faz aqui?
- Comprei-a. Apeteceu-me.
- Apeteceu-te o quê? Ficares pedrado? Estás a falar a sério?

Encolhi os ombros, evitando o olhar dela, qual criança malcomportada.

— Mas que merda...? Quer dizer, francamente... — A Kathy abanou a cabeça, indignada. — Às vezes penso que não te conheço.

Apeteceu-me bater-lhe. Apeteceu-me saltar para cima dela e bater-lhe com os punhos. Apeteceu-me partir a sala inteira, despedaçar o mobiliário contra as paredes. Apeteceu-me chorar e berrar e aninhar-me nos braços dela.

Mas não fiz nada disso.

— Vamos para a cama — disse eu e retirei-me.

Fomos para a cama em silêncio. Fiquei deitado ao lado dela na escuridão. Permaneci acordado durante horas, sentindo o calor do corpo dela, fitando-a enquanto ela dormia.

«Porque é que não vieste ter comigo?», apetecia-me perguntar-lhe. «Porque é que não falaste comigo? Eu era o teu melhor amigo. Se me tivesses dito alguma coisa, poderíamos ter resolvido a situação. Porque é que não falaste comigo? Estou aqui. Estou mesmo aqui.»

Queria esticar os braços e puxá-la para mim. Queria abraçá-la. Mas não podia. A Kathy desaparecera; a pessoa que eu tanto amava desaparecera para sempre, tendo deixado esta desconhecida no lugar dela.

Um soluço emanou do fundo da minha garganta. Por fim, as lágrimas vieram, escorrendo-me pelas faces.

Em silêncio, na escuridão, chorei.

Na manhã seguinte, levantámo-nos e levámos a cabo a nossa rotina habitual; ela foi para a casa de banho enquanto eu preparava o café. Ofereci-lhe uma chávena assim que entrou na cozinha.

- Ontem à noite estavas a fazer uns barulhos esquisitos disse-me ela. Falaste a dormir.
 - O que é que disse?
- Não sei. Nada. Não fazia sentido. Provavelmente porque estavas tão pedrado.
 Lançou-me um olhar fulminante e consultou o seu relógio de pulso.
 Tenho de ir. Vou chegar atrasada.

A Kathy terminou o café e pôs a chávena dentro do lava-louça. Em seguida, deu-me um pequeno beijo na face. O toque dos lábios dela quase me fez estremecer.

Depois de ela sair, tomei um duche. Aumentei a temperatura até ficar quase a escaldar. A água quente fustigava-me o rosto ao mesmo tempo que eu chorava, derretendo as minhas lágrimas infantis e confusas. Mais tarde, enquanto me secava, vislumbrei o meu reflexo no espelho. Fiquei chocado — estava pálido, encolhido, envelhecera trinta anos de um dia para o outro. Estava velho, exausto, a minha juventude esgotada.

Tomei uma decisão, nesse exato momento.

Deixar a Kathy seria como arrancar um membro. E eu não estava minimamente preparado para me mutilar dessa maneira. Independentemente do que a Ruth dissera. A Ruth não era infalível. A Kathy não era o meu pai; eu não estava condenado a repetir o passado. Poderia mudar o futuro. Eu e a Kathy tínhamos sido felizes antes; poderíamos voltar a sê-lo. Um dia talvez ela me confessasse tudo, me contasse tudo, e eu perdoar-lhe-ia. Conseguiríamos ultrapassar a situação.

Eu não deixaria a Kathy partir. Em vez disso, ficaria calado. Fingiria que nunca lera aqueles *e-mails*. De alguma maneira, esqueceria o assunto. Pôlo-ia para trás das costas. Não tinha outro remédio se não continuar em frente. Recusava-me a ceder; recusava-me a ir-me completamente abaixo.

Afinal de contas, eu não era responsável apenas por mim. E os pacientes a meu cargo? Uma série de pessoas dependia de mim. Não podia desapontá-las.

- Estou à procura da Elif. Faz ideia de onde é que a posso encontrar? O Yuri olhou-me com curiosidade.
- O que é que quer dela?
- Queria cumprimentá-la. Quero conhecer todos os pacientes; mostrar-lhes quem sou e que estou aqui.
 - O Yuri parecia algo cético.
- Certo. Bem, não leve a peito se ela não for muito recetiva.
 Olhou para o relógio na parede.
 A esta hora deve estar a sair da arteterapia.
 O melhor é procurá-la na sala de convívio.
 - Obrigado.

A sala de convívio era uma divisão circular ampla, mobiliada com sofás gastos, mesas baixas e uma estante cheia de livros esfarrapados que ninguém queria ler. Cheirava a chá velho e a fumo de tabaco que manchara as peças de mobiliário. Alguns pacientes jogavam gamão num canto. A Elif estava sozinha junto à mesa de bilhar. Aproximei-me com um sorriso.

- Olá, Elif.

Ergueu o olhar com uma expressão desconfiada e assustada.

- O que é que foi?
- Não te preocupes, não se passa nada. Só quero dar-te uma palavrinha rápida.
 - Você não é o meu médico. Eu já tenho médico.
 - Não sou médico. Sou psicoterapeuta.

A Elif resmungou com desdém.

Também já tenho um desses.

Sorri, intimamente aliviado por ela ser paciente da Indira e não minha. Assim de perto a Elif era ainda mais intimidadora. Não só devido ao seu tamanho imenso como também por causa da raiva estampada no seu rosto — uma carranca permanente e os olhos negros irados, olhos que revelavam uma perturbação óbvia. Tresandava a transpiração e aos cigarros de enrolar que fumava constantemente, e que lhe manchavam as pontas dos dedos de negro e as unhas e os dentes de amarelo-escuro.

— Só queria fazer-te umas perguntas, se não te importas; em relação à Alicia.

A Elif franziu o sobrolho e bateu com o taco na mesa. Começou a pôr as bolas para dar início a um novo jogo. Então deteve-se. Ficou imóvel, com um ar distraído e em silêncio.

- Elif?

Ela não me respondeu. Percebi o que se passava pela expressão no seu rosto.

- Estás a ouvir vozes, Elif?

Um olhar suspeito. Um encolher de ombros.

- O que é que te estão a dizer?
- Que você não é de confiança. Para eu ter cuidado.
- Estou a ver. Faz sentido. Não me conheces; é normal que não confies em mim. Pelo menos por enquanto. Pode ser que com o tempo isso mude.

A Elif lançou-me um olhar que revelava ceticismo.

Acenei com a cabeça para a mesa de bilhar.

- Queres jogar comigo?
- Não.
- Porquê?

Ela encolheu os ombros.

- O outro taco está partido. Ainda não o substituíram.
- Mas posso utilizar o teu, não posso?

O taco estava pousado em cima da mesa. Fui para lhe tocar e ela arrancou-o do meu alcance.

— O taco é meu, porra! Arranje um para si!

Recuei, desencorajado pela ferocidade da reação dela. Ela deu uma tacada com imensa força. Observei-a a jogar durante uns minutos. Depois voltei a tentar.

— Será que me podes falar sobre uma coisa que aconteceu quando a Alicia chegou à Grove pela primeira vez? Lembras-te?

A Elif abanou a cabeça.

- Li no processo clínico dela que vocês tiveram uma discussão na cantina. Foste atacada por ela?
- Ah, sim, sim, ela tentou matar-me, 'tás a ver? Tentou cortar-me a merda do pescoço.
- Segundo os apontamentos que li, uma enfermeira viu-te sussurrar algo à Alicia imediatamente antes da agressão. Lembras-te do que lhe disseste?
- Não. A Elif abanou a cabeça num gesto furioso. Não lhe disse nada.
- Não estou a insinuar que a provocaste. Estou só curioso. O que é que lhe disseste?
 - Perguntei-lhe uma coisa, e depois, porra?
 - O que é que lhe perguntaste?
 - Se ele o merecera.
 - Quem?

- Ele. O gajo dela. A Elif sorriu, embora não se tratasse propriamente de um sorriso, era mais um esgar desfigurado.
- Referes-te ao marido dela? Hesitei, sem saber se compreendera verdadeiramente. — Perguntaste à Alicia se o marido dela merecera ser assassinado?

A Elif acenou afirmativamente e fez uma jogada.

— E perguntei-lhe como é que ele tinha ficado. Quando ela o alvejou e o crânio dele se partiu, e os miolos ficaram todos de fora. — A Elif deu uma risada.

Senti uma pontada de desdém; semelhante ao sentimento que calculava que a Elif tivesse causado à Alicia. A Elif fazia-nos sentir repugnância e ódio; era essa a patologia dela, fora isso que a mãe a fizera sentir em pequena. Detestável e repugnante. Como tal, a nível subconsciente a Elif fazia com que a odiássemos — e era quase sempre bem-sucedida.

- E como é que estão as coisas agora? Tu e a Alicia dão-se bem?
- Ah, sim, pá. Somos muito próximas. As melhores amigas. A Elif tornou a rir-se.

Antes de lhe poder responder, senti o telemóvel vibrar no meu bolso. Peguei nele. Não reconheci o número.

— Tenho de atender. Obrigado. Foste muito prestável.

A Elif murmurou algo ininteligível e voltou a atenção para o jogo.

Saí para o corredor e atendi a chamada.

- Estou?
- É o Theo Faber?
- É o próprio. Quem fala?
- Daqui fala Max Berenson. Ligou para mim.
- Ah, sim. Olá. Agradeço-lhe ter ligado. Queria saber se poderíamos conversar um pouco sobre a Alicia?
 - Porquê? O que é que aconteceu? Passa-se alguma coisa?
- Não. Quer dizer, não propriamente; estou a tratá-la e queria fazer-lhe umas perguntas sobre ela. Quando achar conveniente.
 - Não pode ser pelo telefone? Estou muito ocupado.
 - Preferia fazê-lo pessoalmente, se possível.

O Max Berenson suspirou e murmurou algo para alguém. Em seguida: — Amanhã ao final do dia, sete horas, no meu escritório.

Estava prestes a pedir-lhe a morada; porém, ele desligou.

A rececionista do Max Berenson estava com uma valente constipação. Pegou num lenço de papel, assoou-se e fez-me sinal para que esperasse.

— Ele está ao telefone. Não demora nada.

Acenei afirmativamente e sentei-me na sala de espera. Meia dúzia de cadeiras direitas e pouco confortáveis, e uma mesa de café com uma pilha de revistas antigas. As salas de espera eram todas iguais, pensei; tanto podia estar ali para falar com um advogado como à espera de uma consulta médica ou de um agente funerário.

A porta do outro lado do átrio abriu-se. O Max Berenson apareceu e fezme sinal para que entrasse. Em seguida, voltou a entrar no gabinete. Pusme de pé e segui-o.

Estava à espera do pior, tendo em conta os modos irritados dele ao telefone. Mas, para minha surpresa, começou com um pedido de desculpas.

— Peço desculpa se fui grosseiro quando falámos ao telefone. A semana foi longa e ando um pouco adoentado. Sente-se, por favor.

Sentei-me na cadeira diante da secretária dele.

- Obrigado. E obrigado por ter aceitado receber-me.
- Bem, a princípio não sabia se deveria fazê-lo. Pensei que fosse algum jornalista, a tentar fazer-me falar sobre a Alicia. Mas depois liguei para a Grove e confirmei que trabalhava lá.
- Entendo. Isso acontece com frequência? Os jornalistas, quero eu dizer.
- Não nos últimos tempos. Mas costumava acontecer. Aprendi a não baixar a guarda... Estava prestes a dizer algo mais, mas foi interrompido por um espirro. Levou a mão à caixa de lenços de papel. Peço desculpa; apanhei a constipação que anda a rodar pela família.

Assoou-se. Observei-o com mais atenção. Ao contrário do irmão mais novo, o Max Berenson não era bem-parecido. O Max era imponente, meio calvo e tinha o rosto sarapintado de profundas cicatrizes de acne. Estava a usar uma água-de-colónia intensa e antiquada, do género que o meu pai costumava usar. O gabinete dele era igualmente tradicional e possuía esse odor tranquilizador a mobiliário feito de couro, a madeira e a livros. Não podia ser mais díspar do mundo habitado pelo Gabriel — um mundo de cor e de beleza estética. Ele e o Max não eram nada parecidos.

Havia uma fotografia emoldurada do Gabriel em cima da secretária dele. Uma fotografia informal — possivelmente tirada pelo próprio Max? Nela o Gabriel estava sentado em cima de uma vedação, no meio do campo, o cabelo esvoaçando na brisa e uma máquina fotográfica pendurada ao pescoço. Mais parecia um ator do que um fotógrafo. Ou um ator a representar um fotógrafo.

- O Max reparou que eu estava a olhar para a fotografia e acenou com a cabeça, como se tivesse lido a minha mente.
- O meu irmão herdou o cabelo e as feições atraentes. Eu herdei a inteligência. — O Max deu uma risada. — Estou a brincar. Na verdade, eu fui adotado. Não éramos irmãos biológicos.
 - Não fazia ideia. Foram ambos adotados?
- Não, só eu. Os nossos pais pensavam que não podiam ter filhos. Mas depois de me terem adotado, conceberam um filho biológico pouco depois. Ao que parece, é muito comum. Está relacionado com stress.
 - O Max e o Gabriel eram próximos?
- Mais próximos do que a maior parte dos irmãos. Embora ele tivesse mais protagonismo, claro. Eu vivia um pouco na sombra dele.
 - Porquê?
- Bem, era difícil que assim não fosse. O Gabriel era especial, mesmo em criança. O Max parecia ter o hábito de brincar com a aliança de casamento. Rodava-a no dedo enquanto falava. O Gabriel costumava levar a máquina fotográfica para todo o lado, sabe, estava sempre a tirar fotografias. O meu pai pensava que ele era maluco. Afinal era um génio, o meu irmão. Conhece o trabalho dele?

Esbocei um sorriso diplomático. Não tinha qualquer vontade de discutir as capacidades do Gabriel enquanto fotógrafo.

Em vez disso, desviei novamente a conversa para a Alicia.

- De certeza que o Max a conhecia muito bem.
- À Alicia? Acha que sim? Algo mudou no Max perante a referência ao nome dela. A simpatia dele desvaneceu-se. O seu tom de voz era frio. Não sei se o poderei ajudar. Não representei a Alicia em tribunal. Posso pôlo em contacto com o meu colega Patrick Doherty, caso queira pormenores sobre o julgamento.
 - Não é esse tipo de informação que procuro.
- Ai não? O Max olhou-me com uma expressão de curiosidade. Não deve ser prática comum um psicoterapeuta encontrar-se com o advogado do paciente, pois não?
 - Não se a minha paciente falasse.
 - O Max pareceu pensar no assunto.
- Estou a ver. Bem, como lhe disse, não sei em que o poderei ajudar, por isso...
 - Tenho duas ou três questões apenas.

- Muito bem. Força.
- Lembro-me de ter lido na imprensa, naquela altura, que o Max tinha estado com o Gabriel e a Alicia na noite que antecedeu o homicídio?
 - Sim, jantámos juntos.
 - Como é que eles lhe pareceram?

O olhar do Max ficou meio vidrado. Provavelmente já lhe tinham feito a mesma pergunta centenas de vezes, pelo que a resposta dele foi automática, sem pensar.

- Normal. Perfeitamente normal.
- E a Alicia?
- Normal. Ele encolheu os ombros. Talvez um pouco mais agitada do que o habitual, mas...
 - Mas...?
 - Nada.

Pressenti que havia algo mais. Esperei.

Após uns instantes, o Max continuou:

- Não sei o é que sabe sobre o relacionamento deles.
- Apenas o que li nos jornais.
- E o que é que leu?
- Que eram felizes.
- Felizes? O Max sorriu com frieza. Oh sim, eles eram felizes. O Gabriel fez tudo o que podia para a fazer feliz.
- Estou a ver. Mas na verdade não estava. Não fazia ideia onde é que o Max queria chegar.

A minha expressão devia ser de perplexidade, pois ele encolheu os ombros.

- Não vou elaborar. Se está à procura de mexericos, fale com o Jean-Felix, não comigo.
 - O Jean-Felix?
- Jean-Felix Martin. O galerista da Alicia. Conheciam-se há muitos anos. Eram unha com carne. Nunca simpatizei muito com dele, para ser sincero.
- Não estou interessado em mexericos. Fiz uma nota mental para falar com o Jean-Felix o mais brevemente possível. — Estou mais interessado na sua opinião pessoal. Posso fazer-lhe uma pergunta direta?
 - Pensava que já o tinha feito.
 - Simpatizava com a Alicia?
 - O Max fitou-me inexpressivamente e respondeu:
 - Claro que sim.

Não acreditei nele.

— Sinto que está a assumir dois papéis diferentes. O do advogado, que é compreensivelmente discreto. E o do irmão. Eu vim falar com o irmão.

Seguiu-se uma pausa. Interroguei-me se o Max estaria prestes a convidar-me a sair. Parecia prestes a dizer alguma coisa, mas algo o fez mudar de ideias. Então levantou-se repentinamente da secretária e aproximou-se da janela. Abriu-a. Uma brisa fria invadiu o gabinete. O Max inspirou profundamente, como se a divisão o estivesse a sufocar.

Por fim, disse, em surdina:

— A verdade é que... a detestava... odiava-a.

Eu não disse nada. Esperei que ele prosseguisse.

Ele continuou a olhar pela janela e disse calmamente: — O Gabriel não era só meu irmão, era o meu melhor amigo. Era o homem mais generoso que alguma vez existiu. Demasiado generoso. E todo aquele talento, aquela generosidade, aquela paixão pela vida... tudo apagado por causa *daquela cabra*. Não foi só a vida dele que ela destruiu; foi também a minha. Graças a Deus que os meus pais não estavam vivos para assistirem ao que aconteceu. — O Max conteve um soluço, subitamente emocionado.

Era difícil não sentir a dor dele e tive pena dele.

- Deve ter sido muito complicado para si organizar a defesa da Alicia.
- O Max fechou a janela e regressou à secretária. Recuperara o controlo das suas emoções. Estava novamente a representar o papel do advogado. Neutro, equilibrado, impassível.

Encolheu os ombros.

- Era o que o Gabriel teria desejado. Ele sempre quis o melhor para a Alicia. Era louco por ela. Mas ela era mesmo louca.
 - Acha que ela era louca?
 - Diga-me você; você é que é o psicólogo dela.
 - O que é que acha?
 - Só sei o que observei.
 - E que foi o quê?
- Mudanças de humor. Acessos de fúria. De agressividade. Ela partia coisas, dava cabo de coisas. O Gabriel disse-me que ela ameaçara matá-lo em várias ocasiões. Devia ter-lhe dado ouvidos, ter feito alguma coisa; quando ela tentou suicidar-se, deveria ter intercedido, insistido para que ela tivesse ajuda psicológica. Mas não o fiz. O Gabriel estava decidido a protegê-la e, qual idiota, deixei-o.
- O Max deu um suspiro e consultou o relógio de pulso uma dica para eu concluir a conversa.

Porém, limitei-me a olhá-lo inexpressivamente.

- A Alicia tentou suicidar-se? Como assim? Quando? Depois do homicídio, quer dizer?
 - O Max abanou a cabeça.
 - Não, vários anos antes disso. Não sabia? Pensei que já soubesse.

- Quando é que isso aconteceu?
- Quando o pai dela faleceu. Tomou uma dose excessiva... de comprimidos ou algo assim. Não me recordo exatamente o quê. Teve uma espécie de esgotamento.

Eu estava prestes a insistir com ele quando a porta se abriu. A rececionista espreitou e disse, numa voz congestionada: — Temos de ir, querido. Vamos chegar atrasados.

— Certo. Vou já, querida.

A porta fechou-se. O Max pôs-se de pé e olhou para mim, desculpandose.

- Temos bilhetes para o teatro. Devo ter aparentado um ar sobressaltado, pois ele deu uma risada. Nós, eu e a Tanya, casámo-nos no ano passado.
 - Ah, estou a ver.
 - A morte do Gabriel uniu-nos. Jamais teria aguentado sem ela.

O telefone do Max tocou, distraindo-o.

Acenei com a cabeça para que atendesse a chamada.

— Obrigado, foi uma grande ajuda.

Saí silenciosamente do gabinete. Observei com mais atenção a Tanya, na receção; era loura, bonita e de estatura pequena. Ela assoou o nariz e reparei no diamante enorme que usava no dedo anelar.

Para minha surpresa, ela levantou-se e aproximou-se de mim, com o sobrolho franzido. Quando falou, a sua voz possuía um tom de urgência.

- Se quer saber mais sobre a Alicia, fale com o primo dela, o Paul; ele conhece-a melhor do que ninguém.
- Tentei ligar para a tia dela, a Lydia Rose. Não foi particularmente comunicativa.
- Esqueça a Lydia. Vá a Cambridge. Fale com o Paul. Pergunte-lhe sobre a Alicia, sobre a noite a seguir ao acidente e...

A porta do gabinete abriu-se. A Tanya calou-se de imediato. O Max emergiu e ela correu para ele, com um sorriso rasgado.

— Estás pronto, querido? — perguntou-lhe.

A Tanya estava a sorrir, mas soava nervosa. Ela tem medo do Max, pensei. Interroguei-me por que razão seria.

Diário de Alicia Berenson

22 DE JULHO

Detesto o facto de haver uma arma dentro de casa.

Ontem à noite tivemos outra discussão por causa disso. Pelo menos eu pensava que era por isso que estávamos a discutir — agora já não tenho a certeza.

O Gabriel disse que a culpa era minha por termos discutido. Imagino que sim. Custou-me imenso vê-lo tão aborrecido, olhando para mim com um ar magoado. Detesto magoá-lo — e, no entanto, às vezes sinto uma vontade desesperada de o magoar e não sei porquê.

Ele disse que cheguei a casa com um humor desgraçado. Que fui ao piso de cima e desatei aos gritos com ele. Talvez o tenha feito. Penso que estava aborrecida. Não sei muito bem o que é que aconteceu. Tinha acabado de chegar do parque. Não me recordo do passeio em si; estava a sonhar acordada, a pensar no trabalho, no retrato de Jesus. Lembro-me de ter passado por uma habitação a caminho de casa. Dois rapazes estavam a brincar com uma mangueira. Não deviam ter mais do que sete ou oito anos. O mais velho estava a molhar o mais novo com um jato de água, um arco-íris de cor cintilando à luz do dia. Um arco-íris perfeito. O rapaz mais novo esticava os braços e ria-se às gargalhadas. Passei por eles e percebi que as minhas faces estavam ensopadas de lágrimas.

Na altura desvalorizei a situação, mas agora parece-me mais do que óbvio. Não quero admitir a verdade a mim própria — que me falta um grande pedaço da minha vida. Que neguei alguma vez querer ter filhos, fingindo não ter qualquer interesse nisso, que só estou interessada na minha arte. E isso não é verdade. É apenas uma desculpa — a verdade é que tenho receio de ter filhos. Não sou de confiança.

Não com o sangue da minha mãe a correr-me nas veias.

Era isso que tinha na minha mente, conscientemente ou não, quando cheguei a casa. O Gabriel tinha razão, eu estava com um péssimo humor.

Mas jamais teria explodido se não tivesse deparado com ele a limpar a arma. Incomoda-me imenso ele ter uma arma. E magoa-me que não se livre dela, por muitas vezes que lhe suplique. Responde-me sempre a

mesma coisa — que era uma das antigas espingardas do pai, da quinta deles, que o pai lha deu quando ele tinha dezasseis anos, que tem um valor sentimental e blá, blá, blá. Não acredito nele. Acho que há outro motivo para a ter. E disse-lhe isso mesmo. E o Gabriel respondeu que não havia problema nenhum em querer ter segurança — querer proteger a sua casa e a sua esposa. E se alguém nos assaltasse a casa?

— Chamamos a polícia — respondi-lhe. — Não disparamos contra eles, porra!

Eu levantara a voz, mas ele falara por cima de mim e, quando dei por isso, estávamos a gritar um com o outro. Talvez eu estivesse um pouco descontrolada. Mas estava apenas a reagir a ele — o Gabriel tem um lado agressivo, uma parte dele que só vejo muito de vez em quando e, quando acontece, fico assustada. Durante esses breves instantes é como se morasse com um estranho. E isso é aterrador.

Não trocámos uma única palavra o resto da noite. Fomos para a cama em silêncio.

Esta manhã fizemos sexo e fizemos as pazes. Parece que resolvemos sempre os nossos problemas na cama. É mais fácil, por alguma razão — quando estamos nus e meio adormecidos sob as cobertas — sussurrar «desculpa» com sinceridade. Todas as defesas e justificações da treta são postas de parte, atiradas para uma pilha no chão, juntamente com a nossa roupa.

- Se calhar devíamos implementar a regra de somente discutirmos na cama. Ele beijou-me. Amo-te. Vou livrar-me da espingarda, prometo.
- Não repliquei. Não tem importância, esquece isso. Está tudo bem. A sério.

O Gabriel tornou a beijar-me e puxou-me para ele. Agarrei-me a ele, deitando o meu corpo despido em cima do dele. Fechei os olhos e estendime em cima de um rochedo amigável que estava formado à minha medida. E sentime finalmente em paz.

23 DE JULHO

Estou a escrever isto no Caffe dell'Artista. Agora venho aqui quase todos os dias. Estou sempre com vontade de sair de casa. Quando estou rodeada de outras pessoas, mesmo que seja apenas a entediada empregada de mesa, sinto-me ligada ao mundo de alguma maneira, como um ser humano normal.

Caso contrário, corro o risco de deixar de existir. É como se corresse o risco de desaparecer.

Às vezes gostava de poder desaparecer — esta noite, por exemplo. O Gabriel convidou o irmão para jantar. Disse-mo de chofre, esta manhã.

- Não vemos o Max há séculos disse ele. Desde a festa de inauguração da casa do Joel. Eu faço um churrasco. — O Gabriel olhou para mim com uma expressão estranha. — Não te importas, pois não?
 - Porque é que haveria de me importar?
 - O Gabriel riu-se.
- Não tens jeito nenhum para mentir, sabias? A tua cara é um autêntico livro aberto.
 - E o que é que diz a minha cara?
 - Que não gostas do Max. Nunca gostaste.
- Isso não é verdade. Sentime corar. Encolhi os ombros e desviei o olhar. É claro que gosto do Max. Vai ser bom vê-lo. Quando é que voltas a posar para mim? Preciso de terminar o retrato.
 - O Gabriel sorriu.
- Que tal este fim de semana? E em relação ao retrato... faz-me um favor: não o mostres ao Max, está bem? Não quero que ele me veja como Jesus; iria gozar comigo para o resto da minha vida.
 - O Max não irá vê-lo. Ainda não está acabado.

E mesmo que estivesse, o Max é a última pessoa que quero no meu estúdio. Pensei-o, mas não o disse.

Agora não quero ir para casa. Quero ficar aqui, neste café com ar condicionado, escondida até o Max se ir embora. Mas a empregada de mesa já está a fazer aqueles sons de impaciência e a olhar constantemente para o relógio. Vou ser posta na rua não tarda nada. E, a não ser que queira deambular pelas ruas a noite inteira, como uma louca, não tenho outro remédio senão ir para casa e confrontar a situação. E confrontar o Max.

24 DE JULHO

Estou de volta ao café. Estava alguém sentado à minha mesa e a empregada lançou-me um olhar compreensivo — pelo menos pareceu-me ser isso que ela estava a comunicar, uma espécie de solidariedade, mas posso estar enganada. Sentei-me a outra mesa, virada para o interior do café e não para a rua, junto ao aparelho de ar condicionado. Não tem muita luz — é um lugar frio e escuro, que condiz como o meu estado de espírito.

A noite passada foi terrível. Pior do que eu imaginava que pudesse ser.

Não reconheci o Max quando ele chegou — não me parece que alguma vez o tenha visto sem ser de fato e gravata. Tinha um aspeto ridículo vestido com calções. Estava a transpirar imenso por ter vindo a pé desde a

estação — tinha a careca vermelha e brilhante, e umas manchas escuras por baixo das axilas. A princípio não me olhou nos olhos. Ou seria eu a recusar-me a olhar para ele?

Fez um grande alarido em relação à casa, dizendo que estava muito diferente, que há muito tempo que não o convidávamos e que já começava a pensar que nunca mais o iríamos convidar. O Gabriel fartou-se de lhe pedir desculpa, dizendo que tínhamos andado muito ocupados, eu com a exposição que se aproximava e ele com o trabalho, e que não víamos praticamente ninguém. O Gabriel estava a sorrir, mas percebi que estava irritado pelo facto de o Max ter feito questão de o salientar.

No princípio ainda fiz boa cara. Estava à espera do momento certo. E depois aconteceu. O Max e o Gabriel foram até ao jardim para acender o churrasco. Deixei-me ficar na cozinha, sob o pretexto de fazer uma salada. Sabia que o Max arranjaria uma desculpa para vir à minha procura. E estava certa. Cerca de cinco minutos depois, ouvi os passos dele, pesados e ruidosos. Ele não anda como o Gabriel — o Gabriel é silencioso, parece um gato, nunca o ouço a andar de um lado para o outro na casa.

— Alicia — disse o Max.

Reparei que as minhas mãos tremiam enquanto cortava os tomates. Pousei a faca. Virei-me para o encarar.

- O Max ergueu a garrafa vazia no ar e sorriu. Continuava a não olhar diretamente para mim.
 - Vim buscar mais uma.

Acenei com a cabeça. Não disse uma única palavra. Ele abriu o frigorífico e serviu-se de mais uma cerveja. Em seguida, procurou o abregarrafas. Apontei para o mesmo em cima da bancada.

Ele esboçou um sorriso estranho, ao mesmo tempo que retirava a carica da cerveja, como se fosse dizer alguma coisa. Mas antecipei-me.

- Vou contar ao Gabriel o que aconteceu. Achei que te devia informar.
- O Max parou de sorrir. Olhou para mim pela primeira vez desde que chegara, com um olhar ameaçador:
 - O quê?
 - Vou contar ao Gabriel. O que aconteceu em casa do Joel.
 - Não sei do que estás a falar.
 - Ai não?
 - Não me recordo. Infelizmente estava muito embriagado.
 - Tretas.
 - É a verdade.
- Não te lembras de me teres beijado? Não te lembras de me teres agarrado?
 - Por favor, Alicia.

— Por favor o quê? Não queres que faça um grande alarido, é? Tu atacaste-me.

Sentia-me a ficar irritada. Fiz um esforço para controlar a voz e não desatar aos gritos. Espreitei pela janela. O Gabriel estava ao fundo do jardim, parado junto à churrasqueira. O fumo e o ar quente distorciam a imagem dele, fazendo-o parecer todo torto.

- Ele admira-te disse eu. És o irmão mais velho. Vai ficar muito magoado quando eu lhe contar.
 - Então não contes. Não há nada para contar.
 - Ele tem de saber a verdade. Tem de saber como é o irmão. Tu...

Antes de eu poder acabar a frase, o Max agarrou-me o braço e puxoume para ele. Perdi o equilíbrio e caí para cima dele. O Max ergueu o punho e pensei que fosse dar-me um soco.

— Amo-te — disseme ele —, amo-te, amo-te, amo...

Antes de eu ter tempo de reagir, ele beijou-me. Tentei afastar-me, mas não me largava. Senti os seus lábios ásperos nos meus e a língua dele tentando enfiar-se dentro da minha boca. O instinto apoderou-se de mim.

Mordi-lhe a língua com toda a força.

- O Max deu um grito e empurrou-me. Quando levantou a cabeça, tinha a boca cheia de sangue.
- Cabra de merda! A voz dele soava gargarejada, os seus dentes estavam vermelhos. Olhou-me com uma expressão furiosa, qual animal ferido.

Custa-me a acreditar que o Max seja irmão do Gabriel. Não tem a elegância, a decência ou a bondade do Gabriel. O Max repugna-me — e disse-lho na cara.

Não digas nada ao Gabriel, Alicia — disse ele. — Estou a falar a sério.
 Estás avisada.

Não voltei a abrir a boca. Sentia o sabor do sangue dele na minha boca, por isso abri a torneira e lavei a boca até o sabor desaparecer. Em seguida, saí para o jardim.

De vez em quando sentia o Max a fitar-me durante o jantar. Erguia o olhar e ele desviava a cara. Não comi nada. A ideia de comer causa-me náuseas. Continuava a sentir o sabor do sangue dele na boca.

Não sei o que fazer. Não quero mentir ao Gabriel. Mas também não quero guardar este segredo. Mas se contar ao Gabriel, ele nunca mais voltará a falar com o Max. Ficará de rastos por saber que não pode confiar no irmão. Porque ele confia mesmo no Max. Idolatra-o. E não devia fazê-lo.

Não acredito que o Max esteja apaixonado por mim. Acredito que ele odeia o Gabriel, nada mais. Acho que tem uma inveja imensa dele — e quer ficar com tudo o que pertence ao Gabriel, o que me inclui a mim. Mas agora

que lhe fiz frente, não me parece que volte a incomodar-me — espero realmente que não. Por enquanto, pelo mesmo.

Por isso, para já, vou ficar calada.

É claro que para o Gabriel eu sou um livro aberto. Ou talvez não seja boa a representar. Ontem à noite, quando estávamos a preparar-nos para dormir, ele disse que eu tinha estado estranha o tempo todo que o Max estivera lá em casa.

- Estava apenas cansada.
- Não, era mais do que isso. Estavas muito distante. Podias ter feito um esforço. Raramente o vemos. Não percebo porque é que antipatizas tanto com ele.
- Não antipatizo. Não teve nada que ver com o Max. Estava distraída, estava a pensar no trabalho. Estou atrasada com a exposição; não penso noutra coisa.

Disse-o com o máximo de convicção possível.

O Gabriel lançou-me um olhar cético, mas deixou o assunto ficar por aí, por enquanto. Terei de lidar com isto na próxima vez que virmos o Max — mas algo me diz que não será tão depressa.

Sinto-me melhor por ter escrito isto. Por alguma razão sinto-me mais segura, ao tê-lo passado para o papel. Significa que tenho provas — um testemunho.

Se alguma vez chegar a esse ponto.

26 DE JULHO

Hoje é o meu aniversário. Faço trinta e três anos.

E estranho — nunca pensei chegar a esta idade; a minha imaginação só tinha chegado a este ponto. Já ultrapassei a idade da minha mãe — é uma sensação inquietante, ser mais velha do que ela era. Ela chegou aos trinta e dois e depois parou. Agora ultrapassei a idade dela e não vou parar. Irei ficar mais e mais velha — mas ela não.

O Gabriel foi um amor esta manhã — acordou-me com beijos e ofereceume trinta e três rosas vermelhas. Eram lindas. Picou o dedo num dos espinhos. Uma lágrima de sangue. Foi perfeito.

Depois levou-me para tomar o pequeno-almoço num piquenique no parque. O Sol ainda mal despontara, por isso o calor não era insuportável. Uma brisa fresca soprava da água e o ar cheirava a relva acabada de cortar. Estendemo-nos junto ao lago, debaixo de um salgueiro, em cima da manta azul que comprámos no México. Os ramos do salgueiro formavam uma cobertura por cima de nós e a luz do Sol chegava até nós por entre a

folhagem. Bebemos champanhe e comemos tomates-cereja com salmão fumado e fatias finas de pão. Algures na parte de trás da minha mente senti uma vaga familiaridade, uma persistente sensação de déjà vu que não conseguia afastar. Talvez fosse apenas uma recordação de histórias de infância, contos de fadas e árvores mágicas como portais para outros mundos. Talvez fosse algo mais prosaico. E depois a recordação ocorreume: vi-me em pequena, sentada debaixo dos ramos do salgueiro no nosso jardim em Cambridge. Costumava passar horas a fio escondida nesse local. Posso não ter sido uma criança feliz, mas enquanto estava debaixo do salqueiro sentia um contentamento semelhante a estar aqui deitada com o Gabriel. E agora era como se o passado e o presente coexistissem em simultâneo num momento perfeito. Queria que esse momento durasse para sempre. O Gabriel adormeceu e eu desenhei-o, tentando capturar as manchas de luz do Sol no rosto dele. Dessa vez saí-me melhor com os olhos dele. Era mais fácil porque estavam fechados — mas pelo menos o formato estava correto. Ele parecia um miúdo, aninhado a dormir e respirando calmamente, a boca cheia de migalhas.

Acabámos o piquenique, regressámos a casa e fizemos sexo. E depois o Gabriel abraçou-me e disse algo surpreendente:

— Alicia, minha querida, ouve. Quero falar contigo sobre algo.

A forma como ele o disse deixou-me imediatamente nervosa. Prepareime, receando o pior.

- Diz.
- Quero que tenhamos um bebé.

Demorei algum tempo até conseguir falar. Fui apanhada tão de surpresa que não sabia o que dizer.

- Mas... tu não querias filhos. Disseste que...
- Esquece isso. Mudei de ideias. Quero ter um filho contigo. E então? Que me dizes?
- O Gabriel olhou para mim com uma expressão esperançosa e expectante, à espera da minha resposta. Senti os meus olhos encherem-se de lágrimas.
 - Sim respondi. Sim, sim, sim...

Abraçámo-nos e chorámos e rimos.

Ele agora está na cama, a dormir. Tive de me escapulir para poder assentar tudo isto; quero recordar este dia para o resto da minha vida. Cada segundo deste dia.

Sinto-me feliz. Sinto-me cheia de esperança.

Não parava de pensar no que o Max Berenson me dissera — sobre a tentativa de suicídio da Alicia, logo após o falecimento do pai dela. Não havia qualquer referência a esse incidente no processo clínico dela e interroguei-me por que razão seria.

Telefonei ao Max no dia seguinte, apanhando-o praticamente a sair do escritório.

- Queria fazer-lhe mais umas perguntas, se não se importa.
- Estou mesmo de saída.
- Não demora nada.

O Max suspirou e afastou o telefone da boca para dizer algo impercetível à Tanya.

- Cinco minutos disse-me ele. Não mais do que isso.
- Obrigado, agradeço-lhe imenso. Referiu a tentativa de suicídio da Alicia. Eu estava aqui a pensar: ela foi admitida em que hospital?
 - Ela não foi para o hospital.
 - Não?
 - Não. Fez a recuperação em casa. O meu irmão cuidou dela.
- Mas... com certeza foi seguida por um médico? Não disse que se tratou de uma dose excessiva de comprimidos?
- Sim. E é claro que o Gabriel chamou um médico. E ele... o médico aceitou manter as coisas em segredo.
 - Quem foi o médico? Lembra-se do nome dele?

Seguiu-se uma pausa, enquanto o Max pensava.

- Lamento, não lho posso dizer... Já não me recordo.
- Foi o médico de família deles?
- Não. Tenho a certeza de que não. Eu e o meu irmão temos o mesmo médico de família. Lembro-me de o Gabriel me ter pedido especificamente para não lhe contar nada.
 - E tem a certeza de que n\u00e3o se recorda do nome do m\u00e9dico?
 - Lamento. Mais alguma coisa? Tenho mesmo de ir.
- Só mais uma coisa... Tenho alguma curiosidade em relação aos termos do testamento do Gabriel.

Um pequeno arquejo e o tom de voz do Max soou imediatamente mais agudo.

- O testamento dele? Não percebo qual é a relevância de...
- A Alicia era a principal beneficiária?
- Devo dizer que essa é uma pergunta muito estranha.

- Bem, é que estou a tentar compreender...
- Compreender o quê? O Max continuou a falar sem esperar pela resposta, parecendo irritado. O principal beneficiário fui eu. A Alicia tinha herdado uma grande fortuna da parte do pai, pelo que o Gabriel achou que ela não iria precisar. Por isso deixou-me todo o património dele. É claro que não fazia ideia de que esse património iria valer tanto após a sua morte. Mais alguma coisa?
 - E o testamento da Alicia? Quando ela morrer, quem é que herda?
- Isso respondeu-me firmemente o Max já não lhe posso dizer. E espero sinceramente que esta seja a nossa última conversa.

Ouviu-se um clique quando ele desligou. Mas algo no seu tom de voz me dizia que essa não seria a última vez que eu teria notícias do Max Berenson.

Não tive de esperar muito tempo.

- O Diomedes chamou-me ao gabinete dele logo a seguir ao almoço. Ergueu o olhar assim que entrei, mas não me sorriu.
 - Qual é o seu problema?
 - O meu problema?
- Não se arme em parvo. Sabe quem é que me ligou esta manhã? O Max Berenson. Diz que o Theo o contactou duas vezes e que lhe fez uma série de perguntas do foro pessoal.
- Perguntei-lhe algumas coisas sobre a Alicia. Ele não me pareceu ficar incomodado.
 - Pois, mas agora está. Diz que o Theo anda a assediá-lo.
 - Oh, francamente...
- Já só nos faltava também um advogado a fazer barulho. Tudo o que fizer terá de ser nos limites deste hospital e sob a minha supervisão. Entendido?

Eu estava zangado, mas acenei com a cabeça. Fitei o chão, qual adolescente amuado.

- O Diomedes respondeu-me de forma apropriada, dando-me uma palmada paternal no ombro.
- Theo. Vou dar-lhe um conselho. Está a abordar isto da maneira errada. Anda a fazer perguntas e à procura de pistas como se isto fosse um romance policial. — Deu uma risada e abanou a cabeça. — Assim não vai chegar lá.
 - Onde?
- À verdade. Lembre-se do que disse Bion: «Sem memória; sem desejo.» Sem segundas intenções; enquanto terapeuta, o seu único objetivo é estar presente e recetivo aos seus sentimentos enquanto estiver

em sessão com ela. É só isso que tem de fazer. O resto surgirá naturalmente.

- Eu sei. Tem razão.
- Pois tenho. Eu que não saiba que andou novamente a visitar os familiares da Alicia, entendido?
 - Dou-lhe a minha palavra.

Nessa mesma tarde fui a Cambridge, visitar o primo da Alicia, o Paul Rose.

Quando o comboio começou a aproximar-se da estação, a paisagem ficou mais plana e os campos deixaram passar uma imensidão de luz azul fria. Sabia-me bem sair de Londres; o céu era menos opressivo e respirava-se com mais facilidade.

Saí do comboio juntamente com uma série de estudantes e turistas, usando o mapa no meu telemóvel para me orientar. As ruas estavam sossegadas; ouvia os meus passos ecoando no passeio. De repente, a rua acabou. Diante de mim estendia-se um campo imenso, terra lamacenta e vegetação que conduziam ao rio.

Via-se uma única casa junto ao rio. Obstinada e imponente, qual tijolo vermelho gigante enfiado na lama. Era feia, um monstro vitoriano. As paredes estavam cobertas de trepadeiras e o jardim fora invadido por plantas, na sua maioria ervas daninhas. Dava a sensação de a natureza ter tomado conta do local, reclamando o território que em tempos lhe pertencera. Aquela era a casa onde a Alicia crescera. Fora onde ela passara os primeiros dezoito anos da sua vida. A personalidade dela formara-se dentro daquelas paredes: as raízes da sua vida adulta, todas as causas e subsequentes escolhas estavam enterradas ali. Às vezes é difícil compreender por que motivo as respostas ao presente se encontram no passado. Uma simples analogia talvez ajude: uma psiguiatra especializada em casos de abuso sexual em tempos disseme que, em trinta anos a trabalhar exaustivamente com pedófilos, nunca conhecera um que não tivesse sido violado em criança. Isto não significa que todas as crianças violadas se transformem em agressoras sexuais, mas é impossível alguém que não sofreu abusos sexuais tornar-se um agressor sexual. Ninguém nasce mau. Como disse Winnicott: «Um bebé não pode odiar a mãe sem que primeiro a mãe odeie o bebé.» Os bebés são esponjas inocentes, tábuas rasas, têm apenas as necessidades básicas: comer, cagar, amar e ser amado. Mas algo corre mal, dependendo das circunstâncias em que nascemos e do lar em que crescemos. Uma criança vítima de maus-tratos e de agressões sexuais nunca pode vingar-se, uma vez que é fraca e indefesa, mas pode, e com certeza deve, albergar fantasias de vingança na sua imaginação. A fúria, à semelhança do medo, é uma reação. Algo de errado acontecera à Alicia, provavelmente na sua primeira infância, para provocar os impulsos homicidas que emergiram tantos anos depois.

Qualquer que seja a provocação, nem toda a gente teria pegado numa arma e a teria apontado diretamente à cara do Gabriel — a maioria das pessoas não seria capaz de o fazer. O facto de a Alicia o ter feito aponta para algo desordenado no seu mundo interior. Por isso é que era crucial para mim compreender que tipo de vida a Alicia tinha tido naquela casa, descobrir o que é que acontecera que a moldara, que fizera dela a pessoa em quem ela se transformara — uma pessoa capaz de cometer um homicídio.

Entrei no jardim coberto de vegetação, por entre as ervas daninhas e as flores silvestres que balouçavam ao vento, e avancei ao longo da parede lateral da casa. Nas traseiras havia um salgueiro enorme — uma árvore lindíssima, majestosa, os ramos longos despidos varrendo o chão. Imaginei a Alicia em criança, brincando à volta daquela árvore e no mundo mágico e secreto debaixo daqueles ramos. Sorri.

De repente senti-me pouco à vontade. Sentia-me observado por alguém.

Ergui o olhar para a casa. Um rosto surgiu na janela do piso de cima. Um rosto feio, de uma mulher de idade, encostado ao vidro — olhando diretamente para mim. Senti um arrepio de medo estranho e inexplicável.

Não ouvi os passos atrás de mim até ser tarde de mais. Ouviu-se o som de uma pancada — um baque surdo — e senti uma pontada de dor na nuca.

Então apaguei.

Acordei no chão duro e frio, deitado de costas. A minha primeira sensação foi de dor. Tinha a cabeça a latejar, uma dor lancinante, como se o meu crânio se tivesse rachado ao meio. Levei a mão atrás e toquei cuidadosamente na nuca.

— Não tem sangue — disse uma voz. — Mas vai ficar com um grande galo amanhã. Já para não dizer uma valente dor de cabeça.

Ergui o olhar e vi o Paul Rose pela primeira vez. Estava parado por cima de mim, empunhando um taco de basebol. Era mais ou menos da minha idade, mas um pouco mais alto e corpulento. Tinha um rosto infantil e uma cabeleira ruiva farta, da mesma cor que o cabelo da Alicia. Tresandava a uísque.

Tentei sentar-me, mas não consegui.

- É melhor deixar-se estar deitado. Para recuperar.
- Acho que tenho um traumatismo.
- Possivelmente.
- Porque é que fez isto, porra?
- O que é que esperava, amigo? Pensei que fosse um ladrão.
- Pois, mas não sou.
- Agora já sei que não. Espreitei a sua carteira. É psicoterapeuta.

Ele levou a mão ao bolso de trás e sacou da minha carteira. Atirou-ma. Esta caiu em cima do meu peito. Pequei nela.

— Vi a sua identificação. Trabalha no hospital... na Grove?

Acenei afirmativamente e o movimento fez latejar a minha cabeça.

- Sim.
- Então sabe quem é que eu sou.
- O primo da Alicia?
- Paul Rose. Estendeu-me a mão. Deixe-me ajudá-lo a levantar-se.

Puxou-me para cima com uma facilidade surpreendente. Era forte. Eu estava um pouco cambaleante.

- Podia ter-me matado resmunguei.
- O Paul encolheu os ombros.
- Podia estar armado. Invadiu propriedade alheia. O que é que esperava? O que é que está aqui a fazer?
- Vim falar consigo. Esbocei um esgar de dor. Mas já me arrependi.
 - Venha lá sentar-se um bocadinho.

Sentia demasiada dor para fazer outra coisa senão ir atrás dele. A minha cabeça latejava a cada passo que dava. Entrámos pela porta das traseiras.

O interior da casa estava tão degradado como o exterior. As paredes da cozinha estavam revestidas com um *design* geométrico cor de laranja que parecia ter mais de quarenta anos. O papel de parede estava a descolar-se da parede em grandes faixas, as pontas enroladas, encaracoladas e escurecidas como se tivesse começado a arder. Insetos mumificados pendiam de teias de aranha nos cantos do teto. Havia uma camada de pó tão grande no chão que mais parecia uma alcatifa suja. Um odor dissimulado a mijo de gato provocou-me náuseas. Contei pelo menos cinco gatos deambulando pela cozinha, dormindo em cadeiras e bancadas. No chão, sacos de plástico abertos transbordavam com latas de comida de gato fedorentas.

- Sente-se. Vou fazer um chá. O Paul encostou o taco de basebol à parede, junto à porta. Mantive-o debaixo de olho. Não me sentia seguro perto dele.
 - O Paul estendeu-me uma caneca rachada cheia de chá.
 - Beba isto.
 - Tem algum analgésico?
- Tenho aspirina algures, já vou ver. Aqui tem. Mostrou-me uma garrafa de uísque. Isto vai ajudá-lo.

Despejou um pouco de uísque na minha caneca. Bebi um trago. Era quente, adocicado e forte. Seguiu-se uma pausa enquanto o Paul bebia o chá, fitando-me — fez-me lembrar o olhar penetrante da Alicia.

- Como é que ela está? perguntou-me, por fim. Depois continuou, antes de eu ter tempo de responder: Ainda não fui lá vê-la. Não é fácil conseguir sair daqui... A minha mãe não está muito bem; não gosto de a deixar sozinha.
 - Entendo. Quando foi a última vez que viu a Alicia?
- Oh, há anos. Não a vi durante imenso tempo. Perdemos o contacto um com o outro. Estive no casamento deles e via-a algumas vezes depois disso, mas... Acho que o Gabriel era muito possessivo. Seja como for, ela deixou de ligar, depois de eles se terem casado. E deixou de nos visitar. A minha mãe ficou muito magoada, se quer que lhe diga.

Eu não disse uma palavra. Mal podia pensar, tal era o latejar na minha cabeça. Sentia-o a observar-me.

- Porque é que queria falar comigo?
- Queria fazer-lhe umas perguntas... Queria perguntar-lhe sobre a Alicia. Sobre... a infância dela.

O Paul acenou com a cabeça e despejou um pouco mais de uísque na sua caneca. Parecia ir ficando mais descontraído; o uísque começava a surtir esse efeito em mim também, aliviando um pouco a dor e ajudando-me a pensar. Não te distraias, disse para mim próprio. Obtém alguns factos. E depois pira-te daqui.

- Cresceram juntos?
- O Paul disse que sim com a cabeça.
- Eu e a minha mãe mudámo-nos para cá quando o meu pai morreu. Eu tinha oito ou nove anos. Era para ter sido temporário, acho eu... mas depois a mãe da Alicia morreu no acidente. Por isso a minha mãe foi ficando... para cuidar da Alicia e do tio Vernon.
 - Vernon Rose; o pai da Alicia?
 - Exato.
 - E o Vernon morreu aqui há uns anos?
- Sim. Há vários anos. O Paul franziu as sobrancelhas. Suicidouse. Enforcou-se. Lá em cima, no sótão. Fui eu que encontrei o corpo.
 - Deve ter sido terrível.
- Sim, foi complicado; em especial para a Alicia. Agora que penso nisso, essa foi a última vez que a vi. No funeral do tio Vernon. Ela estava em muito mau estado. O Paul pôs-se de pé. Quer mais uma bebida?

Tentei recusar, mas ele continuava a falar e a servir mais uísque.

- Eu nunca acreditei, sabe. Que ela tivesse matado o Gabriel; não fazia qualquer sentido para mim.
 - Porquê?
 - Bem, porque ela não era nada assim. Não era uma pessoa violenta.

Mas agora é, pensei. Contudo, não o disse. O Paul beberricou o uísque.

- Ela continua sem falar?
- Sim. Continua sem falar.
- Não faz qualquer sentido. Nenhum. Sabe, acho que ela...

Fomos interrompidos por uma pancada surda no teto. Ouviu-se uma voz abafada, a voz de uma mulher; as palavras dela eram ininteligíveis.

- O Paul pôs-se de pé de um salto.
- É só um segundo. Saiu da cozinha. Correu para a escadaria. Falou mais alto. Está tudo bem, mãe?

Uma resposta abafada que não consegui compreender soou do piso superior.

- O quê? Ah, está bem. É só... é só um minuto.
 Parecia algo constrangido.
- O Paul olhou para mim, da outra ponta do átrio, o sobrolho franzido. Então acenou com a cabeça na minha direção.
 - Ela quer que vá lá acima.

Sentindo-me um pouco mais restabelecido, mas ainda ligeiramente tonto, segui o Paul enquanto ele subia pesadamente a escadaria coberta de pó.

A Lydia Rose estava parada à espera, no cimo da escada. Reconheci o seu rosto carrancudo como sendo o que aparecera à janela. Tinha o cabelo grisalho comprido, caindo-lhe sobre os ombros qual teia de areia. Era incrivelmente obesa — o pescoço inchado, os antebraços gordos, as pernas gigantes como troncos de árvore. Estava fortemente apoiada numa bengala que vergava sob o peso dela e parecia querer partir-se a qualquer instante.

— Quem é ele? Quem é ele?

A pergunta estridente dela era dirigida ao Paul, embora estivesse a olhar fixamente para mim. Não tirava os olhos de mim. Mais uma vez, o mesmo olhar intenso que reconhecia na Alicia.

O Paul falou em voz baixa.

- Mãe. Não é preciso enervares-te. Está tudo bem, ele é o terapeuta da Alicia. Do hospital. Veio cá para falar comigo.
 - Contigo? Porque é que ele quer falar contigo? O que é que fizeste?
 - Só quer saber umas coisas sobre a Alicia.
- É jornalista, ó meu idiota de merda. A voz dela soava estridente. Expulsa-o daqui!
- Não é jornalista nenhum. Eu vi a identificação dele, está bem? Vá lá, mãe, por favor. Vamos lá voltar para a cama.

Resmungando, ela deixou-se levar de volta para o seu quarto. O Paul fez-me sinal com a cabeça para que os seguisse.

A Lydia recostou-se com um baque forte. A cama estremeceu ao absorver o peso dela. O Paul ajeitou-lhe as almofadas. Um gato velho estava deitado a dormir aos pés dela, o gato mais feio que eu alguma vez vira — cheio de marcas de brigas, de peladas e sem uma orelha. O animal resmungava enquanto dormia.

Olhei rapidamente em torno do quarto. Estava cheio de tralha — pilhas de revistas velhas e jornais amarelados, pilhas de roupa velha. Havia uma botija de oxigénio junto à parede e uma lata de biscoitos cheia de medicamentos em cima da mesa de cabeceira.

O olhar hostil da Lydia estava constantemente fixado em mim. Havia uma certa demência no olhar dela; disso eu tinha a certeza.

— O que é que ele quer? — Os olhos dela deslocaram-se febrilmente para cima e para baixo, enquanto me avaliava. — Quem é ele?

— Acabei de te explicar, mãe. Quer saber algumas coisas sobre a Alicia, para o ajudar a tratar dela. É o psicoterapeuta dela.

A Lydia deixou bem clara a sua opinião sobre psicoterapeutas. Virou a cabeça, pigarreou... e cuspiu para o chão à minha frente.

- O Paul resmungou:
- Ó mãe, por favor...
- Cala-te. A Lydia lançou-me um olhar furioso. A Alicia não merece estar num hospital.
 - Ai não? repliquei. Então onde é que deveria estar?
 - O que é que lhe parece? Na prisão. A Lydia olhou-me com desdém.
- Quer saber coisas sobre a Alicia? Eu digo-lhe. É uma cabra. Sempre foi, mesmo em criança.

Escutei, com a cabeça a latejar, enquanto a Lydia continuava a falar, cada vez mais irritada:

— Coitado do meu irmão Vernon. Nunca recuperou da morte da Eva. Eu tomei conta dele. Tomei conta da Alicia. E acha que ela alguma vez me agradeceu por isso?

Era óbvio que a pergunta não precisava de resposta. Não que a Lydia tivesse esperado por tal.

- Sabe como é que a Alicia me retribuiu? Por toda a minha bondade? Sabe o que é que ela me fez?
 - Por favor, mãe...
- Cala-te, Paul! A Lydia virou-se para mim. Fiquei surpreendida com a quantidade de raiva presente na voz dela. A cabra *pintou-me*. Pintou o meu retrato sem o meu conhecimento ou a minha autorização. Fui à exposição dela e lá estava aquilo, ali pendurado. Horrendo, nojento; uma chacota obscena.

A Lydia tremia de raiva e o Paul parecia preocupado. Lançou-me um olhar infeliz.

— Talvez seja melhor ir-se embora agora, amigo. A minha mãe não se pode enervar.

Assenti. A Lydia Rose não estava bem, quanto a isso não restava a menor dúvida. E eu estava ansioso para sair dali.

Deixei a casa e regressei à estação ferroviária, com um galo e uma dor de cabeça lancinante. Que desperdício de tempo. Não descobrira nada — a não ser a razão por que a Alicia saíra daquela casa logo na primeira oportunidade que lhe surgira. Fez-me lembrar a minha própria fuga de casa aos dezoito anos, para longe do meu pai. Era por de mais evidente de quem é que a Alicia estava a fugir — da Lydia Rose.

Pensei no retrato que a Alicia fizera da Lydia. «Uma chacota obscena», chamara-lhe ela. Bem, estava na altura de visitar o galerista da Alicia e

descobrir por que motivo o retrato deixara a tia dela tão zangada.

Quando saí de Cambridge, os meus últimos pensamentos foram dedicados ao Paul. Senti pena dele, ter de morar com aquela mulher monstruosa — ser o escravo dela. Era uma vida solitária — duvidava que tivesse muitos amigos. Ou namorada. Não me admiraria nada se ainda fosse virgem. Havia algo de atrofiado nele, não obstante o seu tamanho; algo castrado.

Eu antipatizara imediata e profundamente com a Lydia — provavelmente porque me fazia lembrar o meu pai. Eu teria acabado como o Paul se tivesse ficado naquela casa, se tivesse ficado em Surrey com os meus pais, à disposição de um louco.

Senti-me deprimido durante todo o caminho de regresso a Londres. Triste, cansado, à beira das lágrimas. Não sabia se estava a sentir a tristeza do Paul — ou a minha própria tristeza.

A Kathy estava fora quando cheguei a casa.

Abri o portátil dela e tentei aceder à sua conta de *e-mail* — mas não fui bem-sucedido. Ela saíra da conta.

Tinha de aceitar que talvez nunca mais repetisse esse erro. Iria eu continuar a verificar *ad nauseam*, ceder à obsessão, enlouquecer? Conhecia-me o suficiente para perceber o cliché em que me tornara — o marido ciumento — e a ironia de a Kathy estar atualmente a ensaiar o papel de Desdémona na peça *Otelo* não me passara ao lado.

Deveria ter reencaminhado os *e-mails* para mim próprio naquela noite, depois de os ter lido. Então aí sim, teria provas físicas concretas. Esse fora o meu erro. Agora, começava a questionar o que vira. Poderia confiar na minha memória? Afinal de contas, estava completamente pedrado na altura — teria entendido mal o que lera? Dei por mim a elaborar teorias descabeladas para provar a inocência da Kathy. Talvez não passasse de um exercício de representação — ela escrevera em personagem em preparação para *Otelo*. Passara seis semanas a falar com uma pronúncia americana regional quando se preparara para *Todos Eram Meus Filhos*. Era possível que se passasse algo semelhante agora. Contudo, os *e-mails* estavam assinados Kathy — e não Desdémona.

Se ao menos aquilo tivesse sido fruto da minha imaginação — então poderia esquecer o assunto, da mesma maneira que esquecemos um sonho — poderia acordar e o assunto desapareceria. Em vez disso, encontrava-me encurralado num pesadelo interminável de desconfiança, de suspeitas, de paranoia. Apesar de, à superfície, pouco ter mudado. No domingo fomos dar um passeio no parque. Parecíamos um casal perfeitamente normal a passear no parque. Talvez os nossos silêncios fossem mais longos do que o habitual, mas pareciam mais do que confortáveis. Por baixo desse silêncio, porém, um monólogo febril decorria na minha mente. Ensaiei milhões de perguntas. Porque é que ela o fizera? Como fora capaz? Porquê dizer que me amava e casar comigo, fornicar comigo, partilhar a minha cama — e depois mentir-me descaradamente e continuar a mentir, ano após ano? Há quanto tempo é que aquilo duraria? Ela amaria o tipo? Iria deixar-me para ficar com ele?

Espreitei o telemóvel dela meia dúzia de vezes enquanto ela tomava um duche, à procura de mensagens, mas não encontrei nada. Se recebera mensagens incriminatórias, com certeza apagara-as. Pelos vistos não era parva, apenas ocasionalmente distraída.

Era possível que eu nunca viesse a saber a verdade. Talvez nunca a descobrisse.

De certa maneira, esperava que assim fosse.

A Kathy olhou para mim quando estávamos sentados no sofá, logo a seguir ao passeio.

- Estás bem?
- Como assim?
- Sei lá. Pareces um pouco em baixo.
- Hoje?
- Não só hoje. Ultimamente.

Evitei o olhar dela.

— Tem que ver com o trabalho. Tenho muita coisa na cabeça.

A Kathy assentiu afirmativamente. Em seguida, apertou-me a mão num gesto compreensivo. Ela era boa atriz. Quase acreditei que estava genuinamente preocupada.

- Como é que estão a correr os ensaios?
- Melhor. O Tony teve umas boas ideias. Para a semana vamos trabalhar até tarde para as pormos em prática.
 - Certo.

Já não acreditava em nada do que ela dizia. Analisava cada frase, tal como fazia com um paciente. Procurava um significado oculto, lia nas entrelinhas à procura de pistas não-verbais — inflexões subtis, rodeios, omissões. Mentiras.

- Como é que está o Tony?
- Bem. Ela encolheu os ombros, como se não estivesse minimamente interessada no assunto. Eu não acreditei. Ela idolatrava o Tony, o encenador dela, e estava sempre a falar dele; pelo menos costumava fazê-lo; nos últimos tempos já não fazia tantas referências a ele. Conversavam sobre peças e representação e teatro; um mundo além do meu conhecimento. Ouvira falar imenso sobre o Tony, mas só o vira uma vez, por breves instantes, quando fora ter com a Kathy depois de um ensaio. Na altura achara estranho a Kathy não nos ter apresentado. Ele era casado e a esposa era atriz; ficara com a sensação de que a Kathy não simpatizava muito com ela. Talvez a esposa tivesse ciúmes da relação deles, tal como eu tinha. Sugerira que fôssemos jantar fora os quatro, mas a Kathy não parecera particularmente interessada nessa ideia. Às vezes interrogava-me se estaria a tentar manter-nos afastados.

Vi a Kathy abrir o portátil. Virou o ecrã de costas para mim enquanto escrevia. Ouvia os dedos dela a teclar. A quem estaria a escrever? Ao Tony?

— O que é que estás a fazer? — perguntei-lhe, com um bocejo.

- A mandar um *e-mail* à minha prima... Agora está em Sydney.
- Ai sim? Manda-lhe um beijinho meu.
- Está bem.

A Kathy escreveu durante mais algum tempo, depois parou e pousou o portátil.

— Vou tomar um banho.

Acenei com a cabeça.

Está bem.

Ela olhou-me com uma expressão divertida.

— Alegra-te, amor. De certeza que estás bem?

Sorri e disse sim com a cabeça. Ela pôs-se de pé e retirou-se. Esperei até ouvir a porta da casa de banho fechar-se e o som da água a correr. Deslizei para o lugar onde ela tinha estado sentada. Peguei no portátil. Os dedos tremiam-me quando o abri. Tornei a abrir o motor de busca dela — e fui para a página do endereço de *e-mail*.

Porém, ela saíra da conta.

Afastei o portátil para o lado, com desdém. Isto tem de parar, pensei. Isto assim é uma loucura. Ou já estaria eu louco?

Estava a enfiar-me na cama e a puxar as mantas para cima quando a Kathy entrou no quarto, a escovar os dentes.

- Esqueci-me de te dizer. A Nicole vai estar em Londres para a semana.
- A Nicole?
- Tu lembras-te dela. Fomos à festa de despedida dela.
- Ah, sim. Pensava que se tinha mudado para Nova Iorque.
- E mudou. Mas agora voltou. Uma pausa. Quer que vá ter com ela na quinta-feira... Quinta à noite, a seguir ao ensaio.

Não sei o que é que despertou a minha desconfiança. Teria sido a maneira como a Kathy estava a olhar na minha direção mas não para mim? Senti que estava a mentir. Não disse nada. Ela também não. Em seguida, desapareceu da porta. Ouvia-a na casa de banho, cuspindo a pasta de dentes e lavando a boca.

Talvez não significasse nada. Talvez fosse perfeitamente inocente e a Kathy fosse encontrar-se realmente com a Nicole na quinta-feira.

Talvez.

Só havia uma maneira de o descobrir.

Dessa vez não havia filas à porta da galeria da Alicia, ao contrário do que acontecera naquele dia, seis anos antes, em que eu fora ver a *Alceste*. Agora havia outro artista na montra e, não obstante o seu possível talento, faltava-lhe a notoriedade da Alicia e a subsequente capacidade de atrair multidões.

Assim que entrei na galeria senti um arrepio; fazia ainda mais frio do que na rua. Não era apenas a temperatura que parecia arrefecer o ambiente; cheirava a barrotes de aço expostos e a pisos de cimento bruto. Não tinha alma, pensei. Era vazio.

O galerista estava sentado atrás da secretária. Levantou-se assim que me aproximei.

O Jean-Felix Martin estava na casa dos quarenta e poucos anos, era um homem bem-parecido com olhos e cabelo preto, vestido com uma *T-shirt* justa com o desenho de uma caveira vermelha. Disse-lhe quem era e ao que tinha vindo. Para minha surpresa, ele não teve qualquer problema em conversar sobre a Alicia. Falava com pronúncia. Perguntei-lhe se era francês.

- Originalmente, sim; de Paris. Mas estou cá desde os meus tempos de estudante; oh, há uns vinte anos, pelo menos. Atualmente vejo-me mais como britânico. — Sorriu e fez sinal com a mão na direção de uma sala nas traseiras. — Venha daí, podemos tomar um café.
 - Obrigado.
- O Jean-Felix levou-me a um escritório que era essencialmente um armazém, a abarrotar com pilhas de pinturas.
- Como é que está a Alicia? perguntou-me ele, mexendo numa máquina de café de aspeto complicado. — Continua a não falar?

Abanei a cabeça.

— Não.

Ele acenou afirmativamente e deu um suspiro.

- Que tristeza. Sente-se, por favor. O que é que quer saber? Farei os possíveis para lhe responder com exatidão. O Jean-Felix esboçou um sorriso forçado, carregado de curiosidade. Embora não perceba muito bem porque é que veio ter comigo.
- O Jean-Felix e a Alicia eram próximos, não eram? Além da vossa relação profissional...
 - Quem é que lhe disse isso?
 - O irmão do Gabriel, o Max Berenson. Sugeriu que falasse consigo.

- O Jean-Felix revirou os olhos.
- Ah, falou com o Max, foi? Que enfadonho.

Disse-o com um desdém tal que não consegui evitar rir-me.

- Conhece o Max Berenson?
- Suficientemente bem. Melhor do que gostaria. Estendeu-me um pequeno copo de café. Eu e a Alicia éramos próximos. Muito próximos. Conhecíamo-nos há anos; muito antes de ela ter conhecido o Gabriel.
 - Não fazia ideia.
- Ah, sim. Andámos juntos na faculdade de arte. E depois de nos licenciarmos, pintámos juntos.
 - Quer dizer que colaboraram?
- Bem, não exatamente. Jean-Felix riu-se. Quero dizer que pintámos paredes juntos. De casas.

Sorri.

- Ah. estou a ver.
- Acabei por descobrir que tinha mais jeito para pintar paredes do que quadros. Por isso desisti, por volta da mesma altura em que a arte da Alicia começou a arrancar. E quando comecei a gerir este espaço, fazia todo o sentido expor o trabalho da Alicia. Foi um processo orgânico e natural.
 - Sim, percebe-se que sim. E o Gabriel?
 - O que é que tem?

Pressenti uma certa animosidade, uma reação defensiva que me dizia que essa era uma via a explorar.

- Bem, queria saber como é que ele se encaixava nessa dinâmica. Provavelmente conhecia-o muito bem?
 - Nem por isso.
 - Não?
- Não. O Jean-Felix hesitou por uns instantes. O Gabriel nunca se deu ao trabalho de tentar conhecer-me. Era uma pessoa... muito egocêntrica.
 - Fico com a impressão de que não simpatizava com ele.
- Nem por isso. E acho que ele também não simpatizava comigo. Aliás, sei que não.
 - E porquê?
 - Não faço ideia.
 - Acha que talvez sentisse ciúmes? Da sua relação com a Alicia?
 - O Jean-Felix beberricou o seu café e acenou com a cabeça.
 - Sim, sim. Possivelmente.
 - Ele via-o como uma ameaça, talvez?
 - Diga-me você. Parece ter todas as respostas.

Percebi a dica. Não insisti. Em vez disso, tentei uma abordagem diferente.

- Esteve com a Alicia uns dias antes do homicídio, não esteve?
- Sim. Fui a casa dela.
- Pode falar-me um pouco sobre isso?
- Bem, ela tinha uma exposição para breve e estava atrasada com o trabalho. Estava legitimamente preocupada.
 - O Jean-Felix não tinha visto nenhuma das obras novas?
- Não. Ela andava a adiá-lo há imenso tempo. Achei melhor ir ver como estavam as coisas. Calculei que estivesse no estúdio, ao fundo do jardim. Mas não estava.
 - Não?
 - Não. Fui dar com ela dentro de casa.
 - Como é que entrou?
 - O Jean-Felix pareceu ficar admirado com a pergunta.
- O quê? Percebi que estava a fazer uma avaliação mental qualquer. Então acenou com a cabeça. — Ah, já percebi. Bem, havia um portão que ia da rua até à parte de trás do jardim. Costumava estar destrancado. E do jardim entrei na cozinha pela porta das traseiras. Que também estava destrancada. — Ele sorriu. — Sabe, você mais parece um detetive do que um psiquiatra.
 - Sou psicoterapeuta.
 - Há alguma diferença?
- Estou só a tentar compreender o estado mental da Alicia. O que é que achou do estado de espírito dela?
 - O Jean-Felix encolheu os ombros.
 - Ela pareceu-me bem. Um pouco stressada por causa do trabalho.
 - Mais nada?
- Não tinha ar de quem iria dar um tiro ao marido dali a uns dias, se é a isso que se refere. Pareceu-me bem. Bebeu o resto do café e depois hesitou, como se lhe tivesse ocorrido algo. Quer ver alguns dos quadros dela? Sem esperar pela resposta, o Jean-Felix pôs-se de pé e dirigiu-se para a porta, fazendo-me sinal para que o seguisse.
 - Venha daí.

Segui o Jean-Felix até um armazém. Ele aproximou-se de uma caixa grande, levantou uma divisória articulada e retirou três quadros embrulhados em mantas. Pô-los em pé. Desembrulhou cuidadosamente cada um deles. Em seguida, recuou e mostrou-me o primeiro com um floreado.

— Voilà.

Contemplei o quadro. Possuía a mesma qualidade fotorrealista que as restantes obras da Alicia. Representava o acidente de viação que matara a mãe dela. O corpo de uma mulher estava sentado nos destroços, debruçado sobre o volante. Ela estava coberta de sangue e claramente morta. O espírito dela, a alma, erguia-se do cadáver, qual pássaro enorme com asas amarelas, subindo aos céus.

— Não é magnífico? — O Jean-Felix olhava fixamente para a pintura. — Aqueles amarelos e vermelhos e verdes; quase nos perdemos nele. É jubiloso.

Jubiloso não seria a minha escolha de palavra. Perturbador, talvez. Não sabia muito bem o que pensar dele.

Passei ao quadro seguinte. Uma pintura de Jesus na cruz. Ou não?

— É o Gabriel — disse-me o Jean-Felix. — Está muito parecido com ele.

Era realmente o Gabriel — mas o Gabriel representado como Jesus, crucificado, pendurado na cruz, sangue escorrendo-lhe das feridas, uma coroa de espinhos na cabeça. Os olhos dele não olhavam para baixo mas em frente — fixos, atormentados, assumidamente reprovadores. Pareciam trespassar-me. Examinei a pintura mais de perto — o item incongruente pendurado à volta do peito do Gabriel. Uma espingarda.

- É a arma que o matou?
- O Jean-Felix assentiu com a cabeça.
- Sim. Era dele, penso eu.
- E isto foi pintado antes do homicídio dele?
- Um mês e tal antes. É revelador do que a Alicia tinha na cabeça, não é? — O Jean-Felix passou ao terceiro quadro. Era uma tela maior do que as anteriores. — Este é o melhor de todos. Recue um pouco, para o ver como deve ser.

Fiz o que ele disse e recuei alguns passos. Então virei-me para trás e olhei. Assim que vi a pintura, deixei escapar uma gargalhada involuntária.

Tratava-se da tia da Alicia, a Lydia Rose. A razão por que ficara tão zangada era mais do que evidente. A Lydia estava completamente nua,

reclinada em cima de uma cama minúscula. Esta cedia sob o peso dela. A mulher era imensa e monstruosamente gorda — uma explosão de carne derramando-se sobre a cama, alcançando o chão e espalhando-se pela divisão, enrugada e serpenteada como ondas de creme de leite cinzento.

- Caramba. É mesmo cruel.
- Eu acho-o maravilhoso. O Jean-Felix olhou para mim com interesse. Conhece a Lydia?
 - Sim, fui visitá-la.
- Estou a ver. Ele sorriu. Tem feito o trabalho de casa. Nunca conheci a Lydia. A Alicia odiava-a, sabe?
 - Sim. Olhei fixamente para a pintura. Sim, estou a ver que sim.
- O Jean-Felix começou a embrulhar novamente os quadros, com todo o cuidado.
 - E a Alceste? perguntei-lhe. Posso vê-la?
 - Claro. Venha comigo.
- O Jean-Felix levou-me por uma passagem estreita até ao fundo da galeria. Aí a *Alceste* tinha uma parede só para ela. Era tão bela e misteriosa como a recordava. A Alicia despida no estúdio, diante de uma tela em branco, pintando com um pincel vermelho-sangue. Estudei a expressão da Alicia. Mais uma vez desafiava toda e qualquer interpretação. Franzi o sobrolho.
 - Ela é impossível de ler.
- A ideia é mesmo essa; é uma recusa em fazer qualquer comentário. É uma pintura sobre o silêncio.
 - Não compreendo muito bem o que quer dizer com isso.
- Bem, no coração de toda a arte existe um mistério. O silêncio da Alicia é o segredo dela; o mistério dela, no sentido religioso. Por isso é que se chama *Alceste*. Já leu a obra? É de Eurípedes. Ele lançou-me um olhar de curiosidade. Leia-o. Então aí sim, compreenderá.

Acenei com a cabeça — e depois vi algo na pintura no qual nunca reparara antes. Inclinei-me para a frente, para ver melhor. Havia uma taça cheia de fruta em cima de uma mesa, ao fundo na imagem — uma coleção de maçãs e peras. Nas maçãs vermelhas viam-se pequenas manchas brancas — manchas brancas escorregadias esgueirando-se e passeando-se por toda a fruta.

Apontei para elas.

- Aquilo são...?
- Larvas? O Jean-Felix acenou com a cabeça. Sim.
- Fascinante. Qual será o significado?
- É maravilhoso. Uma obra de arte. A sério. O Jean-Felix deu um suspiro e olhou para mim, diante do quadro. Baixou a voz como se a Alicia

nos pudesse escutar. — É uma pena que não a tenha conhecido naquela altura. Era a pessoa mais interessante que alguma vez conheci. A maior parte das pessoas não está viva, sabe, não verdadeiramente; caminham sonâmbulas pela vida. Mas a Alicia estava cheia de vida... Era difícil tirar os olhos dela. — O Jean-Felix virou novamente a cabeça para a pintura e contemplou o corpo despido da Alicia. — Lindíssima.

Olhei novamente para o corpo da Alicia. Mas onde o Jean-Felix via beleza, eu via apenas sofrimento; via feridas autoinfligidas e cicatrizes de automutilação.

— Ela alguma vez falou sobre a tentativa de suicídio?

Eu estava meio à pesca, mas o Jean-Felix mordeu o isco.

- Ah, está a par disso? Sim, claro.
- Depois da morte do pai?
- Ela ficou de rastos. O Jean-Felix acenou com a cabeça. A verdade é que a Alicia tinha uma cabeça muito lixada. Não como artista, mas enquanto pessoa ela era extremamente vulnerável. Quando o pai se enforcou, foi de mais para ela. Não conseguiu lidar com a situação.
 - Ela devia amar muito o pai.

O Jean-Felix deu uma gargalhada estrangulada. Olhou para mim como se eu fosse louco.

- Do que é que está a falar?
- Como assim?
- A Alicia não o amava. Ela odiava o pai. Desdenhava-o.

Fui apanhado de surpresa.

- Foi a Alicia que lho disse?
- Claro que sim. Ela odiava-o desde miúda; desde a morte da mãe.
- Mas... então porquê tentar suicidar-se após a morte dele? Se não foi por tristeza, foi porquê?
 - O Jean-Felix encolheu os ombros:
 - Culpa, talvez? Sabe-se lá.

Havia algo que ele não me estava a contar, pensei. Algo não se encaixava naquela narrativa. Algo não batia certo.

O telemóvel dele tocou.

- Com licença. Ele virou-se de costas e atendeu. A voz de uma mulher soou do outro lado da chamada. Falaram durante uns instantes, combinando um encontro. Eu depois ligo-te, querida disse ele e desligou.
 - O Jean-Felix virou-se novamente para mim.
 - Peço desculpa.
 - Tudo bem. Era a sua namorada?

Ele sorriu.

— Apenas uma amiga... Tenho muitas amigas.

Aposto que sim, pensei. Senti uma certa antipatia para com ele; não sabia dizer porquê.

Quando me acompanhou à saída, fiz-lhe uma última pergunta.

- Só mais uma coisa: a Alicia alguma vez lhe falou em algum médico?
- Um médico?
- Ao que parece foi acompanhada por um médico, por volta da altura em que tentou suicidar-se. Estou a tentar localizá-lo.
- Hum. O Jean-Felix franziu o sobrolho. Possivelmente. Havia um...
 - Lembra-se do nome?

Ele pensou por uns instantes e depois abanou a cabeça.

- Lamento. Não, sinceramente não me lembro.
- Bem, se lhe ocorrer mais tarde, talvez me possa avisar?
- Com certeza. Mas duvido. Olhou para mim e hesitou. Quer um conselho?
 - Será bem-vindo.
- Se quer mesmo fazer a Alicia falar... dê-lhe tinta e pincéis. Deixe-a pintar. Só assim ela falará consigo. Através da arte.
 - É uma ideia interessante... Foi muito útil. Obrigado, senhor Martin.
 - Trate-me por Jean-Felix. Quando vir a Alicia diga-lhe que a adoro.

Ele sorriu e mais uma vez senti uma ligeira repugnância: havia algo no Jean-Felix que não me agradava. Percebia-se que fora genuinamente próximo da Alicia; conheciam-se há muito tempo e era óbvio que se sentia atraído por ela. Estaria apaixonado por ela? Não me parecia. Recordei a expressão no rosto do Jean-Felix enquanto contemplava a *Alceste*. Sim, havia amor no olhar dele — mas amor pela pintura, não necessariamente pela pintora. O que o Jean-Felix cobiçava era a *arte*. Caso contrário, teria visitado a Alicia na Grove. Teria permanecido do lado dela — quanto a isso eu tinha a certeza. Um homem nunca abandona uma mulher como ela.

Não se ele a ama.

Entrei na Waterstones no caminho de regresso ao trabalho e comprei um exemplar de *Alceste*. A introdução dizia tratar-se da tragédia mais antiga de Eurípedes ainda existente e uma das suas obras menos representadas.

Comecei a lê-lo no metro. Não era propriamente uma leitura fácil. Tratava-se de uma peça estranha. O herói, Admeto, é condenado à morte por Fates. Mas graças à capacidade de negociação de Apolo, é-lhe oferecida uma escapatória — Admeto poderá escapar à morte se conseguir convencer outra pessoa a morrer em vez dele. Pede à mãe e ao pai para morrerem por ele, mas estes recusam-se categoricamente. É difícil de perceber Admeto. Não tem um comportamento propriamente heroico e os Gregos antigos decerto encaravam-no como um palerma. Alceste é mais consistente — ela chega-se à frente e oferece-se para morrer em vez do marido. Talvez não esteja à espera de que Admeto aceite a oferta — mas ele fá-lo e Alceste morre, partindo assim para Hades.

Mas a história não termina aí. Tem um final mais ou menos feliz, um *deus ex machina*. Héracles tira Alceste de Hades e trá-la triunfantemente de volta para a terra dos vivos. Ela volta à vida. Admeto chora ao ver a mulher. As emoções de Alceste são mais difíceis de ler — ela permanece em silêncio. Não fala.

Endireitei-me rapidamente no lugar ao ler essas palavras. Mal podia acreditar.

Tornei a ler a última página da peça, calma e atentamente:

Alceste regressa da morte, novamente viva. E permanece calada — incapaz de falar ou recusando-se a falar sobre a sua experiência. Admeto pergunta a Héracles, em desespero:

«A minha mulher está aqui, mas porque permanece calada?»

Não obtém resposta. A tragédia termina com Alceste a ser levada por Admeto para o interior da casa — em silêncio.

Porquê? Porque é que ela não fala?

Diário de Alicia Berenson

2 DE AGOSTO

Hoje está ainda mais calor. Está mais quente em Londres do que em Atenas, ao que parece. A diferença é que Atenas tem praia.

O Paul ligou-me hoje de Cambridge. Fiquei surpreendida ao ouvir a voz dele. Há meses que não falávamos um com o outro. O meu primeiro pensamento foi que a tia Lydia tinha morrido — não tenho vergonha de admitir que senti um certo alívio.

Mas não foi por isso que o Paul ligou. Aliás, continuo sem perceber muito bem por que motivo me ligou. Foi muito evasivo. Estava sempre à espera de que fosse direito ao assunto, mas ele não o fez. Estava sempre a perguntar-me se eu estava bem, e se o Gabriel estava bem, e fez um comentário qualquer sobre a Lydia estar exatamente na mesma.

— Um dia destes vou visitar-te — disse-lhe eu. — Há muito tempo que ando para ir aí.

A verdade é que tenho sentimentos muito complicados em relação a regressar a casa, e a estar na casa com a Lydia e o Paul. Por isso evito voltar lá — e acabo por me sentir culpada; de qualquer das maneiras fico a perder.

— Seria bom pormos a escrita em dia — disse-lhe eu. — Irei visitar-te em breve. Estava prestes a sair de casa, por isso...

Então o Paul falou tão baixo que não o consegui ouvir.

- Desculpa? Podes repetir?
- Eu disse que estou metido em sarilhos, Alicia. Preciso da tua ajuda.
- O que se passa?
- Não posso falar ao telefone. Preciso de te ver.
- Mas... não me parece que possa ir a Cambridge de momento.
- Eu vou aí ter contigo. Esta tarde. Pode ser?

Algo na voz do Paul fez-me concordar de imediato. Ele soava desesperado.

- Está bem. De certeza que não me podes dizer o que se passa agora?
- Até logo. O Paul desligou.

Passei o resto da manhã a pensar naquilo. O que seria tão grave para o Paul recorrer logo a mim? Estaria relacionado com a Lydia? Ou talvez com a casa? Não fazia qualquer sentido.

Não consegui fazer grande coisa depois do almoço. Atribuí a culpa ao calor, mas na verdade estava completamente distraída. Passei a maior parte da tarde na cozinha, espreitando pelas janelas, até que vislumbrei o Paul na rua.

Ele acenou-me.

- Olá, Alicia.

A primeira coisa em reparei foi no péssimo aspeto dele. Perdera imenso peso, em especial na zona do rosto, das têmporas e do maxilar. Parecia esquelético, doente. Exausto. Assustado.

Sentámo-nos na cozinha com a ventoinha portátil ligada. Ofereci-lhe uma cerveja, mas ele disse que preferia algo mais forte, o que me surpreendeu, pois não me lembrava de o ver beber por aí além. Servi-lhe um uísque — pequeno — e ele tornou a encher o copo, convencido de que eu não estava a ver.

A princípio, ele não disse nada. Deixámo-nos estar sentados em silêncio por uns instantes. Então ele repetiu o que me tinha dito ao telefone. As mesmas palavras: — Estou metido em sarilhos.

Perguntei-lhe o que quereria dizer. Estaria relacionado com a casa?

- O Paul olhou-me inexpressivamente. Não, não era por causa da casa.
- Então o que é?
- Sou eu. Ele hesitou e depois disse: Tenho andado a jogar. E a perder imenso, infelizmente.

Andava a jogar regularmente, há vários anos. Disse que começara como uma forma de sair de casa — um sítio onde ir, algo para fazer, um pouco de diversão — e não o posso censurar por isso. Quem mora com a Lydia tem tudo menos diversão. Mas ele tem andado a perder cada vez mais dinheiro e agora chegou a um ponto em que perdeu o controlo da situação. Tem andado a mexer nas contas-poupança dele. E estas nunca tiveram grande coisa.

- De quanto é que precisas?
- Vinte mil libras.

Não queria acreditar no que estava a ouvir.

- Perdeste vinte mil libras?
- Não tudo de uma vez. E pedi algum emprestado; mas agora querem o dinheiro de volta.
 - Quem?
 - Se não lhes pagar, estou tramado.

- Contaste à tua mãe? Eu já sabia a resposta. O Paul pode ser parvo, mas não é estúpido.
- Claro que não. A minha mãe matava-me. Preciso da tua ajuda, Alicia. Por isso é que vim cá.
 - Não tenho essa quantidade de dinheiro, Paul.
 - Eu depois pago-to. Não preciso de tudo de uma vez. Só uma parte.

Não lhe respondi e ele continuou a suplicar-me. Queriam uma parte do dinheiro nessa noite. Ele não se atrevia a regressar de mãos a abanar. Tudo que eu pudesse dar-lhe, qualquer coisa. Eu não sabia o que fazer. Queria ajudá-lo, mas sentia que dar-lhe dinheiro não seria a melhor forma de lidar com a situação. E também sabia que as dívidas dele seriam um segredo muito difícil de esconder da tia Lydia. Eu não sabia o que teria feito no lugar do Paul. Provavelmente era mais assustador enfrentar a Lydia do que os agiotas.

- Eu passo-te um cheque respondi-lhe, por fim.
- O Paul ficou pateticamente agradecido e não parava de murmurar: Obrigado, obrigado...

Passei-lhe um cheque de duas mil libras, pronto a levantar. Sei que não é o que ele queria, mas tudo aquilo era território novo para mim. E não sei se acredito em tudo o que me disse. Algo naquela história não batia certo.

- Talvez te possa dar mais qualquer coisa depois de falar com o Gabriel
 disse-lhe.
 Mas é preferível arranjarmos outra maneira de resolver a situação. Sabes que o irmão do Gabriel é advogado. Talvez ele possa...
 - O Paul levantou-se de um salto e abanou a cabeça.
- Não, não, não. Não digas nada ao Gabriel. Não o metas nisto. Por favor. Eu arranjo forma de resolver isto. Eu trato do assunto.
 - E a Lydia? Acho que devias...
- O Paul abanou a cabeça com veemência e pegou no cheque. Pareceu ficar desiludido com a quantia, mas não disse nada. Pouco depois, foi-se embora.

Tenho a sensação de que o deixei ficar mal. É uma sensação que sempre tive em relação ao Paul, desde que éramos miúdos. Nunca consegui fazer jus às expectativas que ele tinha em relação a mim — que eu deveria ser uma figura maternal para ele. Deveria conhecer-me melhor do que isso. Não sou do género maternal.

Contei tudo ao Gabriel quando ele chegou a casa. Ficou aborrecido comigo. Disse que não deveria ter dado dinheiro nenhum ao Paul, que não lhe devo nada e que ele não é responsabilidade minha.

Sei que o Gabriel tem razão, mas não consigo evitar sentir-me culpada. Eu escapei daquela casa, da Lydia — e o Paul não. Continua preso lá. Continua a ter oito anos. Quero ajudá-lo.

6 DE AGOSTO

Passei o dia inteiro a pintar, fazendo várias experiências com o fundo do retrato de Jesus. Ando a fazer esboços a partir de fotografias que tirámos no México — terra vermelha e rachada, vegetação escura e espinhosa —, a pensar em como captar esse mesmo calor, essa secura intensa — e entretanto ouvi o Jean-Felix a chamar por mim.

Por instantes pensei em ignorá-lo, fingir que não estava em casa. Mas depois ouvi o portão a abrir e era tarde de mais. Espreitei e vi-o a atravessar o jardim.

Acenou-me.

- Olá, miúda. Venho incomodar? Estás a trabalhar?
- Por acaso estou.
- Ótimo, ótimo. Continua. Já só faltam seis semanas para a exposição, sabes. Estás incrivelmente atrasada.
 Ele deu aquela sua risada irritante.
 A minha expressão deve ter-me denunciado, porque ele apressou-se a acrescentar:
 Estou só a brincar. Não vim cá para te vigiar.

Não lhe respondi. Entrei novamente no estúdio e ele seguiu-me. Puxou uma cadeira e posicionou-a mesmo à frente da ventoinha. Acendeu um cigarro e o fumo rodopiou em torno dele, na brisa. Voltei para junto do cavalete e peguei no pincel. O Jean-Felix ia falando enquanto eu trabalhava. Queixou-se do calor, dizendo que Londres não estava preparada para lidar com aquele tipo de tempo. Comparou-a desfavoravelmente com Paris e com outras cidades. Deixei de prestar atenção passado pouco tempo. Ele continuou a queixar-se, a autojustificarse, a ter pena dele próprio, a entediar-me profundamente. Nunca me pergunta nada. Não tem qualquer interesse real em mim. Mesmo ao fim de todos estes anos, continuo a ser apenas um meio para alcançar um fim membro do público no Espetáculo Jean-Felix.

Talvez isso seja cruel da minha parte. Ele é um amigo de longa data — e sempre me apoiou. Sente-se sozinho, é só isso. E eu também. Bem, eu preferia estar sozinha do que com a pessoa errada. Por isso é que nunca tinha tido nenhuma relação séria antes do Gabriel. O Jean-Felix está sempre a falar mal dele, insinuando que o Gabriel não é tão talentoso como eu, que é vaidoso e egocêntrico. Acho que o Jean-Felix está convencido de que um dia irá conquistar-me e que irei cair a seus pés. Ele não entende que com cada comentário sarcástico e cada observação maliciosa só me empurra ainda mais para os braços do Gabriel.

O Jean-Felix está sempre a falar sobre a nossa longa, longa amizade — é assim que ele me manipula —, sobre a intensidade daqueles primeiros anos em que éramos apenas «nós contra o mundo». Mas não me parece que o Jean-Felix perceba que está a agarrar-se a uma época da minha vida em que eu não era feliz. E qualquer afeto que eu nutra pelo Jean-Felix prende-se com essa altura. Somos como um casal que deixou de se amar. Hoje percebo o quanto antipatizo com ele.

- Estou a trabalhar respondi-lhe. Preciso de me despachar com isto, portanto, se não te importas...
 - O Jean-Felix fez uma careta.
- Estás a mandar-me embora? Vejo-te pintar desde que pegaste num pincel pela primeira vez. Se tenho sido uma distração todos estes anos, podias ter dito alguma coisa antes.
 - Estou a dizer agora.

Sentia o rosto ruborizado e começava a ficar irritada. Não o conseguia controlar. Tentei pintar, mas a minha mão estava a tremer. Sentia o olhar do Jean-Felix a observar-me — quase conseguia ouvir a mente dele a trabalhar — a tiquetaquear, a zunir, a rodar.

- Ficaste aborrecida comigo disse ele, por fim. Porquê?
- Acabei de te dizer. Não podes aparecer assim. Tens de me enviar uma mensagem ou ligar primeiro.
- Não sabia que precisava de um convite por escrito para visitar a minha melhor amiga.

Seguiu-se uma pausa. Ele levara a mal. Na verdade, não havia outra maneira de o entender. Não planeara dizer-lho assim de chofre — tencionara dizer-lho com um pouco mais de delicadeza. Mas, por alguma razão, não consegui calar-me. E o mais engraçado é que queria magoá-lo, queria ser cruel.

- Ouve, Jean-Felix...
- Estou a ouvir.
- Não há uma maneira simpática de te dizer isto. Mas depois da exposição, está na altura de mudar.
 - Mudar o quê?
 - Mudar de galeria. Da minha parte.

O Jean-Felix olhou para mim, estupefacto. Parecia um miúdo pequeno, pensei, prestes a desatar a chorar, e dei por mim a não sentir nada exceto irritação.

- Está na altura de recomeçar. E isso aplica-se a ambos.
- Estou a ver. Ele acendeu outro cigarro. Calculo que isto seja ideia do Gabriel?
 - O Gabriel não tem nada que ver com isto.

- Ele não pode comigo, nem um bocadinho.
- Não sejas parvo.
- Ele envenenou-te em relação a mim. Já reparei nisso. Anda a fazê-lo há anos.
 - Isso não é verdade.
- Então que outra explicação haverá? Que outro motivo terás para me apunhalares pelas costas?
- Não sejas tão dramático. Isto tem só que ver com a galeria. Não tem que ver connosco. Continuamos a ser amigos. Podemos continuar a darnos.
- Desde que eu envie uma mensagem ou telefone primeiro, não é? Ele riu-se e começou a falar muito depressa, como se estivesse a tentar dizer tudo antes que eu o impedisse. Caramba. Este tempo todo a acreditar realmente em algo, em nós dois... e agora decidiste que não significa nada. Assim, sem mais nem menos. Ninguém gosta de ti como eu, sabes. Ninguém.
 - Por favor, Jean-Felix...
 - Nem acredito que tomaste essa decisão assim.
 - Ando para to dizer há algum tempo.

Foi claramente a coisa errada para dizer. O Jean-Felix ficou atónito.

- Como assim, há algum tempo? Há quanto tempo?
- Sei lá. Há algum.
- E tens andado a representar, é? Meu Deus, Alicia. Não acabes as coisas desta maneira. Não te descartes de mim desta maneira.
- Não me estou a descartar de ti. Não sejas tão dramático. Seremos sempre amigos.
- Vamos lá a acalmar um pouco. Sabes o que é que vim cá fazer? Convidar-te para vires ao teatro na sexta-feira. Ele tirou dois bilhetes do interior do casaco e mostrou-mos eram para uma tragédia da autoria de Eurípedes, no Teatro Nacional. Gostaria que viesses comigo. É uma maneira mais civilizada de nos despedirmos, não te parece? Em nome dos velhos tempos. Não digas que não.

Hesitei. Não queria nada fazê-lo. Mas também não queria magoá-lo ainda mais. Penso que teria concordado com qualquer coisa — só para que se fosse embora dali. Por isso respondi-lhe que sim.

22H30

Quando o Gabriel chegou a casa, contei-lhe o que tinha acontecido com o Jean-Felix. Ele disse que nunca compreendeu a nossa amizade. Disse que o Jean-Felix é sinistro e que não gosta da maneira como ele olha para mim.

- E como é que ele olha para mim?
- Como se lhe pertencesses ou algo assim. Acho que deverias deixar a galeria agora; antes da exposição.
- Não posso fazer isso; é tarde de mais. Não quero que ele me odeie.
 Nem imaginas como pode ser vingativo.
 - Até parece que tens medo dele.
 - Não tenho. Mas é mais fácil assim; afastar-me gradualmente.
- Quanto mais depressa melhor. Ele está apaixonado por ti. Sabes isso, não sabes?

Não argumentei — mas o Gabriel está enganado. O Jean-Felix não está apaixonado por mim. Está mais agarrado às minhas pinturas do que a mim. Que é outro motivo para querer afastar-me dele. O Jean-Felix não quer saber de mim para nada. Mas numa coisa o Gabriel tem razão.

Tenho medo dele.

Encontrei o Diomedes no gabinete dele. Estava sentado em cima de um banco alto, diante da harpa. Esta tinha uma estrutura de madeira grande e ornamentada, com uma cortina de cordas douradas.

- Que belo objeto disse eu.
- O Diomedes acenou com a cabeça.
- E muito complicado de tocar. Fez uma demonstração, passando os dedos carinhosamente sobre as cordas. Uma escala progressiva ecoou na sala. Quer experimentar?

Sorri — e abanei a cabeça.

Ele deu uma risada.

- Estou sempre a perguntar para ver se o Theo muda de ideias, percebe? Se há coisa que eu sou é persistente.
- Não sou muito musical. Isso foi-me dito perentoriamente pela minha professora de música na escola.
- Tal como a terapia, a música tem que ver com um relacionamento, totalmente dependente do professor da sua escolha.
 - Não duvido que isso seja verdade.

Ele olhou pela janela e fez sinal com a cabeça para o céu que escurecia.

- Aquelas nuvens estão carregadas de neve.
- Parecem-me nuvens de chuva.
- Não, é neve. Acredite no que lhe digo, venho de uma longa linhagem de pastores gregos. Esta noite irá nevar.
- O Diomedes lançou um último olhar esperançoso às nuvens e depois voltou a sua atenção para mim.
 - Em que posso ajudá-lo, Theo?
 - Com isto.

Fiz deslizar o exemplar da peça sobre o tampo da secretária dele. Ele olhou para ela.

- O que é isto?
- Uma tragédia de Eurípedes.
- Isso vejo eu. Porque é que ma está a mostrar?
- Bem, é a *Alceste*; o título que a Alicia deu ao autorretrato dela, pintado após o homicídio do Gabriel.
- Ah, sim, sim, claro.
 O Diomedes olhou para a peça com maior interesse.
 Dando-se a si própria o papel de heroína trágica.
- Possivelmente. Devo admitir que me deixou algo desconcertado. Pensei que o professor talvez a compreendesse melhor do que eu.

- Por ser grego? Deu uma gargalhada. Está convencido de que tenho um conhecimento profundo sobre todas as tragédias gregas?
 - Bem, pelo menos há de ter mais do que eu.
- Não vejo porquê. É como partir do princípio de que todos os ingleses conhecem a obra completa de Shakespeare. Lançou-me um olhar piedoso. Felizmente para si, essa é a diferença entre os nossos países. Todos os gregos conhecem as tragédias. As tragédias são os nossos mitos, a nossa história; o nosso sangue.
 - Então será capaz de me ajudar com isto.
 - O Diomedes pegou na peça e folheou-a.
 - E onde está a sua dificuldade?
- A minha dificuldade está no facto de ela não falar. Alceste morreu pelo marido. E no final, volta à vida; mas permanece em silêncio.
 - Ah. Como a Alicia.
 - Sim.
 - Mais uma vez, coloco a questão: onde está a sua dificuldade?
- Bem, é óbvio que há uma ligação; mas não a compreendo. Porque é que Alceste não fala no fim?
 - Qual é a sua opinião?
 - Não faço ideia. Porque está muito emocionada, possivelmente?
 - Possivelmente. E que tipo de emoção é a dela?
 - Alegria?
- Alegria? Ele riu-se. Pense, Theo: no lugar dela, como é que sentiria? A pessoa que mais ama no mundo condenou-o à morte, por uma questão de cobardia. Isso é uma traição e peras.
 - Está a dizer que ela estava triste?
 - Alguma vez foi traído?

A pergunta trespassou-me, qual punhal. Senti-me a ficar ruborizado. Os meus lábios mexeram-se, mas não saiu nenhum som.

- O Diomedes sorriu.
- Estou a ver que sim. Então... explique-me lá. Como é que Alceste se sente?

Dessa vez eu sabia a resposta.

- Zangada. Ela está... zangada.
- Sim. O Diomedes acenou afirmativamente. Mais do que zangada. Está capaz de matar... tal é a raiva que sente. Ele deu uma gargalhada. É impossível não nos interrogarmos sobre como será a relação deles dali em diante, entre Alceste e Admeto. A confiança, uma vez perdida, é difícil de recuperar.

Demorei uns segundos até conseguir voltar a falar.

— E a Alicia?

- O que é que tem?
- Alceste foi condenada à morte por causa da cobardia do marido. E a Alicia...
- Não, a Alicia não morreu... Não fisicamente. Deixou a palavra pairar no ar. Em contrapartida, *psiquicamente*...
- Está então a dizer que aconteceu algo... que matou o espírito dela; a sensação dela de estar viva?
 - Possivelmente.

Sentia-me frustrado. Peguei na peça e contemplei-a. Na capa via-se uma estátua clássica — uma mulher bela imortalizada em mármore. Fitei-a, pensando no que o Jean-Felix me dissera.

- Se a Alicia está morta... à semelhança de Alceste, temos de a trazer de volta à vida.
 - Correto.
- Ocorreu-me que se a arte da Alicia é a maneira de ela se expressar, que tal se lhe proporcionássemos uma voz?
 - E como é que vamos fazer isso?
 - E se a deixássemos pintar?
- O Diomedes olhou-me com uma expressão de surpresa, seguido de um acenar de mão.
 - Ela já tem arteterapia.
- Não estou a falar de arteterapia. Refiro-me a deixarmos a Alicia trabalhar à maneira dela; sozinha, com o seu próprio espaço para criar. Deixá-la exprimir-se, libertar as suas emoções. Talvez faça maravilhas por ela.
 - O Diomedes não me respondeu de imediato. Matutou sobre o assunto.
- Vai ter de combinar tudo com a terapeuta de arte dela. Já a conheceu? A Rowena Hart? Olha que não é pera doce.
 - Eu falo com ela. Dá-me a sua autorização?
 - O Diomedes encolheu os ombros.
- Se conseguir convencer a Rowena, poderá avançar. Uma coisa lhe garanto: ela não vai gostar nada da ideia. Nem um bocadinho.

- Parece-me uma excelente ideia retorquiu a Rowena.
- Ai sim? Tentei não parecer surpreendido. A sério?
- Oh, sim. O único problema é que a Alicia não vai alinhar nisso.
- Porque é que diz isso?

A Rowena resfolegou com ironia.

— Porque a Alicia é a cabra menos comunicativa e participativa com quem alguma vez trabalhei.

— Ah...

Segui a Rowena até à sala de arte. O chão estava salpicado de tinta, qual mosaico abstrato, e as paredes estavam cobertas de trabalhos artísticos — alguns bons, mas a grande maioria apenas estranha. A Rowena tinha o cabelo louro curto, um olhar carrancudo muito marcado e uns maneirismos enfadados, sem dúvida devido à caterva de pacientes não colaborantes que tinha de aturar. A Alicia era claramente uma dessas desilusões.

- Ela não participa ativamente na arteterapia? indaguei.
- Não. A Rowena continuou a empilhar trabalhos artísticos numa prateleira enquanto falava. Eu tinha muita esperança quando ela se juntou ao grupo; fiz tudo o que podia para a fazer sentir-se bem-vinda. Mas ela fica ali sentada, a fitar a página em branco. Nada a faz pintar ou sequer pegar num lápis e desenhar. É um exemplo terrível para os outros.

Acenei com a cabeça, num gesto compreensivo. O propósito da arteterapia é levar os pacientes a desenharem e a pintarem e, mais importante ainda, a falarem sobre os seus trabalhos, associando-os ao estado emocional deles. É uma maneira fantástica de transpor o subconsciente deles para o papel, onde este possa ser pensado e discutido. Como sempre, depende muito das competências individuais do terapeuta. A Ruth costumava dizer que havia muito poucos terapeutas talentosos ou intuitivos — que a maioria eram autênticos canalizadores. A Rowena era, na minha opinião, uma canalizadora. Era óbvio que se sentia humilhada pela Alicia. Tentei ser o mais apaziguador possível.

- Talvez seja doloroso para ela sugeri, num tom delicado.
- Doloroso?
- Bem, não deve ser fácil para uma artista com as capacidades dela sentar-se a pintar com os outros pacientes.
- E porque não? Por ser superior a eles? Já vi o trabalho dela. Não acho nada de especial. A Rowena franziu os lábios, como se tivesse

provado algo desagradável.

Então era por isso que a Rowena antipatizava com a Alicia — inveja.

— Qualquer pessoa consegue pintar daquela maneira — disse a Rowena. — Não é complicado representar algo fotorrealisticamente; difícil é ter um ponto de vista sobre isso.

Não me apetecia nada entrar num debate sobre a arte da Alicia.

— Então o que está a dizer é que será um alívio se eu lha tirar das mãos?

A Rowena lançou-me um olhar sério.

- À vontade.
- Obrigado. Fico-lhe agradecido.

A Rowena fungou desdenhosamente.

— Mas vai ter de fornecer todo o material de pintura. O meu orçamento não inclui tintas a óleo.

— Tenho uma confissão a fazer.

A Alicia não olhou para mim.

Continuei. observando-a atentamente:

— No outro dia, quando fui ao Soho, passei pela sua antiga galeria. Aproveitei e entrei. O gerente fez a gentileza de me mostrar algumas das suas obras. É um amigo seu de longa data? O Jean-Felix Martin?

Fiquei à espera de uma resposta. Nada.

— Espero que não pense que se tratou de uma invasão à sua privacidade. Talvez devesse tê-la consultado antes. Espero que não se importe.

Nenhuma resposta.

— Vi umas pinturas que nunca tinha visto. A da sua mãe… e a da sua tia, a Lydia Rose.

A Alicia levantou lentamente a cabeça e olhou para mim. Uma expressão no seu olhar que nunca lhe vira antes. Não fui capaz de a identificar. Seria... divertimento?

— Além do interesse óbvio para mim, enquanto seu terapeuta, quero dizer, achei as pinturas tocantes pessoalmente. São peças extremamente fortes.

A Alicia baixou o olhar. Estava a perder o interesse.

Insisti rapidamente.

— Duas coisas saltaram-me à vista: na pintura sobre a sua mãe, no acidente de carro, falta algo na imagem. A Alicia. Não se pintou dentro do carro, apesar de ter estado presente.

Nenhuma reação.

— Quererá isso dizer que apenas consegue pensar no acidente como sendo uma tragédia dela? Por ela ter morrido? Mas havia também uma menina dentro do carro. Uma menina cujos sentimentos de perda não foram, na minha opinião, nem legitimados nem totalmente experienciados.

A cabeça da Alicia mexeu-se. Ela olhou para mim. Tratava-se de um olhar desafiador. Eu estava no caminho certo. Continuei.

— Perguntei ao Jean-Felix sobre o seu autorretrato, *Alceste*. Sobre o seu significado. E ele sugeriu que desse uma olhadela a isto.

Saquei do exemplar da peça *Alceste*. Fi-lo deslizar sobre o tampo da mesa de café. A Alicia olhou-o de relance.

— «Porque é que ela não fala?», pergunta Admeto. E eu faço-lhe a mesma pergunta, Alicia: o que é que não pode dizer? Porque é que tem de

ficar em silêncio?

A Alicia fechou os olhos — fazendo-me desaparecer. A conversa chegara ao fim. Olhei rapidamente para o relógio na parede atrás dela. A sessão estava quase a terminar. Faltavam poucos minutos.

Eu estivera a guardar o meu trunfo para esse momento. E joguei-o, com um nervosismo que esperava que não fosse aparente.

— O Jean-Felix fez uma sugestão. Pareceu-me muito boa. Ele é da opinião de que a Alicia deveria ser autorizada a pintar. Gostaria de o fazer? Podemos arranjar-lhe um espaço privado, com telas e pincéis e tintas.

A Alicia piscou os olhos. Abriu-os. Uma luz parecia ter-se acendido dentro deles. Eram os olhos de uma criança, grandes e inocentes, livres de desdém ou desconfiança. O rosto dela pareceu ganhar cor. De repente, parecia maravilhosamente cheia de vida.

— Falei com o professor Diomedes; ele concordou e a Rowena também... Agora é consigo, Alicia. Que lhe parece?

Esperei. Ela fitou-me.

E depois, por fim, consegui o que queria — uma reação inegável —, um sinal que me indicou que estava no caminho certo.

Foi um movimento pequeno. Minúsculo, até. Ainda assim, disse tudo. A Alicia sorriu.

A cantina era a divisão mais quente na Grove. Radiadores quentíssimos ladeavam as paredes e os lugares mais próximos desses aparelhos eram sempre os primeiros a ficarem ocupados. O almoço era a refeição mais concorrida, com pessoal e pacientes a comerem lado a lado. As vozes altas dos presentes criavam uma cacofonia de ruídos, produzida por um entusiasmo constrangedor sempre que os pacientes estavam todos no mesmo espaço.

Duas alegres senhoras caribenhas riam e conversavam enquanto serviam salsichas com puré, peixe frito com batatas fritas e caril de frango, tudo pratos cujo aroma era muito superior ao sabor. Escolhi o peixe frito com batatas fritas como sendo o menor de três males. A caminho da minha mesa, passei pela Elif. Estava rodeava do grupo dela, um bando de aspeto grosseiro composto pelos pacientes mais complicados. Estava a queixar-se da comida, quando passei pela mesa.

— Não vou comer esta merda. — Afastou o tabuleiro da sua frente.

A paciente sentada à direita dela puxou o tabuleiro para si, preparandose para o tirar das mãos da Elif, mas esta deu-lhe uma palmada na cabeça.

- Gulosa da porra! gritou-lhe a Elif. Dá cá isso.
- O incidente motivou uma gargalhada geral à mesa. A Elif puxou novamente o prato para si e começou a comer com um prazer renovado.

Reparei que a Alicia estava sentada sozinha, na parte de trás da sala. Depenicava um pedacinho de peixe, qual pássaro anorético, brincando com ele no prato mas sem o levar à boca. Senti-me algo tentado a sentar-me ao lado dela, mas decidi não o fazer. Se tivesse erguido a cabeça e olhado para mim, talvez me tivesse aproximado. Mas manteve o olhar em baixo, como se estivesse a tentar bloquear tudo e todos os que a rodeavam. Achei que seria uma invasão da privacidade dela, pelo que fui sentar-me a outra mesa, sem qualquer paciente por perto, e comecei a comer o meu peixe frito com batatas fritas. Comi apenas um pedaço do peixe empapado, que não tinha qualquer sabor, reaquecido mas ainda frio no meio. Concordava com a avaliação da Elif. Estava prestes a deitá-lo no lixo quando alguém se sentou no lugar à minha frente.

Para minha surpresa, tratava-se do Christian.

- Tudo bem? perguntou-me, com um aceno da cabeça.
- Sim. E contigo?

O Christian não me respondeu. Atacou com determinação o arroz, tipo argamassa, com caril.

- Já sei do teu plano para pores a Alicia a pintar disse-me ele, entre garfadas.
 - Estou a ver que as notícias correm depressa.
 - Aqui é assim. A ideia foi tua?

Hesitei.

- Foi, sim. Penso que será bom para ela.
- O Christian olhou-me com uma expressão duvidosa.
- Tem cuidado, pá.
- Obrigado pelo aviso. Mas não me parece necessário.
- Só estou a dizer... Os *borderline* são sedutores. É isso que está a acontecer neste caso. Não me parece que tenhas a completa noção disso.
 - Ela não me vai seduzir, Christian.

Ele deu uma risada.

- Acho que já o fez. Estás a dar-lhe exatamente o que ela quer.
- Estou a dar-lhe aquilo de que ela precisa. Há uma diferença.
- Como é que sabes do que é que ela precisa? Estás a identificar-te demasiado com ela. É mais do que óbvio. A paciente é ela, sabes, não és tu.

Olhei para o meu relógio, na tentativa de disfarçar a irritação que sentia.

— Tenho de ir.

Pus-me de pé e peguei no meu tabuleiro. Comecei a afastar-me, mas o Christian gritou atrás de mim: — Ela vai virar-se contra ti, Theo. Espera e verás. Depois não digas que não te avisei.

Fiquei irritado. E essa irritação permaneceu comigo o resto do dia.

*

Depois do trabalho, deixei a Grove e fui à pequena loja ao fundo da rua, comprar um maço de tabaco. Enfiei um cigarro na boca, acendi-o e inalei profundamente, com gestos praticamente mecânicos. Estava a pensar no que o Christian me dissera, repetindo-o na minha mente enquanto os carros passavam a toda a velocidade. «Os *borderline* são sedutores», dissera ele.

Seria verdade? Seria por isso que eu me sentia tão irritado? A Alicia terme-ia seduzido emocionalmente? Era por de mais evidente que o Christian era dessa opinião e eu não tinha a menor dúvida de que o Diomedes também o suspeitava. Teriam eles razão?

Ao vasculhar na minha consciência, senti-me confiante de que a resposta era negativa. Queria ajudar a Alicia, sim — mas também era perfeitamente capaz de continuar a ser objetivo em relação a ela, de continuar atento, de avançar com cautela e de manter limites bem definidos.

Estava enganado. Já era tarde de mais, embora eu jamais o admitisse, até para mim próprio.

Liguei ao Jean-Felix, para a galeria. Perguntei-lhe o que tinha acontecido ao material de arte da Alicia — as tintas, os pincéis e as telas dela.

— Estará tudo guardado em armazém?

Após uma ligeira pausa, ele replicou:

- Bem, na verdade não... Eu tenho as coisas dela.
- Ai sim?
- Sim. Limpei o estúdio dela logo a seguir ao julgamento; e fiquei com tudo o que merecia ser guardado: todos os esboços, cadernos, o cavalete, as tintas a óleo. Estou a guardar tudo isso para ela.
 - Que simpático da sua parte.
 - Quer dizer que seguiu o meu conselho? Vai deixar a Alicia pintar?
 - Sim. Se vai surtir algum efeito ou não, logo se verá.
- Oh, alguma coisa irá sair daí. Verá que sim. Só lhe peço que me deixe ver os trabalhos acabados.

Percebia-se uma certa ânsia na voz dele. De repente visualizei os quadros da Alicia embrulhados em mantas no armazém dele. Estaria realmente a guardá-los para ela? Ou simplesmente não conseguia separarse deles?

- Importava-se de vir deixar o material dela à Grove? perguntei-lhe.— Dá-lhe jeito?
- Oh, eu... Seguiu-se um instante de hesitação. Senti a ansiedade dele.

Dei por mim a ir em sua salvação.

- Ou então poderei ir buscá-lo aí, se lhe dá mais jeito?
- Sim, sim, talvez fosse melhor.

O Jean-Felix tinha medo de vir à clínica, medo de ver a Alicia. Porquê? O que existiria entre eles?

O que seria que ele se recusava a encarar?

- A que horas vais encontrar-te com a tua amiga? perguntei.
- Às sete horas. Depois do ensaio. A Kathy deu-me a sua caneca de café. — o nome dela é Nicole, Theo, caso não te recordes.
 - Certo. Bocejei.

A Kathy olhou-me com uma expressão severa.

- É um pouco insultuoso não te lembrares do nome dela, é uma das minhas melhores amigas. Foste à festa de despedida dela e tudo, porra.
- É claro que me lembro da Nicole. Simplesmente esqueci-me do nome dela, foi só isso.

A Kathy revirou os olhos.

— Como queiras. Seu ganzado. Vou tomar um duche.

Ela saiu da cozinha.

Sorri para os meus botões.

Sete horas.

A um quarto para as sete caminhei ao longo do rio, em direção ao local de ensaio da Kathy, em South Bank.

Sentei-me num banco do outro lado da sala de ensaio, virado de costas para a entrada, para que a Kathy não me visse caso saísse mais cedo. De vez em quando virava a cabeça e espreitava por cima do ombro. Mas a porta continuava obstinadamente fechada.

Então, às sete e cinco, a porta abriu-se. Ouvia-se o som de conversa animada e de risadas à medida que os atores iam saindo do edifício. Emergiram em grupos de duas ou três pessoas. Não havia sinal da Kathy.

Esperei cinco minutos. Dez minutos. O fluxo de pessoas cessou e ninguém mais saiu. Com certeza passara-me despercebida. Talvez tivesse saído antes de eu ter chegado. A não ser que não tivesse vindo de todo?

Ter-me-ia mentido em relação ao ensaio?

Levantei-me e dirigi-me para a entrada. Precisava de ter a certeza. E se ela ainda estivesse lá dentro e me visse? Que desculpa teria para estar ali? Que viera fazer-lhe uma surpresa? Sim — diria que estava ali para a levar a ela e à «Nicole» a jantar fora. A Kathy ficaria atrapalhada e arranjaria uma desculpa esfarrapada qualquer — «A Nicole está doente», «A Nicole ligou a cancelar» — e acabaríamos por passar uma noite constrangedora sozinhos. Mais um serão de longos silêncios.

Alcancei a entrada. Hesitei, levei a mão à maçaneta verde enferrujada e empurrei a porta. Em seguida, entrei.

O interior de betão cheirava a bafio. O espaço de ensaio da Kathy ficava no quarto andar — queixara-se de ter de subir as escadas todos os dias —, pelo que subi a escadaria central principal. Cheguei ao primeiro andar e estava a começar a subir em direção ao segundo quando ouvi uma voz nas escadas, vinda do piso acima de mim. Era a Kathy. Estava ao telemóvel.

— Eu sei, peço desculpa. Encontramo-nos daqui a pouco. Não demoro nada... Está bem, está bem, até já.

Fiquei paralisado — estávamos a segundos de chocarmos um com o outro. Desci rapidamente as escadas e escondi-me no canto. A Kathy passou por mim sem me ver. Saiu porta fora. Esta fechou-se com força.

Fui atrás dela e saí do edifício. A Kathy caminhava rapidamente em direção à ponte. Segui-a, desviando-me dos turistas e das pessoas que acabavam de sair dos seus empregos, tentando manter alguma distância mas sem a perder de vista.

Ela atravessou a ponte e desceu os degraus que davam para a estação de metro de Embankment. Fui atrás dela, interrogando-me sobre qual das linhas iria apanhar.

Mas não entrou no metro. Em vez disso, atravessou a estação e saiu do outro lado. Continuou a andar em direção a Charing Cross Road. Segui-a. No semáforo fiquei escassos metros atrás dela. Atravessámos a Charing Cross Road e dirigimo-nos para o Soho. Segui-a ao longo das ruas estreitas. Ela virou à direita, depois à esquerda e novamente à direita. Então parou abruptamente. Ficou parada na esquina da Lexington Street. À espera.

Portanto aquele era o ponto de encontro. Um bom local — central, movimentado, anónimo. Hesitei e depois entrei num *pub* na esquina. Dirigime para o balcão. Através da janela via claramente a Kathy. O empregado de balcão, com um ar entediado e a barba desgrenhada, olhou para mim.

- Sim?
- Uma cerveja. Guinness.

Ele bocejou e foi tirar uma cerveja ao fundo do balcão. Mantive os olhos postos na Kathy. Era óbvio que não conseguiria ver-me através da janela, mesmo que olhasse na minha direção. A dada altura a Kathy olhou realmente — diretamente para mim. O meu coração parou por instantes — estava convencido de que me vira —, mas não, o olhar dela desviou-se.

Os minutos foram passando e a Kathy continuava à espera. E eu também. Bebi lentamente a minha cerveja, observando-a. Ele estava a demorar, fosse ele quem fosse. Ela não iria ficar contente. A Kathy não gostava que a fizessem esperar — apesar de ela própria chegar sempre atrasada. Percebi que estava a ficar irritada, franzindo o sobrolho e olhando para o relógio de pulso.

Um homem atravessou a estrada na direção dela. Nos poucos segundos que ele demorou a atravessar a rua, já eu o tinha avaliado. Era bem constituído. O cabelo claro dava-lhe pelos ombros, o que me surpreendeu, pois a Kathy sempre dissera que só gostava de homens com o cabelo e os olhos escuros, como eu — a não ser que isso também fosse mentira.

Mas o homem passou ao lado dela. A Kathy nem sequer olhou para ele. Pouco depois, ele desapareceu de vista. Portanto não era ele. Interrogueime se eu e a Kathy estaríamos a pensar a mesma coisa — que a tinham deixado pendurada?

Então ela abriu mais os olhos. Sorriu. Acenou para o outro lado da rua — para alguém fora do meu campo de visão. Até que enfim, pensei. É ele. Estiquei o pescoço para espreitar...

Para minha surpresa, uma loura de aspeto vulgar, na casa dos trinta anos e envergando uma saia impossivelmente curta e uns sapatos altos improváveis, acercou-se da Kathy. Reconheci-a de imediato. Era a Nicole. Cumprimentaram-se com abraços e beijos. Depois afastaram-se, conversando e rindo, de braço dado. A Kathy não mentira quando me dissera que iria encontrar-se com a Nicole.

Registei as minhas emoções com um certo choque — deveria ter ficado imensamente aliviado pelo facto de a Kathy ter dito a verdade. Deveria terme sentido agradecido. Mas não era o caso.

Sentia-me desiludido.

— Então o que é que achas, Alicia? Tem imensa luz, não tem? Gostas?

O Yuri mostrava o novo estúdio com orgulho. Fora ideia dele requisitar a sala vaga ao lado do aquário e eu concordara — parecia-me melhor ideia do que partilhar a sala de arteterapia com a Rowena, o que, tendo em conta a manifesta hostilidade dela, teria criado algumas dificuldades. Agora a Alicia poderia ter uma sala só para ela, onde teria a liberdade para pintar sempre que lhe apetecesse e sem interrupções.

A Alicia olhou em redor. O seu cavalete fora desempacotado e montado junto à janela, onde havia mais luz. A caixa de tintas a óleo estava aberta em cima de uma mesa. O Yuri piscou-me o olho quando a Alicia se aproximou da mesa. Estava entusiasmado com aquele plano de pintura e eu estava agradecido pelo apoio dele — o Yuri era um aliado muito útil, pois era de longe o funcionário mais popular; pelo menos junto dos pacientes. Acenou-me com a cabeça, dizendo:

— Boa sorte, agora está por sua conta. — Em seguida, retirou-se. A porta fechou-se atrás dele, com um estrondo. Mas a Alicia não pareceu ouvi-la.

Estava num mundo só dela, debruçada sobre a mesa, examinando as suas tintas com um ligeiro sorriso. Pegou nos pincéis de pele de marta e acariciou-os como se fossem delicadas flores. Desembrulhou três tubos de óleo — azul-da-prússia, amarelo-da-índia, vermelho-cádmio — e dispô-los em fila. Em seguida, virou-se para a tela branca em cima do cavalete. Observou-a atentamente. Ficou parada diante dela durante muito tempo. Parecia ter entrado numa espécie de transe, de meditação — a mente dela estava noutro lugar, tendo escapado de alguma maneira, viajando para bem longe daquela cela — até que por fim ela despertou e virou novamente a atenção para a mesa. Despejou um pouco de tinta branca na paleta e misturou-a com uma pequena porção de vermelho. Tinha de misturar as tintas com um pincel: as suas espátulas da paleta tinham sido confiscadas pela Stephanie assim que chegaram à Grove, por motivos óbvios.

A Alicia levou o pincel à tela — e desenhou um traço. Uma única pincelada de tinta vermelha no meio do espaço em branco.

Depois ficou a observá-la, por momentos. Então fez outro traço. E outro. Em breve estava a pintar sem pausas nem hesitações, com uma fluidez total de movimentos. Era uma espécie de dança entre a Alicia e a tela. Deixei-me ficar, observando as formas que ela ia criando.

Permaneci em silêncio, quase sem me atrever a respirar. Sentia-me como se estivesse a presenciar um momento de intimidade, a ver um animal selvagem a dar à luz. Embora a Alicia estivesse consciente da minha presença, não parecia importar-se. De vez em quando erguia o olhar, enquanto pintava, e fitava-me.

Quase como se estivesse a estudar-me.

Nos dias que se seguiram a pintura começou lentamente a ganhar forma, a princípio muito tosca, estilo esboço, mas com uma clareza cada vez maior — então emergiu da tela com uma explosão de resplandecência fotorrealística pura.

A Alicia pintara um edifício de tijolo, um hospital — inequivocamente a Grove. O edifício estava em chamas, tendo ardido por completo. Duas figuras eram visíveis na escada da saída de emergência. Um homem e uma mulher, fugindo das labaredas. Reconheci o homem como sendo eu próprio. Carregava a Alicia nos braços, segurando-a no ar enquanto o fogo me alcançava os calcanhares.

Não conseguia perceber se fora representado a salvar a Alicia — ou prestes a lançá-la às chamas.

— Isto é ridículo. Há anos que venho cá e nunca ninguém me disse para ligar a avisar. Não posso ficar à espera o dia todo. Sou uma pessoa muito ocupada.

Uma mulher americana estava parada junto ao balcão da receção, queixando-se em voz alta à Stephanie Clarke. Reconheci a Barbie Hellmann dos jornais e da cobertura televisiva feita ao homicídio. Era a vizinha da Alicia em Hampstead, a pessoa que ouvira os tiros na noite do homicídio do Gabriel e que telefonara para a polícia.

A Barbie era uma loura californiana com sessenta e tal anos, possivelmente mais velha até. Estava encharcada de *Chanel No. 5* e fizera um número considerável de cirurgias plásticas. O nome assentava-lhe como uma luva — parecia uma boneca *Barbie* assustada. Estava claramente acostumada a conseguir tudo o que queria — daí os seus ruidosos protestos ao balcão da receção quando descobrira que precisava de fazer uma marcação antes de poder visitar um paciente.

- Quero falar com o gerente disse ela com um gesto de vaidade, como se estivesse num restaurante e não num hospital psiquiátrico. Isto é um absurdo. Onde é que ele está?
- Eu sou a gerente, senhora Hellmann respondeu-lhe a Stephanie.
 Já nos conhecemos.

Era a primeira vez que eu sentia um pingo de solidariedade para com a Stephanie; era difícil não ter pena dela quando estava a ser alvo daquele massacre por parte da Barbie. Esta falava muito e muito depressa, sem pausas, o que impedia qualquer interlocutor de lhe responder.

— Bem, nunca me disse nada sobre ter de fazer uma marcação. — A Barbie deu uma sonora gargalhada. — Por amor de Deus, é mais fácil conseguir mesa no Ivy.

Juntei-me a elas e sorri inocentemente para a Stephanie.

— Posso ajudar em alguma coisa?

A Stephanie lançou-me um olhar irritado.

— Não, obrigada. Eu trato disto.

A Barbie olhou-me de cima a baixo, com algum interesse.

- Quem é você?
- Sou o Theo Faber. Sou o terapeuta da Alicia.
- Ai sim? replicou a Barbie. Interessante. Os terapeutas eram claramente algo com o qual ela conseguia relacionar-se, ao contrário dos gerentes de hospital. A partir desse momento dirigiu-se unicamente a mim,

tratando a Stephanie como se ela não passasse de uma rececionista, o que, devo admitir, me divertiu sobremaneira.

- Deve ser novo, pois nunca o vi por cá. Abri a boca para lhe responder, mas a Barbie antecipou-se-me: Costumo vir cá mais ou menos de dois em dois meses. Desta vez deixei passar mais tempo, pois fui aos Estados Unidos visitar a minha família, mas assim que regressei, pensei logo em vir visitar a minha Alicia; tenho tantas saudades dela. A Alicia era a minha melhor amiga, sabia?
 - Não, não sabia.
- Ah, sim. Quando eles se mudaram para a casa ao lado da minha, ajudei imenso a Alicia e o Gabriel a integrarem-se na vizinhança. Eu e a Alicia tornámo-nos muito amigas. Confidenciávamos *tudo* uma com a outra.
 - Estou a ver.
 - O Yuri apareceu na receção e fiz-lhe sinal para que se aproximasse.
 - A senhora Hellmann veio visitar a Alicia disse-lhe eu.
- Trate-me por Barbie, querido. Eu e o Yuri somos velhos amigos. Ela piscou o olhou ao Yuri. Já nos conhecemos há muito tempo. O problema não é ele. Esta senhora aqui é que…

A Barbie fez um gesto depreciativo com a mão na direção da Stephanie, que teve finalmente uma oportunidade para falar.

- Lamento, senhora Hellmann, mas a política do hospital mudou desde que esteve cá no ano passado. Apertámos a nossa segurança. De agora em diante, terá de ligar antes de...
- Oh, santo Deus, *outra vez* isso? Se volto a ouvir essa lengalenga, grito. Como se a vida não fosse complicada o suficiente.

A Stephanie desistiu e o Yuri levou a Barbie para longe dali. Fui atrás deles.

Entrámos na sala de visitas e esperámos pela Alicia. A sala vazia tinha apenas uma mesa e duas cadeiras, nenhuma janela e uma luz fluorescente amarelo-pálida. Fiquei na parte de trás da divisão e vi a Alicia surgir à porta, acompanhada por dois enfermeiros. A Alicia não teve qualquer reação óbvia ao ver a Barbie. Dirigiu-se para a mesa e sentou-se sem erguer o olhar.

A Barbie parecia muito mais emocionada.

— Querida Alicia, tive tantas saudades tuas. Estás tão magra, estás quase a desaparecer. Que inveja. Como é que estás? Aquela mulher horrorosa quase não me deixava vir ver-te. Tem sido um *pesadelo*...

E aquilo continuou, um chorrilho de conversa de circunstância por parte da Barbie, pormenores sobre a sua viagem a San Diego, numa visita à mãe e ao irmão. A Alicia continuava sentada, em silêncio, o rosto dela uma verdadeira máscara, sem revelar nada, sem mostrar nada. Certa de vinte

minutos depois, o monólogo chegou misericordiosamente ao fim. A Alicia foi levada de volta pelo Yuri, com o mesmo ar desinteressado com que entrara.

Abordei a Barbie quando ela ia a sair da Grove.

— Posso dar-lhe uma palavrinha?

A Barbie assentiu, como se já estivesse à espera.

- Quer falar comigo sobre a Alicia? Já não era sem tempo que alguém me fizesse algumas perguntas, bolas. A polícia não quis ouvir nada do que eu tinha para dizer; o que foi uma parvoíce, pois a Alicia confidenciava em mim a toda a hora, sabe? Sobre tudo. Contou-me coisas que não lhe passam pela cabeça a si. A Barbie disse-o num tom enfático e esboçou um sorriso tímido. Sabia que atiçara o meu interesse.
 - Como por exemplo?

A Barbie sorriu enigmaticamente e fechou o casaco de peles.

— Bem, não posso falar sobre isso agora. Já estou muito atrasada. Apareça em minha casa esta noite; por volta das seis?

Não me agradava muito a ideia de visitar a Barbie em casa dela — esperava sinceramente que o Diomedes não viesse a descobrir. Mas não tinha outro remédio — queria descobrir o que é que ela sabia. Forcei um sorriso.

— Qual é a sua morada?

A casa da Barbie era uma das habitações que ficavam de frente para Hampstead Heath, com vista sobre um dos lagos. Era grande e, tendo em conta a localização, o mais certo era ser fantasticamente cara.

A Barbie morava em Hampstead há muitos anos quando o Gabriel e a Alicia se mudaram para a casa ao lado. O ex-marido dela era banqueiro de investimento e vivera entre Londres e Nova lorque até eles se terem divorciado. Encontrara uma versão mais nova e loura da esposa — e a Barbie ficara com a casa.

— Toda a gente ficou contente — disse ela, com uma risada. — Em especial eu.

A casa da Barbie estava pintada de azul-claro, contrastando com as restantes casas na mesma rua, que eram brancas. O jardim da frente estava decorado com pequenas árvores e plantas envazadas.

A Barbie recebeu-me à porta.

— Olá, meu querido. Ainda bem que chegou a horas. É bom sinal. Por aqui.

Conduziu-me por um corredor em direção à sala de estar, sempre a falar. Escutei-a parcialmente, enquanto examinava o espaço envolvente. A casa cheirava a estufa; estava cheia de plantas e flores — rosas, lírios e orquídeas onde quer que olhássemos. Quadros, espelhos e fotografias emolduradas enchiam por completo as paredes; estatuetas, jarrões e outros objetos de arte competiam por espaço em cima de mesas e de aparadores. Eram todas peças dispendiosas, mas amontoadas daquela maneira mais pareciam tralha. Enquanto representação da mente da Barbie, sugeria um mundo interior no mínimo desorganizado. Fazia-me pensar em caos, desordem e ganância — uma fome insaciável. Interroguei-me como teria sido a infância dela.

Empurrei para o lado umas almofadas ornamentadas com borlas, para arranjar espaço para me sentar no sofá imenso e desconfortável. A Barbie abriu um móvel de bebidas e tirou dois copos.

— Ora bem, o que é que toma? Tem cara de quem bebe uísque. O meu ex-marido bebia litros de uísque por dia. Dizia que era para me conseguir aturar. — Ela riu-se. — Na verdade, sou uma *connoisseur* de vinho. Tirei um curso na região de Bordéus, em França. Tenho um excelente faro.

Fez uma pausa para respirar e aproveitei para falar enquanto podia.

— Não gosto de uísque. Não sou grande consumidor de bebidas alcoólicas... Bebo uma cerveja de vez em quando.

- Ah. A Barbie pareceu ficar ligeiramente aborrecida. Cerveja não tenho.
 - Tudo bem, eu não preciso de beber...
 - Pois, mas eu preciso, meu querido. Tive um dia complicado.

A Barbie serviu-se de um copo grande de vinho tinto e aninhou-se na poltrona, como se se preparasse para uma bela conversa.

- Sou toda sua. Esboçou um sorriso sedutor. O que quer saber?
- Tenho algumas perguntas, se não vir nenhum inconveniente.
- Força.
- A Alicia alguma vez comentou que andava a ser seguida por um médico?
 - Um médico? A Barbie pareceu ficar surpreendida com a pergunta.
- Refere-se a um psiquiatra?
 - Não, refiro-me a um médico de clínica geral.
- Ah, bem, não sei... A Barbie hesitou. Na verdade, agora que fala nisso, sim, ela andava a ser seguida por alguém...
 - Sabe qual era o nome?
- Não, não sei... mas lembro-me de lhe ter falado no meu médico, o doutor Monks, que é fantástico. Basta-lhe olhar para nós para perceber de imediato o que é que temos e diz-nos exatamente o que devemos comer. É incrível. Seguiu-se uma explicação longa e complicada sobre as exigências alimentares do médico da Barbie e uma insistência para que eu o consultasse em breve. Começava a perder a paciência. Foi preciso algum esforço para a fazer voltar à conversa original.
 - Viu a Alicia no dia do homicídio?
- Sim, umas horas antes de acontecer. A Barbie fez uma pausa para beber um trago de vinho. Fui lá a casa. Costumava aparecer a toda a hora, para tomar café; quer dizer, ela bebia café, eu levava sempre uma garrafa de qualquer coisa. Falávamos durante horas a fio. Éramos muito amigas, sabia?

Pois, está sempre a dizê-lo, pensei. Mas já diagnosticara a Barbie como quase inteiramente narcisista; duvidava que fosse capaz de se relacionar com os outros sem que fosse para atingir os seus próprios objetivos. Calculei que a Alicia não falasse muito durante essas visitas.

— Como descreveria o estado mental dela nessa tarde?

A Barbie encolheu os ombros.

- Pareceu-me bem. Estava com uma forte dor de cabeça, nada mais.
- Não estava nada agitada?
- Deveria estar?
- Bem, tendo em conta as circunstâncias...

A Barbie olhou-me com estupefação.

- Não acha que ela é culpada, pois não? Ela riu-se. Oh, meu querido... pensei que fosse mais inteligente do que isso.
 - Acho que não estou a...
- A Alicia não tinha capacidade para matar alguém, de modo algum.
 Nunca foi uma assassina. Acredite no que lhe digo. Ela está inocente.
 Tenho a certeza absoluta.
- Acho curioso como pode ter tanta certeza, tendo em conta as provas...
 - Estou-me nas tintas para isso. Eu tenho as minhas próprias provas.
 - Ai sim?
- Pode ter a certeza. Mas primeiro... preciso de saber se posso confiar em si. — Os olhos da Barbie perscrutaram avidamente os meus.

Encarei o olhar dela com firmeza.

Então ela deitou-o cá para fora, sem quaisquer rodeios: — Estava lá um *homem*, entende?

- Um homem?
- Sim. A vigiar.

Fui apanhado de surpresa, pelo que fiquei imediatamente alerta.

- Como assim, a vigiar?
- Exatamente o que eu disse. A vigiar. Contei à polícia, mas não pareceram estar interessados. Tomaram uma decisão assim que encontraram a Alicia com o corpo do Gabriel e a arma. Não quiseram saber de mais nada.
 - De quê, exatamente?
- Vou contar-lhe. E verá por que razão quis que viesse aqui hoje. Vale a pena ouvir.

Despache-se lá com isso, pensei. Mas não o disse e sorri, num gesto encorajador.

Ela tornou a encher o copo dela.

- Tudo começou umas semanas antes do homicídio. Fui visitar a Alicia, tomámos um copo e reparei que estava mais calada do que era habitual. Perguntei-lhe: «Estás bem?» E ela desatou a chorar. Nunca a tinha visto assim. Chorava baba e ranho. Costumava ser sempre tão reservada, sabe... mas nesse dia deitou tudo cá para fora. Ela estava um caco, meu querido, um caco.
 - O que é que ela disse?
- Perguntou-me se tinha visto alguém a rondar na nossa vizinhança. Porque ela vira um homem na rua, a observá-la. A Barbie hesitou. Eu mostro-lhe. Ela mandou-me esta mensagem.

As mãos bem cuidadas da Barbie pegaram no telemóvel e ela procurou nas suas fotografias. Em seguida, quase me enfiou o telemóvel na cara.

Fitei-o. Demorei uns segundos a compreender o que estava a ver. A imagem desfocada de uma árvore.

- O que é?
- O que é que lhe parece?
- Uma árvore.
- Atrás da árvore.

Atrás da árvore via-se uma mancha cinzenta — podia ser qualquer coisa, um candeeiro de rua ou um cão grande.

— É um *homem*. Vê-se o contorno do corpo dele, distintamente.

Eu não estava convencido, mas não argumentei. Não queria distrair a Barbie. — Continue.

- É só isso.
- Mas o que é que aconteceu?

A Barbie encolheu os ombros.

- Nada. Disse à Alicia para informar a polícia e foi quando descobri que ela nem sequer tinha dito ao marido.
 - Ela não contara ao Gabriel? Porquê?
- Não faço ideia. Fiquei com a ideia de que ele não era uma pessoa muito compreensiva. Seja como for. Insisti para que avisasse a polícia. Quer dizer, então e *eu*? E a minha segurança? Um gatuno ali fora; e eu sou uma mulher a morar sozinha, entende? Quero sentir-me segura quando me deito à noite.
 - A Alicia seguiu o seu conselho?

A Barbie abanou a cabeça.

— Não, não seguiu. Uns dias mais tarde, disse-me que falara com o marido e que decidira que tinha sido tudo fruto da imaginação dela. Disseme para esquecer o assunto; e pediu-me para não dizer nada ao Gabriel, se o visse. Sei lá, aquilo cheirou-me a esturro. E depois pediu-me para apagar a fotografia. Não o fiz; mostrei-a à polícia quando ela foi detida. Mas eles não estavam interessados. Já tinham decidido nas cabeças deles o que é que acontecera. Mas estou certa de que há mais qualquer coisa nesta história. Se quer que lhe diga... — Ela baixou a voz para um sussurro dramático. — A Alicia estava com *medo*.

A Barbie fez uma pausa dramática, bebendo o resto do vinho. Em seguida, pegou na garrafa.

— De certeza que não toma nada?

Tornei a recusar, agradeci-lhe, pedi licença e retirei-me. De nada servia continuar ali mais tempo; ela não tinha mais nada para me contar. Eu já tinha coisas mais do que suficientes em que pensar.

Estava escuro quando saí da casa dela. Detive-me por instantes diante da casa ao lado — a antiga casa da Alicia. Fora vendida pouco depois do

julgamento e agora morava lá um casal japonês. Eles eram — segundo a Barbie — extremamente antipáticos. Fizera várias tentativas de aproximação, às quais eles tinham resistido. Interroguei-me como me sentiria se a Barbie morasse na casa ao lado da minha, aparecendo-me constantemente à porta. E perguntei-me qual seria a opinião da Alicia sobre ela.

Acendi um cigarro e pensei em tudo o que acabara de ouvir. Portanto a Alicia dissera à Barbie que andava a ser vigiada. Com certeza a polícia presumira que a Barbie estava a chamar a atenção sobre si própria e a inventar tudo, e por isso ignorara a história dela. Não me admirava; era difícil levar a Barbie a sério.

O que significava que a Alicia tivera medo a ponto de pedir ajuda à Barbie — e mais tarde ao Gabriel. E depois? Teria a Alicia confidenciado em mais alguém? Eu precisava de saber.

De repente imaginei-me em criança. Um menino pequeno quase a explodir de ansiedade, guardando para mim todos os meus receios, toda a minha dor; sempre de um lado para o outro, inquieto, assustado; sozinho com os medos do meu pai louco. Ninguém a quem contar. Ninguém que me ouvisse. Decerto a Alicia sentira-se igualmente desesperada, caso contrário, jamais teria confidenciado na Barbie.

Estremeci — e senti um par de olhos a fitar-me a nuca.

Virei-me de repente — mas não vi ninguém. Estava sozinho. A rua estava deserta, cheia de sombras e de silêncio.

Na manhã seguinte cheguei à Grove com a intenção de falar com a Alicia sobre o que a Barbie me contara. Mas assim que entrei na receção, ouvi uma mulher a gritar. Uivos de dor ecoando nos corredores.

— O que é isto? O que se passa?

O segurança ignorou as minhas perguntas. Passou por mim a correr em direção à ala. Segui-o. Os gritos soaram mais alto à medida que me aproximei. Esperava que a Alicia estivesse bem, que não estivesse envolvida — mas por alguma razão estava com um mau pressentimento.

Dobrei a esquina. Uma multidão de enfermeiros, pacientes e pessoal de segurança estava reunida à porta do aquário. O Diomedes estava ao telefone, solicitando o envio de paramédicos. Tinha a camisa salpicada de sangue — mas não dele. Dois enfermeiros estavam ajoelhados no chão, prestando auxílio a uma mulher que gritava. A mulher não era a Alicia.

Era a Elif.

A Elif contorcia-se e gritava de dor, agarrada ao rosto ensanguentado. O olho dela jorrava sangue. Tinha algo espetado na órbita, cravado no globo ocular. Parecia um pau. Mas não era um pau. Percebi de imediato do que se tratava. Era um pincel.

A Alicia estava parada junto à parede, dominada pelo Yuri e por outro enfermeiro. Mas não era necessário dominá-la. Ela estava absolutamente calma e perfeitamente imóvel, qual estátua. A sua expressão fez-me lembrar imenso a pintura — a *Alceste*. Apagada, inexpressiva. Vazia. Ela olhou diretamente para mim.

Pela primeira vez, senti medo.

- Como é que está a Elif? Eu estava à espera no aquário e apanhei o Yuri assim que ele regressou da ala das urgências.
- Estável. Suspirou profundamente. Que é o melhor que se pode esperar.
 - Gostava de a ver.
 - A Elif? Ou a Alicia?
 - Primeiro a Elif.
 - O Yuri assentiu afirmativamente.
- Querem que ela descanse esta noite, mas amanhã de manhã levo-o a vê-la.
- O que é que aconteceu? Estava presente? Calculo que a Alicia tenha sido provocada?
 - O Yuri voltou a suspirar e encolheu os ombros.
- Não sei. A Elif andava a rondar o estúdio da Alicia. Deve ter havido um confronto qualquer. Não faço ideia nenhuma porque é que discutiram.
- Tem a chave? Vamos lá dar uma espreitadela. Para ver se encontramos alguma pista.

Saímos do aquário e dirigimo-nos para o estúdio da Alicia. O Yuri destrancou a porta e abriu-a. Em seguida, acendeu a luz.

E ali, na tela, estava a resposta que procurávamos.

A pintura da Alicia — a imagem da Grove a arder em chamas — fora danificada. A palavra «puta» estava toscamente escrita sobre a imagem, a tinta vermelha.

Acenei com a cabeça.

- Está explicado.
- Acha que foi a Elif?
- Quem mais poderia ter sido?

Fui ter com a Elif à enfermaria das urgências. Estava sentada na cama, ligada a um saco de soro. Tinha ligaduras à volta da cabeça, cobrindo-lhe um dos olhos. Estava abalada, zangada e cheia de dores.

Vá à merda — exclamou assim que me viu.

Puxei uma cadeira para junto da cama e sentei-me. Falei-lhe num tom calmo, respeitoso.

- Lamento muito, Elif. A sério que sim. Isto foi uma coisa terrível. Uma tragédia.
 - Pode crer, porra. Agora pire-se daqui e deixe-me em paz.
 - Conta-me o que é que aconteceu.

- Aquela cabra arrancou-me a merda do olho. Foi isso que aconteceu!
- Mas porquê? Vocês discutiram?
- Está a tentar atirar as culpas para cima de mim? Eu não fiz coisa nenhuma!
- Não estou a tentar culpar-te. Só quero perceber porque é que ela o fez.
 - Porque lhe falta a merda de um parafuso, como é óbvio.
- Não teve nada que ver com a pintura? Eu vi o que fizeste. Estragastea. não foi?

A Elif semicerrou o olho que lhe restava e depois fechou-o com força.

- Isso não foi bonito, Elif. Não justifica a reação dela, mas seja como for...
- Não foi por causa disso que ela o fez. A Elif abriu o olho e fitou-me com uma expressão de desdém.

Hesitei.

— Não? Então porque é que ela te atacou?

Os lábios da Elif contorceram-se numa espécie de sorriso. Ela não disse nada. Ficámos em silêncio durante uns segundos. Eu estava prestes a desistir quando ela falou.

- Contei-lhe a verdade.
- Qual verdade?
- Que você tem um fraquinho por ela.

Fui apanhado de surpresa.

Antes de eu poder responder, a Elif continuou, falando com um desdém gélido.

- Você está apaixonado por ela, pá. E eu disse-lho. «Ele *ama-te*», disse-lhe eu. «Ele *ama-te*; o Theo e a Alicia sentados numa árvore. O Theo e a Alicia a BEIJAREM-SE...» A Elif desatou às gargalhadas, uma risada esganiçada pavorosa. Era possível imaginar o resto; a Alicia, espicaçada até à exaustão, virando-se para trás, erguendo o pincel... e cravando-o no olho da Elif.
- Ela é uma doida de merda. A Elif soava prestes a desatar a chorar, angustiada, exausta. É uma psicopata.

Olhando para o ferimento ligado da Elif, não pude evitar interrogar-me se ela teria razão.

A reunião teve lugar no gabinete do Diomedes, mas a Stephanie Clarke assumiu o comando logo de início. Agora que tínhamos deixado para trás o mundo abstrato da psicologia e tínhamos entrado no campo real da saúde e da segurança, estávamos sob a jurisdição dela e ela sabia-o. A julgar pelo silêncio solene do Diomedes, era evidente que ele também o sabia.

A Stephanie estava parada com os braços cruzados; o entusiasmo dela era palpável. Está a gostar disto, pensei — estar no comando e ter a última palavra. O mais certo era ter ficado ressentida connosco por termos passado por cima dela, por nos termos unido contra ela. Agora estava a desfrutar da sua vingança.

- O incidente de ontem de manhã foi totalmente inaceitável disse ela.
 Eu alertei-vos contra a Alicia ser autorizada a pintar, mas não quiseram saber. Privilégios individuais provocam sempre invejas e ressentimentos. Eu sabia que algo deste género iria acontecer. De agora em diante, a segurança deverá vir em primeiro lugar.
- Foi por isso que a Alicia foi posta em isolamento? perguntei-lhe. Por uma questão de segurança?
- Ela é uma ameaça para ela própria e para os outros. Atacou a Elif; podia tê-la matado.
 - Foi provocada.
 - O Diomedes abanou a cabeça e falou numa voz fatigada.
- Não me parece que qualquer tipo de provocação justifique aquele tipo de agressão.

A Stephanie acenou afirmativamente.

- Exatamente.
- Tratou-se de um caso isolado respondi-lhes. Pôr a Alicia em isolamento não é apenas cruel; é bárbaro. Eu tinha visto pacientes sujeitos a isolamento em Broadmoor, trancados numa sala minúscula e sem janelas, quase sem espaço para uma cama quanto mais para outras peças de mobiliário. Horas ou dias em isolamento eram o suficiente para levar qualquer pessoa à loucura, quanto mais alguém que já era instável.

A Stephanie encolheu os ombros.

- Como gerente desta clínica, tenho autoridade para tomar qualquer medida que ache necessária. Aconselhei-me junto do Christian e ele concordou comigo.
 - Imagino que sim.

Do outro lado da sala, o Christian sorriu-me com um ar presunçoso. Sentia também o Diomedes a olhar para mim. Sabia o que eles estavam a pensar — eu estava a deixar aquilo tornar-se pessoal e a permitir que os meus sentimentos viessem ao de cima; mas não me importava.

- Encarcerá-la não é a resposta. Temos de continuar a falar com ela. Temos de compreender.
- Eu compreendo perfeitamente retorquiu o Christian, num tom carregado e condescendente, como se estivesse a falar para uma criança com um atraso mental. O problema és tu, Theo.
 - Fu?
 - Quem mais haveria de ser? És tu que tens andado a agitar as águas.
 - A agitar quais águas?
- É verdade ou não é? Fizeste uma campanha para lhe reduzir a medicação...

Dei uma risada.

- Não se pode dizer que tenha sido uma campanha. Tratou-se de uma intervenção. Ela estava medicada em excesso. Parecia um *zombie*.
 - Tretas.

Virei-me para o Diomedes.

- Certamente não está a pensar atribuir-me as culpas do sucedido? É isso que está a acontecer aqui?
 - O Diomedes abanou a cabeça, mas evitou o meu olhar.
- É claro que não. Seja como for, é óbvio que a terapia a destabilizou. Foi uma mudança grande e brusca nela. Calculo que tenha sido por isso que se deu este infeliz incidente.
 - Não concordo.
 - Talvez esteja próximo de mais para olhar para a situação com clareza.
- O Diomedes elevou as mãos no ar e suspirou, um homem derrotado. Não nos podemos dar ao luxo de cometer mais erros, não num momento crítico como este; como sabe, está em jogo o futuro da clínica. Cada erro que cometemos é mais uma desculpa para a Fundação nos encerrar as portas.

Eu estava profundamente irritado com o derrotismo dele, com o seu conformismo enfastiado.

- A resposta não é medicá-la e deitar fora a chave. Não somos carcereiros.
- Concordo. A Indira esboçou um sorriso solidário e continuou: O problema é que nos tornámos tão receosos do risco que preferimos medicar em excesso do que correr quaisquer riscos. Temos de ser corajosos o suficiente para nos sentarmos com a loucura, para a contermos; em vez de a tentarmos encarcerar.

- O Christian revirou os olhos e estava prestes a objetar, mas o Diomedes falou primeiro, abanando a cabeça.
- É tarde de mais para isso. E a culpa é minha. A Alicia não é uma candidata adequada à psicoterapia. Nunca o deveria ter autorizado.
- O Diomedes disse que se culpava a si próprio, mas eu sabia que no fundo me culpava a mim. Todos os olhos estavam postos em mim: o olhar carrancudo de desaprovação do Diomedes; o ar triunfante e trocista do Christian; a expressão hostil da Stephanie; e o olhar de preocupação da Indira.

Tentei não parecer estar a suplicar.

- Impeça a Alicia de continuar a pintar, se tem mesmo de ser. Mas não cancele a terapia dela; é a única maneira de chegarmos a ela.
 - O Diomedes abanou a cabeça.
 - Começo a acreditar que não há como chegar a ela.
 - Dê-me só mais algum tempo...
- Não. O tom de finalidade na voz do Diomedes disse-me que de nada serviria continuar a argumentar. A terapia chegara ao fim.

O Diomedes estava enganado em relação a nevar. Não nevou; em vez disso, começou a chover fortemente nessa tarde. Um temporal com uma trovoada de batida furiosa e relâmpados luminosos.

Esperei pela Alicia na sala de terapia, vendo a chuva fustigar a janela.

Sentia-me cansado e deprimido. Tudo aquilo fora uma perda de tempo. Perdera a Alicia antes de a ter conseguido ajudar; agora jamais conseguiria fazê-lo.

Uma pancada na porta. O Yuri entrou com a Alicia na sala de terapia. Ela parecia pior do que eu esperara. Estava pálida, pardacenta, fazia lembrar um fantasma. Os seus movimentos eram desajeitados e a perna direita tremia sem parar. A merda do Christian, pensei — ela estava excessivamente medicada.

Seguiu-se uma longa pausa depois de o Yuri ter abandonado a sala. A Alicia não olhou para mim. Por fim, falei. Numa voz alta e clara, para garantir que ela compreendia.

— Alicia. Lamento que tenha sido posta em isolamento. Lamento que tenha passado por isso.

Nenhuma reação.

Hesitei.

— Infelizmente, por causa do que fez à Elif, as nossas sessões de terapia foram canceladas. A decisão não foi minha, de modo algum, mas não há nada que possa fazer. Gostaria de lhe dar esta oportunidade para falar sobre o que aconteceu, para explicar a sua agressão à Elif. E expressar o remorso que com certeza estará a sentir.

A Alicia não disse nada. Eu não tinha a certeza se as minhas palavras estariam a conseguir penetrar a neblina de medicação.

— Vou dizer-lhe o que sinto. Sinto-me zangado, para ser sincero. Sinto-me zangado pelo facto de o nosso trabalho estar a terminar antes sequer de ter começado; e sinto-me zangado por a Alicia não ter feito um esforço maior.

A cabeça da Alicia mexeu-se. Os olhos dela fitaram os meus.

— Tem medo, eu sei isso. Tenho tentado ajudá-la, mas a Alicia não me deixa. E agora não sei o que fazer.

Calei-me, derrotado.

Então a Alicia fez algo que jamais esquecerei.

Estendeu a mão trémula na minha direção. Segurava algo — um pequeno caderno com a capa em couro.

— O que é isso?

Nenhuma resposta. Ela continuou a estender-mo.

Olhei para ele, curioso.

— Quer que fique com isso?

Nenhuma resposta. Hesitei e tirei-lhe cuidadosamente o caderno dos dedos trémulos. Abri-o e folheei as páginas. Tratava-se de um diário manuscrito, um registo.

O diário da Alicia.

A julgar pela caligrafia, fora escrito num estado de espírito caótico, em especial as últimas páginas, em que a escrita era praticamente ilegível — setas ligando diferentes parágrafos escritos em diferentes ângulos sobre a página, rabiscos e desenhos por todas as páginas, flores transformando-se em trepadeiras, cobrindo o que fora escrito e tornando-o quase impossível de decifrar.

Olhei para a Alicia, a minha curiosidade ao rubro.

— O que quer que faça com ele?

A pergunta era totalmente desnecessária. O que a Alicia pretendia era por de mais evidente.

Queria que eu o lesse.

PARTE TRÊS

«Não devo pôr estranheza onde não existe nada.

Penso que é esse o perigo de se ter um diário: a pessoa exagera tudo, fica mais vigilante e estica continuamente a verdade.»

JEAN-PAUL SARTRE

«Embora não seja naturalmente sincero, às vezes sou-o sem querer.»

WILLIAM SHAKESPEARE, Conto de Inverno

Diário de Alicia Berenson

8 DE AGOSTO

Hoje aconteceu uma coisa estranha.

Eu estava na cozinha, a fazer café e a olhar pela janela — olhando sem ver — sonhando acordada — quando reparei em algo, ou melhor, em alguém — lá fora. Um homem. Reparei nele porque estava muito quieto — parecia uma estátua — e virado de frente para a casa. Estava no outro lado da rua, junto à entrada do parque. Estava parado na sombra de uma árvore. Era alto e bem constituído. Não consegui perceber-lhe as feições, pois envergava óculos escuros e boné.

Não sabia se ele conseguia ver-me ou não, através da janela, mas tinha a sensação de que estava a olhar diretamente para mim. Pareceu-me estranho — estou habituada a ver pessoas paradas no outro lado da rua, na paragem do autocarro, mas ele não estava à espera de um autocarro. Estava a olhar fixamente para a casa.

Notei que estava ali parada há vários minutos, pelo que me afastei da janela. Fui para o estúdio. Tentei pintar, mas não me conseguia concentrar. A minha mente estava sempre a pensar no homem. Decidi deixar passar vinte minutos e depois regressar à cozinha e espreitar. E se ele ainda estivesse lá? Não estava a fazer nada de mal. Talvez fosse um ladrão, a estudar a casa — penso que foi esse o meu primeiro pensamento —, mas porquê ficar ali especado, à vista de toda a gente? Talvez estivesse a pensar mudar-se para esta zona. Talvez fosse comprar a casa que está à venda ao fundo da rua? Isso explicá-lo-ia.

Mas quando regressei à cozinha e espreitei pela janela, ele já se tinha ido embora. A rua estava deserta.

Agora jamais saberei o que é que ele estava a fazer. Que estranho.

10 DE AGOSTO

Ontem à noite fui com o Jean-Felix ver a tal peça de teatro. O Gabriel não queria que eu fosse, mas fui na mesma. Não tinha vontade nenhuma,

mas achei que se desse ao Jean-Felix o que ele queria e fosse com ele, talvez as coisas ficassem por ali. Pelo menos assim esperava.

Combinámos encontrar-nos cedo, para tomarmos um copo — ideia dele — e quando cheguei ainda era de dia. O Sol estava baixo no céu, conferindo um tom vermelho-sangue ao rio. O Jean-Felix estava à minha espera à porta do Teatro Nacional. Vi-o antes de ele me ver a mim. Estava a perscrutar a multidão, com o sobrolho carregado. Se tinha algumas dúvidas sobre se estaria a fazer a coisa certa, ver o rosto zangado dele dissipou-as de imediato. Fiquei completamente em pânico — e quase dei meia-volta e fugi. Mas ele virou-se e viu-me antes de eu ter oportunidade de o fazer. Acenou-me e fui ter com ele. Fingi um sorriso e ele também.

— Ainda bem que vieste — disse-me o Jean-Felix. — Receava que não aparecesses. Entramos e tomamos um copo?

Tomámos um copo no átrio. Foi, no mínimo, constrangedor. Nenhum de nós fez referência ao que acontecera no outro dia. Falámos imenso sobre nada, ou melhor, o Jean-Felix falou e eu escutei. Acabámos por beber mais do que um copo. Eu não tinha comido nada e sentia-me um pouco embriagada; penso que a intenção do Jean-Felix era mesmo essa. Estava a fazer os possíveis para me envolver, mas a conversa foi forçada — foi fingida, encenada. Tudo o que lhe saía da boca parecia começar com «Não seria engraçado se» ou «Lembras-te daquela vez em que nós» — como se ele tivesse planeado aquelas pequenas recordações na esperança de debelar a minha decisão e recordar-me do quanto já tínhamos passado juntos, o quão próximos éramos. O que ele não parece entender é que já tomei a minha decisão. E nada do que possa dizer agora irá mudar isso.

Acabei por ficar contente por ter ido. Não por ter visto o Jean-Felix mas porque vi a peça. *Alceste* não é uma tragédia que eu já conhecesse calculo que seja obscura por ser uma história doméstica mais pequena e por isso mesmo gostei tanto. Foi representada nos tempos de hoje, numa pequena casa suburbana em Atenas. Gostei imenso da escala da coisa. Uma tragédia de faca e alguidar intimista. Um homem é condenado à morte e a mulher dele, Alceste, quer salvá-lo. A atriz que fazia de Alceste parece tinha rosto maravilhoso estátua grega, um constantemente a pensar em pintá-la. Pensei em conseguir os dados dela e entrar em contacto com o seu agente. Quase o mencionei ao Jean-Felix, mas calei-me a tempo. Não o quero mais na minha vida, seja em que aspeto for. No final da peça tinha os olhos cheios de lágrimas — Alceste morre e renasce. Volta literalmente do mundo dos mortos. Isso tem um significado no qual preciso de meditar. Mas ainda não sei muito bem qual é. É claro, o Jean-Felix teve todo o tipo de reações à peça. Mas nada com o qual eu concordasse, por isso desliguei e deixei de o ouvir.

Não conseguia tirar a morte e ressurreição de Alceste da mente — não parava de pensar nisso enquanto atravessávamos a ponte em direção à estação do metro. O Jean-Felix perguntou-me se queria ir tomar outro copo, mas respondi-lhe que estava cansada. Instalou-se um silêncio constrangedor. Estávamos parados em frente à entrada do metro. Agradeci-lhe pelo serão e disse-lhe que me tinha divertido.

- Bebe só mais um copo disse-me o Jean-Felix. Só mais um. Pelos velhos tempos?
 - Não, não posso.

Tentei ir-me embora — e ele agarrou-me a mão.

- Alicia disse-me ele. Ouve: preciso de te contar uma coisa.
- Não, por favor não faças isso; não há nada mais para dizer...
- Ouve-me só. Não é o que estás a pensar.

E ele tinha razão, não era. Estava à espera de que o Jean-Felix suplicasse pela nossa amizade ou tentasse fazer-me sentir culpada por querer deixar a galeria. Mas o que ele disse apanhou-me completamente de surpresa.

— Tens de ter cuidado — disse-me ele. — Confias demasiado. As pessoas à tua volta... confias nelas. Não o faças. Não confies nelas.

Olhei para ele, estupefacta. Demorei uns segundos a responder:

— Do que é que estás a falar? A quem é que te referes?

O Jean-Felix abanou a cabeça e não disse nada. Largou-me a mão e foise embora. Chamei-o, mas ele não parou.

— Jean-Felix. Espera.

Ele não olhou para trás. Vi-o desaparecer na esquina. Fiquei ali parada, sem conseguir sair do lugar. Não sabia o que pensar. Que ideia era a dele, dar-me um aviso misterioso como aquele e depois ir-se embora daquela maneira? Penso que queria sair por cima e fazer-me sentir insegura e atrapalhada. E conseguiu.

E também me fez sentir irritada. Agora, de certo modo, até me facilitou a vida. Agora estou mesmo decidida a cortá-lo da minha vida. O que quereria ele dizer com «as pessoas à minha volta» — estaria a referir-se ao Gabriel? Mas porquê?

Não, não vou fazer isto. É exatamente o que o Jean-Felix quer — lixarme a porra da cabeça. Fazer-me ficar obcecada com ele. Meter-se entre mim e o Gabriel.

Não vou cair nessa armadilha. Não vou pensar nisto nem mais um segundo.

Regressei a casa e o Gabriel estava na cama, a dormir. Tinha de se levantar às cinco da manhã, para uma sessão fotográfica. Mas acordei-o e

fizemos sexo. Só queria estar perto dele e senti-lo bem fundo dentro de mim. Queria fundir-me nele. Queria entrar dentro dele e desaparecer.

11 DE AGOSTO

Voltei a ver aquele homem. Desta vez estava um pouco mais longe — estava sentado num banco dentro do parque. Mas era ele, deu para o perceber — a maioria das pessoas enverga calções, *T-shirt* e cores claras neste tempo, e ele estava vestido com camisa escura, calças, óculos escuros e boné. Tinha a cabeça virada na direção da casa, a olhar para ela.

Ocorreu-me um pensamento engraçado — talvez não fosse um ladrão, talvez fosse um pintor. Talvez fosse um pintor como eu e estivesse a pensar pintar a rua — ou a casa. Mas assim que pensei isso, percebi que não podia ser verdade. Se quisesse realmente pintar a casa, não estaria ali sentado — estaria a fazer esboços.

Fiquei toda enervada e telefonei ao Gabriel. Foi um erro. Percebi que estava ocupado — a última coisa de que precisava era do meu telefonema, a ligar-lhe histérica por pensar que estava alguém a vigiar a casa.

É claro que estou a partir do pressuposto de que ele estava a vigiar a casa.

Podia estar a vigiar-me a mim.

13 DE AGOSTO

Ele estava lá outra vez.

Foi pouco depois de o Gabriel ter saído de casa, esta manhã. Tomei um duche e vi-o através da janela da casa de banho. Desta vez estava mais perto. Estava parado do lado de fora da paragem de autocarros. Como se estivesse calmamente à espera do autocarro.

Não sei quem é que ele pensa que engana.

Vesti-me rapidamente e fui à cozinha, para espreitar melhor. Mas ele tinha-se ido embora.

Decidi contar ao Gabriel quando ele chegasse a casa. Pensei que fosse desvalorizar a situação, mas levou o assunto muito a sério. Pareceu ficar muito preocupado.

- É o Jean-Felix? perguntou-me de imediato.
- Não, claro que não. Como podes pensar uma coisa dessas?

Tentei soar surpreendida e indignada. Mas na verdade também me interrogara sobre o mesmo. O homem e o Jean-Felix têm a mesma

constituição física. Podia ser o Jean-Felix, mas seja como for... não quero acreditar nisso. Ele não tentaria assustar-me desta maneira. Ou tentaria?

- Qual é o número do Jean-Felix? perguntou-me o Gabriel. Vou já ligar-lhe.
 - Por favor não faças isso, querido. Tenho a certeza de que não é ele.
 - Absoluta?
- Absoluta. Não aconteceu nada. Não sei porque é que estou a fazer tanto alarido. Não é nada.
 - Quanto tempo é que ele esteve ali fora?
 - Não muito... uma hora ou isso... e depois desapareceu.
 - Como assim, desapareceu?
 - Desapareceu, simplesmente.
 - Hum-hum. Será possível que estejas a imaginar tudo isso?

Algo na maneira como ele o disse irritou-me.

- Não é da minha imaginação. Preciso que acredites em mim.
- Eu acredito em ti.

Mas percebi que ele não acreditava totalmente em mim. Apenas acreditava em parte. Uma parte dele estava somente a fazer-me a vontade. O que me deixa irritada, muito sinceramente. Tão irritada que vou ter de ficar por aqui... caso contrário, ainda escrevo algo de que me arrependerei mais tarde.

14 DE AGOSTO

Assim que acordei levantei-me de um salto. Espreitei pela janela, na esperança de que o homem lá estivesse outra vez — para o Gabriel o ver também —, mas não havia sinal dele. E senti-me ainda mais parva.

Esta tarde decidi ir dar um passeio, apesar do calor. Apetecia-me estar no parque, longe dos edifícios e das ruas e das outras pessoas — e estar sozinha com os meus pensamentos. Subi o Parliament Hill, passando pelo mar de pessoas que tomavam banhos de sol estendidas de cada lado do trilho. Encontrei um banco desocupado e sentei-me. Contemplei Londres, cintilando na distância.

Lá sentada, estive sempre consciente de algo. Estava sempre a olhar por cima do ombro — mas não via ninguém. Mas estava lá alguém, o tempo todo. Sentia-o. Estava a ser vigiada.

No caminho de regresso a casa, passei pelo lago. Por acaso ergui o olhar — e lá estava ele, o homem. Estava parado na margem oposta, demasiado longe para o conseguir ver claramente, mas era ele. Eu sabia que era ele.

Estava completamente imóvel, sem se mexer, olhando diretamente para mim.

Senti um arrepio gélido de medo e agi por instinto:

— Jean-Felix? — gritei-lhe. — És tu? Para com isso. Para de me seguir!

Ele não se mexeu. Agi o mais rápido que consegui. Enfiei a mão no bolso, saquei do telemóvel e tirei-lhe uma fotografia. Não faço ideia do que é que isso irá adiantar. Depois dei meia-volta e comecei a andar rapidamente até à extremidade do lago, sem olhar para trás até ter alcançado o trilho principal. Tive receio de que ele estivesse imediatamente atrás de mim.

Virei-me para trás — e ele tinha desaparecido.

Espero que não seja o Jean-Felix. Espero mesmo que não.

Quando cheguei a casa, estava uma pilha de nervos. Fechei as persianas e apaguei as luzes. Espreitei pela janela — e lá estava ele.

O homem estava parado na rua, a olhar para mim. Fiquei petrificada — não sabia o que fazer.

Quase dei um salto quando alguém chamou o meu nome:

- Alicia? Estás aí, Alicia?

Era aquela mulher horrorosa da casa do lado. A Barbie Hellmann. Afastei-me da janela e fui abrir a porta das traseiras. A Barbie tinha entrado pelo portão lateral e estava no jardim, com uma garrafa de vinho na mão.

- Olá, minha querida. Vi que não estavas no estúdio. Não sabia onde é que estavas.
 - Fui sair, cheguei agora mesmo.
- Tens tempo para tomar um copo? Perguntou-mo numa voz infantil que às vezes emprega e que tanto me irrita.
 - Para dizer a verdade, devia voltar para o trabalho.
- É rápido. Depois também tenho de me ir embora. Tenho aula de Italiano esta noite. Pode ser?

Sem esperar por uma resposta, ela entrou. Disse qualquer coisa sobre a cozinha estar às escuras e começou a abrir as persianas, sem me perguntar. Estava prestes a impedi-la, mas quando olhei lá para fora não havia ninguém na rua. O homem fora-se embora.

Não sei porque é que contei à Barbie. Não gosto dela e também não confio nela — mas estava assustada, penso eu, e precisava de falar com alguém, e calhou ser ela. Tomámos uma bebida, nada típico de mim, e desatei a chorar. A Barbie olhou para mim, com os olhos arregalados, pela primeira vez sem dizer uma palavra. Quando terminei, ela pousou a garrafa de vinho e disse: — Isto pede uma coisa mais forte. — Ela serviu-nos dois uísques.

— Toma. — Estendeu-mo. — Estás a precisar disto.

Ela estava certa. Eu estava mesmo a precisar daquilo. Bebi-o de um trago e senti logo o efeito. Foi a minha vez de ouvir, enquanto a Barbie falava. Não me queria assustar, disse-me, mas aquilo não lhe agradava nada.

- Já vi imensos casos como este em vários programas de televisão. Ele anda a estudar a tua casa, entendes? Antes de avançar.
 - Achas que é um ladrão?

A Barbie encolheu os ombros.

— Ou um violador. O que é que importa? Seja lá o que for, é mau.

Dei uma risada. Sentia-me aliviada e grata por alguém me estar a dar ouvidos — ainda que essa pessoa fosse a Barbie. Mostrei-lhe a fotografia no meu telemóvel, mas ela não ficou impressionada.

— Manda-me por mensagem, para a ver com os óculos. Isso assim parece-me um borrão. Mas diz-me lá: já falaste sobre isto ao teu marido?

Decidi mentir-lhe.

- Não. Ainda não.

A Barbie olhou-me com uma expressão estranha.

- Porquê?
- Sei lá, acho que tenho medo de que o Gabriel pense que estou a exagerar... ou a imaginar coisas.
 - Estás a imaginar coisas?
 - Não.

A Barbie pareceu ficar satisfeita.

- Se o Gabriel não te levar a sério, vamos à polícia juntas. Tu e eu. Acredita que sei ser muito convincente.
 - Obrigada, mas de certeza que não será necessário.
- Já é necessário. Leva isto a sério, minha querida. Promete-me que contarás ao Gabriel quando ele chegar?

Acenei com a cabeça. Mas já tinha decidido não dizer mais nada ao Gabriel. Não havia nada para contar. Não tenho quaisquer provas de que o homem ande a seguir-me, ou a vigiar-me. A Barbie tinha razão, a fotografia não prova nada.

Foi tudo fruto da minha imaginação — é o que dirá o Gabriel. E melhor não lhe contar nada, para não arriscar a irritá-lo outra vez. Não o quero incomodar.

Vou esquecer o assunto.

04H00

Tem sido uma noite pavorosa.

O Gabriel chegou a casa, completamente exausto, por volta das dez. Tinha tido um dia muito comprido e queria deitar-se cedo. Eu tentei

adormecer também, mas não consegui.

Então, há umas horas, ouvi um barulho. Vinha do jardim. Levantei-me e fui à janela das traseiras. Espreitei para a rua — não vi ninguém, mas sentia o olhar de alguém em mim. Alguém estava a observar-me das sombras.

Consegui afastar-me da janela e corri para o quarto. Acordei o Gabriel com um safanão.

- O homem está lá fora disse-lhe eu —, diante da casa.
- O Gabriel não sabia do que eu estava a falar. Quando compreendeu finalmente, começou a ficar zangado.
- Por amor de Deus... Para com isso. Daqui a três horas tenho de estar no trabalho. Não são horas para brincadeiras de merda.
 - Não é brincadeira nenhuma. Anda lá ver. Por favor.

Então fomos à janela...

E, claro, o homem não estava lá. Não estava ninguém lá fora.

Queria que o Gabriel fosse lá fora, confirmar, mas recusou-se. Voltou para cima, irritado. Tentei convencê-lo, mas disse que não falava comigo e foi dormir para o quarto de hóspedes.

Não voltei para a cama. Tenho estado aqui sentada desde então, à espera, à escuta, atenta a qualquer ruído, espreitando pelas janelas. Até agora não houve sinal dele.

Já só faltam umas horitas. Em breve amanhecerá.

15 DE AGOSTO

O Gabriel desceu as escadas pronto para ir para a sessão fotográfica. Quando me viu à janela e percebeu que eu estivera acordada a noite inteira, ficou muito calado e começou a comportar-se de uma forma estranha.

- Alicia, senta-te aqui. Precisamos de falar.
- Pois precisamos. Sobre o facto de não acreditares em mim.
- Eu acredito que tu acreditas.
- Isso não é a mesma coisa. Não sou nenhuma idiota de merda.
- Nunca disse que eras uma idiota.
- Então o que é que estás a dizer?

Pensava que estávamos prestes a discutir, por isso fui apanhada de surpresa pelas palavras do Gabriel. Ele falou numa voz sussurrada. Mal o conseguia ouvir. Disse: — Quero que fales com alguém. Por favor.

- Como assim? Com um polícia?
- Não respondeu-me o Gabriel, parecendo novamente zangado. —
 Não é com um polícia.

Percebi o que ele queria dizer, o que me estava a dizer. Mas precisava de o ouvir dizê-lo. Queria que o dissesse com todas as letras.

- Então com quem?
- Com um médico.
- Não vou falar com médico nenhum, Gabriel...
- Preciso que faças isso por mim. Preciso que te encontres comigo a meio caminho.
 — Ele repetiu-o:
 — Preciso que te encontres comigo a meio caminho.
- Não compreendo o que é que estás a dizer. A meio caminho de quê? Eu estou mesmo aqui.
 - Não, não estás. Não estás aqui!

Parecia tão cansado, tão aborrecido. Eu queria protegê-lo. Queria reconfortá-lo.

- Está tudo bem, querido respondi-lhe. Vai correr tudo bem, vais ver.
 - O Gabriel abanou a cabeça, como se não acreditasse em mim.
- Vou marcar uma consulta com o doutor West. Para o mais breve possível. Hoje ainda, se puder ser. Ele hesitou e olhou para mim. Está bem?
- O Gabriel estendeu a mão para que lhe desse a minha apeteceu-me afastar-lha com um safanão ou arranhá-la. Apetecia-me morder-lhe ou bater-lhe, ou atirá-lo por cima da mesa e gritar: «Pensas que sou uma maluca de merda, mas eu não sou maluca! Não sou, não sou, não sou!»

Mas não fiz nenhuma dessas coisas. Em vez disso, disse que sim com a cabeça, peguei na mão do Gabriel e segurei-a.

— Está bem, querido — respondi-lhe. — Como queiras.

16 DE AGOSTO

Hoje fui ver o Dr. West. Contra a minha vontade, mas fui.

Decidi que o odeio. Odeio-o a ele e à casa estreita dele, e odeio sentarme naquela sala pequena e estranha no piso de cima, e ouvir o cão dele ladrar na sala de estar. Nunca parou de ladrar, o tempo todo que lá estive. Apetecia-me gritar-lhe para que se calasse e estava sempre à espera de que o Dr. West dissesse alguma coisa, mas comportou-se como se nem sequer o ouvisse. E se calhar não ouvia. Também não pareceu ouvir nada do que eu lhe disse. Contei-lhe o que acontecera. Contei-lhe sobre o homem que andava a vigiar a casa e que o vira a seguir-me até ao parque. Contei-lhe tudo isto, mas não me respondeu. Ficou ali sentado, com aquele sorriso cínico dele. Olhou para mim como se fosse um inseto ou algo assim.

Sei que é amigo do Gabriel, mas não percebo como é que podem ser amigos. O Gabriel é tão afetuoso e o Dr. West é o completo oposto. É uma coisa estranha de se dizer sobre um médico, mas ele não parece ter um pingo de bondade.

Quando acabei de lhe contar sobre o homem, ficou calado durante imenso tempo. O silêncio pareceu durar uma eternidade. O único som que se ouvia era o cão lá em baixo. Comecei a desligar mentalmente dos latidos e entrei numa espécie de transe. Fui apanhada de surpresa quando o Dr. West decidiu falar.

— Já passámos por isto antes, não foi, Alicia?

Olhei para ele com uma expressão vazia. Não estava a perceber o que estava a dizer.

— Ai sim?

Ele acenou com a cabeça.

- Já. sim.
- Eu sei que pensa que é imaginação minha. Mas não o imaginei. É real.
- Foi exatamente isso que disse da última vez. Lembra-se da última vez? Lembra-se do que aconteceu?

Não lhe respondi. Não lhe queria dar essa satisfação. Fiquei ali sentada, a olhá-lo com uma expressão furiosa, qual criança desobediente.

- O Dr. West não esperou pela minha resposta. Continuou a falar, recordando-me o que acontecera após a morte do meu pai, o esgotamento nervoso que eu sofrera, as acusações paranoicas que fizera a convicção de que andava a ser observada, a ser seguida, a ser vigiada.
 - Ou seja, já passámos por isto antes, não é verdade?
- Mas isso foi diferente. Era apenas uma sensação. Nunca cheguei a ver ninguém. Desta vez vi alguém.
 - E quem é que viu?
 - Já lhe disse. Um homem.
 - Descreva-mo.

Hesitei.

- Não posso.
- Porquê?
- Porque não o vi muito bem. Já lhe disse; ele estava demasiado longe.
- Estou a ver.
- E... estava disfarçado. Tinha um boné. E óculos de sol.
- Muita gente usa óculos de sol com este tempo. E chapéus. Serão todos disfarces?

Comecei a perder a paciência.

— Eu sei o que está a tentar fazer.

- E o que é que estou a tentar fazer?
- Está a tentar que admita que estou a ficar novamente louca; como aconteceu depois da morte do meu pai.
 - É isso que acha que está a acontecer?
- Não. Dessa vez eu estava doente. Desta vez não estou doente. Não se passa nada comigo; além de ter alguém a vigiar-me e o doutor não acreditar em mim!
- O Dr. West assentiu com a cabeça, mas não disse nada. Escrevinhou algo no seu bloco de apontamentos.
- Vamos voltar à medicação. Como medida de prevenção. Não queremos perder o controlo desta situação, pois não?

Abanei a cabeça.

- Não vou tomar medicação nenhuma.
- Certo. Bem, se vai recusar a medicação, é importante que tenha noção das consequências.
 - Quais consequências? Está a ameaçar-me?
- Isto não tem nada que ver comigo. Refiro-me ao seu marido. O que acha que o Gabriel sente em relação àquilo por que ele próprio passou, da última vez que a Alicia não esteve bem?

Pensei no Gabriel, no piso de baixo, à espera na sala com o cão a ladrar.

- Não sei. Porque é que não lhe pergunta?
- Quer que ele passe novamente por isso? Não acha que há um limite para o que ele consegue aguentar?
- O que é que está a dizer? Que vou perder o Gabriel? É isso que pensa?

O simples facto de o verbalizar provocava-me náuseas. A ideia de o perder era insuportável. Faria tudo para o segurar — até fingir que estou louca quando sei que não estou. Por isso cedi. Aceitei ser «sincera» com o Dr. West no que dizia respeito ao que pensava e sentia, e informá-lo caso ouvisse vozes. Prometi-lhe tomar os comprimidos que me deu e voltar à consulta dali a duas semanas, para uma avaliação.

O Dr. West pareceu ficar satisfeito. Disse que poderíamos descer e ir ter com o Gabriel. Enquanto ele descia à minha frente, pensei em empurrá-lo pelas escadas abaixo. Quem me dera tê-lo feito.

- O Gabriel pareceu-me muito mais contente no caminho de regresso a casa. Não parava de olhar de relance para mim, enquanto conduzia, e de sorrir.
- Muito bem. Estou orgulhoso de ti. Nós vamos conseguir ultrapassar isto, verás.

Acenei com a cabeça, mas não disse nada. Porque é claro que é treta — «nós» não vamos conseguir ultrapassar isto.

Eu vou ter de lidar com isto sozinha.

Foi um erro ter contado a alguém. Amanhã vou dizer à Barbie para esquecer tudo — direi que pus o assunto para trás das costas e que não quero voltar a falar nisso. Vai pensar que sou estranha e ficar aborrecida comigo, pois estarei a privá-la de todo esse drama, mas se me comportar com naturalidade em breve ela esquecerá o assunto também. Quanto ao Gabriel, vou tranquilizá-lo. Vou agir como se tudo tivesse voltado ao normal. Vai ser uma representação e peras. Não vou descair-me uma única vez.

No caminho de volta fomos à farmácia e o Gabriel aviou a minha receita. Assim que chegámos a casa, fomos para a cozinha. Ele deu-me os comprimidos amarelos com um copo de água.

- Toma-os.
- Não sou uma criança. Não precisas de mos dar à mão.
- Eu sei que não és uma criança. Só quero certificar-me de que os tomas e que não os deitas fora.
 - Eu tomo-os.
 - Então vá.

O Gabriel observou-me enquanto pus os comprimidos na boca e bebi um pouco de água.

— Linda menina — disse ele e beijou-me a face. Então retirou-se.

Assim que o Gabriel virou as costas cuspi os comprimidos. Cuspi-os para o lava-louça e abri a torneira. Não vou tomar medicação nenhuma. Os comprimidos que o Dr. West me deu na última vez quase me fizeram enlouquecer. E não vou voltar a correr esse risco.

Preciso de ser capaz de raciocinar neste momento.

Tenho de estar preparada.

17 DE AGOSTO

Comecei a esconder este diário. Há uma tábua solta no chão do quarto de hóspedes. Estou a guardá-lo lá, longe da vista no espaço que existe por baixo do soalho. Porquê? Bem, porque estou a ser sincera nestas páginas. Não é seguro deixá-lo à vista. Estou sempre a imaginar o Gabriel a encontrá-lo sem querer, a combater a sua própria curiosidade mas depois a abri-lo e a começar a lê-lo. Se descobre que não estou a tomar a medicação, vai sentir-se muito traído, muito magoado — jamais suportaria vê-lo assim.

Graças a Deus que tenho este diário onde escrever. Está a ajudar-me a manter a minha sanidade mental. Não há ninguém com quem possa falar.

Ninguém em quem possa confiar.

21 DE AGOSTO

Há três dias que não saio de casa. Tenho dito ao Gabriel que dou passeios à tarde durante a ausência dele, mas não é verdade.

A ideia de ir lá fora aterroriza-me. Sinto que estarei demasiado exposta. Pelo menos aqui, dentro de casa, sei que estou segura. Posso sentar-me à janela e observar os transeuntes. Perscruto cada rosto que passa, à procura daquele homem — mas não sei qual é o aspeto físico dele, o problema é esse. Pode ter despido o disfarce e estar a passar mesmo à minha frente, sem que o reconheça.

É um pensamento aterrador.

22 DE AGOSTO

Continua a não haver sinal dele. Mas não posso perder o foco. É só uma questão de tempo. Mais cedo ou mais tarde ele irá voltar. Tenho de estar preparada. Tenho de tomar medidas.

Esta manhã acordei e lembrei-me da arma do Gabriel. Vou trazê-la do quarto de hóspedes. Vou guardá-la lá em baixo, onde a possa alcançar com facilidade. Vou guardá-la no armário da cozinha, junto à janela. Dessa maneira estará lá se precisar dela.

Sei que isto parece de loucos. Espero que não dê em nada. Espero nunca mais voltar a ver o homem.

Mas tenho a sensação terrível de que o verei.

Onde estará dele? Porque é que não tem aparecido? Estará a tentar que eu baixe a minha guarda? Não posso fazer isso. Tenho de continuar a minha vigília junto à janela.

Continuar à espera.

Continuar a vigiar.

23 DE AGOSTO

Começo a pensar que imaginei tudo. Se calhar imaginei.

O Gabriel está sempre a perguntar-me como é que estou — se estou bem. Dá para ver que está preocupado, apesar de eu insistir que estou bem. A minha representação já não parece estar a convencê-lo. Tenho de me esforçar mais. Finjo estar concentrada no trabalho o dia todo, quando na verdade o trabalho é a última coisa que tenho em mente. Perdi toda a ligação com ele, toda a determinação de acabar os quadros. Enquanto

escrevo isto, não posso dizer com toda a sinceridade que voltarei a pintar. Pelo menos enquanto não tiver ultrapassado tudo isto.

Tenho arranjado desculpas para não me apetecer sair, mas o Gabriel disse-me que esta noite não tenho outro remédio. O Max convidou-nos para irmos jantar fora.

Não me ocorre nada pior do que ver o Max. Supliquei ao Gabriel que cancelasse, dizendo-lhe que precisava de trabalhar, mas ele respondeu-me que me faria bem sair. Insistiu imenso e percebi que estava a ser sincero, pelo que não tive outro remédio. Desisti e disse-lhe que sim.

Passei o dia todo preocupada com esta noite. Porque assim que a minha mente se focou nisso, tudo pareceu encaixar-se, como peças de um quebra-cabeças. Tudo fazia sentido. Não sei porque é que não me ocorreu antes, de tão óbvio que é.

Agora compreendo. O homem — o homem que tem estado a vigiar — não é o Jean-Felix. O Jean-Felix não é obscuro nem perturbado o suficiente para fazer esse tipo de coisas. Quem mais iria querer atormentar-me, assustar-me, castigar-me?

O Max.

É claro que é o Max. Só pode ser o Max. Está a tentar enlouquecer-me.

Não quero nada fazê-lo, mas vou ter de ganhar coragem. Vou fazê-lo esta noite.

Vou confrontá-lo.

24 DE AGOSTO

Foi estranho e um pouco assustador ter saído ontem à noite, depois de tanto tempo enfiada em casa.

O mundo lá fora parecia-me enorme — um espaço vazio a toda a minha volta, o céu azul imenso por cima de mim. Senti-me muito pequenina e agarrei-me ao braço do Gabriel, em busca de apoio.

Apesar de termos ido ao nosso restaurante favorito de longa data, o Augusto's, não me senti segura. Não me senti confortável ou à vontade, como costumava sentir. O restaurante parecia-me diferente, por alguma razão. E tinha um cheiro diferente — cheirava a coisas queimadas. Perguntei ao Gabriel se algo estaria a queimar-se na cozinha, mas ele respondeu que não lhe cheirava a nada, que era imaginação minha.

- Está tudo bem disse-me ele. Acalma-te.
- Eu estou calma. Não te pareço calma?

O Gabriel não me respondeu. Cerrou o maxilar, como costuma fazer quando está irritado. Sentámo-nos e esperámos pelo Max em silêncio.

O Max trouxe a rececionista dele para o jantar. O nome dela é Tanya. Ao que parece, começaram a namorar. O Max comportou-se como se estivesse pelo beicinho e não a largava, sempre a tocar-lhe, a beijá-la — e sempre a olhar para mim. Estaria convencido de que me estava a provocar ciúmes? Ele é horroroso. Acho-o repugnante.

A Tanya notou que se passava qualquer coisa — apanhou o Max a olhar para mim algumas vezes. Aliás, deveria avisá-la em relação a ele. Dizer-lhe no que é que está a meter-se. Talvez o faça, mas não para já. Agora tenho outras prioridades.

O Max disse que ia à casa de banho. Esperei um pouco e depois agarrei a minha oportunidade. Disse que também precisava de ir à casa de banho. Levantei-me da mesa e segui-o.

Alcancei o Max na esquina e agarrei-lhe o braço. Apertei-lho com força.

- Para com isso disse-lhe eu. Para!
- O Max pareceu achar imensa piada.
- Parar com o quê?
- Andas a espiar-me, Max. Andas a vigiar-me. Eu sei que sim.
- O quê? Não faço ideia do que estás a falar, Alicia.
- Não me mintas. Estava a ter alguma dificuldade em controlar a minha voz. Apetecia-me gritar. — Tenho-te visto, entendes? Tirei uma fotografia e tudo. Tirei-te uma fotografia!
 - O Max riu-se.
 - Do que é que estás a falar? Larga-me, sua louca de merda.

Dei-lhe um estalo. Com força.

E depois dei meia-volta e vi a Tanya parada atrás de mim. Parecia que quem tinha levado um estalo tinha sido ela.

A Tanya olhou para o Max e depois para mim, mas não disse nada. Saiu do restaurante.

O Max lançou-me um olhar furioso e antes de ir atrás dela, disse-me, numa voz sibilada: — Não faço ideia do que estás a falar. Não ando a vigiar-te merda nenhuma. Agora sai-me da frente.

Pela maneira como o disse, com tanta raiva, tanto desdém, percebi que o Max estava a dizer a verdade. Acreditei nele. Não queria acreditar nele — mas acreditei.

Mas se não é o Max... então quem é?

25 DE AGOSTO

Acabei de ouvir algo. Um barulho lá fora. Espreitei à janela. E vi alguém a mexer-se nas sombras...

É o homem. Está lá fora.

Telefonei ao Gabriel, mas não me atendeu. Deverei ligar para a polícia? Não sei o que fazer. Tenho a mão a tremer tanto que mal consigo...

Estou a ouvi-lo — no piso de baixo — está a experimentar as janelas, e as portas. Está a tentar entrar.

Tenho de sair daqui. Tenho de fugir.

Oh, meu Deus — estou a ouvi-lo...

Ele está cá dentro.

Está dentro de casa.

PARTE QUATRO

«O objetivo da terapia não é corrigir o passado, mas permitir ao paciente confrontar a sua própria história e fazer o luto da mesma.»

ALICE MILLER

Fechei o diário da Alicia e pousei-o em cima da minha secretária.

Deixei-me ficar sentado, sem me mexer do lugar, ouvindo a chuva lá fora a bater na janela. Tentei perceber o que acabara de ler. Havia muito mais sobre a Alicia Berenson do que eu presumira. Ela fora como um livro fechado para mim; agora esse livro abrira-se e o seu conteúdo apanhara-me completamente de surpresa.

Tinha imensas perguntas. A Alicia desconfiava de que estava a ser vigiada. Teria chegado a descobrir a identidade do homem? Tê-la-ia revelado a alguém? Eu precisava de descobrir. Tanto quanto sabia, ela somente confidenciara a três pessoas — o Gabriel, a Barbie e esse misterioso Dr. West. Teria ficado por aí ou teria contado a mais alguém? Mais uma pergunta. Porque é que o diário acabava de forma tão abrupta? Haveria mais alguma coisa escrita noutro sítio? Outro caderno e que ela não me dera? E interroguei-me sobre a intenção da Alicia ao dar-me o diário para ler. Estava a comunicar algo, claramente — e era uma comunicação de uma intimidade quase chocante. Seria um gesto de boa-fé — mostrar o quanto confiava em mim? Ou algo mais sinistro?

Havia mais uma coisa; algo que eu precisava de confirmar. O Dr. West — o médico que tratara a Alicia. Uma importante testemunha abonatória, com informação vital sobre o estado mental dela na altura do homicídio. No entanto, o Dr. West não testemunhara no julgamento da Alicia. Por que razão? Não fora feita qualquer referência a ele. Até ter visto o nome dele no diário dela, era como se não existisse. O que é que ele sabia? Porque é que não se apresentara?

Dr. West.

Não podia ser o mesmo homem. Só podia tratar-se de uma coincidência. Eu precisava de descobrir.

Guardei o diário na gaveta da minha secretária e tranquei-a. Então, quase de imediato, mudei de ideias. Destranquei a gaveta e tirei o diário. Seria melhor guardá-lo comigo — era mais seguro não o perder de vista. Enfiei-o no bolso do casaco.

Saí do meu gabinete. Desci ao piso inferior e atravessei o corredor até chegar à porta do fundo.

Detive-me diante dela, por momentos, fitando-a. Via-se um nome escrito no pequeno letreiro afixado na porta: DR. C. WEST.

Não me dei ao trabalho de bater. Abri a porta e entrei.

- O Christian estava sentado à secretária dele, comendo *sushi* de *takeaway* com pauzinhos. Ergueu o olhar e franziu o sobrolho.
 - Não sabes bater?
 - Preciso de falar contigo.
 - Agora não, estou a meio do almoço.
- Isto não demora nada. É uma pergunta rápida. Alguma vez trataste a Alicia Berenson?
- O Christian engoliu um bocado de arroz e olhou-me com uma expressão vazia.
- Como assim? Sabes bem que sim. Sou responsável pela equipa médica dela.
- Não me refiro a aqui na clínica, refiro-me a antes de ela ter sido admitida na Grove.

Observei atentamente o Christian. A expressão dele disse-me tudo o que precisava de saber. O rosto dele ficou ruborizado e ele pousou os pauzinhos.

— Do que é que estás a falar?

Tirei o diário da Alicia do bolso e ergui-o no ar.

- Isto talvez te interesse. É o diário da Alicia. Foi escrito nos meses que antecederam o homicídio.
 - O Christian parecia surpreendido e ligeiramente alarmado.
 - Onde raio arranjaste isso?
 - Foi a Alicia que mo deu. Já o li.
 - E o que é que isso tem que ver comigo?
 - Ela fala sobre ti.
 - Sobre mim?
- Ao que parece, consultaste-a a título particular antes de ela ter sido admitida na Grove. Eu não estava a par desse pormenor.
 - Eu... não estou a compreender. Deve haver algum engano.
- Não me parece. Consultaste-a na qualidade de médico particular ao longo de vários anos. E, no entanto, não apareceste para testemunhar no julgamento dela; não obstante a importância desse teu depoimento. E também não admitiste conhecer a Alicia quando começaste a trabalhar aqui. O mais certo é ela ter-te reconhecido logo; sorte a tua ela não falar.

Disse-o num tom seco, mas estava profundamente zangado. Agora compreendia porque é que o Christian era contra a minha tentativa de fazer a Alicia falar. Tinha todo o interesse em que ela permanecesse calada.

- És um sacana de um egoísta, Christian, sabias?
- O Christian fitou-me com uma expressão de receio crescente.
- Merda... exclamou, entredentes. Merda. Ouve, Theo. Ouve... não é o que parece.
 - Ai não?
 - Que mais diz no diário?
 - Que mais há para dizer?
 - O Christian não respondeu à pergunta. Estendeu a mão.
 - Posso lê-lo?
 - Lamento. Abanei a cabeça. Não me parece que seja apropriado.
- O Christian brincou com os pauzinhos, ao mesmo tempo que falava: Não o devia ter feito. Mas foi completamente inocente. Tens de acreditar em mim.
- Infelizmente não acredito. Se tivesse sido completamente inocente, porque é que não te chegaste à frente aquando do homicídio?
- Porque não era o médico da Alicia; quer dizer, não oficialmente. Fi-lo como um favor ao Gabriel. Éramos amigos. Andámos na universidade juntos. Eu fui ao casamento deles. Não o via há anos, até ele me ter ligado, à procura de um psiquiatra para a esposa. Ela tinha-se ido abaixo por causa da morte do pai.
 - E tu ofereceste os teus serviços?
- Não, de todo. Antes pelo contrário. Quis passá-lo a um colega, mas ele insistiu para que fosse eu a atendê-la. O Gabriel disse que a Alicia estava muito relutante em relação à ideia de ser acompanhada por um médico e, uma vez que eu era amigo dele, haveria mais probabilidades de ela colaborar. Eu estava algo hesitante, como é óbvio.
 - Imagino.
 - O Christian olhou-me com uma expressão magoada.
 - Não há necessidade de ser sarcástico.
 - Onde é que a trataste?

Ele hesitou.

- Na casa da minha namorada. Mas, como já te disse apressou-se a acrescentar —, não foi uma coisa oficial; eu não era o médico dela. Raramente a via. De vez em quando, nada mais.
 - E nessas raras ocasiões, cobraste a consulta?
 - O Christian piscou os olhos e evitou o meu olhar.
 - Bem, o Gabriel insistiu em pagar, por isso não tive alternativa...
 - Em dinheiro, calculo?
 - Theo...
 - Pagou-te em dinheiro?
 - Sim, mas...

— E declaraste esses valores?

O Christian mordeu o lábio e não me respondeu. Portanto a resposta era não. Por isso é que não se apresentara no julgamento da Alicia. Interrogueime sobre quantos pacientes ele atenderia a título «não oficial» sem declarar os valores recebidos.

— Ouve. Se o Diomedes descobre, eu... eu posso perder o emprego. Tens noção disso, não tens? — A voz dele possuía um tom de súplica, apelando à minha compaixão.

Mas eu não sentia qualquer compaixão para com o Christian. Apenas desdém.

- Esquece o professor. E a Ordem dos Médicos? Vais perder a licença.
- Só se tu disseres alguma coisa. Não precisas de contar a ninguém. A esta altura do campeonato são tudo águas passadas, não são? Quer dizer, estamos a falar da minha carreira, porra.
 - Devias ter pensado nisso antes, não te parece?
 - Theo, por favor...

O Christian devia estar a odiar ter de me suplicar daquela maneira, mas vê-lo sofrer não me deu qualquer satisfação, apenas me irritou. Não fazia qualquer intenção de o denunciar ao Diomedes — pelo menos por enquanto.

- Tudo bem respondi-lhe. Ninguém precisa de saber. Por agora.
- Obrigado. A sério, estou a ser sincero. Fico em dívida para contigo.
- Pois ficas. Continua.
- Como assim?
- Quero que comeces a falar. Quero que me fales sobre a Alicia.
- O que é que queres saber?
- Tudo.

- O Christian olhou-me fixamente, ao mesmo tempo que brincava com os pauzinhos. Ponderou por uns instantes, antes de falar.
- Não há muito para contar. Não sei o que é que queres saber; ou por onde queres que comece.
 - Começa pelo princípio. Consultaste-a ao longo de vários anos?
- Não; quer dizer... sim; mas já te disse, não tão frequentemente como o fizeste parecer. Consultei-a duas ou três vezes depois de o pai dela ter morrido.
 - Quando é que foi a última vez?
 - Cerca de uma semana antes do homicídio.
 - E como é que descreverias o estado mental dela?
- Oh... O Christian recostou-se na cadeira, descontraindo-se agora que se sentia mais seguro. — Estava altamente paranoica, com alucinações; psicótica até. Mas já tinha acontecido antes. Ela tinha todo um historial de mudanças de humor. Andava sempre para cima e para baixo; o típico borderline.
 - Poupa-me a merda do diagnóstico. Dá-me só os factos.
 - O Christian lançou-me um olhar magoado, mas decidiu não argumentar.
 - O que é que queres saber?
 - A Alicia confidenciou-te que andava a ser observada, correto?
 - O Christian olhou-me com surpresa.
 - Observada?
 - Que alguém andava a espiá-la. Penso que ela te falou sobre isso?
- O Christian olhou-me com uma expressão estranha. Então, para minha surpresa, riu-se.
 - Qual é a graça?
 - Não acreditas nisso, pois não? No mirone a espiar pelas janelas?
 - Achas que não é verdade?
 - Pura fantasia. Pensava que fosse óbvio.

Fiz sinal com a cabeça para o diário.

- Ela escreve sobre isso de forma muito convincente. Acredito nela.
- Bem, é claro que soou convincente. Eu também teria acreditado nela, se não soubesse já como era. Ela estava a ter um episódio psicótico.
- Dizes tu. Não me parece nada psicótica neste diário. Apenas assustada.
- Ela tinha um historial; aconteceu a mesma coisa na casa onde eles moravam antes de Hampstead. Por isso é que tiveram de se mudar. Acusou

um senhor de idade, que morava na rua em frente, de andar a espiá-la. Fez um alarido tremendo. Afinal o tipo era cego; nem sequer a conseguia ver, quanto mais espiá-la. Ela foi sempre altamente instável, mas foi o suicídio do pai que estragou tudo. Nunca mais recuperou.

- Ela alguma vez te falou nele? No pai?
- O Christian encolheu os ombros.
- Nem por isso. Insistia sempre que o amava e que eles tinham uma relação normal; tão normal quanto possível, tendo em conta que a mãe dela se suicidou. Para ser sincero, foi uma sorte ter conseguido sacar-lhe a pouca informação que consegui sacar. Ela nunca colaborou muito. Era... bem, tu sabes como ela é.
- Não tão bem como tu, ao que parece. Continuei antes de ele poder interromper-me: Tentou suicidar-se após a morte do pai?
 - O Christian encolheu os ombros.
 - Se tu dizes. Mas eu não lhe chamaria isso.
 - O que é que lhe chamarias?
- Tratou-se de um comportamento suicida, mas não acredito que tencionasse morrer. Era demasiado narcisista para se querer magoar a sério. Tomou uma sobredosagem, mais para dar nas vistas do que outra coisa. Estava a «comunicar» o sofrimento dela ao Gabriel; andava sempre a tentar chamar a atenção dele, o pobre diabo. Se eu não fosse obrigado a respeitar a confidencialidade entre médico e paciente, tê-lo-ia avisado para se pôr a milhas.
 - Azar o dele seres um homem tão cheio de ética.
 - O Christian encolheu-se.
- Theo, eu sei que és um homem muito compreensivo, por isso és tão bom terapeuta, mas estás a desperdiçar o teu tempo com a Alicia Berenson. Já antes do homicídio ela tinha pouca capacidade de introspeção ou de mentalização ou lá o que lhe queiras chamar. Estava completamente absorvida nela própria e na sua arte. Toda a empatia que sentes para com ela, todo o carinho... ela é incapaz de o retribuir. É um caso perdido. Uma autêntica cabra.

O Christian disse-o com desdém — e sem um pingo de empatia por uma mulher tão danificada. Por instantes interroguei-me se por acaso o *borderline* não seria o Christian e não a Alicia. Isso faria todo o sentido.

Pus-me de pé.

- Vou ver a Alicia. Preciso de respostas.
- Da Alicia? O Christian parecia alarmado. E como é que tencionas obtê-las?
 - Perguntando-lhe.

E retirei-me.

Esperei até o Diomedes regressar ao gabinete dele e a Stephanie estar numa reunião com a Fundação. Então entrei no aquário e procurei o Yuri.

- Preciso de ver a Alicia.
- Ai sim? O Yuri lançou-me um olhar estranho. Mas... pensava que a terapia tinha sido descontinuada?
 - E foi. Preciso de ter uma conversa privada com ela, é só.
- Certo, estou a ver. O Yuri parecia indeciso. Bem, a sala de terapia está ocupada; a Indira vai estar a consultar pacientes durante o resto da tarde. — Pensou por instantes. — A sala de arte está livre, se não se importar de que seja lá? Mas vai ter de ser breve.

Ele não elaborou, mas eu sabia o que queria dizer — tínhamos de ser rápidos, para que ninguém desse por nós e fizesse queixa à Stephanie. Eu estava grato por ter o Yuri do meu lado; era claramente uma boa pessoa. Senti-me culpado por o ter julgado mal quando nos conhecemos.

- Obrigado. Agradeço-lhe imenso.
- O Yuri sorriu-me.
- Levo-a lá daqui a dez minutos.

O Yuri cumpriu com a sua palavra. Dez minutos depois, eu e a Alicia estávamos na sala de arte, sentados de frente um para o outro a uma bancada de trabalho salpicada de tinta.

Eu estava encavalitado num banco alto pouco estável, sentindo-me pouco seguro. A Alicia estava impecavelmente sentada — como se estivesse a posar para um retrato ou prestes a começar a pintar.

— Obrigado por isto. — Tirei o diário dela e pousei-o à minha frente. — Por me ter deixado lê-lo. É muito importante para mim saber que me confiou algo tão pessoal.

Sorri, mas fui recebido por uma expressão vazia. As feições da Alicia eram duras e inflexíveis. Interroguei-me se se teria arrependido de me ter dado o diário. Talvez sentisse um certo embaraço por se ter exposto daquela maneira?

Fiz uma pausa e depois continuei:

— O diário termina abruptamente, num momento de suspense. — Folheei as páginas vazias do diário. — É um pouco como a nossa terapia; incompleta, por concluir.

A Alicia não disse uma palavra. Limitou-se a olhar fixamente. Não sei do que é que eu estava à espera, mas não era daquilo. Partira do princípio de que ela ter-me dado o diário indicava uma mudança, representava um

convite, uma abertura, um ponto de entrada, e no entanto ali estava eu, de volta à estaca zero, à frente de uma parede impenetrável.

— Sabe, esperava que, uma vez que comunicou comigo de forma indireta, através destas páginas, desse o passo seguinte e falasse comigo pessoalmente.

Não obtive resposta.

— Acho que me deu isto porque queria comunicar comigo. E comunicou. Ler isto revelou-me muito sobre si; que se sentia muito sozinha, isolada, receosa... que a sua situação era muito mais complicada do que eu julgara inicialmente. A sua relação com o doutor West, por exemplo.

Olhei de relance para ela ao proferir o nome do Christian. Esperava ver alguma reação, um semicerrar dos olhos, um maxilar tenso; algo, qualquer coisa; mas não vi nada, nem sequer um piscar de olhos.

— Não fazia ideia de que conhecia o Christian West antes de ter sido admitida na Grove. Procurou-o a título particular durante uma série de anos. É óbvio que o reconheceu quando ele veio trabalhar para cá; uns meses após a sua chegada. Deve ter ficado algo confusa quando ele fingiu não a conhecer. E, imagino eu, muito aborrecida?

Coloquei-o em jeito de pergunta, mas não obtive resposta. Ela não parecia minimamente interessada no Christian. A Alicia desviou o olhar, entediada, desiludida — como se eu tivesse perdido uma oportunidade qualquer, como se tivesse enveredado pelo caminho errado. Esperara algo de mim, algo que não conseguira dar-lhe.

Bem, eu ainda não terminara.

— Há mais uma coisa: o diário levanta uma série de questões; questões que precisam de uma resposta. Certas coisas não fazem sentido, não batem certo com a informação que obtive de outras fontes. Agora que me permitiu lê-lo, sinto-me na obrigação de investigar ainda mais. Espero que compreenda.

Devolvi o diário à Alicia. Ela aceitou-o e pousou os dedos em cima dele. Fitámo-nos durante uns instantes.

— Estou do seu lado, Alicia — disse-lhe eu, por fim. — Sabe isso, não sabe?

Ela não me respondeu nada.

Entendi-o como um sim.

A Kathy começava a ficar desleixada. Era inevitável, penso eu. Tendo-se safado durante tanto tempo com a sua infidelidade, começava a ficar preguiçosa.

Cheguei a casa e ela estava prestes a sair.

- Vou fazer uma caminhada disse-me ela, calçando os ténis. Não me demoro nada.
 - Fazia-me bem um pouco de exercício. Queres companhia?
 - Não, preciso de ensaiar as minhas falas.
 - Posso ajudar-te, se quiseres.
- Não. A Kathy abanou a cabeça. É mais fácil sozinha. Recito as falas, as que não consigo memorizar, estás a ver, aquelas do segundo ato. Ando às voltas no parque, a repeti-las em voz alta. Devias ver os olhares que me lançam.

Era impressionante. A Kathy disse-o com uma sinceridade perfeita e mantendo sempre o contacto visual. Era uma atriz incrível.

A minha capacidade de representação também estava a melhorar. Esbocei um sorriso carinhoso e rasgado.

Boa caminhada.

Segui-a assim que saiu do apartamento. Mantive uma distância segura, mas ela não olhou para trás uma única vez. Como já disse, estava a ficar desleixada.

Caminhou durante cerca de cinco minutos, em direção à entrada do parque. Assim que se aproximou da mesma, um homem emergiu das sombras. Estava de costas voltadas para mim, pelo que não lhe via o rosto. Tinha o cabelo escuro e era bem constituído, mais alto do que eu. Ela acercou-se dele e puxou-o para si. Começaram a beijar-se. A Kathy devorava avidamente os beijos dele, entregando-se totalmente a ele. Era estranho — no mínimo — ver os braços de outro homem à volta dela. As mãos dele agarraram e acariciaram os seios dela por cima da roupa.

Eu sabia que deveria esconder-me. Estava à vista de toda a gente — se a Kathy se virasse para trás ver-me-ia com toda a certeza. Mas não conseguia mexer-me do lugar. Estava paralisado, olhando para uma Medusa, transformado em pedra.

Por fim, eles pararam com os beijos e entraram no parque, de braço dado. Segui-os. Foi algo desconcertante. Visto de trás, à distância, o homem não parecia muito diferente de mim — por uns segundos tive uma

espécie de experiência fora do corpo algo confusa, convencido de que estava a ver-me a mim próprio a caminhar no parque com a Kathy.

A Kathy conduziu o homem na direção da zona do bosque. Ele seguiu-a e depois desapareceram de vista.

Senti uma impressão terrível no estômago. A minha respiração estava densa, lenta, pesada. Cada célula do meu corpo dizia-me para ir embora, sair dali, correr, fugir para longe. Mas não o fiz. Segui-os até ao bosque.

Tentei fazer o mínimo de barulho possível, mas os galhos estalavam debaixo dos meus pés e os ramos agarravam-me ao corpo. Não os via em lado nenhum — as árvores estavam tão próximas umas das outras que apenas via uns metros à minha frente.

Parei e fiquei à escuta. Ouvi um roçagar nas árvores, mas talvez fosse o vento. Então ouvi algo inconfundível, um som gutural surdo que reconheci de imediato.

Era a Kathy, a gemer.

Tentei aproximar-me, mas os ramos prenderam-me e mantiveram-me em suspensão, qual mosca numa teia de aranha. Fiquei ali parado sob a luz ténue, respirando o odor bafiento a casca de árvore e a terra. Escutei a Kathy a gemer enquanto ele a fornicava. Ele emitia uns sons animalescos.

Eu estava a arder de raiva. Aquele homem aparecera do nada e invadira a minha vida. Roubara e seduzira e corrompera a coisa que me era mais preciosa. Era monstruoso, sobrenatural. Talvez não fosse humano sequer, mas o instrumento de alguma divindade malévola com o objetivo de me castigar. Estaria Deus a castigar-me? Porquê? De que seria eu culpado — exceto de me ter apaixonado? Seria por amar de uma forma demasiado intensa, demasiado necessitada? Excessiva?

Aquele homem amá-la-ia? Duvidava que assim fosse. Não como eu a amava. Ele estava apenas a usá-la; a usar o corpo dela. De modo algum gostava dela como eu. Eu teria morrido pela Kathy.

Teria matado por ela.

Pensei no meu pai — sabia o que ele faria naquela situação. Mataria o tipo. *Porta-te como um homem*, ouvia o meu pai a gritar. *Faz-te rijo*. Seria isso que deveria fazer? Matá-lo? Livrar-me dele? Era uma maneira de sair daquela confusão — uma forma de quebrar o feitiço, de libertar a Kathy para ficarmos livres. Assim que ela tivesse chorado a perda dele aquilo chegaria ao fim, ele passaria a ser uma recordação, facilmente esquecido, e nós poderíamos continuar como antes. Poderia fazê-lo agora, ali, no parque. Arrastá-lo-ia para o lago, mergulhar-lhe-ia a cabeça na água. Mantê-lo-ia assim até o corpo dele começar a convulsar e depois ficar frouxo nos meus braços. Ou poderia segui-lo até casa, no metro, parar atrás dele na plataforma e — com um empurrão rápido — atirá-lo para a

frente de um comboio. Ou aparecer atrás dele numa rua deserta, com um tijolo na mão, e esmagar-lhe os miolos. Porque não?

Os gemidos da Kathy soaram repentinamente mais altos, e reconheci os sons que ela fazia ao atingir o clímax. Seguiu-se um momento de silêncio... interrompido por uma risada abafada que eu conhecia muito bem. Ouvi o estalido de galhos enquanto eles se esgueiravam do bosque.

Esperei uns segundos. Então parti os galhos à minha volta e libertei-me das árvores, rasgando e arranhando as mãos.

Quando emergi do bosque, os meus olhos estavam quase cegos das lágrimas. Limpei-as com o punho ensanguentado.

Afastei-me a cambalear, sem rumo certo. Dei voltas e mais voltas, como um louco.

- Jean-Felix?

Não havia ninguém na zona da receção e ninguém apareceu quando chamei. Hesitei por breves instantes e depois entrei na galeria.

Atravessei o corredor até ao local onde a *Alceste* se encontrava exposta. Mais uma vez, contemplei o quadro. Mais uma vez, tentei lê-lo e mais uma vez fracassei. Algo na imagem desafiava qualquer interpretação — ou então tinha algum significado que eu ainda não compreendera. Mas qual?

Então — um arquejo súbito assim que reparei em algo. Atrás da Alicia, na escuridão, se semicerrasse os olhos e olhasse bem para o quadro, as partes mais escuras das sombras fundiam-se — qual holograma que passa de duas a três dimensões quando visto num determinado ângulo — e uma forma sobressaía das sombras... a figura de um homem. Um *homem* — escondido na escuridão. A observar. A vigiar a Alicia.

— O que é que quer?

A voz sobressaltou-me. Virei-me para trás.

- O Jean-Felix não parecia particularmente satisfeito por me ver.
- O que está aqui a fazer?

Estava prestes a apontar a figura do homem no quadro e a perguntar ao Jean-Felix sobre isso, quando algo me disse que talvez fosse má ideia.

Em vez disso, sorri.

- Tinha só mais umas perguntas. Agora é boa altura?
- Nem por isso. Já lhe disse tudo o que sabia. Com certeza não deve haver mais nada!
 - Por acaso surgiram dados novos.
 - E que dados são esses?
 - Bem, para já, não sabia que a Alicia tencionava deixar a sua galeria.

Seguiu-se uma breve pausa antes de o Jean-Felix responder. A voz dele soou tensa, qual elástico prestes a partir-se.

- Do que é que está a falar?
- É verdade?
- O que é que você tem que ver com isso?
- A Alicia é minha paciente. É minha intenção fazê-la voltar a falar; mas agora vejo que talvez seja do seu interesse que ela permaneça calada.
 - Que raio quer dizer com isso?
- Bem, enquanto ninguém souber que ela desejava ir-se embora, poderá continuar a guardar as obras dela por tempo indeterminado.
 - Está a acusar-me de quê, exatamente?

- Não o estou a acusar de nada. Estou apenas a constatar um facto.
- O Jean-Felix riu-se.
- Veremos. Irei entrar em contacto com o meu advogado; e apresentar uma queixa formal ao hospital.
 - Não me parece que o faça...
 - Então porquê?
- Bem, é que ainda não lhe disse como é que soube que a Alicia planeava ir-se embora.
 - Quem lhe disse isso estava a mentir.
 - Foi a própria Alicia.
- O quê? O Jean-Felix pareceu ficar atónito. Quer dizer... que ela falou?
 - De certa maneira, sim. Deu-me o diário dela a ler.
- O diário... dela? Ele piscou os olhos várias vezes, como se estivesse com dificuldade em processar a informação. Não sabia que a Alicia tinha um diário.
- Pois, mas tinha. E descreve os vossos últimos encontros ao pormenor.
 Não disse mais nada. Não havia necessidade. Seguiu-se uma longa pausa. O Jean-Felix permaneceu calado.
- Depois digo-lhe qualquer coisa disse-lhe eu. Sorri e fui-me embora.
 Quando saí para a rua do Soho, senti uma certa culpa por ter inquietado
 Jean-Felix daquela maneira. Mas fora intencional queria ver o efeito dessa provocação, como é que ele reagiria, o que faria.

Agora tinha de esperar para ver.

Enquanto percorria as ruas do Soho telefonei ao primo da Alicia, o Paul Rose, para o informar da minha chegada. Não queria aparecer lá em casa sem avisar primeiro e arriscar uma receção semelhante à anterior. O hematoma na minha cabeça ainda não estava completamente curado.

Encaixei o telemóvel entre o ombro e o ouvido, ao mesmo tempo que acendia um cigarro. Ainda mal inalara quando a chamada foi atendida, ao primeiro toque. Esperava que fosse o Paul e não a Lydia. Tive sorte.

- Estou?
- Paul. Daqui fala o Theo Faber.
- Ah. Olá, amigo. Peço desculpa por estar a sussurrar, mas a minha mãe está a dormir a sesta e não quero acordá-la. Como é que está a sua cabeça?
 - Muito melhor, obrigado.
 - Ótimo, ótimo. Em que posso ajudá-lo?
- Bem, recebi uma informação nova em relação à Alicia. Queria discutila consigo.

— Que tipo de informação?

Disse-lhe que a Alicia me dera o diário dela para ler.

- O diário dela? Não sabia que ela tinha um diário. O que é que diz?
- Talvez fosse mais fácil falarmos pessoalmente. Está livre hoje, por acaso?
 - O Paul hesitou.
- Talvez fosse melhor não vir cá a casa. A minha mãe não... Bem, ela não ficou muito contente com a sua última visita.
 - Sim, deu para perceber.
 - Há um pub ao fundo da rua, junto à rotunda. O White Bear...
 - Sim, lembro-me de o ter visto. Parece-me bem. A que horas?
 - Por volta das cinco? Devo conseguir escapulir-me durante um bocado. Ouvi a Lydia gritar algo. Pelos vistos acordara.
 - Tenho de ir. Até logo. O Paul desligou.

*

Umas horas mais tarde, estava a caminho de Cambridge. No comboio, fiz outro telefonema — para o Max Berenson. Hesitei antes de lhe ligar. Já se queixara ao Diomedes uma vez, por isso não ficaria nada satisfeito por ter novamente notícias minhas. Mas eu sabia que não tinha outro remédio.

A Tanya atendeu. Soava melhor da constipação, mas notei uma certa tensão na voz dela quando percebeu de quem se tratava.

- Não me parece que... Quer dizer, o Max está ocupado. Tem reuniões o dia todo.
 - Eu ligo mais tarde.
 - Não sei se será boa ideia. Eu...

Ouvi o Max a dizer algo e a Tanya a responder-lhe: — Recuso-me a dizer isso, Max.

O Max pegou no telefone e falou diretamente para mim: — Eu disse à Tanya para o mandar à merda.

- Ah...
- É preciso ter lata para ligar para aqui outra vez. Já fiz queixa de si ao professor Diomedes.
- Sim, estou ciente disso. De qualquer maneira, surgiu uma nova informação que tem diretamente que ver consigo; como tal, não tive outro remédio senão ligar-lhe.
 - Que informação é essa?
- Trata-se de um diário que a Alicia escreveu nas semanas que antecederam o homicídio.

Seguiu-se um silêncio no outro lado da linha. Hesitei.

— A Alicia escreve sobre si com imenso detalhe. Disse que tinha sentimentos românticos para com ela. Estava aqui a pensar se...

Ouviu-se um clique quando ele desligou. Estava tudo a correr como planeado. O Max mordera o anzol — e agora só tinha de esperar para ver como ele reagiria.

Percebi que tinha algum receio do Max Berenson, tal como a Tanya o receava. Recordei o conselho sussurrado dela, para que falasse com o Paul e lhe perguntasse algo — mas o quê? Qualquer coisa sobre a noite após o acidente que matara a mãe da Alicia. Recordei a expressão no rosto da Tanya quando o Max aparecera, como se calara e depois sorrira para ele. Não, pensei, o Max Berenson não podia ser subestimado.

Isso seria um erro perigoso.

Enquanto o comboio se aproximava de Cambridge, a paisagem ficou mais plana e a temperatura desceu. Fechei o casaco ao sair da estação. O vento fustigava-me o rosto, qual saraivada de lâminas de gelo. Dirigi-me para o *pub*, a fim de me encontrar com o Paul.

O White Bear era um lugar decrépito — dava ideia de que vários anexos tinham sido acrescentados à estrutura original ao longo dos anos. Alguns estudantes faziam frente ao vento, sentados na esplanada com as suas cervejas, embrulhados em cachecóis e a fumarem. No interior, a temperatura era muito mais quente, graças a várias lareiras acesas, proporcionando um agradável consolo do frio.

Pedi uma bebida e olhei em redor, à procura do Paul. Viam-se pequenas divisões adjacentes ao bar principal, onde a luz era ténue. Perscrutei as figuras na escuridão, mas sem o avistar. Aquele era um bom local para um encontro ilícito, pensei. O que, de certa maneira, era o caso.

Vislumbrei o Paul sentado sozinho numa pequena divisão. Estava virado de costas para a porta, sentado junto à lareira. Reconheci-o de imediato, graças ao seu tamanho imenso. As costas enormes dele quase bloqueavam a vista para a lareira.

— Paul?

Ele deu um salto e virou-se. Parecia um gigante na pequena sala. Tinha de inclinar ligeiramente a cabeça para não bater no teto.

- Tudo bem? cumprimentou-me ele. Parecia estar à espera de ouvir más notícias por parte de um médico. Arranjou espaço para mim e senteime diante da lareira, aliviado por sentir o calor na cara e nas mãos.
- Está mais frio aqui do que em Londres. O vento também não ajuda nada.
- Dizem que vem direitinho da Sibéria. O Paul continuou a falar sem fazer uma pausa, claramente sem vontade para conversa de circunstância:
 Que história é essa sobre um diário? Nunca soube que a Alicia tinha um diário.
 - Pois, mas tinha.
 - E ela deu-lho?

Acenei com a cabeça.

- E...? O que é que diz?
- É um relato pormenorizado dos últimos meses antes do homicídio. E há umas discrepâncias que eu gostaria de discutir consigo.
 - Que discrepâncias?

- Entre a sua versão dos acontecimentos e a dela.
- Do que é que está a falar? Pousou a cerveja e olhou-me demoradamente. Como assim?
- Bem, para já, disse-me que não tinha visto a Alicia durante vários anos antes do homicídio.
 - O Paul hesitou.
 - Ai disse?
- No diário, a Alicia diz que o viu umas semanas antes de o Gabriel ter sido assassinado. Diz que o Paul foi a casa dela, em Hampstead.

Olhei fixamente para ele, vendo-o desanimar. De repente parecia um miúdo num corpo demasiado grande. Era óbvio que o Paul estava com medo. Durante uns segundos não me respondeu. Depois lançou-me um olhar furtivo.

— Posso dar uma espreitadela? Ao diário?

Abanei a cabeça.

- Não me parece que isso seja apropriado. Seja como for, não o trouxe comigo.
 - Então como é que sei que existe realmente? Pode estar a mentir.
 - Eu não estou a mentir. Mas o Paul está; o Paul mentiu-me. Porquê?
 - Não é da sua conta.
- Infelizmente é da minha conta, sim. O bem-estar da Alicia diz-me respeito.
 - O bem-estar dela não está em causa. Nunca lhe fiz mal.
 - Eu não disse o contrário.
 - Então pronto.
 - Porque é que não me conta o que aconteceu?
 - O Paul encolheu os ombros.
- É uma longa história. Hesitou e depois cedeu. Falou rápida e ofegantemente. Percebi o alívio dele por estar finalmente a contar a alguém. As coisas não estavam a correr nada bem. Eu tinha um problema, entende? Andava a jogar e a pedir dinheiro emprestado, e depois não tinha como o devolver. Precisava de dinheiro para... para corrigir a situação.
 - Por isso pediu-o à Alicia? Ela deu-lhe o dinheiro?
 - O que é que diz no diário?
 - Não diz.
 - O Paul hesitou e depois abanou a cabeça.
 - Não, ela não me deu nada. Disse que não podia.

Mais uma vez, estava a mentir. Porquê?

- Então como é que arranjou o dinheiro?

- Eu... Eu tirei-o das minhas poupanças. Agradecia-lhe que mantivesse este assunto entre nós; não quero que a minha mãe descubra.
 - Não vejo motivos para envolver a Lydia nisto.
- A sério? O rosto do Paul recuperou um pouco da sua cor. Parecia mais esperançoso. — Obrigado. Agradeço-lhe imenso.
- A Alicia alguma vez lhe disse que achava que estava a ser observada?
- O Paul pousou o copo e olhou-me com uma expressão de surpresa. Percebi que ela não lhe dissera nada.
 - Observada? Como assim?

Contei-lhe a história que lera no diário — sobre as suspeitas da Alicia de que andava a ser vigiada por um desconhecido e por fim os receios dela de que estaria prestes a ser atacada na própria casa.

- O Paul abanou a cabeça.
- Ela não estava boa da cabeça.
- Acha que ela imaginou tudo?
- Bem, parece-me lógico, não? O Paul encolheu os ombros. Acha que alguém andava atrás dela? Quer dizer, é possível...
 - Sim, é possível. Ou seja, ela não lhe disse nada em relação a isso?
- Nadinha. Mas eu e a Alicia nunca falámos muito, sabe. Ela foi sempre muito calada. Éramos uma família muito calada. Lembro-me de a Alicia comentar que era muito estranho; ela ia a casa dos amigos e as famílias deles riam-se e brincavam e conversavam sobre coisas, ao passo que a nossa casa estava sempre silenciosa. Nunca falávamos. À exceção da minha mãe, para dar ordens.
 - E o pai da Alicia? O Vernon? Como era ele?
- O Vernon não era muito falador. Não era muito bom da cabeça; não depois de a Eva ter morrido. Nunca mais foi o mesmo, depois disso. E a Alicia também não, já que falamos nisso.
- A propósito: queria perguntar-lhe algo... uma coisa que a Tanya mencionou.
 - A Tanya Berenson? Falou com ela?
- Apenas por breves instantes. Ela é que me sugeriu que falasse consigo.
- A Tanya? As faces do Paul ficaram ruborizadas. Eu... Eu não a conheço muito bem, mas foi sempre muito simpática comigo. É uma excelente pessoa. Visitou-nos umas vezes, a mim e à minha mãe. Um sorriso surgiu nos lábios do Paul e por momentos parecia distante.

Tem uma paixoneta por ela, pensei. Interroguei-me sobre o que o Max pensaria disso.

— O que é que disse a Tanya? — perguntou-me.

- Sugeriu que lhe perguntasse sobre algo... que aconteceu na noite a seguir ao acidente de carro. Não entrou em pormenores.
- Sim, eu sei a que é que ela se refere; contei-lho durante o julgamento. Pedi-lhe que não o revelasse a ninguém.
- Ela não me contou nada. Cabe a si decidir se mo quer contar ou não. É claro que, caso não queira...
 - O Paul bebeu o resto da cerveja e encolheu os ombros.
- Não deve ser importante, mas... talvez o ajude a compreender a Alicia. Ela... Hesitou e calou-se.
 - Continue.
- A Alicia... A primeira coisa que a Alicia fez, assim que chegou a casa do hospital, pois eles mantiveram-na lá a noite inteira depois do acidente, foi subir ao telhado da casa. Eu também. Ficámos sentados lá em cima praticamente a noite toda. Costumávamos ir para lá com frequência, eu e a Alicia. Era o nosso lugar secreto.
 - No telhado?
- O Paul hesitou. Olhou para mim por uns instantes, tentando decidir o que fazer. Então tomou uma decisão.
 - Venha daí. Ele pôs-se de pé. Eu mostro-lhe.

A casa estava completamente às escuras quando chegámos.

— É por aqui — disse-me o Paul. — Venha atrás de mim.

Havia uma escada de ferro afixada à parte lateral da casa. Dirigimo-nos para ela. A lama estava congelada sob os nossos pés, esculpida em ondas e sulcos tesos. Sem esperar por mim, o Paul começou a subi-la.

Estava a arrefecer imenso. Questionei-me se aquilo seria boa ideia. Segui-o e agarrei o primeiro degrau — gelado e escorregadio. Estava coberto de uma espécie de planta trepadeira; hera, talvez.

Subi, degrau a degrau. Quando alcancei finalmente o topo, tinha os meus dedos dormentes e o vento fustigava-me o rosto. Galguei para cima do telhado. O Paul estava à minha espera, esboçando um sorriso entusiasmado e adolescente. A lua esguia pairava sobre nós; o resto era escuridão.

De repente o Paul avançou para mim, com uma expressão estranha no rosto. Senti uma pontada de pânico quando estendeu o braço na minha direção — desviei-me, mas agarrou-me na mesma. Por uns terríveis instantes julguei que fosse empurrar-me do telhado.

Em vez disso, puxou-me para ele.

 Está demasiado próximo da beirinha. Mantenha-se no meio. É mais seguro.

Acenei com a cabeça, recuperando o fôlego. Aquilo fora má ideia. Não me sentia nada seguro perto do Paul. Estava prestes a sugerir-lhe que descêssemos quando sacou dos cigarros e ofereceu-me um. Hesitei, mas aceitei. Tinha os dedos trémulos quando tirei o isqueiro do bolso e acendi os dois cigarros.

Ficámos ali parados a fumar em silêncio, durante uns minutos.

- Era aqui que costumávamos sentar-nos. Eu e a Alicia. Praticamente todos os dias.
 - Que idade tinham nessa altura?
- Eu tinha cerca de sete, talvez oito anos. A Alicia não devia ter mais do que dez.
 - Eram muito pequenos para andarem a subir escadas.
- Pois. Na altura pareceu-nos perfeitamente normal. Quando éramos adolescentes, vínhamos para aqui fumar e beber cervejas.

Tentei imaginar a Alicia adolescente, escondendo-se do pai e da tia intimidadora; Paul, o primo mais novo que tanto a adorava, atrás dela

escada acima, massacrando-a quando ela preferia estar em silêncio, sozinha com os pensamentos dela.

- É um bom esconderijo disse eu.
- O Paul disse que sim com a cabeça.
- O tio Vernon não conseguia subir a escada. Tinha uma constituição forte, como a minha mãe.
- Até eu tive dificuldade em subi-la. Aquela hera é uma autêntica armadilha.
- Não é hera, é jasmim. O Paul olhou para as guias verdes que se enroscavam em torno do cimo da escada. Ainda não tem flores; só na primavera. Nessa altura cheira a perfume, quando há imenso. Ele parecia absorto numa recordação qualquer, por instantes. Tem graça...
 - O quê?
- Nada. Encolheu os ombros. As coisas de que nos lembramos... Estava a pensar no jasmim; nesse dia estava completamente em flor, no dia do acidente, quando a Eva morreu.

Olhei em redor.

— Disse que vinha para aqui com a Alicia, era?

Ele assentiu com a cabeça.

— A minha mãe e o tio Vernon andavam à nossa procura lá em baixo. Ouvíamo-los a chamarem-nos. Mas não dissemos uma palavra. Ficámos escondidos. E foi então que aconteceu.

Ele apagou o cigarro e esboçou um sorriso estranho.

- Por isso é que o trouxe aqui. Para que o possa ver; o local do crime.
- O crime?
- O Paul não respondeu, continuando a sorrir para mim.
- Qual crime, Paul?
- O crime do Vernon. Sabe, o tio Vernon não era boa pessoa. Não, de todo.
 - O que é que está a tentar dizer-me?
 - Foi nesse momento que ele o fez.
 - Fez o quê?
 - Foi nesse momento que ele matou a Alicia.

Olhei fixamente para o Paul, sem conseguir acreditar nos meus ouvidos.

- Matou a Alicia? Do que é que está a falar?
- O Paul apontou para o chão lá em baixo.
- O tio Vernon estava lá em baixo com a minha mãe. Estava embriagado. A minha mãe estava a tentar fazê-lo voltar para dentro de casa. Mas ele estava ali parado, a chamar a Alicia aos gritos. Estava tão zangado com ela. Tão danado.

- Por causa de a Alicia estar escondida? Mas... ela era uma criança... a mãe dela tinha acabado de morrer.
- Ele era um sacana ruim. A única pessoa de quem alguma vez gostou foi da tia Eva. Deve ter sido por isso que o disse.
- Disse o quê? Eu começava a perder a paciência. Não estou a perceber nada do que me está a dizer. O que é que aconteceu realmente?
- O Vernon estava a falar sobre o quanto amava a Eva; que não podia viver sem ela. «A minha miúda», dizia ele, «a minha pobre miúda, a minha Eva... Porque é que ela tinha de morrer? Porque é que tinha de ser ela? Porque é que não morreu a Alicia em vez dela?»

Fitei o Paul durante uns segundos, boquiaberto. Não tinha a certeza se entendera bem.

- Porque é que não morreu a Alicia em vez dela?
- Foi o que ele disse.
- E a Alicia ouviu isso?
- Sim. E a Alicia sussurrou-me algo; jamais o esquecerei. «Ele matou-me», disse ela. «O meu pai... matou-me.»

Olhei para o Paul, incapaz de proferir uma única palavra. Um conjunto de sinos soou na minha cabeça, retinindo, repicando, ressoando. Era isso que eu procurava. E encontrara-a, a peça que faltava no quebra-cabeças, finalmente — ali em cima de um telhado em Cambridge.

Durante todo o caminho de regresso a Londres, não parei de pensar nas implicações do que ouvira. Compreendia agora por que motivo a peça *Alceste* sensibilizara tanto a Alicia. Da mesma maneira que Admeto condenara fisicamente Alceste à morte, também o Vernon Rose condenara fisicamente à morte a própria filha. Admeto decerto amava Alceste, à maneira dele, mas não havia um pingo de amor em Vernon Rose, apenas ódio. Cometera um infanticídio psicológico — e a Alicia tinha plena noção disso.

«Ele matou-me», dissera ela. «O meu pai matou-me.»

Agora, por fim, eu tinha algo com que trabalhar. Algo que eu próprio compreendia — os efeitos emocionais das feridas psicológicas das crianças e como estes se manifestam mais tarde na vida adulta. Imaginem só — ouvir o nosso pai, a pessoa de quem dependemos para a nossa própria sobrevivência, desejar a nossa morte. O quão aterrorizador deverá ser para uma criança, quão traumatizante — a nossa perceção de autoestima implodiria e a dor seria demasiado grande, demasiado imensa para a sentirmos, pelo que a engoliríamos, reprimi-la-íamos, enterrá-la-íamos. Com o passar do tempo perderíamos o contacto com as origens do nosso trauma, separaríamos as raízes da causa e esqueceríamos tudo. Mas um

dia, toda a mágoa e raiva explodiriam para fora de nós, qual fogo da barriga de um dragão — e pegaríamos numa arma. Revisitaríamos essa raiva não no nosso pai, que estava morto e esquecido e longe do nosso alcance — mas no nosso marido, no homem que ocupava o lugar dele na nossa vida, que nos amava e partilhava o nosso leito. Alvejá-lo-íamos cinco vezes na cabeça, sem sequer compreendermos muito bem o porquê.

O comboio trespassou a noite, em direção a Londres. Finalmente, pensei — finalmente sabia como chegar a ela.

Agora poderíamos começar.

Eu estava sentado com a Alicia, em silêncio.

Começava a lidar cada vez melhor com aqueles silêncios, a saber suportá-los, a instalar-me neles e a aguentá-los; aquilo tornara-se quase confortável, ali sentado na pequena sala com ela, sem dizermos uma palavra.

A Alicia tinha as mãos pousadas em cima do colo, abrindo-as e fechando-as ritmadamente, qual batimento cardíaco. Estava virada para mim, não a olhar para mim, mas olhando pela janela, por entre as grades. Parara de chover e as nuvens tinham-se afastado momentaneamente e revelado um céu azul-pálido; então outra nuvem apareceu, obscurecendo-o de cinzento. Foi então que eu falei.

— Tomei conhecimento de algo. Uma coisa que o seu primo me contou. Proferi-o num tom o mais delicado possível. Ela não reagiu, pelo que continuei.

— O Paul disseme que, quando era criança, a Alicia ouviu o seu pai a dizer algo devastador. Logo após o acidente de viação que matou a sua mãe... Ouviu-o dizer que desejava que a Alicia tivesse morrido em vez dela.

Estava certo de que haveria uma reação física evidente, algum tipo de reconhecimento. Esperei, mas tal não aconteceu.

— Pergunto-me o que sentirá ao saber que o Paul mo contou; talvez o veja como uma traição da sua confiança. Mas estou certo de que ele tinha a melhor das intenções. A Alicia está, para todos os efeitos, ao meu cuidado.

Nenhuma resposta. Hesitei.

— Talvez ajude se eu lhe contar uma coisa. Não, isso talvez seja pouco sincero da minha parte. Talvez me ajude a mim. A verdade é que a compreendo melhor do que pensa. Sem querer revelar muito, ambos tivemos infâncias muito semelhantes, com pais muito parecidos. E ambos saímos de casa assim que pudemos. Mas descobrimos rapidamente que a distância geográfica pouco importa no mundo da psique. Há coisas que não se deixam facilmente para trás. Eu sei o quanto a sua infância a prejudicou. É importante que compreenda a seriedade disto. O que o seu pai disse é o equivalente a homicídio psíquico. Ele *matou-a*.

Dessa vez ela reagiu.

Ergueu rapidamente o olhar — e fitou-me diretamente. Os olhos dela pareciam trespassar-me. Se o olhar matasse, eu teria caído morto no chão. Encarei o olhar assassino dela sem estremecer.

— Alicia. Esta é a nossa última oportunidade. Estou aqui sentado sem o conhecimento ou autorização do professor Diomedes. Se continuar a infringir as regras por sua causa, acabarei por ser despedido. Como tal, esta será a última vez que me verá. Está a compreender?

Disse-o sem qualquer expectativa ou emoção, esgotado de toda a esperança ou sentimento. Estava cansado de bater com a cabeça na parede. Não esperava qualquer tipo de resposta. E então...

A princípio pareceu-me tê-lo imaginado. Pareceu-me ter ouvido coisas. Olhei fixamente para ela, sem fôlego. Sentia o coração a martelar-me dentro do peito. A minha boca estava seca quando falei.

— A Alicia... disse... alguma coisa?

Mais silêncio. Com toda a certeza ouvira mal. Imaginara-o. Mas depois... aconteceu novamente.

Os lábios da Alicia mexeram-se lentamente, dolorosamente; a voz dela soou ligeiramente rouca quando surgiu, qual portão a precisar de óleo.

— O que é que… — sussurrou ela. Então calou-se. E depois outra vez:
— O que é que… O que é que…

Por instantes, ficámos a olhar um para o outro. Os meus olhos encheram-se lentamente de lágrimas — lágrimas de incredulidade, de entusiasmo e gratidão.

— O que é que eu quero? Quero que continue a falar... Fale. Fale comigo, Alicia...

A Alicia fitou-me. Estava a pensar em algo. Tomou uma decisão.

Acenou lentamente com a cabeça.

— Está bem — respondeu-me.

- Ela disse o quê?
- O professor Diomedes fitou-me com uma expressão de estupefação. Estávamos na rua, a fumar. Percebi que ficou entusiasmado porque deixou cair o charuto no chão e nem sequer reparou.
 - Ela falou? A Alicia falou mesmo?
 - Falou, sim.
 - Incrível. Portanto o Theo tinha razão. Tinha razão. E eu estava errado.
- De todo. Foi errado da minha parte consultá-la sem a sua autorização, professor. Peço desculpa, mas o meu instinto...
- O Diomedes desvalorizou o meu pedido de desculpa, com um aceno da mão, e terminou a frase por mim.
 - Seguiu o seu instinto. Eu teria feito o mesmo, Theo. Muito bem.

Eu não queria pôr-me já com celebrações.

- Não podemos deitar foguetes antes da festa. É um enorme progresso, sim. Mas não temos qualquer garantia; ela pode voltar atrás, ou regredir em qualquer altura.
 - O Diomedes acenou afirmativamente.
- Tem toda a razão. Temos de organizar uma revisão formal e entrevistar a Alicia assim que possível; pô-la diante de um painel, eu, o Theo e mais alguém da Fundação... pode ser o Julian, ele é suficientemente inofensivo...
- Está a antecipar-se. Não me está a dar ouvidos. É demasiado cedo para isso. Uma coisa dessas irá assustá-la. Temos de avançar com calma.
 - Bem, é importante que a Fundação tenha conhecimento...
- Não, ainda não. Talvez tenha acontecido apenas esta vez. Vamos esperar. Não façamos quaisquer anúncios. Ainda não.
- O Diomedes acenou com a cabeça, interiorizando as minhas palavras. Pôs a mão no meu ombro e apertou-o com força.
 - Muito bem. Estou orgulhoso de si.

Senti uma pequena pontada de orgulho — um filho a ser felicitado pelo pai. Estava consciente do meu desejo de agradar ao Diomedes, de justificar a fé que ele tinha em mim e de o deixar orgulhoso. Fiquei um pouco comovido. Acendi um cigarro para o disfarçar.

- E agora?
- Agora continuamos em frente. Continue a trabalhar com a Alicia.
- E se a Stephanie descobre?
- Esqueça a Stephanie, deixe-a comigo. Concentre-se na Alicia.

E eu assim fiz.

Durante a nossa sessão seguinte, eu e a Alicia fartámo-nos de falar. Ou melhor, a Alicia falou e eu escutei. Ouvir a Alicia era uma experiência pouco familiar e algo desconcertante, depois de tanto silêncio. A princípio ela falou com alguma hesitação, timidamente — tentando caminhar com pernas que não eram utilizadas há muito tempo. Mas começou rapidamente a sentir-se mais à vontade, ganhando velocidade e agilidade, tropeçando nas frases como se nunca tivesse estado calada, o que, em certa medida, era o caso.

Quando a sessão chegou ao fim, fui para o meu gabinete. Sentei-me à secretária a transcrever tudo o que fora dito, enquanto ainda estava fresco na minha memória. Assentei tudo, palavra por palavra, captando-o da forma mais precisa e exata possível.

Como poderão constatar, trata-se de uma história incrível — quanto a isso não restam dúvidas. Se acreditam nela ou não, é convosco.

A Alicia estava sentada na cadeira à minha frente, na sala de terapia.

— Antes de começarmos, tenho umas perguntas para lhe fazer. Algumas coisas que gostaria de esclarecer...

Não obtive resposta. A Alicia olhou para mim com a sua expressão tipicamente impenetrável.

— Mais especificamente, quero compreender o seu silêncio. Quero saber por que razão se recusava a falar.

A Alicia pareceu ficar desiludida com a pergunta. Virou-se e olhou pela janela.

Ficámos sentados em silêncio durante uns minutos. Tentei conter o suspense que sentia. Teria o nosso progresso sido temporário? Iríamos continuar como antes? Não podia deixar que isso acontecesse.

— Alicia. Eu sei que é complicado. Mas assim que começar a falar comigo, verá que se tornará mais fácil, prometo-lhe.

Nenhuma resposta.

— Experimente. Por favor. Não desista agora que progrediu tanto. Continue. Diga-me... Diga-me porque é que não falava.

A Alicia virou-se para a frente e fitou-me com um olhar gélido. Em seguida, falou em voz baixa: — Nada... nada para dizer.

— Não sei se acredito nisso. Acho que havia demasiado para dizer.

Uma pausa. Um encolher de ombros.

- Talvez. Talvez... tenha razão.
- Continue.

Ela hesitou.

- A princípio, quando o Gabriel... quando ele estava morto... eu não conseguia, tentei... mas não conseguia... falar. Abri a boca... mas não saiu nenhum som. Como num sonho... em que tentamos gritar... mas não conseguimos.
- Estava em estado de choque. Mas ao longo dos dias que se seguiram, a voz deve ter-lhe voltado, não?
 - Por essa altura... parecia-me em vão. Era tarde de mais.
 - Tarde de mais? Para falar em sua defesa?

A Alicia susteve o meu olhar, um sorriso enigmático nos lábios. Não disse nada.

- Diga-me porque é que voltou a falar.
- Você sabe porquê.
- Sei?

- Por sua causa.
- Por minha causa? Olhei para ela com uma expressão de surpresa.
- Porque veio para cá.
- E isso fez alguma diferença?
- Toda a diferença; fez... toda a diferença. A Alicia baixou a voz e fitou-me, sem pestanejar. Quero que compreenda... o que me aconteceu. Qual foi a sensação. É importante... que compreenda.
- Eu quero compreender. Por isso é que me deu o seu diário, não foi? Porque queria que eu compreendesse. Fiquei com a ideia de que as pessoas mais importantes para si não acreditaram na sua história em relação ao homem. Talvez se esteja a interrogar... se eu terei acreditado em si.
- Acreditou, sim. Não se tratava de uma pergunta, apenas uma simples constatação dos factos.

Acenei com a cabeça.

- Sim, acreditei em si. Porque é que não começamos por aí? A última entrada no seu diário descreve o homem a entrar na sua casa. O que é que aconteceu a seguir?
 - Nada.
 - Nada?

Ela abanou a cabeça.

- Não era ele.
- Não era? Então quem era?
- O Jean-Felix. Ele queria... tinha vindo falar sobre a exposição.
- A julgar pelo seu diário, não estava propriamente em condições de receber visitas.

A Alicia reconheceu-o com um encolher de ombros.

- E ele ficou muito tempo?
- Não. Pedi-lhe que se fosse embora. Ele não queria... ficou aborrecido. Gritou um pouco comigo... mas depois foi-se embora.
- E depois? O que é que aconteceu depois de o Jean-Felix se ter ido embora?

A Alicia abanou a cabeça.

- Não quero falar sobre isso.
- Não?
- Ainda não.

Os olhos da Alicia fitaram os meus por breves instantes. Então desviaram-se para a janela, contemplando o céu que escurecia do outro lado das grades. Havia algo na maneira como inclinava a cabeça para o lado que era quase provocador e percebi-lhe o princípio de um sorriso no

canto da boca. Ela está a gostar disto, pensei. Gosta de me ter sob o seu poder.

- Quer falar sobre o quê? perguntei-lhe.
- Não sei. Nada. Só quero falar.

Então falámos. Falámos sobre a Lydia e o Paul, sobre a mãe dela e sobre o verão em que ela morreu. Falámos sobre a infância da Alicia — e sobre a minha. Falei-lhe sobre o meu pai e sobre como fora crescer naquela casa; ela parecia curiosa para saber o máximo possível em relação ao meu passado, sobre o que me moldara e transformara na pessoa que sou.

Lembro-me de ter pensado: não há como voltar atrás. Estávamos a ultrapassar todos os limites entre terapeuta e paciente. Em breve seria impossível distinguir quem era quem.

Na manhã seguinte, encontrámo-nos novamente. Nesse dia a Alicia parecia diferente, por alguma razão — mais reservada, mais defensiva. Penso que era porque estava a preparar-se para falar sobre o dia da morte do Gabriel.

Sentou-se à minha frente e, num gesto invulgar, olhou-me nos olhos e manteve o contacto visual durante a sessão inteira. Começou a falar sem que lho tivesse pedido; lentamente, ponderadamente, pensativamente, escolhendo cada frase com cautela, como se estivesse cuidadosamente a pintar uma tela.

- Nessa tarde estava sozinha. Sabia que tinha de pintar, mas estava tanto calor que não me apetecia nada fazê-lo. Mas decidi tentar. Levei a pequena ventoinha que tinha comprado para o estúdio no jardim e depois...
 - Depois...?
- O meu telemóvel tocou. Era o Gabriel. Estava a ligar para dizer que iria chegar muito tarde da sessão fotográfica.
 - Era costume ele fazer isso? Ligar a dizer que iria chegar atrasado?

A Alicia olhou-me com uma expressão curiosa, como se achasse a pergunta estranha. Abanou a cabeça.

- Não. Porquê?
- Estava aqui a pensar se não teria ligado por outro motivo. Para saber como é que a Alicia estaria a sentir-se? A julgar pelo seu diário, parecia preocupado com o seu estado mental.
- Ah. A Alicia pensou um pouco, apanhada de surpresa. Então acenou lentamente com a cabeça. Estou a ver. Sim, sim, é possível...
- Peço desculpa por tê-la interrompido. Continue. O que é que aconteceu a seguir ao telefonema?

A Alicia hesitou.

- Vi-o.
- Viu-o?
- Ao homem. Quer dizer, vi o reflexo dele. Refletido na janela. Estava lá dentro; no estúdio. Parado imediatamente atrás de mim.

A Alicia fechou os olhos e ficou sentada muito quieta. Seguiu-se uma longa pausa.

Falei num tom sereno.

— Pode descrever-mo? Como é que ele era?

Ela abriu os olhos e fitou-me por uns instantes.

- Era alto... forte. Não consegui ver-lhe o rosto; tinha posto uma máscara, uma máscara preta. Mas via-lhe os olhos; eram buracos escuros. Não tinham luz nenhuma.
 - O que é que fez quando o viu?
- Nada. Estava demasiado assustada. Não parava de olhar para ele. Tinha uma faca na mão. Perguntei-lhe o que é que queria. Ele não falou. Disse-lhe que tinha dinheiro na cozinha dentro da minha mala. E ele abanou a cabeça e disse: «Não quero dinheiro.» E depois riu-se. Uma risada horrorosa, mais parecia vidro a partir-se. Encostou a faca ao meu pescoço. Tinha a ponta afiada da lâmina junto à garganta, junto à pele... Disse-me para ir com ele para dentro de casa.

A Alicia fechou os olhos enquanto recordava o sucedido.

— Levou-me para fora do estúdio, para o relvado. Caminhámos em direção à casa. Eu via o portão que dá para a rua, a poucos metros de distância; estava tão perto... E então algo dentro de mim tomou o comando da situação. Era... era a minha única oportunidade para escapar. Por isso dei-lhe um pontapé com força e fugi dele. E desatei a correr. Corri em direção ao portão. — Os olhos dela abriram-se e ela sorriu ao recordar. — Por uns instantes, estava livre.

O sorriso dela desvaneceu-se.

- Mas depois... ele saltou para cima de mim. Para as minhas costas. Caímos no chão... A mão dele estava por cima da minha boca e senti a lâmina fria junto ao pescoço. Disse que me mataria se eu me mexesse. Ficámos deitados no chão por uns segundos e eu sentia o hálito dele no meu rosto. Cheirava pessimamente. Então levantou-me do chão... e arrastou-me para o interior da casa.
 - E depois? O que é que aconteceu?
 - Trancou a porta. E eu fiquei encurralada.

A respiração da Alicia soava pesada e ela tinha as faces ruborizadas. Eu tinha receio de que começasse a ficar transtornada, pelo que não quis insistir muito com ela.

— Quer fazer uma pausa?

Ela abanou a cabeça.

- Vamos continuar. Esperei tempo mais do que suficiente para o contar. Quero despachar isto.
 - Tem a certeza? Talvez seja boa ideia pararmos um bocadinho.

Ela hesitou.

- Posso fumar um cigarro?
- Um cigarro? Não sabia que fumava.
- E não fumo. Mas... costumava fumar. Pode dar-me um?
- Como é que sabe que fumo?

- Sinto o cheiro em si.
- Ah. Sorri, sentindo-me algo embaraçado. Está bem. Pus-me de pé. Vamos até lá fora.

O pátio estava repleto de pacientes. Estavam reunidos nos seus grupos habituais, a coscuvilhar, a discutir e a fumar; alguns tinham os braços à volta do próprio corpo e batiam com os pés no chão, tentando manter-se quentes.

A Alicia levou o cigarro aos lábios, segurando-o entre os dedos compridos e magros. Acendi-lho. Assim que a chama tocou na ponta do cigarro, crepitou e iluminou-se de vermelho. Ela inalou profundamente, os olhos postos nos meus. Parecia quase divertida.

— Não vai fumar? Ou será inapropriado? Partilhar um cigarro com uma paciente?

Ela está a fazer troça de mim, pensei. E com razão — não havia nenhuma regra que proibisse um funcionário e um paciente de partilharem um cigarro. Mas sempre que os funcionários fumavam faziam-no disfarçadamente, indo até à escada de incêndio nas traseiras do edifício. Não o faziam à frente dos pacientes. Estar ali no pátio a fumar com ela parecia-me realmente ser uma transgressão. Talvez fosse imaginação minha, mas sentia que estávamos a ser observados. Senti o Christian a espiar-nos através da janela. Recordei as palavras dele. «Os borderline são sedutores.» Olhei a Alicia nos olhos. Não eram sedutores; nem sequer eram simpáticos. Existia uma mente cruel por detrás daqueles olhos, uma inteligência astuta que ainda agora estava a despertar. Ela era uma força a considerar, a Alicia Berenson. Compreendia-o agora.

Talvez por isso o Christian sentira necessidade de a sedar. Teria ele receio do que ela pudesse fazer — do que pudesse dizer? Eu próprio sentia um certo medo dela; não propriamente medo — mas estava alerta, apreensivo. Sabia que tinha de ter muito cuidado.

— E porque não? — retorqui. — Vou fumar um também.

Pus um cigarro na boca e acendi-o. Fumámos em silêncio durante uns minutos, mantendo o contacto visual, a poucos centímetros um do outro, até eu sentir um estranho embaraço adolescente e desviar o olhar. Tentei disfarçar, fazendo sinal para o pátio.

— Caminhamos um pouco enquanto falamos?

A Alicia disse que sim com a cabeça.

- Está bem.

Começámos a andar à volta do muro, ao longo do perímetro do pátio. Os outros pacientes observavam-nos. Interroguei-me sobre o que estariam a

pensar. A Alicia não parecia preocupada com isso. Nem sequer parecia reparar na presença deles. Caminhámos em silêncio durante algum tempo.

Por fim, ela disse:

- Quer que continue?
- Se quiser continuar, sim... Sente-se preparada?

A Alicia acenou afirmativamente.

- Estou, sim.
- O que é que aconteceu quando entraram em casa?
- O homem disse... disse que queria beber algo. Por isso dei-lhe uma das cervejas do Gabriel. Eu não bebo cerveja. Não tinha mais nada em casa.
 - E depois?
 - Ele começou a falar.
 - Sobre o quê?
 - Não me recordo.
 - Não?
 - Não.

Ela remeteu-se ao silêncio.

Esperei o máximo que consegui aguentar e depois incitei-a: — Vamos continuar. Estavam na cozinha. Como é que se sentia?

— Eu não... Não me recordo de ter sentido alguma coisa.

Acenei com a cabeça.

- Não é invulgar, nessas situações. Não existem apenas reações de luta ou fuga. Há uma terceira reação, igualmente comum, quando estamos a ser atacados; paralisamos.
 - Eu não paralisei.
 - Não?
- Não. Ela lançou-me um olhar intenso. Estava a mentalizar-me. Estava a preparar-me... a preparar-me para lutar. A preparar-me... para o matar.
 - Estou a ver. E como é que tencionava fazê-lo?
 - Com a arma do Gabriel. Sabia que tinha de ir buscar a arma.
- Estava na cozinha? Tinha-a posto lá? Foi o que escreveu no seu diário.

A Alicia acenou com a cabeça.

— Sim, no armário junto à janela. — Inalou profundamente e soprou um longo fio de fumo. — Disse-lhe que precisava de beber água. Fui buscar um copo. Atravessei a cozinha... demorei uma eternidade a percorrer meia dúzia de passos. Passo a passo, alcancei o armário. Tinha a mão a tremer... abri-o...

- O armário estava vazio. A arma não estava lá. E depois ouvi-o dizer: «Os copos estão no armário à direita.» Virei-me e lá estava a arma... na mão dele. Estava a apontá-la para mim e a rir-se.
 - E depois?
 - Depois?
 - O que é que a Alicia estava a pensar?
- Que essa fora a minha última oportunidade para fugir e que agora... agora ele ia matar-me.
 - Estava convencida de que ele iria matá-la?
 - Sabia que sim.
- Mas então porque é que ele o adiou? Porque é que não o fez assim que entrou dentro de casa?

A Alicia não me respondeu. Olhei de relance para ela. Para minha surpresa, ela tinha um sorriso nos lábios.

- Quando eu era pequena, a tia Lydia tinha uma gatinha. Uma gata malhada. Eu não gostava muito dela. Era meio selvagem e às vezes atacava-me com as unhas. Era má... e cruel.
- Não acha que os animais agem por instinto? Será que têm a capacidade de serem cruéis?

A Alicia fitou-me intensamente.

- Conseguem ser cruéis, sim. Ela era. Trazia-nos coisas do campo... ratos ou passarinhos que apanhava. E estavam sempre meio vivos. Feridos, mas vivos. E ela guardava-os e brincava com eles.
- Estou a ver. Está a dizer-me que era a presa daquele homem? Que ele estava a fazer um jogo sádico qualquer consigo. É isso?

A Alicia largou a ponta do cigarro no chão e pisou-a.

— Dê-me outro.

Estendi-lhe o maço. Ela pegou num cigarro e acendeu-o. Fumou durante uns instantes.

- O Gabriel iria chegar às oito. Dali a duas horas. Eu não parava de olhar para o relógio. «O que é que se passa?», perguntou-me ele. «Não gosta de estar comigo?» Então acariciou-me a pele com a arma, roçando-a para cima e para baixo no meu braço. Ela estremeceu ao recordá-lo. Disse-lhe que o Gabriel iria chegar a qualquer instante. «E depois?», respondeu ele. «Acha que a vai salvar?»
 - E o que é que a Alicia lhe disse?
- Não disse nada. Limitei-me a olhar para o relógio... e depois o meu telemóvel tocou. Era o Gabriel. Ele mandou-me atender. Encostou-me a arma à cabeça.
 - E...? O que disse o Gabriel?

— Disse... disse que a sessão fotográfica estava a ser um pesadelo e para eu começar a jantar sem ele. Que não chegaria a casa antes das dez, no mínimo. Desliguei. «O meu marido vem a caminho», disse eu. «Estará aqui dentro de minutos. É melhor ir-se embora agora, antes que ele volte.» O homem riu-se. «Mas eu ouvi-o dizer que não voltava antes das dez», respondeu-me. «Temos muito tempo para matar. Vá buscar um pouco de corda», disse ele, «ou fita adesiva ou o que for. Quero amarrá-la.»

»Fiz o que ele mandou. Sabia que não tinha outro remédio agora. Já sabia como é que aquilo iria terminar.

A Alicia calou-se e olhou para mim. Vi a emoção pura no seu olhar. Interroguei-me se não estaria a pressioná-la demasiado.

- Talvez fosse melhor fazermos uma pausa.
- Não, eu preciso de terminar. Preciso de fazer isto.

Ela continuou, falando mais depressa agora.

— Não tinha corda, por isso utilizou o arame que eu tinha para pendurar as telas. Obrigou-me a ir para a sala de estar. Puxou uma das cadeiras de costas direitas da mesa de jantar. Mandou-me sentar. Começou a enrolar o arame à volta dos meus tornozelos, prendendo-me à cadeira. Eu sentia o arame a cortar-me a pele. «Por favor», disse-lhe, «por favor»... Mas não me deu ouvidos. Prendeu-me os pulsos atrás das costas. Nesse momento tive a certeza de que me iria matar. Quem me dera... quem me dera que o tivesse feito.

Ela praticamente cuspiu as palavras. Fiquei surpreendido com a veemência dela.

- Porquê?
- Porque o que ele fez foi muito pior.

Por instantes pensei que a Alicia fosse chorar. Combati uma vontade súbita de a agarrar, segurá-la nos braços, beijá-la, tranquilizá-la, dizer-lhe que estava a salvo. Contive-me. Apaguei o cigarro no muro de tijolo vermelho.

- Sinto que precisa que cuidem de si. Dou por mim a querer tomar conta de si, Alicia.
- Não. Ela abanou a cabeça num gesto firme. Não é isso que pretendo de si.
 - O que é que pretende de mim?

A Alicia não me respondeu. Deu meia-volta e regressou ao interior do edifício.

Acendi a luz na sala de terapia e fechei a porta. Quando me virei, a Alicia já estava sentada — mas não na cadeira dela. Estava sentada no meu lugar.

Por norma, teria analisado com ela o significado desse gesto revelador. Agora, porém, não fiz qualquer comentário. Se sentar-se na minha cadeira significava que ela estava em vantagem — bem, era um facto. Estava ansioso para chegar ao final da história dela, agora que estávamos tão perto. Por isso sentei-me e esperei que começasse a falar. Ela fechou ligeiramente os olhos e ficou completamente imóvel.

Por fim, disse:

- Estava amarrada à cadeira e sempre que me mexia o arame cravavase-me nas pernas, e tinha as pernas a sangrar. Foi um alívio poder concentrar-me nos cortes em vez dos meus pensamentos. Os meus pensamentos eram demasiado assustadores... pensava que nunca mais voltaria a ver o Gabriel. Pensava que iria morrer.
 - O que aconteceu a seguir?
- Ficámos ali sentados durante o que me pareceu ser uma eternidade. Tem piada. Sempre imaginei o medo como uma emoção fria, mas não é... queima como o fogo. Estava imenso calor naquela sala, com as janelas e a persianas fechadas. Um ar estagnado, abafado e pesado. Gotas de transpiração escorriam-me da testa para os olhos, fazendo-os arder. Sentia o cheiro a álcool nele, bem como o fedor da transpiração dele enquanto bebia e falava — não parava de falar. Não prestei grande atenção. Ouvia uma mosca grande e gorda a zunir entre a persiana e a janela... estava presa e a bater contra o vidro, pum, pum, pum. Perguntou-me coisas sobre mim e o Gabriel; como é que nos tínhamos conhecido, há quanto tempo estávamos juntos, se éramos felizes. Achei que se o mantivesse a falar teria mais hipóteses de continuar viva. Por isso respondi às perguntas dele: sobre mim, o Gabriel e o meu trabalho. Falei sobre tudo o que ele quis. Só para ganhar tempo. Continuava atenta ao relógio. A ouvir o seu tiquetaque. E depois, de repente, eram dez... e depois... dez e meia. E o Gabriel continuava sem chegar.
 - » "Ele está atrasado", disse-me ele. "Se calhar não vem."
 - »"Vem, sim", respondi-lhe.
 - » "Ainda bem que estou aqui para lhe fazer companhia."
- »E depois o relógio deu as onze e ouvi um carro lá fora. O homem foi à janela e espreitou. "Mesmo a tempo", disse ele.

O que aconteceu a seguir — explicou a Alicia — aconteceu muito rápido.

O homem agarrou na Alicia e virou-lhe a cadeira, pelo que ficou voltada de costas para a porta. Disse que daria um tiro na cabeça do Gabriel se ela dissesse uma única palavra ou fizesse um único som. Então desapareceu. Uns instantes depois, as luzes apagaram-se e ficou tudo às escuras. No átrio, a porta de entrada abriu-se e fechou-se.

— Alicia? — chamou o Gabriel.

Não obteve resposta, pelo que chamou novamente o nome dela. Entrou na sala de estar... e viu-a junto à lareira, sentada de costas para ele.

— Porque é que estás sentada às escuras? — perguntou-lhe o Gabriel. Não obteve resposta. — Alicia?

A Alicia fez um esforço para permanecer em silêncio — apetecia-lhe gritar, mas os olhos dela tinham-se acostumado à escuridão e por isso via, mesmo à sua frente, no canto da divisão, a arma do homem cintilando nas sombras. Estava a apontá-la para o Gabriel. A Alicia permaneceu em silêncio para bem dele.

— Alicia? — O Gabriel aproximou-se dela. — O que é que se passa?

Assim que o Gabriel estendeu o braço para tocar nela, o homem saltou da escuridão. A Alicia gritou, mas era tarde de mais — e o Gabriel foi atirado para o chão, o homem caindo em cima dele. A arma foi erguida no ar, qual martelo, e desceu sobre a cabeça do Gabriel com um baque terrível — uma vez, duas vezes, três vezes — e ele ficou estendido no chão, inconsciente, a sangrar. O homem levantou-o e sentou-o numa cadeira. Amarrou-o à cadeira, utilizando o arame. O Gabriel mexeu-se, recuperando os sentidos.

— Mas que merda é esta? O que é que...

O homem levantou a arma e apontou-a ao Gabriel. Ouviu-se um tiro. E outro. E outro ainda. A Alicia desatou aos gritos. O homem continuou a disparar. Alvejou o Gabriel seis vezes na cabeça. Então atirou a arma para o chão.

E foi-se embora sem dizer uma palavra.

E pronto. A Alicia Berenson não matou o marido. Um intruso sem rosto entrou à força na casa deles e, num ato de maldade aparentemente sem motivo, alvejou o Gabriel na cabeça, antes de desaparecer na noite. A Alicia era totalmente inocente.

Isso se acreditarem na explicação dela.

Eu não acreditei. Numa única palavra.

Além das inconsistências e incongruências óbvias — tais como o Gabriel não ter sido alvejado seis vezes, apenas cinco, tendo uma das balas sido disparada para o teto; a Alicia também não fora encontrada amarrada à cadeira, mas de pé no meio da sala de estar, tendo cortado os pulsos. A Alicia não disse nada sobre o homem a ter desamarrado, nem explicou porque é que não contara logo à polícia essa versão dos acontecimentos. Não, eu sabia que ela estava a mentir. Fiquei irritado por ela ter mentido, mal e descabidamente, na minha cara. Por instantes interroguei-me se estaria a testar-me, para ver se eu aceitaria a história dela? Se fosse esse o caso, estava decidido a não deixar transparecer a minha dúvida.

Continuei sentado em silêncio.

Excecionalmente, a Alicia falou primeiro.

- Estou cansada. Quero parar.

Acenei com a cabeça. Não podia protestar.

- Continuamos amanhã disse-me ela.
- Há mais para dizer?
- Sim. Uma última coisa.
- Muito bem. Amanhã.

O Yuri estava à espera no corredor. Acompanhou a Alicia ao quarto dela e eu subi ao meu gabinete.

Como já disse, há muitos anos que tenho o hábito de transcrever uma sessão logo que esta termina. A capacidade de registar com precisão o que foi dito nos últimos quinze minutos é de extrema importância para um terapeuta — caso contrário, muitos pormenores são esquecidos e a urgência das emoções perde-se.

Sentei-me à secretária e assentei, o mais rápido que consegui, tudo o que transparecera entre nós. Assim que terminei, atravessei os corredores com os meus apontamentos na mão.

Bati à porta do Diomedes. Não obtive resposta, por isso tornei a bater. Continuava a não obter resposta. Abri ligeiramente a porta — e lá estava o Diomedes, dormindo profundamente no seu sofá estreito.

— Professor? — E depois, mais alto: — Professor Diomedes?

Ele acordou com um sobressalto e sentou-se rapidamente. Olhou para mim, piscando os olhos.

- O que é que foi? Passa-se alguma coisa?
- Preciso de falar consigo. Será melhor voltar mais tarde?
- O Diomedes franziu o sobrolho e abanou a cabeça.
- Estava a fazer uma pequena sesta. Tenho esse hábito, logo a seguir ao almoço. Ajuda-me a aguentar o resto da tarde. Passa a ser uma necessidade, à medida que vamos ficando mais velhos. Bocejou e pôsse de pé. Entre, Theo. Sente-se. A julgar pela sua cara, é importante.
 - Penso que é, sim.
 - É sobre a Alicia?

Acenei afirmativamente. Sentei-me no lugar em frente à secretária. Ele sentou-se atrás da mesma. Tinha o cabelo levantado de lado e continuava a parecer meio ensonado.

- Tem a certeza de que não será melhor eu voltar mais tarde?
- O Diomedes abanou a cabeça. Serviu-se de um copo de água, de um jarro.
 - Já estou acordado. Força. Do que é que se trata?
 - Estive com a Alicia, a conversar... Preciso de alguma supervisão.
- O Diomedes acenou com a cabeça. Parecia cada vez mais desperto e mais interessado.
 - Continue.

Comecei a ler-lhe os meus apontamentos. Descrevi-lhe a sessão inteira. Repeti as palavras dela o mais fielmente possível e transmiti-lhe a história que ela me contara: como o homem que andara a espiá-la entrara à força na casa, a fizera prisioneira e depois alvejara e matara o Gabriel.

Quando terminei, seguiu-se uma longa pausa. A expressão no rosto do Diomedes não deixava transparecer grande coisa. Tirou uma caixa de charutos da gaveta da secretária. Em seguida, pegou numa pequena guilhotina de prata. Enfiou a ponta do charuto na guilhotina e cortou-a.

— Comecemos pela contratransferência. Fale-me sobre a sua experiência emocional. Comece do princípio. Enquanto a Alicia lhe contava a história dela, que tipo de sentimentos lhe foram surgindo?

Pensei por uns instantes.

- Acho que me sentia entusiasmado... E ansioso. Receoso.
- Medo? E esse medo era seu ou dela?
- De ambos, penso eu.
- E estava com medo de quê?
- Não tenho a certeza. Medo do fracasso, talvez. Investi muito nisto, como sabe.

- O Diomedes disse que sim com a cabeça.
- E que mais?
- Frustração também. Sinto-me frequentemente frustrado durante as nossas sessões.
 - E irritado?
 - Sim, penso que sim.
 - Sente-se como um pai frustrado, a lidar com um filho complicado?
 - Sim. Quero ajudá-la... mas não sei se ela quer ser ajudada.

Ele acenou com a cabeça.

— Concentre-se nessa irritação. Fale um pouco mais sobre isso. Como é que ela se manifesta?

Hesitei.

- Bem, muitas vezes saio das sessões com uma dor de cabeça lancinante.
 - O Diomedes assentiu afirmativamente.
- Sim, exatamente. De uma maneira ou outra, tem de sair. «Um estagiário que não esteja ansioso sentir-se-á nauseado.» Quem é que disse estas palavras?
 - Não sei. Encolhi os ombros. Eu sinto-me nauseado e ansioso.
 - O Diomedes sorriu.
- E também já não é nenhum estagiário; embora esses sentimentos nunca desapareçam por completo.
 Pegou no charuto.
 Vamos até lá fora fumar.

Saímos para a escada de incêndio. O Diomedes deu várias passas no charuto, enquanto pensava. Por fim, chegou a uma conclusão.

- Sabe que ela está a mentir, não sabe?
- Sobre o homem ter matado o Gabriel? Também me pareceu.
- Não apenas sobre isso.
- Então o quê?
- Tudo. Toda a história. Não acredito numa única palavra.

Devo ter aparentado um ar totalmente estupefacto. Esperara que ele não acreditasse em alguns elementos da história da Alicia. Mas não esperara que rejeitasse a história por completo.

- Não acredita no homem?
- Não, não acredito. Duvido que alguma vez tenha existido. É uma fantasia. Do princípio ao fim.
 - Porque é que diz isso?
 - O Diomedes esboçou um sorriso estranho.
- Digamos que se trata da minha intuição. Anos de experiência profissional com fantasistas. Tentei interromper, mas ele antecipou-se

com um aceno da mão. — É claro, não estou à espera de que concorde comigo, Theo. Está muito envolvido com a Alicia e os seus sentimentos estão ligados aos dela, qual bola de lã emaranhada. É esse o propósito de uma supervisão como esta; ajudá-lo a desembaraçar os fios de lã, para ver qual dos fios é o seu e qual é o dela. E assim que recuperar um pouco de distanciamento e clareza, estou convencido de que verá com outros olhos a sua experiência com a Alicia Berenson.

- Não sei se estou a perceber o que quer dizer.
- Bem, para ser sincero, acho que ela tem estado a representar para si. A manipulá-lo. E tem sido uma representação com o intuito específico de apelar aos seus instintos cavalheirescos e... digamos que românticos. Eu percebi logo de início que o Theo tencionava salvá-la. Não sei se não terá sido igualmente óbvio para a Alicia. Daí ela tê-lo seduzido.
- Parece o Christian a falar. Ela não me seduziu. Sou perfeitamente capaz de resistir às projeções sexuais de uma paciente. Não me subestime, professor.
- O Theo é que não a deverá subestimar a *ela*. Está a fazer uma representação e peras. O Diomedes abanou a cabeça e ergueu o olhar para as nuvens cinzentas. Uma mulher vulnerável sob ataque, sozinha, a precisar de proteção. A Alicia apresentou-se como sendo a vítima e esse homem misterioso como o vilão. Quando, na verdade, a Alicia e o homem são a mesma pessoa. Ela matou o Gabriel. Ela é a culpada; e continua a recusar-se a aceitar essa culpa. Como tal, divide-se, desassocia-se, fantasia; a Alicia passa a ser a vítima inocente e o Theo o protetor dela. E, ao compactuar com essa fantasia, está a permitir-lhe renegar qualquer responsabilidade.
- Não concordo. Não acredito que ela esteja a mentir, pelo menos não de forma consciente. Quanto mais não seja, a Alicia acredita que a história dela é real.
- Sim, acredita. A Alicia está sob ataque, mas por parte da sua própria psique e não do mundo exterior.

Eu sabia que isso não era verdade, mas de nada serviria continuar a argumentar. Apaguei o meu cigarro.

- Como é que acha que devo proceder?
- Deve forçá-la a confrontar a verdade. Só então ela terá alguma esperança de recuperação. Deve recusar-se terminantemente a aceitar a história dela. Desafie-a. Exija que ela lhe conte a verdade.
 - E acha que o fará?

Ele encolheu os ombros.

— Isso — deu uma longa baforada no charuto — ninguém tem como saber.

— Muito bem. Falarei com ela amanhã. Irei confrontá-la.

O Diomedes pareceu ficar pouco à vontade e abriu a boca como se fosse dizer algo mais. Mas depois mudou de ideias. Acenou com a cabeça e apagou o charuto com o pé, com um ar determinado.

— Amanhã.

Depois do trabalho, segui novamente a Kathy até ao parque. E, como previsto, o amante dela esperava-a no mesmo local onde se tinham encontrado na última vez. Beijaram-se e acariciaram-se como dois adolescentes.

A Kathy olhou rapidamente na minha direção e por instantes pensei que me tivesse visto, mas não. Apenas tinha olhos para ele. Tentei vê-lo melhor dessa vez. Mas continuava a não lhe ver o rosto com clareza, embora algo na sua constituição física me fosse familiar. Tinha a sensação de já o ter visto algures.

Caminharam rumo a Camden e desapareceram no interior de um *pub*, o Rose and Crown, um sítio com um aspeto duvidoso. Esperei no café do outro lado da rua. Cerca de uma hora mais tarde, saíram para a rua. A Kathy não o largava, sempre a beijá-lo. Beijaram-se durante uns instantes, junto à estrada. Observei-os, nauseado e completamente em brasa, tal era o ódio que sentia.

Por fim, ela despediu-se dele e separaram-se. Ela começou a afastar-se. O homem deu meia-volta e seguiu na direção oposta. Não segui a Kathy. Segui-o a ele.

Ele esperou por um autocarro. Esperei atrás dele. Contemplei as suas costas, os seus ombros; imaginei-me a atirar-me a ele — a empurrá-lo para a frente do autocarro que se aproximava. Mas não o empurrei. Ele apanhou o autocarro. Fiz o mesmo.

Calculei que fosse diretamente para casa, mas não foi. Mudou de autocarro umas vezes. Segui-o à distância. Foi até ao East End, onde desapareceu no interior de um armazém durante meia hora. Depois disso, nova viagem, noutro autocarro. Fez uns telefonemas, falando em surdina e rindo-se várias vezes. Interroguei-me sobre se estaria a falar com a Kathy. Sentia-me cada vez mais frustrado e desanimado. Mas era também teimoso, pelo que me recusei a desistir.

Por fim, ele regressou a casa — saindo do autocarro e virando para uma rua sossegada cheia de árvores. Continuava a falar ao telemóvel. Fui atrás dele, mantendo a distância. A rua estava deserta. Se se tivesse virado para trás, ter-me-ia visto. Mas não o fez.

Passei por uma casa com um jardim de pedras e plantas suculentas. Agi sem pensar — o meu corpo parecia ter vida própria. O meu braço passou por cima do muro baixo do jardim e pegou numa pedra. Senti o peso dela nas minhas mãos. Elas sabiam o que fazer: tinham decidido matá-lo, rachar

o crânio àquele sacana da treta. Deixei-me levar, numa espécie de transe, esgueirando-me atrás dele, ganhando silenciosamente terreno, aproximando-me cada vez mais. Ergui a pedra no ar, preparado para lhe bater com ela com toda a minha força. Empurrá-lo-ia para o chão e esmagar-lhe-ia os miolos. Estava muito próximo dele; se não estivesse a falar ao telemóvel, ter-me-ia ouvido.

Agora: ergui a pedra e...

Imediatamente atrás de mim, uma porta de entrada abriu-se. Um súbito zunido de conversas, «obrigados» e «adeuses» proferidos em voz alta, ao mesmo tempo que umas pessoas saíam para a rua. Fiquei paralisado. À minha frente, o amante da Kathy parou de andar e olhou na direção do ruído, para a casa. Dei um passo para o lado e escondi-me atrás de uma árvore. Não me viu.

Continuou a andar, mas não o segui. A interrupção despertara-me do devaneio. A pedra escorregou-me da mão e fez barulho ao cair no chão. Continuei a observá-lo, atrás da árvore. Ele subiu os degraus que conduziam à entrada de uma casa, destrancou a porta e entrou.

Uns segundos depois, uma luz acendeu-se na cozinha. Vi-lhe o perfil, ligeiramente afastado da janela. Apenas metade da divisão era visível da rua. Estava a falar com alguém que eu não conseguia ver. Enquanto conversavam, ele abriu uma garrafa de vinho. Sentaram-se e comeram uma refeição juntos. Então vislumbrei a outra pessoa. Era uma mulher. Seria a esposa dele? Não a conseguia ver com clareza. Ele pôs o braço à volta dela e beijou-a.

Portanto eu não era o único que andava a ser traído. Ele regressara a casa, depois de ter estado aos beijos com a minha mulher, e comera a refeição que aquela mulher lhe preparara, como se nada fosse. Sabia que não podia deixar as coisas assim — tinha de fazer alguma coisa. Mas o quê? Não obstante as minhas fantasias homicidas, não era um assassino. Não o poderia matar.

Teria de pensar em algo mais inteligente do que isso.

Planeava confrontar a Alicia logo pela manhã. Tencionava obrigá-la a admitir que me mentira em relação ao homem ter matado o Gabriel e forçá-la a confrontar a verdade.

Infelizmente, não chequei a ter oportunidade para o fazer.

- O Yuri estava à minha espera na receção.
- Preciso de falar consigo, Theo...
- O que é que se passa?

Olhei melhor para ele. O seu rosto parecia ter envelhecido de um dia para o outro; tinha um ar definhado, pálido, sem pinga de sangue. Algo terrível tinha acontecido.

- Houve um acidente. A Alicia... ela tomou uma dose excessiva de comprimidos.
 - O quê? Ela...?
 - O Yuri abanou a cabeça.
 - Ainda está viva, mas…
 - Graças a Deus...
 - Mas está em coma. Não está nada bem.
 - Onde é que ela está?
- O Yuri conduziu-me através de uma série de corredores fechados, em direção à unidade dos cuidados intensivos. A Alicia estava num quarto privado. Encontrava-se ligada a uma máquina de ECG e a um ventilador. Tinha os olhos fechados.
- O Christian estava presente, juntamente com outro médico. O seu aspeto pálido contrastava com o bronzeado profundo da médica do serviço de urgências era evidente que ela acabara de chegar de férias. Mas não tinha um ar propriamente revigorado. Parecia exausta.
 - Como é que está a Alicia? perguntei.

A médica abanou a cabeça.

- Nada bem. Tivermos de induzir o coma. O aparelho respiratório dela deixou de funcionar.
 - O que é que ela tomou?
 - Um opioide qualquer. Provavelmente hidrocodona.
 - O Yuri acenou com a cabeça.
- Havia um frasco de comprimidos vazio em cima da secretária, no quarto dela.
 - Quem é que a encontrou?

- Fui eu retorquiu o Yuri. Estava no chão, junto à cama. Não parecia estar a respirar. A princípio pensei que estivesse morta.
 - Faz ideia de como é que ela obteve os comprimidos?
 - O Yuri olhou de relance para o Christian, que encolheu os ombros.
 - Todos sabemos que há imensas vendas ilícitas nas unidades.
 - A Elif anda a vender disse eu.
 - O Christian acenou afirmativamente.
 - Sim, também estou convencido de que sim.

A Indira entrou no quarto. Parecia à beira das lágrimas. Posicionou-se ao lado da Alicia e observou-a por uns instantes.

- Isto vai ter um efeito terrível nos outros. Os pacientes regridem sempre vários meses quando acontece uma coisa destas. Sentou-se, pegou na mão da Alicia e começou a acariciá-la. Observei o ventilador a subir e a descer. Fez-se silêncio por uns instantes.
 - A culpa é minha disse eu.

A Indira abanou a cabeça.

- A culpa não é sua, Theo.
- Devia ter cuidado melhor dela.
- Fez o seu melhor. Ajudou-a. Que é mais do que alguém já fez.
- O Diomedes já foi informado?
- O Christian abanou a cabeça.
- Ainda não o conseguimos contactar.
- Tentaram o telemóvel dele?
- E o telefone de casa. Já tentei várias vezes.
- O Yuri franziu o sobrolho.
- Mas... eu vi o professor Diomedes há pouco. Estava aqui na clínica.
- Estava?
- Sim, vi-o esta manhã. Estava ao fundo do corredor e parecia cheio de pressa; ou pelo menos pareceu-me ser ele.
- Que estranho. Bem, deve ter ido para casa. Tente outra vez, está bem?
- O Yuri assentiu. Parecia algo distante; aturdido, perdido. Pelos vistos, ficara muito abalado. Senti pena dele.
- O *pager* do Christian soou, sobressaltando-o saiu rapidamente do quarto, seguido do Yuri e da médica.

A Indira hesitou e depois falou em voz baixa: — Quer ficar a sós com a Alicia?

Acenei com a cabeça, sem conseguir falar. A Indira pôs-se de pé e apertou-me o ombro. Então saiu do quarto.

Eu e a Alicia ficámos a sós.

Sentei-me junto à cama. Peguei no braço da Alicia. Um cateter estava preso às costas da mão dela. Segurei-lhe cuidadosamente a mão, afagando-lhe a palma e o interior do pulso. Afaguei-lhe o pulso com o dedo, sentindo as veias sob a pele dela e o relevo de cicatrizes das suas tentativas de suicídio.

E pronto. Era assim que aquilo iria terminar. A Alicia estava novamente calada e dessa vez o seu silêncio duraria para sempre.

Interroguei-me sobre o que diria o Diomedes. Imaginava o que o Christian Ihe diria — o Christian arranjaria maneira de me culpar, de alguma maneira: as emoções que eu provocara na terapia tinham sido demasiado intensas e a Alicia não as conseguira conter — pegara na hidrocodona como uma tentativa de se acalmar e automedicar. A dose excessiva de comprimidos podia ter sido acidental, quase conseguia ouvir o Diomedes a dizer, mas o comportamento era suicida. E pronto.

Mas não, não iria ficar assim.

Algo fora deixado ignorado. Algo significativo, algo em que ninguém reparara — nem mesmo o Yuri, quando encontrara a Alicia inconsciente junto à cama. Havia um frasco de comprimidos vazio em cima da secretária dela, sim, e alguns comprimidos no chão, por isso deduzira-se que ela tomara uma dose excessiva.

Mas ali, sob a ponta do meu dedo, no interior do pulso da Alicia, havia um hematoma e uma pequena marca que contava uma história diferente. Uma picada na veia — um minúsculo buraco deixado por uma agulha hipodérmica — revelando a verdade: a Alicia não engolira um frasco de comprimidos num gesto suicida. Fora injetada com uma dose cavalar de morfina. Não se tratava de uma dose excessiva de comprimidos.

Tratava-se, sim, de uma tentativa de homicídio.

- O Diomedes apareceu meia hora depois. Estivera numa reunião com a Fundação, explicara, e depois ficara preso no metropolitano, devido à falha de um sinal. Entretanto pedira ao Yuri para me mandar chamar.
 - O Yuri encontrou-me no meu gabinete.
- O professor Diomedes está cá. Está com a Stephanie. Estão à sua espera.
 - Obrigado. Vou já para lá.

Dirigi-me para o gabinete do Diomedes, antecipando o pior. Seria necessário um bode expiatório a quem culpar. Já o vira acontecer, em Broadmoor, nos casos de suicídio: o funcionário mais próximo da vítima era responsabilizado, fosse um terapeuta, um médico ou um enfermeiro. Sem dúvida de que a Stephanie estaria a clamar pela minha cabeça numa bandeja.

Bati à porta e entrei. A Stephanie e o Diomedes estavam posicionados de cada lado da secretária, de pé. A julgar pelo silêncio tenso, eu viera interromper uma discussão.

- O Diomedes foi o primeiro a falar. Estava claramente agitado e não parava de gesticular com as mãos.
- Uma coisa terrível. Terrível. E é óbvio que não podia ter acontecido em pior altura. Dá à Fundação a desculpa perfeita para nos fechar as portas.
- Não me parece que a Fundação seja a preocupação imediata disse a Stephanie.
 A segurança dos pacientes vem em primeiro lugar.
 Precisamos de saber o que aconteceu exatamente.
 Virou-se para mim.
 A Indira disse que o Theo desconfia de que a Elif anda a vender

Hesitei.

— Bem, não tenho provas. É algo que ouvi alguns enfermeiros comentar. Mas há outra coisa que vocês precisam de saber...

A Stephanie interrompeu-me com um abanar da cabeça.

medicamentos? Foi assim que a Alicia obteve a hidrocodona?

- Já sabemos o que aconteceu. Não foi a Elif.
- Não?
- O Christian ia a passar pela sala dos enfermeiros e viu que o armário dos medicamentos fora deixado completamente aberto. Não havia ninguém na sala. O Yuri deixou-o destrancado. Qualquer pessoa poderia ter entrado e ter-se servido. E o Christian viu a Alicia parada algures na esquina. Na

altura interrogou-se sobre o que estaria ali a fazer. Agora faz todo o sentido, claro.

— Que sorte o Christian ter lá estado para ver tudo isso.

A minha voz tinha um tom de sarcasmo. Mas a Stephanie optou por não o comentar.

- O Christian não foi a única pessoa a reparar no desleixo do Yuri. Já por várias vezes senti que o Yuri é demasiado desleixado no que diz respeito à segurança. É demasiado simpático com os pacientes. Preocupase demasiado em ser popular. Admira-me é que uma coisa destas não tenha acontecido antes.
- Estou a ver. E estava. Agora compreendia porque é que a Stephanie estava a ser cordial comigo. Ao que parecia, estava safo; escolhera o Yuri como bode expiatório.
- O Yuri parece-me sempre tão meticuloso respondi-lhe, olhando de relance para o Diomedes e questionando-me se ele iria intervir. Sinceramente não acho que...
 - O Diomedes encolheu os ombros.
- A minha opinião pessoal é que a Alicia sempre foi altamente suicida. Como sabemos, quando alguém quer morrer, não obstante todos os nossos esforços para protegermos essa pessoa, muitas vezes é impossível evitá-lo.
- Não será esse o nosso trabalho? retorquiu a Stephanie, num tom seco. — Evitá-lo?
- Não. O Diomedes abanou a cabeça. O nosso trabalho é ajudálos a curarem-se. Mas não somos Deus. Não temos poder sobre a vida e a morte. A Alicia Berenson queria morrer. Algum dia acabaria por ser bemsucedida. Ou, pelo menos, parcialmente bem-sucedida.

Hesitei. Era agora ou nunca.

- Não sei se isso será verdade disse eu. Não me parece que tenha sido uma tentativa de suicídio.
 - Acha que foi acidental?
 - Não. Não acho que tenha sido acidental.
 - O Diomedes olhou-me com uma expressão curiosa.
 - O que é que está a tentar dizer, Theo? Que mais alternativas existem?
- Bem, para começar, não acredito que o Yuri tenha dado os medicamentos à Alicia.
 - Está a dizer que o Christian se enganou?
 - Não repliquei. O Christian está a mentir.
- O Diomedes e a Stephanie olharam para mim, chocados. Continuei antes de eles poderem recuperar a capacidade de fala.

Descrevi-lhes rapidamente tudo o que lera no diário da Alicia: que o Christian tratara a Alicia a título particular antes do homicídio do Gabriel;

que ela fora uma de vários pacientes que ele atendera clandestinamente; e que não só não testemunhara no julgamento dela como também fingira não conhecer a Alicia quando ela fora admitida na Grove.

— Não admira que se tivesse oposto tanto a qualquer tentativa de a fazer falar novamente — disse eu. — Se ela falasse, poderia expô-lo.

A Stephanie fitou-me com uma expressão vazia.

- Mas... o que é que está a dizer? Com certeza não estará a insinuar que...
- Estou a insinuá-lo, sim. Não foi uma dose excessiva de medicação. Foi uma tentativa de a matar.
- Onde é que está o diário da Alicia? perguntou-me o Diomedes. Tem-no em sua posse?

Abanei a cabeça.

- Não, já não. Devolvi-o à Alicia. Deve estar no quarto dela.
- Então temos de o ir buscar. O Diomedes virou-se para a Stephanie.
- Mas primeiro acho que deveríamos chamar a polícia. Não lhe parece?

Desse momento em diante as coisas processaram-se com rapidez.

Agentes da polícia invadiram a Grove, fazendo perguntas, tirando fotografias e selando o estúdio e o quarto da Alicia. A investigação foi conduzida pelo inspetor-chefe Steven Allen, um homem corpulento, calvo e com uns óculos de leitura enormes que lhe distorciam os olhos, aumentando-os, fazendo-os parecer imensos, arregalados em sinal de interesse e curiosidade.

- O Allen ouviu a minha história com atenção: contei-lhe tudo o que contara ao Diomedes e mostrei-lhe os meus apontamentos da supervisão.
 - Agradeço-lhe imenso, senhor Faber.
 - Trate-me por Theo.
- Gostaria que fizesse um depoimento oficial, por favor. E voltarei a falar consigo num momento oportuno.
 - Sim, com certeza.

O inspetor Allen tomara conta do gabinete do Diomedes. Acompanhoume à porta. Depois de eu ter prestado o meu depoimento a um agente subalterno, deixei-me ficar no corredor, à espera. Pouco depois, o Christian foi trazido à porta por um agente da polícia. Parecia pouco à vontade, assustado — e culpado. Fiquei satisfeito por ele estar prestes a ser acusado.

Não havia mais nada a fazer, exceto esperar. Quando ia a sair da Grove, passei pelo aquário. Olhei de relance para o interior — e o que vi deixou-me paralisado.

A Elif estava a receber dissimuladamente medicamentos do Yuri e este guardava dinheiro no bolso.

A Elif saiu cheia de pressa e fitou-me com o seu único olho. Uma expressão de desdém e ódio.

- Elif disse eu.
- Bardamerda. Afastou-se com passos pesados, desaparecendo na esquina.
- O Yuri emergiu do aquário. Assim que me viu, deixou descair o queixo. Gaguejou, surpreso:
 - Eu... eu não o tinha visto aí.
 - Imagino que não.
 - A Elif... esqueceu-se da medicação. Estava só a dar-lha.
 - Certo.

Portanto o Yuri andava a vender e a fornecer medicamentos à Elif. Interroguei-me que mais andaria a fazer — talvez me tivesse precipitado ao defendê-lo fervorosamente perante a Stephanie. Teria de o manter debaixo de olho.

- Já agora, queria perguntar-lhe disse-me ele, conduzindo-me para longe do aquário. O que fazemos em relação ao senhor Martin?
- Como assim? Olhei para ele, surpreendido. Refere-se ao Jean-Felix Martin? O que é que tem?
- Bem, está cá há horas. Chegou esta manhã, para visitar a Alicia. E está cá desde então.
- O quê? Porque é que não me disse? Quer dizer que ele esteve aqui este tempo todo?
- Peço desculpa, mas com tudo o que aconteceu, passou-me completamente. Ele está na sala de espera.
 - Certo. Bem, é melhor ir falar com ele.

Desci rapidamente à zona de receção, pensando no que acabara de ouvir. O que é que o Jean-Felix estaria ali a fazer? Questionei-me sobre o que quereria; o que é que isso significaria.

Entrei na sala de espera e olhei em redor.

Mas não estava lá ninguém.

Saí da Grove e acendi um cigarro. Ouvi uma voz masculina a chamar o meu nome. Ergui o olhar, à espera de ver o Jean-Felix. Mas não era ele.

Tratava-se do Max Berenson. Estava a sair de um carro e caminhava pesadamente na minha direção.

— Mas que merda é esta? — gritou ele. — O que é que aconteceu? — O rosto do Max estava ruborizado e contorcido de raiva. — Acabaram de me ligar por causa da Alicia. O que é que lhe aconteceu?

Dei um passo atrás.

- Acho que está a precisar de se acalmar, senhor Berenson.
- Acalmar-me? A minha cunhada está em coma por causa da sua negligência de merda...

O Max cerrou o punho. Ergueu-o. Pensei que me fosse dar um murro.

Mas foi interrompido pela Tanya. Ela aproximou-se a correr, tão zangada como ele — mas zangada com o Max e não comigo.

- Para com isso, Max! Por amor de Deus. As coisas não estão feias o suficiente? A culpa não é do Theo!
 - O Max ignorou-a e virou-se novamente para mim. Parecia desnorteado.
- A Alicia estava ao seu cuidado gritou-me ele. Como é que deixou acontecer uma coisa destas? Como?

Os olhos do Max encheram-se de lágrimas de raiva. Estava a tentar disfarçar as suas emoções. Ficou especado na rua, a chorar. Olhei rapidamente para a Tanya: ela estava claramente a par dos sentimentos dele para com a Alicia. A Tanya tinha um ar consternado e exausto. Sem dizer uma palavra, deu meia-volta e voltou para o carro deles.

Queria afastar-me do Max o mais rapidamente possível. Continuei a andar. Ele continuou a insultar-me. Pensei que me fosse seguir, mas não o fez — ficou parado no mesmo sítio, um homem destroçado, chamando-me, gritando pateticamente:

- Considero-o responsável. A minha pobre Alicia, a minha menina... a minha pobre Alicia... Vai pagar por isto! Está a ouvir?
- O Max continuava a gritar, mas ignorei-o. Pouco depois, deixei de o ouvir. Estava sozinho.

Continuei a andar.

Regressei à casa onde morava o amante da Kathy. Fiquei lá parado durante uma hora, a observar. Por fim, a porta abriu-se e ele emergiu. Vi-o afastar-se. Onde iria? Encontrar-se com a Kathy? Hesitei, mas decidi não o seguir. Em vez disso, continuei a vigiar a casa.

Vi a mulher dele através das janelas. Enquanto a observava, senti cada vez mais que tinha de fazer alguma coisa para a ajudar. Ela era eu, e eu era ela: éramos duas vítimas inocentes, enganadas e traídas. Ela acreditava que aquele homem a amava — mas não amava.

Talvez eu estivesse enganado, convencido de que ela não tinha conhecimento do caso amoroso? Talvez ela soubesse. Talvez tivessem uma relação sexualmente aberta e ela fosse igualmente promíscua? Mas, por alguma razão, não me parecia que assim fosse. Ela tinha um ar inocente, tal como em tempos também eu tivera. Era meu dever esclarecê-la. Poderia revelar-lhe a verdade sobre o homem com quem morava, cuja cama ela partilhava. Não tinha outro remédio. Tinha de a ajudar.

Ao longo dos dias que se seguiram, continuei a voltar lá. Um dia, ela saiu de casa e foi dar um passeio. Segui-a, mantendo alguma distância. A certa altura tive receio de que me tivesse visto, mas mesmo que me visse, eu era apenas um desconhecido. Pelo menos para já.

Fui-me embora e fiz umas compras. Depois regressei. Fiquei do outro lado da rua, observando a casa. Tornei a vê-la, parada junto à janela.

Eu não tinha propriamente um plano, apenas uma ideia vaga e abstrata do que precisava de fazer. Qual artista inexperiente, sabia qual era o resultado pretendido — mas sem saber muito bem como o alcançar. Esperei um pouco e depois acerquei-me da casa. Experimentei o portão — estava destrancado. Este abriu-se e entrei para o jardim. Senti um fluxo súbito de adrenalina. Um entusiasmo ilícito por ser um intruso em propriedade alheia.

Foi então que vi a porta das traseiras a abrir-se. Procurei um sítio onde me esconder. Reparei na casinha de verão na outra extremidade do relvado. Atravessei silenciosamente o relvado e esgueirei-me para o interior da mesma. Fiquei escondido por uns instantes, recuperando o fôlego. Tinha o coração a bater furiosamente. Ela ter-me-ia visto? Ouvi os passos dela a aproximarem-se. Agora era tarde de mais para voltar atrás. Levei a mão ao bolso de trás e saquei da *balaclava* preta que tinha comprado. Enfiei-a na cabeca. Calcei um par de luvas.

Ela entrou. Estava ao telemóvel.

— Está bem, querido. Espero-te então às oito. Sim... eu também te amo.

Terminou a chamada e ligou uma ventoinha elétrica. Ficou parada diante da ventoinha, o cabelo esvoaçando na brisa. Pegou num pincel e dirigiu-se para uma tela que estava em cima de um cavalete. Estava de costas viradas para mim. Foi então que viu o meu reflexo na janela. Penso que vislumbrou a minha faca primeiro. O corpo dela ficou muito tenso e virou-se lentamente. Os olhos dela estavam arregalados de medo. Olhámos um para o outro, em silêncio.

Foi a primeira vez que estive frente a frente com a Alicia Berenson.

O resto, como costuma dizer-se, já toda a gente sabe.

PARTE CINCO

«Se eu me justificar, a minha própria boca me condenará.»

Job, 9,20

Diário de Alicia Berenson

23 DE FEVEREIRO

O Theo acabou de sair daqui. Estou sozinha. Estou a escrever isto o mais rápido que consigo. Não tenho muito tempo. Tenho de assentar isto enquanto ainda tenho forças.

A princípio pensei que estivesse louca. Era mais fácil acreditar que estava louca do que acreditar na verdade. Mas não sou louca. Não sou.

A primeira vez que o vi na sala de terapia não tive a certeza — havia algo nele que me era familiar, mas ao mesmo tempo diferente — reconheci os olhos dele, não apenas a cor como também o formato. E o mesmo cheiro a cigarros e a loção pós-barba. E a maneira como formava as palavras, o ritmo do seu discurso — mas não o tom de voz, parecia-me estranhamente diferente. Não tinha a certeza — mas quando nos voltámos a ver, ele descaiu-se. Disse as mesmas palavras — exatamente a mesma frase que me dissera na casa e que ficara gravada na minha memória: — Quero ajudá-la; quero ajudá-la a ver as coisas com clareza.

Assim que ouvi isso, algo se acendeu no meu cérebro e as peças do quebra-cabeças encaixaram-se — a imagem estava completa.

Era ele.

E depois algo se apoderou de mim, uma espécie de instinto animal selvagem.

Queria matá-lo, matá-lo ou morrer — saltei para cima dele para o estrangular e arrancar-lhe os olhos, esmagar-lhe o crânio em mil pedaços no chão.

Não o consegui matar e eles agarraram-me e drogaram-me e isolaram-me. E depois — depois disso perdi a coragem. Voltei a duvidar de mim própria — se calhar enganara-me, se calhar imaginara-o, se calhar não era ele.

Como era possível que fosse o Theo? Qual seria o propósito dele para aparecer ali e gozar comigo daquela maneira? E depois compreendi. Toda aquela conversa da treta sobre querer ajudar-me — essa era a parte mais repugnante desta história. Ele estava a divertir-se, estava a ter prazer naquilo — por isso é que estava ali. Voltara para se regozijar.

— Quero ajudá-la; quero ajudá-la a ver as coisas com clareza.

Pois eu agora já via. Via com toda a clareza. E queria que ele soubesse que eu sabia. Por isso menti em relação à maneira como o Gabriel morrera. E enquanto falava, percebi que ele sabia que eu estava a mentir. Olhámos um para o outro e ele viu-o — percebeu que eu o reconhecera. E vi algo no olhar dele que nunca vira antes. Medo. Ele tinha medo de mim — do que eu pudesse dizer. Tinha medo — do som da minha voz.

Por isso é que voltou há poucos minutos. Desta vez não disse nada. Não houve palavras. Agarrou-me no pulso e espetou-me uma agulha na veia. Não reagi. Não me debati. Deixei-o fazê-lo. Eu mereço-o — mereço este castigo. Sou culpada — mas ele também o é. Por isso é que estou a escrever isto — para que ele não escape impune. Para que ele seja castigado.

Tenho de ser rápida. Já o estou a sentir — o que ele injetou em mim está a funcionar. Sinto-me muito tonta. Tenho vontade de me deitar. Quero dormir... Mas não — ainda não. Tenho de permanecer acordada. Tenho de terminar a história. E, desta vez, irei contar a verdade.

Naquela noite, o Theo entrou à força na casa e amarrou-me — e quando o Gabriel chegou a casa, o Theo bateu-lhe com toda a força. A princípio pensei que o tivesse matado — mas depois vi que o Gabriel estava a respirar. O Theo levantou-o do chão e amarrou-o à cadeira. Virou-a de maneira que eu e o Gabriel ficássemos sentados de costas voltadas um para o outro e eu não conseguia ver-lhe o rosto.

- Por favor disse-lhe eu. Por favor não lhe faça mal. Suplico-lhe; eu faço tudo, tudo o que quiser.
- O Theo riu-se. Eu tinha começado a odiar o riso dele era frio, vazio. Cruel.
 - Magoá-lo? Ele abanou a cabeça. Eu vou matá-lo.

Estava a falar a sério. Senti um pavor imenso, perdi o controlo das minhas lágrimas. Chorei e supliquei-lhe.

- Faço tudo o que quiser, tudo; por favor, por favor deixe-o viver; ele merece viver. É o homem mais bondoso que existe; e eu amo-o, amo-o tanto...
- Diga-me lá, Alicia. Diga-me lá o quanto o ama. E já agora, acha que ele também a ama a si?
 - Ele ama-me respondi-lhe.

Ouvi o tiquetaque do relógio algures. Pareceu decorrer uma eternidade até ele responder.

— Veremos — disse ele. Os seus olhos pretos fitaram-me por instantes e senti-me consumida por essa escuridão. Estava na presença de uma criatura que não era sequer humana. Ele era maléfico.

Contornou a cadeira e parou diante do Gabriel. Virei a cabeça o máximo que pude, mas não os conseguia ver. Ouviu-se uma pancada surda horrível — estremeci quando o ouvi dar um soco no rosto do Gabriel. Bateu-lhe outra e outra vez, até o Gabriel começar a cuspir e acordar.

- Olá, Gabriel disse-lhe ele.
- Mas quem é você, porra?
- Sou um homem casado. Por isso sei o que é amar alguém. E sei o que é sentir-me desiludido.
 - Que merda é que está para aí a dizer?
- Só os cobardes traem as pessoas que os amam. Você é um cobarde, Gabriel?
 - Vá à merda.
- Eu ia matá-lo. Mas a Alicia suplicou-me que lhe poupasse a vida. Portanto, vou dar-lhe uma oportunidade. Ou morre o Gabriel... ou morre a Alicia. Agora decida.

A maneira como ele falou foi tão fria e calma e controlada. Sem um pingo de emoção. O Gabriel não respondeu logo. Soava sem fôlego, como se tivesse levado um murro.

- Não...
- Sim. Ou a Alicia morre, ou morre o Gabriel. A escolha é sua. Vejamos o quanto a ama. Seria capaz de morrer por ela? Tem dez segundos para decidir. Dez... nove...
- Não acredites nele disse eu. Ele vai matar-nos aos dois... Eu amo-te...
 - ... oito... sete...
 - Eu sei que me amas, Gabriel...
 - ... seis... cinco...
 - Tu amas-me...
 - ... quatro... três...
 - Diz que me amas, Gabriel...
 - ... dois...

E depois o Gabriel falou. A princípio não lhe reconheci a voz. Era uma voz pequena, distante — a voz de um menino pequeno. Uma criança — com o poder da vida e da morte na ponta dos dedos.

— Eu não quero morrer — disse ele.

Fez-se silêncio. Tudo parou. Senti todas as células do meu corpo a contraírem-se; células a definharem, como pétalas mortas caindo de uma flor. Flores de jasmim flutuando em direção ao solo. Pareceu-me sentir o aroma a jasmim algures... Sim, sim, o cheiro adocicado a jasmim... no peitoril da janela, talvez...

- O Theo afastou-se do Gabriel e começou a falar para mim. Não conseguia concentrar-me nas palavras dele.
- Está a ver, Alicia? Eu sabia que o Gabriel era um cobarde; a fornicar com a minha mulher nas minhas costas. Ele destruiu toda a felicidade que eu alguma vez senti. O Theo inclinou-se para a frente, encostando praticamente o rosto ao meu. Lamento ter de fazer isto. Mas, sinceramente, agora que sabe a verdade... mais vale estar morta.

Ergueu a arma e apontou-ma à cabeça. Fechei os olhos. Ouvi o Gabriel a gritar: — Não dispare, não dispare, não...

Um clique. E depois um tiro — tão alto que abafou todos os outros sons. Fez-se silêncio por uns segundos. Pensava que estava morta.

Mas não tive essa sorte.

Abri os olhos. O Theo continuava ali — apontando a arma para o teto. Sorriu. Encostou o dedo aos lábios, fazendo-me sinal para que permanecesse em silêncio.

— Alicia? — gritou o Gabriel. — Alicia?

Ouvi o Gabriel a contorcer-se na cadeira, tentando virar-se para ver o que acontecera.

- O que é que lhe fez, seu sacana? Seu grandessíssimo sacana. Oh, meu Deus...
- O Theo desamarrou-me os pulsos. Deixou cair a arma no chão. Então beijou-me, delicadamente, na face. Foi-se embora e a porta de entrada bateu atrás dele.

Eu e o Gabriel ficámos sozinhos. Ele soluçava, chorava, mal conseguia formar palavras. Não parava de dizer o meu nome, num lamento: — Alicia, Alicia...

Eu continuei em silêncio.

- Alicia? Merda, merda, oh que merda...

Continuei em silêncio.

- Alicia, responde-me, Alicia... Oh, meu Deus...

Continuei em silêncio. Como poderia falar? O Gabriel assinara a minha sentença de morte.

E os mortos não falam.

Desamarrei o arame que me prendia os tornozelos. Levantei-me da cadeira. Baixei-me. Os meus dedos fecharam-se em torno da arma. Sentia-a quente e pesada na mão. Contornei a cadeira e detive-me diante do Gabriel. As lágrimas escorriam-lhe pelas faces. Ele arregalou os olhos.

— Alicia? Estás viva... graças a Deus que estás...

Quem me dera poder dizer que vinguei os derrotados — que defendi os traídos e os de coração destroçado —, que o Gabriel tinha os olhos de um tirano, os olhos do meu pai. Mas já chega de mentiras. A verdade é que de

repente o Gabriel tinha os meus olhos — e eu tinha os dele. Algures pelo caminho tínhamos trocado de lugar.

Percebia-o agora. Jamais estaria segura. Jamais seria amada. Todas as minhas esperanças, desfeitas — todos os meus sonhos, destroçados — o que restava era nada, nada. O meu pai tinha razão — eu não merecia viver. Eu era — nada. Foi isso que o Gabriel me fez.

A verdade é essa. Eu não matei o Gabriel. Ele é que me matou a mim. Eu apenas premi o gatilho.

— Não há nada mais triste — disse a Indira — do que ver todos os pertences de uma pessoa dentro de uma caixa de cartão.

Acenei com a cabeça. Olhei em redor do quarto, com tristeza.

— É surpreendente — continuou a Indira — como a Alicia tinha tão poucas coisas. Quando pensamos na quantidade de coisas que os outros pacientes acumulam... Ela apenas tinha uns livros, uns desenhos e a roupa dela.

Eu e a Indira estávamos a esvaziar o quarto da Alicia, segundo instruções da Stephanie. «É pouco provável que ela venha a acordar», dissera a Stephanie, «e a verdade é que a cama nos faz falta.» Trabalhámos praticamente em silêncio, decidindo o que guardar em armazém e o que deitar fora. Vasculhei cuidadosamente os pertences dela. Queria certificar-me de que não havia nada incriminatório — nada que me pudesse prejudicar.

Interroguei-me como é que a Alicia conseguira esconder o diário durante tanto tempo. Os pacientes estavam autorizados a trazerem uma pequena quantidade de objetos pessoais quando eram admitidos na Grove. A Alicia trouxera um portefólio com esboços e calculei que tivesse conseguido trazer o diário dessa maneira. Abri o portefólio e folheei os desenhos — eram na sua maioria esboços a lápis e estudos por acabar. Meia dúzia de traços improvisados feitos numa página, ganhando imediatamente vida, incrivelmente evocativos, captando uma semelhança inequívoca.

Mostrei o esboço à Indira.

- É você.
- O quê? Não sou nada.
- É, sim.
- Ai sim? A Indira pareceu ficar encantada e examinou-o mais de perto. — Acha mesmo? Nunca a vi a desenhar-me. Quando é que o terá feito? Está muito bom, não está?
 - Está, sim. Deveria ficar com ele.

A Indira fez uma careta e devolveu-mo.

- Não posso fazer uma coisa dessas.
- Claro que pode. Ela não se iria importar. Sorri. Nunca ninguém saberá.
- Pois... possivelmente não. Ela contemplou a pintura de pé no chão, encostada à parede; a imagem da Alicia e eu na escada de incêndio do edifício em chamas, que fora estragado pela Elif.

- E aquele? perguntou-me a Indira. Não vai ficar com ele? Abanei a cabeça.
- Vou ligar ao Jean-Felix. Ele que fiquei com o quadro.

A Indira acenou afirmativamente.

— É uma pena o Theo não poder ficar com ele.

Fitei-o por uns instantes. Não gostava dele. De todas as pinturas da Alicia, era a única de que não gostava. O que era estranho, tendo em conta que estava representado nela.

Quero deixar algo bem claro — nunca me passou pela cabeça que a Alicia fosse alvejar o Gabriel. Esse é um ponto importante. Nunca quis, nem esperei, que o matasse. Apenas queria despertar a Alicia para a verdade sobre o casamento dela, tal como eu próprio fora despertado. Tencionava mostrar-lhe que o Gabriel não a amava, que a vida dela era uma mentira, que o casamento deles era uma farsa. Só então ela teria oportunidade, tal como eu, de construir uma nova vida a partir dos destroços; uma vida com base na verdade e não em mentiras.

Não fazia ideia nenhuma do historial de instabilidade da Alicia. Se soubesse, jamais teria levado as coisas àquele extremo. Nunca me passou pela cabeça que ela reagiria daquela maneira. E quando a história apareceu na imprensa e a Alicia foi a julgamento por homicídio, senti uma responsabilidade pessoal profunda, por isso quis expiar a minha culpa e provar que não era responsável pelo que acontecera. Por essa razão é que me candidatei ao emprego na Grove. Queria acompanhá-la na fase de rescaldo do homicídio — ajudá-la a compreender o que acontecera, trabalhar isso com ela — e eu próprio ficar livre. Um cínico diria que revisitei o local do crime para apagar quaisquer vestígios da minha presença. Isso não é verdade. E embora conhecesse os riscos de tal diligência, a possibilidade real de ser apanhado e de tudo aquilo acabar muito mal, não tinha outra opção — por causa de quem sou.

Não se esqueçam de que sou um psicoterapeuta. A Alicia precisava de ajuda — e só eu sabia como ajudá-la.

Tinha receio de que me reconhecesse, não obstante ter usado a máscara e ter disfarçado a voz. Mas a Alicia não pareceu reconhecer-me, pelo que pude representar um papel novo na vida dela. Então, naquela noite em Cambridge, compreendi finalmente aquilo que sem querer acabei por reconstituir, a mina terreste esquecida em cima da qual eu tinha pisado. O Gabriel fora o segundo homem a condenar a Alicia à morte; trazer ao de cima esse trauma original foi demasiado para ela — por isso é que ela pegara na arma e revisitara a sua vingança há muito esperada, não sobre o pai mas sobre o marido. E, tal como eu suspeitara, o homicídio tivera origens muito mais antigas e profundas do que os meus atos.

Mas quando a Alicia me mentiu em relação à maneira como o Gabriel tinha morrido, percebi que me reconhecera e que estava a testar-me. Fui forçado a agir, a silenciar a Alicia para sempre. Arranjei maneira de atribuir a culpa ao Christian — justiça poética, na minha opinião. Não tive qualquer pudor em o tramar. O Christian falhara à Alicia quando ela mais precisara dele; merecia ser castigado.

Silenciar a Alicia não foi nada fácil. Injetá-la com morfina foi a coisa mais difícil que alguma vez fiz. O facto de ela não ter morrido, e em vez disso ter ficado a dormir, é preferível — dessa maneira posso continuar a visitá-la todos os dias, sentar-me junto à cama dela e segurar-lhe a mão.

- Está tudo? perguntou-me a Indira, interrompendo os meus pensamentos.
 - Acho que sim.
 - Ótimo. Tenho de ir, tenho um paciente ao meio-dia.
 - Pode ir andando, se quiser disse-lhe eu.
 - Vemo-nos à hora do almoço?
 - Sim.

A Indira apertou-me o braço e retirou-se.

Consultei o meu relógio de pulso. Pus a hipótese de sair mais cedo, de ir para casa. Sentia-me exausto. Estava prestes a apagar a luz e ir-me embora quando me ocorreu um pensamento e o meu corpo ficou muito tenso.

O diário. Onde é que estaria?

Os meus olhos perscrutaram a divisão, as coisas impecavelmente arrumadas nas caixas.

Tínhamos arrumado tudo. Eu vira e examinara cada um dos pertences dela.

E não estava ali.

Como é que podia ter sido tão descuidado? A Indira e a merda da tagarelice dela tinham-me distraído e feito perder o foco.

Onde é que estaria? Tinha de estar ali. Sem o diário não havia nenhuma prova para condenar o Christian. Eu tinha de o encontrar.

Vasculhei o quarto, sentindo um pânico crescente. Virei as caixas de cartão ao contrário, espalhando o seu conteúdo no chão. Remexi nas coisas, mas não estava lá. Vasculhei toda a roupa dela e não encontrei nada. Abri o portefólio de arte, sacudindo os esboços para o chão, mas o diário não se encontrava entre os desenhos. Então revistei os armários e abri todas as gavetas, certificando-me de que estavam vazias e depois atirando-as para o lado.

Mas não estava em lado nenhum.

O Julian McMahon, da Fundação, estava à minha espera na receção. Tinha uma constituição física robusta, o cabelo ruivo encaracolado e uma predileção por expressões como «aqui entre nós, que ninguém nos ouve» ou «ao fim e ao cabo» ou «a verdade é que», que apareciam frequentemente no seu discurso, muitas vezes na mesma frase. Era essencialmente uma figura benigna — o rosto simpático da Fundação. Queria dar-me uma palavrinha antes de eu ir para casa.

- Acabei de falar com o professor Diomedes. Achei que deveria informálo de que... ele se despediu.
 - Ah. Certo.
- Decidiu optar por uma reforma antecipada. Aqui entre nós, que ninguém nos ouve, ou era isso ou teria de se sujeitar a um inquérito a toda esta situação. O Julian encolheu os ombros. Não consigo evitar sentir pena dele; não é propriamente um fim glorioso para uma longa e distinta carreira. Mas pelo menos assim será poupado à atenção da imprensa e a toda a confusão. A propósito, ele falou em si.
 - O Diomedes?
- Sim. Sugeriu que eu lhe oferecesse o cargo dele. O Julian piscoume o olho. Disse que era o homem perfeito para o lugar.

Sorri.

- É muito simpático da parte dele.
- Infelizmente, ao fim e ao cabo, tendo em conta o que aconteceu à Alicia e com a detenção do Christian, nem sequer se põe a hipótese de mantermos a Grove em funcionamento. Vamos fechar definitivamente as portas.
- Não é nada que me surpreenda. Ou seja, já não tenho emprego, não é?
- Bem, a verdade é que planeamos abrir aqui um novo serviço psiquiátrico economicamente mais viável dentro de uns meses. E gostaríamos que considerasse a hipótese de o gerir, Theo.

Foi difícil disfarçar o meu entusiasmo. Aceitei com imenso gosto.

— Aqui entre nós, que ninguém nos ouve — disse-lhe eu, empregando uma das expressões dele —, é exatamente o tipo de oportunidade com a qual eu sonhava. — E era; uma oportunidade de ajudar realmente as pessoas, não apenas medicá-las; ajudá-las da maneira que eu acreditava que deveriam ser ajudadas. Da maneira que a Ruth me ajudara. Da maneira que eu tentara ajudar a Alicia.

As coisas têm-me corrido muito bem — seria um ingrato se não o reconhecesse.

Parece que consegui tudo o que queria. Bem, quase tudo.

No ano passado, eu e a Kathy deixámos o centro de Londres e mudámonos para Surrey — de volta para o lugar onde cresci. Quando o meu pai morreu, deixou-me a casa; embora continuasse a ser da minha mãe, para morar nela até morrer, ela decidiu dar-nos a casa e mudar-se para um lar.

Eu e a Kathy achámos que o espaço extra e o jardim compensariam as viagens diárias a Londres. Achei que seria bom para nós. Prometemos um ao outro transformar a casa e fizemos planos para a redecorar e exorcizar. Mas quase um ano volvido desde que nos mudámos para cá, a casa continua por terminar, a decoração ficou a meio, os quadros e o espelho convexo que comprámos no mercado de Portobello ainda estão encostados às paredes por pintar. Continua a ser essencialmente a casa onde cresci. Mas não me incomoda como pensei que pudesse incomodar. Aliás, sintome muito em casa, o que é irónico.

Cheguei a casa e abri a porta. Despi rapidamente o casaco — estava um calor imenso, mais parecia uma estufa. Baixei o termóstato no corredor. A Kathy adora sentir o calor, ao passo que eu prefiro sentir o frio, pelo que a temperatura é um dos nossos pequenos campos de batalha. No corredor ouvi o televisor. Ultimamente a Kathy tem visto muita televisão. Uma incessante banda sonora de lixo que dá ênfase à nossa vida nesta casa.

Fui dar com ela na sala de estar, aninhada no sofá. Tinha um pacote enorme de batatas fritas com sabor a camarão no colo e estava a tirá-las do interior, com os dedos vermelhos e peganhentos, e a enfiá-las na boca. Está sempre a comer porcarias; não admira que tenha ganho peso nos últimos tempos. Não tem trabalhado muito nestes últimos anos e tornou-se muito reservada, depressiva até. O médico dela queria que começasse a tomar antidepressivos, mas desencorajei-a. Em vez disso, sugeri-lhe que arranjasse um terapeuta e que conversasse sobre os seus sentimentos; ofereci-me até para lhe arranjar pessoalmente um psicólogo. Mas, ao que parece, a Kathy não quer falar.

Às vezes apanho-a a olhar para mim com uma expressão estranha — e interrogo-me sobre o que estará a pensar. Estará a tentar ganhar coragem para me contar sobre o caso amoroso com o Gabriel? Mas ela não diz uma palavra. Fica sentada em silêncio, exatamente como a Alicia costumava fazer. Quem me dera poder ajudá-la — mas não consigo chegar a ela.

Essa é a grande ironia: fiz tudo para ficar com a Kathy — e mesmo assim fiquei sem ela.

Sentei-me no braço do sofá e observei-a por uns instantes.

— Uma paciente minha tomou uma dose excessiva de comprimidos. Está em coma. — Nenhuma reação. — Parece que foi um funcionário da clínica que administrou a dose deliberadamente. Um colega meu. — Nenhuma reação. — Estás a ouvir-me?

A Kathy encolheu ligeiramente os ombros.

- Não sei o que dizer.
- Podias demonstrar alguma solidariedade.
- Para com quem? Contigo?
- Com ela. É minha paciente há algum tempo, de terapia individual. Chama-se Alicia Berenson. Olhei de relance para a Kathy quando o disse.

Ela não reagiu. Nem sequer um vislumbre de emoção.

- Ela é famosa, ainda que pelos piores motivos. Aqui há uns anos toda a gente falava sobre ela. Matou o marido... lembras-te?
 - Não, nem por isso. A Kathy encolheu os ombros e mudou de canal.
 E assim continuávamos o nosso jogo de «faz de conta».

Nos últimos tempos tenho feito muito isso — com várias pessoas, incluindo eu próprio. Penso que é por essa razão que estou a escrever isto. Uma tentativa de ignorar o meu ego monstruoso e aceder à verdade sobre mim próprio — se é possível tal coisa.

Precisava de beber algo. Fui à cozinha e servi-me de um *shot* de vodca diretamente do congelador. Queimou-me a garganta ao engoli-lo. Servi-me de outro.

Interroguei-me sobre o que diria a Ruth se fosse ter novamente com ela — como fiz há seis anos — e lhe confessasse tudo isto? Mas sabia que era impossível. Que agora eu era uma criatura completamente diferente, uma coisa mais carregada de culpa, menos capaz de sinceridade. Como é que poderia sentar-me diante daquela idosa frágil, olhar diretamente para aqueles olhos azuis aquosos que me mantiveram em segurança durante tanto tempo — que só me ofereceram decência, bondade, verdade — e revelar o monstro que sou, cruel, vingativo, perverso e tão indigno que sou da Ruth e de tudo o que ela tentou fazer por mim? Como poderia dizer-lhe que destruí três vidas? Que não tenho qualquer código de ética, que sou capaz do pior dos atos sem um pingo de remorso e que a minha única preocupação é para comigo próprio?

Ainda pior do que o choque ou a repugnância, ou possivelmente medo até, no olhar da Ruth quando lhe contasse tudo isto, seria o olhar de tristeza, de desilusão, de autocensura. Porque não só eu a deixara ficar mal como sei que iria pensar que ela própria me deixara ficar mal — e não apenas a mim, mas à própria cura pela fala. Pois nenhum terapeuta teve mais hipóteses do que a Ruth — ela teve muitos anos para trabalhar com

alguém que estava danificado, sim, mas que era tão novo, apenas um rapaz, e tão cheio de vontade de mudar, de melhorar, de se curar. Porém, não obstante as centenas de horas de psicoterapia, a conversar, a ouvir e a analisar, não fora capaz de salvar a alma dele. Talvez eu estivesse enganado. Talvez alguns de nós pura e simplesmente nasçamos maus e não obstante todos os nossos esforços continuemos a sê-lo.

A campainha soou, despertando-me dos meus pensamentos. Não era costume, uma visita noturna, não desde que nos tínhamos mudado para Surrey. Nem sequer me lembrava da última vez que tínhamos recebido amigos em nossa casa.

— Estás à espera de visitas? — perguntei, mas não obtive resposta. O mais certo era a Kathy não me ter ouvido por causa da televisão.

Fui abrir a porta de entrada. Para minha surpresa, tratava-se do inspetorchefe Allen. Estava vestido com casaco e cachecol, e tinha as faces muito ruborizadas.

- Boa noite, senhor Faber.
- Inspetor Allen? O que é que faz aqui?
- Estava nas redondezas e decidi fazer-lhe uma visita. Houve uma série de desenvolvimentos que queria partilhar consigo. É boa altura?

Hesitei.

- Para ser sincero, ia começar a fazer o jantar, por isso...
- Isto é rápido.

O Allen sorriu. Era óbvio que não aceitaria uma recusa, pelo que dei um passo para o lado e deixei-o entrar. Pareceu ficar aliviado por estar dentro de casa. Tirou as luvas e o casaco.

- Está a ficar um frio terrível. Aposto que está frio suficiente para nevar.
- Os óculos dele estavam embaciados. Tirou-os e limpou-os com o lenço.
 - Pois, aqui está demasiado calor respondi-lhe.
 - Para mim não. Nunca está quente de mais.
 - Então iria dar-se muito bem com a minha mulher.

Como se tivesse ouvido a deixa dela, a Kathy apareceu no átrio. Olhou para mim e para o inspetor com perplexidade.

- O que é que se passa?
- Kathy, este é o inspetor-chefe Allen. É o responsável pela investigação sobre a paciente de que te falei.
 - Boa noite, senhora Faber.
- O inspetor Allen quer falar comigo sobre uma coisa. Não demoramos nada. Vai para cima e toma o teu banho de imersão; chamo-te assim que o jantar estiver pronto. — Fiz sinal com a cabeça para que o inspetor entrasse na cozinha. — Faça favor.

O inspetor Allen olhou novamente de relance para a Kathy, antes de se virar e entrar na cozinha. Fui atrás dele, deixando a Kathy no átrio, e depois ouvi os passos dela subirem lentamente ao piso superior.

- Quer tomar alguma coisa?
- Obrigado. É muito simpático da sua parte. Um chá viria mesmo a calhar.
 Vi os olhos dele incidirem na garrafa de vodca em cima da bancada.

Sorri.

- Ou prefere algo mais forte?
- Não, obrigado. Um chá é suficiente.
- Como é que costuma tomar o chá?
- Forte, por favor. Com um pouco de leite. E sem açúcar, estou a tentar deixar.

Enquanto ele falava, a minha mente começou a divagar — interrogandome sobre o que faria ali e se eu deveria ficar nervoso. Os maneirismos dele eram tão cordiais que era impossível não me sentir seguro. Além do mais, não havia nada que me pudesse prejudicar, pois não?

Liguei a chaleira elétrica e virei-me para ele.

- E então, inspetor? Queria falar comigo sobre o quê?
- Bem, essencialmente sobre o senhor Martin.
- O Jean-Felix? A sério? Fiquei surpreendido. O que tem ele?
- Bem, foi à clínica Grove buscar o material de arte da Alicia e estivemos um pouco à conversa. É um homem interessante, o senhor Martin. Está a planear fazer uma retrospetiva do trabalho da Alicia. Está convencido de que agora é boa altura para fazer uma reavaliação dela enquanto artista. Tendo em conta toda a publicidade existente, atrevo-me a dizer que ele tem razão. O Allen lançou-me um olhar de apreciação. Talvez devesse escrever um livro sobre ela, senhor Faber. Com certeza haverá interesse num livro ou algo do género.
- Não tinha pensado nisso... Mas o que é que a retrospetiva do Jean-Felix tem exatamente que ver comigo, inspetor?
- Bem, o senhor Martin ficou especialmente entusiasmado quando viu o quadro novo; não pareceu nada preocupado por a Elif o ter danificado. Disse que lhe acrescentava uma qualidade especial; não me recordo das palavras exatas que ele empregou... Não percebo muito de arte. E o senhor?
- Nem por isso.
 Questionei-me sobre quando é que o inspetor iria direito ao assunto e por que motivo começava a sentir-me pouco à vontade.
- Seja como for, o senhor Martin estava a admirar a pintura. Pegou nela, examinou-a mais de perto e lá estava.
 - Lá estava o quê?

- Isto.
- O inspetor tirou algo do casaco dele. Reconheci-o de imediato.
- O diário.

A água na chaleira ferveu e um lamento trespassou o ar. Desliguei-a e despejei um pouco de água a ferver dentro da chávena. Mexi e reparei que a minha mão tremia ligeiramente.

- Ah, ótimo. Também me interroguei sobre onde estaria guardado.
- Enfiado na parte de trás da pintura, no canto superior esquerdo da moldura. Estava mesmo bem encaixado.

Então foi aí que ela o escondeu, pensei. Na parte de trás da pintura que eu odiava. O único sítio onde eu não espreitara.

- O inspetor afagou a capa preta desbotada e cheia de pregas e sorriu. Abriu-o e folheou as páginas.
 - Fascinante. As setas, a confusão...

Acenei com a cabeça.

— O retrato exato de uma mente perturbada.

O inspetor Allen folheou-o até chegar às últimas páginas. Começou a ler em voz alta: — ... «Ele tinha medo; do som da minha voz... Agarrou-me no pulso e espetou-me uma agulha na veia.»

Senti um pânico súbito. Não conhecia essas palavras. Não lera esse registo. Era a prova incriminatória de que eu andara à procura — e estava nas mãos erradas. Apeteceu-me arrancar o diário das mãos do Allen e rasgar as páginas — mas não me conseguia mexer. Estava encurralado. Comecei a gaguejar...

— Acho... Acho que é melhor eu...

Falei com demasiado nervosismo e ele percebeu o medo na minha voz.

- Sim?
- Nada.

Não voltei a tentar impedi-lo. Fosse como fosse, qualquer coisa que fizesse seria entendido como incriminatório. Não havia saída. E o mais estranho era que me sentia aliviado.

- Sabe, não acredito que estivesse nas redondezas, inspetor. Estendi-lhe a chávena de chá.
- Ah. Não, tem toda a razão. Achei melhor não anunciar o intuito da minha visita à porta de casa. A questão é que isto coloca as coisas numa perspetiva diferente.
- Tenho curiosidade em ouvi-lo escutei a minha própria voz dizer. Importa-se de o ler em voz alta?
 - Muito bem.

Sentia-me estranhamente calmo quando me sentei na cadeira junto à janela.

Ele limpou a garganta e começou.

— «O Theo acabou de sair daqui. Estou sozinha. Estou a escrever isto o mais rápido que consigo...»

Enquanto escutava, ergui o olhar para as nuvens brancas que passavam a correr. Tinham-se finalmente dispersado — começara a nevar — e flocos de neve caíam lá fora. Abri a janela e estendi a mão. Apanhei um floco de neve. Vi-o desparecer, dissipar-se da ponta do meu dedo. Sorri.

E depois tentei apanhar mais um.

AGRADECIMENTOS

Sinto-me profundamente agradecido ao meu agente, Sam Copeland, por ter tornado tudo isto possível. E sinto-me particularmente grato aos meus editores — Ben Willis, no Reino Unido, e Ryan Doherty, nos Estados Unidos —, por terem tornado este livro muito melhor. Quero também agradecer ao Hal Jensen e ao Ivàn Fernandez Soto, pelos seus comentários inestimáveis; à Kate White, por me mostrar há vários anos como a boa terapia resulta bem; aos jovens e ao pessoal em Northgate, por tudo o que me ensinaram; à Diane Medak, por me deixar utilizar a casa dela como refúgio para a escrita; à Uma Thurman e ao James Haslam, por fazerem de mim um melhor escritor. E agradeço também a Emily Holt, Victoria Holt, Vanessa Holt, Nedie Antoniades e Joe Adams, por todas as sugestões valiosas e encorajamento.